

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA
E LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

MARIA PAULA GURGEL RIBEIRO

Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais

São Paulo
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais

Maria Paula Gurgel Ribeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Ana Cecília Arias Olmos

São Paulo
2008

Resumo

Este trabalho estuda a atuação de Monteiro Lobato (1882-1948) como mediador cultural, isto é, como intelectual que, engajando-se em projetos culturais e atuando nas várias instâncias do campo intelectual –seja como editor, seja como autor ou tradutor– colocou em diálogo as produções literárias do Brasil e da Argentina das primeiras décadas do século XX. Na medida em que o projeto literário de Lobato visava criar uma arte brasileira, que valorizasse a cultura do país, este trabalho indaga sobre os motivos que levaram o autor a estabelecer esse contato com escritores e editores argentinos, as formas em que se concretizou esse diálogo cultural e, inclusive, este estudo se pergunta até que ponto esse diálogo coloca em evidência uma vocação latino-americanista. Assim, a partir da análise dos artigos, resenhas e livros publicados em ambos os países, tentamos mostrar que a mediação cultural promovida por Monteiro Lobato proporcionou tanto o intercâmbio intelectual entre os dois países quanto a inserção de sua obra no mercado editorial argentino.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; mediação cultural; campo intelectual; *Revista do Brasil*; Argentina.

Resumen

Este trabajo estudia la actuación de Monteiro Lobato (1882-1948) como mediador cultural, es decir, como intelectual que, empeñándose en proyectos culturales y actuando en varias instancias del campo intelectual –sea como editor, sea como autor o traductor– puso en diálogo las producciones literarias del Brasil y de la Argentina de las primeras décadas del siglo XX. Dado que el proyecto literario de Lobato buscaba crear un arte brasileño, que valorara la cultura del país, este trabajo indaga acerca de los motivos que llevaron al autor a establecer ese contacto con escritores y editores argentinos, las formas en que se concretizó ese diálogo cultural e, incluso, este estudio se pregunta hasta qué punto ese diálogo pone en evidencia una vocación latinoamericanista. Así, a partir del análisis de los artículos, reseñas y libros publicados en ambos países, intentamos mostrar que la mediación cultural promovida por Monteiro Lobato proporcionó tanto el intercambio intelectual entre los dos países cuanto la inserción de su obra en el mercado editorial argentino.

Palabras clave: Monteiro Lobato; mediação cultural; campo intelectual; *Revista do Brasil*; Argentina.

Summary

This work studies the performance of Monteiro Lobato (1882-1948) as a cultural mediator, that is, as an intellectual that, engaging himself in cultural projects and acting in the many instances of the intellectual field – whether as an editor, an author or translator – put in dialogue the literary productions of Brazil and Argentina of the first decades of the Twentieth Century. As Lobato's literary project had as an objective the creation of a Brazilian art that valued the country's culture, this work investigates the reasons that made the author establish this contact with Argentinean authors and editors, the ways in which this cultural dialogue was made concrete, and, furthermore, this study asks in which way and how deeply this dialogue puts in evidence an latin-americanist vocation of the author. Thus, through the analysis of the articles, reviews and books published in both countries, we attempt to show that the cultural mediation promoted by Monteiro Lobato provided both the intellectual exchange between the two countries as the insertion of his work in the Argentinean editorial market as well.

Keywords: Monteiro Lobato; mediação cultural; campo intelectual; *Revista do Brasil*; Argentina.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas e instituições colaboraram, de maneira variada, durante a elaboração deste trabalho. Gostaria de agradecer:

À Ana Cecília Olmos, pela constante, delicada e imprescindível orientação.

À Capes, que me outorgou uma bolsa de doutorado e ao Convênio do Programa de "Centros Associados de Pós-Graduação Brasil/Argentina (Capes/SPU)" que, através de uma bolsa sanduíche permitiu-me, por um período de três meses, cursar uma disciplina na Universidade de Buenos Aires e realizar pesquisa em bibliotecas e arquivos argentinos.

À Patricia Artundo, cujo curso "Mário de Andrade e a Argentina", ministrado na USP em 2002, suscitou em mim inúmeros questionamentos sobre a figura de Monteiro Lobato e me estimulou a colocar em prática um antigo projeto de estudar as relações de Lobato com a Argentina.

Ao João Azenha Júnior, pelas preciosas sugestões quando este trabalho ainda era um esboço de projeto de tese.

Às professoras Teresa Cristófani Barreto e Gabriela Pellegrino Soares pelo rigor e argüição do relatório de qualificação, que possibilitaram um melhor desenvolvimento desta tese.

Aos funcionários da biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP); do Centro de Documentação "Alexandre Eulálio" do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Unicamp; da Biblioteca Nacional Argentina; da biblioteca do Banco Central Argentino; da biblioteca da Fundación Espigas; da biblioteca da Academia Argentina de Letras e da biblioteca "Ricardo Rojas" do Instituto de Literatura Argentina, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

Ao professor Jorge Schwartz, pelas importantes indicações bibliográficas.

Às amigas Gênese Andrade, pelas preciosas indicações bibliográficas e María Amália García pelo apoio durante a minha estadia em Buenos Aires.

À minha mãe, Maria de Lourdes, e ao meu filho, Felipe, pelo apoio de sempre.

Sumário

Resumo	3
Agradecimentos	6
Introdução	8
Capítulo 1 – O processo de modernização e a imprensa	15
<i>A Revista do Brasil</i>	18
Monteiro Lobato e a <i>Revista do Brasil</i>	23
O nacionalismo de Monteiro Lobato	32
O editor Monteiro Lobato	41
Capítulo 2 – A <i>Revista do Brasil</i> e os escritores rio-platenses	54
A “Cooperativa Editorial de Buenos Aires”	58
Manuel Gálvez	71
Stanchina e Olivari	93
Horacio Quiroga	99
José Ingenieros	120
Outros interlocutores de Lobato: Benjamin de Garay e Bráulio Sánchez-Sáez.....	126
Monteiro Lobato e as vanguardas argentinas	137
Material iconográfico	140
Capítulo 3 – Monteiro Lobato e os periódicos argentinos	155
Lobato em <i>Nosotros</i>	155
Monteiro Lobato em <i>Atlántida</i>	174
Lobato em <i>Plus Ultra</i> e <i>La novela semanal</i>	181
Lobato em <i>Martín Fierro</i>	184
Os jornais <i>La Nación</i> , <i>La Prensa</i> e <i>El Mundo</i>	189
Material iconográfico	206
Considerações finais	223
Bibliografia	225

Introdução

Muito já se escreveu e continua sendo escrito sobre Monteiro Lobato (1882-1948): biografias, análises da sua obra, tanto a direcionada ao público adulto quanto ao público infantil, estudos sobre o seu desempenho como editor, tradutor e crítico literário no âmbito cultural brasileiro. No entanto, um ponto é mencionado, em geral, de maneira breve: a relação de Monteiro Lobato com a Argentina. Enumera-se suas obras publicadas em Buenos Aires e menciona-se o fato de ele ter se mudado para a capital portenha em junho de 1946, onde viveu por quase um ano e fundou uma editora, a Acteon. Duas amplas biografias sobre o autor, por exemplo, *Monteiro Lobato. Vida e obra*,¹ de Edgard Cavalheiro e *Monteiro Lobato. Furacão na Botocúndia*,² de Carmem Lúcia Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta citam as edições argentinas de suas obras. Cavalheiro chega a mencionar o contato de Lobato com Benjamin de Garay, um de seus tradutores, mas já nos anos de 1940. Marisa Lajolo, que em *Monteiro Lobato*³ apresenta uma introdução à vida do escritor, menciona a sua mudança para Buenos Aires e a publicação de *La nueva Argentina* (1947), sob o pseudônimo de Miguel P. Garcia. Em *Vozes do tempo de Lobato*,⁴ organizado por Paulo Dantas, há referências às resenhas de *Urupês* nos principais jornais e revistas portenhos, bem como à Semana Monteiro Lobato no magazine Harrod's. Porém, como se pode notar, são, quase todas, notas esparsas a respeito. A presente pesquisa se propõe a lançar novas luzes sobre uma projeção pouco explorada da atividade intelectual e empresarial de um dos principais autores brasileiros do século

¹ Cavalheiro, Edgard. *Monteiro Lobato. Vida e obra*. São Paulo, Brasiliense, 1962.

² AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato. Furacão na Botocúndia*. São Paulo, Senac, 1997.

³ Lajolo, Marisa. *Monteiro Lobato*. Coleção Encanto Radical, n° 72. São Paulo, Brasiliense, 1985.

⁴ Dantas, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. S/I, Traço, 1982.

XX. Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar o desempenho de Monteiro Lobato enquanto mediador cultural num sentido amplo, isto é, como intelectual que no início do século XX engajou-se em projetos culturais e práticas de escritura que visavam aproximar e, assim, dar a conhecer, a produção literária do Brasil e da Argentina desse período. Será feita então uma abordagem do trabalho de Monteiro Lobato em relação ao campo intelectual brasileiro bem como o argentino, atendendo às particularidades históricas das primeiras décadas do século XX. Entendemos por campo intelectual o conceito desenvolvido por Bourdieu⁵, ou seja, um sistema de linhas de força onde se debatem as instâncias de produção, circulação, legitimação e recepção cultural e das quais fazem parte autores, editores, tradutores, críticos, leitores; agentes estes que atuam numa determinada época e sob determinadas condicionantes econômico e sociais. O instigante em Monteiro Lobato é justamente o fato de ele se deslocar quase que concomitantemente entre estas várias instâncias do campo intelectual e de, além disso, colocar, em diálogo, duas culturas diferentes.

No que se refere à figura de Lobato como mediador cultural esta tese aborda apenas o período em que se iniciou e se desenvolveu o vínculo entre os âmbitos culturais dos dois países, durante os anos de 1910/30. Ao delimitar este período, foi possível estudar a rede de relações que Monteiro Lobato estabeleceu no campo intelectual argentino e que, posteriormente, nos anos de 1940 se mantiveram e lhe possibilitaram residir por quase um ano em Buenos Aires, criar a editora Acteon, produzir novas histórias e ter sua obra infantil traduzida integralmente. Assim, a presente pesquisa faz uma abordagem do trabalho de Monteiro Lobato em relação ao campo intelectual brasileiro bem

⁵ Cf. Bourdieu, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”, in *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, pp.105-145.

como o argentino, atendendo às particularidades históricas das duas primeiras décadas do século XX.

No início do século XX, os debates, tanto no Brasil como na América Latina, privilegiavam a questão nacional, no sentido de busca da afirmação de uma identidade nacional. Dentro desse contexto, o projeto literário de Lobato procurava criar uma arte brasileira, que valorizasse a cultura do país. Nesse sentido, este trabalho indaga sobre quais seriam os interesses de Lobato ao estabelecer um intercâmbio com os escritores argentinos e até que ponto esse diálogo evidencia uma vocação latino-americanista que vai além dos limites da nação. A partir disso, esta tese interroga se essa vocação latino-americanista já não seria um gesto tardio, na medida em que é um processo que, nos países hispânicos ganha sua maior relevância no final do século XIX com nomes como José Martí, José Enríquer Rodó, Manuel Ugarte, dentre outros e que, no início do século XX perde algo de sua potencialidade ante as preocupações de definição de identidades nacionais. No caso de Lobato, essa vocação continental apresenta-se como um ideal utópico, mas também não deixa de ser uma retórica funcional ao viés comercial de seus projetos.

As fontes de pesquisa foram de duas ordens, que, em princípio, poderiam ser diferenciadas como do âmbito público ou privado, sem deixar de relativizar seus limites. Sendo assim, por um lado foram analisados revistas e jornais e, por outro, correspondências.

A correspondência mantida por Lobato, durante quarenta anos, com seu amigo e também escritor, Godofredo Rangel, bem como com os escritores e editores argentinos nos anos de 1920 e 1930 revela-nos sua sintonia em relação à produção cultural portenha e é uma fonte preciosa sobre as relações que ele mantinha com autores, editores e tradutores argentinos. Ao se trabalhar com este material é preciso, de certa forma, ler as informações com

um certo distanciamento, já que ao se referir à sua própria produção literária o escritor constrói a imagem de si que quer ver revelada. No caso da correspondência com Rangel o próprio Lobato explicitou, por ocasião da publicação em suas *Obras Completas*, que iria interferir, eliminando as inconveniências:

Achei ótima a idéia de você mesmo bater na máquina as tuas cartas. Farei isso às minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das inconveniências. Deixaremos só o bom –como as canas de chupar que a gente atora a ponta e o pé. Depois decidiremos sobre o que fazer.⁶

A fonte de pesquisa dessa correspondência foi justamente o livro *A Barca de Gleyre*. Já as cartas de Lobato para escritores, editores e tradutores argentinos, por ainda não estarem, em sua grande maioria, compiladas em livro, foram pesquisadas em arquivos. Assim, no “Centro de Documentação Cultural ‘Alexandre Eulálio’” (CEDAE), vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Unicamp e que abriga o Fundo Monteiro Lobato, com material depositado por seus herdeiros, foi possível encontrar, no que diz respeito à correspondência passiva, cartas de Manuel Gálvez (três, escritas em 1919, 1924 e 1942), Horacio Quiroga (um total de 17, enviadas ao longo dos anos de 1921, 1922, 1923, 1924 e 1927), José Ingenieros (uma, de 1920), Bernaldo Quirós (uma, de 1922), Bráulio Sánchez-Sáez (uma, de 1946). Quanto à correspondência ativa, encontramos cartas a Benjamin de Garay (três, todas enviadas da prisão, em 1941. Dessas, duas já estão compiladas em livro: a de 2/abril/1941, em *Monteiro Lobato vivo*,⁷ de Cassiano Nunes e a de 22/4/1941, em *Cartas Escolhidas*,⁸ de Monteiro Lobato; a terceira, de

⁶ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo, Brasiliense, 1968, vol. 2, p.354.

⁷ Nunes, Cassiano. *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro, MPM Propaganda: Record, 1986, pp.237-239.

⁸ Lobato, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 2º tomo. In *Obras completas de Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1959, pp.76-77.

10/4/1941 ainda não foi compilada) e uma ao editor Gibelli, de 17/9/1941. Evidentemente, esses números não são definitivos, uma vez que certamente novos materiais poderão vir a se incorporar ao acervo.

Por fim, para as cartas de Lobato a Manuel Gálvez a fonte foi o Archivo Manuel Gálvez, localizado na Biblioteca da Academia Argentina de Letras, em Buenos Aires. Trata-se de 31 cartas, escritas entre 1919 e 1934. Nesse arquivo também foi possível encontrar os seguintes livros: *Urupés*, editado em 1921 pela Editora Pátria, de Manuel Gálvez; *Nacha Regules*, editado em 1924 pela Companhia Gráfico–Editora Monteiro Lobato; as edições brasileiras de *O choque das Raças* (1926) e *Contos Pesados* (1935), de Monteiro Lobato, enviados a Gálvez, com dedicatórias a este.

Quanto às revistas e aos jornais, as fontes de pesquisa foram bibliotecas e hemerotecas. No que tange às revistas, foi possível também contar com estudos abrangentes sobre as publicações. A bibliografia brasileira abarca tanto as revistas culturais quanto às de variedades, traçando um perfil de cada uma delas. Já no caso da bibliografia argentina, os estudos privilegiam as revistas culturais e vez ou outra trazem comentários pontuais sobre as publicações de variedades.

Esta tese está estruturada da seguinte maneira. O capítulo 1, “O processo de modernização e a imprensa”, inicia-se com uma reflexão sobre a modernidade na América Latina, especificamente no Brasil, e o papel da imprensa –jornal e revista– como uma instância de legitimação e de inserção dos escritores no campo cultural. A seguir, é traçado um perfil da *Revista do Brasil*, na medida em que ela foi peça importante em todo esse processo de intercâmbio, ao publicar artigos de e sobre escritores argentinos. Por fim, discorro sobre Monteiro Lobato, analisando sua atividade de escritor e editor, com o intuito de mostrar sua inserção no campo cultural brasileiro.

O capítulo 2, “A *Revista do Brasil* e os escritores rio-platenses”, é dedicado ao intercâmbio cultural propriamente dito. Este se deu principalmente com escritores ligados às estéticas do final do século XIX e, nesse ponto, a pesquisa questiona por quê Lobato não estabeleceu um contato com os vanguardistas, em plena atividade naquele momento. Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, as tensões entre estéticas regionalistas e cosmopolitas dominam o debate do âmbito cultural; na Argentina, essas tensões assumem outras formas, estéticas e ideológicas, nos embates entre os grupos Florida e Boedo: os integrantes de Florida procuram incorporar os valores estéticos das vanguardas européias à cultura argentina, seja no âmbito da literatura, da pintura, da música e seu principal porta-voz é a revista *Martín Fierro* [1924-1927]. Boedo, por sua vez, agrupa escritores de linha realista, com preocupações socializantes e seu principal veículo de comunicação é a revista *Los Pensadores* [primeira época: 1922-1924; segunda época: 1924-1926]. Monteiro Lobato assumirá um importante papel ao colocar em contato publicações periódicas de ambos os países.

Neste capítulo analisa-se a presença dos escritores rio-platenses na *Revista do Brasil*. O tom presente em todas as resenhas, artigos e cartas é de entusiasmo com o estabelecimento de diálogo entre países que, apesar de serem vizinhos, se desconheciam completamente. Analisei mais detidamente apenas os casos de Manuel Gálvez, Horacio Quiroga e José Ingenieros porque foram os escritores que tiveram significativas aparições na *Revista do Brasil* e por terem se correspondido com Lobato.

Por fim, o terceiro capítulo, “Monteiro Lobato e os periódicos argentinos” é dedicado à presença de Lobato tanto em revistas culturais, como *Nosotros* [1907-1943] e *Martín Fierro* [1924-1927] quanto de variedades, como *Atlántida* [1918-?], *Plus Ultra* [1916-?], *La novela semanal* [1917-

1922] além dos jornais *La Prensa* [1869-], *La Nación* [1870-] e *El Mundo* [1928-1969]. Os comentários sobre as resenhas de suas obras bem como seus contos e artigos são precedidos do perfil editorial de cada uma das publicações. Neste capítulo analisa-se também a forma como Lobato administra seus textos, ou seja, que tipo de material ele privilegia em cada um dos periódicos.

Assim, procuro mostrar neste trabalho, desde uma perspectiva crítica, que a atuação de Monteiro Lobato como mediador cultural proporcionou o intercâmbio intelectual e literário entre Brasil e Argentina, com a efetiva publicação de livros e artigos em ambos os países e, ao mesmo tempo, constituiu uma forma de inserção da obra lobatiana no mercado editorial argentino.

Os capítulos 2 e 3 são complementados por material iconográfico, fruto de pesquisa em arquivos e bibliotecas, tanto do Brasil como da Argentina.

CAPÍTULO 1

O processo de modernização e a imprensa

A partir de 1880 a América Latina passou por um processo de modernização, ocorrido nos grandes centros urbanos; um processo de mudanças sociais, políticas, tecnológicas, econômicas e culturais fundamental para pensar o desempenho dos intelectuais latino-americanos do período. Para abordar este processo é preciso, antes, fazer a distinção entre modernidade e modernização. Para tanto, tomo emprestada a diferenciação feita por Nestor García Canclini, que define a modernidade como “*etapa histórica, la modernización como proceso social que trata de ir construyendo la modernidad*”.⁹ Como etapa histórica, a modernidade é constituída por quatro movimentos básicos: um projeto emancipador, um projeto expansivo, um projeto renovador e um projeto democratizador.

O projeto emancipador é entendido como “a secularização dos campos culturais”, e fazem parte desse processo a racionalização da vida social e o individualismo crescentes, principalmente nas grandes cidades. O projeto expansivo é definido como a tendência da modernidade que procura expandir a produção, a circulação e os consumo de bens, além dos descobrimentos científicos, desenvolvimento industrial e crescimento demográfico. O projeto renovador abrange dois aspectos: a procura de uma melhoria e inovações incessantes, e a procura por sinais de distinção que o consumo massificado desgasta. Por fim, o projeto democratizador é definido como o movimento de democratização do acesso à cultura, de difusão da arte e dos saberes especializados.

⁹ Canclini, Nestor G. “La modernidad después de la posmodernidad” in Belluzzo, Ana Maria M.(org), *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo, Memorial/Unesp, 1990, p.205.

Levando-se em conta esta caracterização da modernidade, a modernização pode ser pensada como o processo histórico pelo qual se caracterizam esses movimentos e que, no caso da América Latina, se produzem fundamentalmente nas cidades e são levados adiante pelas políticas de Estado no sentido de proporcionar o progresso da Nação e fortalecer a consciência nacional. Nas primeiras décadas do século XX os debates e a produção cultural no Brasil e nos demais países da América Latina foram intensos no sentido da busca da afirmação de uma identidade nacional. A Primeira Guerra Mundial, a disputa das grandes potências pela hegemonia econômica mundial, e os centenários das independências acirraram a questão. Os intelectuais procuraram traçar as características específicas da Nação, procurando desvincular-se dos modelos de pensamento importados da Europa analisando, para isso, todos os aspectos econômicos, políticos e culturais que pudessem explicar a identidade nacional.

O processo de modernização, como dissemos, deu-se nas grandes cidades, especialmente nas capitais portuárias ou naquelas capitais que, nas palavras de José Luis Romero, “*concentraron y orientaron la producción de algunos productos muy solicitados en el mercado mundial*”.¹⁰ As atividades mercantis, os negócios de importação e exportação multiplicaram o movimento nessas cidades, criaram novas fontes de trabalho e novos costumes. Segundo Romero, “*casi todas las capitales latinoamericanas duplicaron o triplicaron la población en los cincuenta años posteriores a 1880 y multiplicaron su actividad en una cierta proporción*”.¹¹ Esse aumento populacional, em parte devido a um certo êxodo interno e em parte a contingentes imigratórios, acabou por demandar um aumento do setor de

¹⁰ José Luis Romero. Las ciudades burguesas” in *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1976, p.247.

¹¹ Idem, ibidem, p.252.

serviços, abrangendo desde funcionários públicos, advogados, professores, jornalistas, dentistas a vendedores, entre outros.

As transformações também se deram no âmbito das relações sociais, na medida em que passou a não haver mais um lugar pré-estabelecido para cada um; a possibilidade de mobilidade social passou a ser uma realidade, dando surgimento à nova burguesia. Segundo Angel Rama, uma das formas de ascensão social foi através das letras. Em suas palavras, “a letra apareceu como a alavanca de ascensão social, de respeitabilidade pública e da incorporação aos centros de poder; mas também (...) de uma relativa autonomia em relação a eles, sustentada pela pluralidade de centros econômicos que a sociedade burguesa em desenvolvimento gerava”.¹²

Também é preciso lembrar que as novas tecnologias, advindas da revolução industrial do século XIX alteraram não só o modo de produção, como encurtaram distâncias, dada a velocidade dos meios de comunicação; alteraram a noção de tempo, que se tornou fragmentário e alteraram também a percepção da realidade. A grande cidade moderna passa a ser o centro; é nela que ocorrem as mudanças, e Paris é o centro irradiador das novas tendências. As novas tecnologias também alteraram também o acesso à arte, levando-a ao grande público e, quebrando, portanto, sua aura.

Como parte desse processo de modernização, a imprensa passou a ocupar um lugar de destaque. Segundo Rama, “contrariamente às previsões dos educadores, os novos leitores não robusteceram o consumo de livros mas abasteceram de compradores os jornais e as revistas”.¹³ Assim, o jornal, nesse início de século, além do caráter informativo, “ditava moda e estilos, impunha ao cotidiano seu ritmo nervoso (...); consagrava certos autores e relegava

¹² Rama, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo, Brasiliense, 1985, pp.79-80.

¹³ Rama, op.cit., p.83.

outros ao ostracismo”.¹⁴ Neste sentido, as revistas culturais também desempenharam um importante papel. Segundo Beatriz Sarlo, elas pertencem ao meio intelectual e são “*el instrumento de la esfera pública: sea de la esfera política, estética o intelectual*”.¹⁵ As revistas culturais são também um espaço de experimentação, seja ideológica, estética ou de escritura; como tal, elas se consolidam no campo cultural, e posteriormente se refratam no espaço público e nas instituições, podendo também cair em desuso ou mesmo fracassar. As revistas abrigam polêmicas e enfrentamentos e são um espaço para divulgar novas correntes literárias, artísticas e ideológicas da arte e da cultura na sociedade. Ainda segundo Sarlo, a revista “*tiene su aura en el presente. (...) Transcurrido el presente, su aura se desvanece*”.¹⁶

A modernização na América Latina se deu de diferentes formas, mas, segundo Canclini, com “*rasgos comunes y procesos históricos simultáneos*”.¹⁷ Tanto a modernização quanto a democratização atingem uma pequena minoria e “*si ser culto en el sentido moderno es, ante todo, ser letrado, en nuestro continente eso era imposible para más de la mitad de la población en 1920*”.¹⁸

A Revista do Brasil

Em fins do século XIX e início do século XX, a economia cafeeira do Estado de São Paulo acabou por gerar um acelerado processo de urbanização, industrialização e modernização. A cidade de São Paulo passou por grandes transformações como, por exemplo, a instalação da luz elétrica e, com isso, vieram as primeiras linhas de bonde elétrico, a inauguração da Estação da Luz

¹⁴ de Luca, Tânia. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo, Unesp, 1999, p.36.

¹⁵ Sarlo, Beatriz. “El rol de las revistas culturales”, p.XII.

¹⁶ Idem, ibidem..

¹⁷ Canclini, Nestor G., op.cit, p.206.

¹⁸ Idem, ibidem., p.207.

(1901), o surgimento de novos bairros. Como bem notou Regina Aída Crespo, “a busca pela hegemonia política empreendida pelas elites paulistas fez de sua capital um centro influente e representou o incremento de sua criação literária, cultural e artística”.¹⁹ E a imprensa, especialmente as revistas, subsidiadas, em sua grande maioria, pelo poder oligárquico, foram o veículo por excelência para retratar e divulgar a pujança e a prosperidade de São Paulo e, assim, assegurar um papel de protagonista não só no âmbito político, como também no âmbito cultural.

É nesse sentido que se pode entender o surgimento da *Revista do Brasil*, em janeiro de 1916, fundada pelo grupo Mesquita, proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, órgão de relevo na grande imprensa paulista da época, para o qual escrevia boa parte da intelectualidade. A eclosão da Primeira Guerra Mundial estimulou as discussões em torno dos temas nacionais e, desde a sua fundação, a *Revista do Brasil* teve como programa formar uma consciência nacionalista a fim de ajudar a construir um futuro para o Brasil.

O primeiro número trouxe um artigo de apresentação no qual o corpo editorial afirmava:

O que há por traz do título da Revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista. (...) O seu nacionalismo não é, porém, e não será nunca uma forma de hostilidade ao estrangeiro. Não queremos isolar o Brasil da humanidade, o que seria um disparate, nem podemos negar a dívida de civilização que nos prende ao estrangeiro. (...) o estrangeiro é, e há de sempre ser, para nós, como para toda a gente, objeto de observação atenta e cotidiana.²⁰

¹⁹ Crespo, Regina Aída. “Produção literária e projetos político-culturais em revistas de São Paulo e da Cidade do México, nos anos 1910 e 1920”, in *Revista Iberoamericana*, vol LXX, núms. 208-209, Julio-diciembre 2004, p. 677.

²⁰ *Revista do Brasil*, nº1, ano I, jan/1916, pp.2-4. Coleção IEB. Atualizei, neste e nos demais fragmentos de artigos da *Revista*, a grafia original.

É significativa, e chama a atenção, a afirmação de que a revista não seria hostil ao estrangeiro, pois, na medida em que faz a associação de “civilização” com o estrangeiro, não poderia mesmo ter um caráter xenófobo.

Periódico cultural mensal, a *Revista do Brasil* foi criada sob o regime de sociedade anônima, no qual cada um dos 66 acionistas detinha uma cota. Os riscos financeiros seriam repartidos entre todos, mas o controle da linha editorial ficaria a cargo de Julio de Mesquita²¹. A lista completa dos acionistas foi publicada no primeiro número da revista: Alfredo Pujol, Arnaldo V. de Carvalho, Armando Salles de Oliveira, Amadeu Amaral, Alarico Silveira, Julio F. C. de Mesquita, Julio de Mesquita filho, Luis Pinto Serva, Plínio Barreto, Nestor Rangel Pestana, entre outros²². A diretoria ficou a cargo de Julio de Mesquita, Alfredo Pujol e Luís Pereira Barreto e a chefia de redação ficou com Plínio Barreto.

Nesta primeira fase [1916-1925], foram publicados 113 números e, no que se refere à estrutura, o periódico manteve-se sem grandes alterações durante todo este período: a capa trazia o nome da revista, seguido do índice das matérias e respectivos autores. Informações como a data da publicação, número, volume, sede da revista ora vinham logo abaixo do nome do periódico, ora abaixo do sumário.

A seguir, vinham os editoriais, em que se discutia tanto a situação social e política do país quanto o contexto internacional, atualidades da vida cultural bem como eventuais alterações no corpo editorial. Dos 41 editoriais desta primeira fase, apenas 17 foram assinados: um por Alberto Rangel, três por Monteiro Lobato, quatro por Breno Ferraz e nove por Paulo Prado.²³

²¹ De Luca, Tania, op. cit.p.44.

²² *Revista do Brasil*, vol 1, Ano I, jan/1916, pp.81-82. Coleção IEB.

²³ De Luca, Tânia, op.cit, pp.48;49.

Aos editoriais seguiam-se os ensaios, sempre assinados, sobre os mais variados assuntos, como geografia, saúde pública, sistema político, língua portuguesa, música, produção literária, tendo sempre como eixo central a realidade nacional.

Na seqüência, encontravam-se as seções. A principal era a “Resenha do Mês”, composta por ensaios, conferências, artigos e notícias transcritos de jornais e revistas tanto nacionais quanto estrangeiros. Os temas abordados eram os mais variados: imigração, revolução russa, as relações do Brasil com os países vizinhos, questões de saúde pública, entre outros. Ao contrário do que o nome possa sugerir, esta seção não apresentava uma cronologia dos principais fatos do mês. Como afirma Tânia de Luca, “seu objetivo principal não era informar o leitor a respeito dos últimos acontecimentos, mas antes discutir questões da atualidade, sempre com preocupação analítica”.²⁴

A segunda seção mais importante era a “Bibliografia”. Inicialmente uma subdivisão de “Resenha do Mês”, passou a ter autonomia a partir do nº30, quando Monteiro Lobato tornou-se o proprietário da revista. Nela figuravam as resenhas de todos os lançamentos editoriais do país.

Outras seções, como “Notas do Exterior”, “Homens e coisas nacionais”, “Homens e coisas estrangeiras”, “Debates e Pesquisas”, “Curiosidades”, não mantiveram uma periodicidade. Apareciam em função de uma informação específica ou questão candente.

A seção “Publicações Recebidas”, como o nome indica, trazia uma relação de livros e revistas recebidos, tanto nacionais quanto estrangeiros e que, por extensão, a *Revista do Brasil* recomendava.

²⁴ Idem, *ibidem*, p.49.

A seção “Caricatura do Mês” manteve-se durante toda esta primeira fase e reproduzia uma ou mais caricaturas de revistas como *Careta*, *D. Quixote*, *Cigarra*, bem como de jornais.

A publicidade sempre esteve presente. Localizava-se nas terceiras e quartas capas e anunciava os mais variados produtos: serviços médicos, escritórios de advocacia, bancos, casas de comércio em geral.

Numa época em que os periódicos em circulação eram, em sua maioria, ilustrados e de variedades como, por exemplo, *Careta*, (RJ, 1908-1960), *Fonfon* (RJ, 1907-1958), *A Cigarra* (SP, 1914-1930), *O Pirralho* (1911-1918), a *Revista do Brasil*, de caráter essencialmente cultural, logo foi acolhida nos meios intelectuais e rapidamente tornou-se um importante veículo cultural do país. Em sua primeira fase, a publicação foi mensal e o corpo de colaboradores formado por figuras expressivas da intelectualidade, muitas delas acionistas da revista, como Olavo Bilac, Graça Aranha, José Veríssimo, Roquette Pinto,²⁵ cujos textos ou eram escritos especialmente para a revista – em sua grande maioria – ou eram reproduções de outros periódicos.

Se os temas abordados eram diversos, as correntes ideológicas e posturas estéticas também o eram. Segundo Tânia de Luca, no que diz respeito à literatura, “a maior parte das contribuições em prosa provinham dos regionalistas, (Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Mário Sette, Léo Vaz, Godofredo Rangel, Valdomiro Silveira), seguidos pelos naturalistas-realistas (Júlio Scheibel, Horacio Quiroga, Luiz Gonzaga Fleury, Albertino Moreira)”,²⁶ além de parnasianos, simbolistas e decadentistas, em menor proporção.

²⁵ Cf. de Luca, Tânia, op. cit, p.42.

²⁶ Idem, ibidem. pp.54-55.

A corrente regionalista, na qual Monteiro Lobato se inscrevia, tinha como foco o sertão e seus habitantes e significava uma maneira de ir contra o cosmopolitismo representado, simbolicamente, pelo Rio de Janeiro, pregando sua independência em relação às escolas européias. Os escritores procuravam retratar o mais fielmente possível a realidade do interiorano, valorizando a língua brasileira com a incorporação dos regionalismos e coloquialismos.

Monteiro Lobato e a *Revista do Brasil*

O projeto literário de Lobato visava criar uma arte brasileira, que valorizasse a cultura nacional e coincidiu com o programa editorial da *Revista do Brasil* no sentido de pensar o próprio país e buscar alternativas para sua emancipação econômica e cultural. O escritor colocava-se, além disso, contra os modismos culturais importados da Europa –especialmente da França– e, em contraposição, passou a resgatar o folclore, os mitos populares, a oralidade, a fala interiorana e coloquial, sem ranços lusitanos.

Nascido em 1882, em Taubaté, José Bento Monteiro Lobato era filho de uma tradicional família de plantadores de café da já então decadente região do Vale do Paraíba. Como todo jovem de família oligárquica, formou-se pela Faculdade de Direito do Largo S. Francisco. O curso, no entanto, não lhe interessou muito; em compensação, participou assiduamente do jornal acadêmico *Onze de Agosto* e das discussões literárias e políticas com os colegas, nas mesas do café Guarany, no centro de São Paulo. O grupo de amigos formado por Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo autodenominou-se Cenáculo e, durante seus encontros, comentavam sobre suas leituras, que iam de Eça de Queiroz, Balzac, Zola, Flaubert, Kipling, Camilo Castelo Branco a Nietzsche; também escreviam para jornais provincianos como o *Povo*, de

Caçapava e o *Minarete*, de Pindamonhangaba. Anos mais tarde, já como colaborador da *Revista do Brasil* e depois, como seu proprietário, Lobato providenciou para que seus amigos também publicassem na revista.²⁷

Contrariando a moda da época, cultuada pela burguesia brasileira de ler só em francês, Lobato não se atém apenas a esse idioma; lê muito em inglês, o que o levaria a entrar em contato com a cultura norte-americana e, conseqüentemente, a se aproximar “de formas modernas de pensamento, muito mais próximas do modelo norte-americano do que europeu.”²⁸ Mais tarde, como editor, traduziria várias obras da língua inglesa, como *O doutor negro*, de Conan Doyle, *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe; *Adeus às armas*, de Hemingway, *O homem invisível*, de H. Wells; *Kim*; *O livro do jangal*; *Mogli, o menino lobo* de Kipling; *O lobo do mar*, de Jack London; *Noite sem lua* e *Caninos brancos*, de John Steinbeck, *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, entre outras.²⁹

Depois de formado, Lobato foi nomeado promotor público na cidade de Areias, onde permaneceu de 1909 a 1911. Tal “cavação”, nas palavras do autor, deveu-se às relações de seu avô, o visconde de Tremembé, com o então secretário de Estado, Washington Luiz. É desse período a safra de contos que, em 1919, irão compor o livro *Cidades Mortas*, no qual o escritor retratou a decadência econômica da região do Vale do Paraíba. Antes grande produtora de café, com a crise decorrente do fim do trabalho escravo a região começou a viver seu período de declínio econômico.

²⁷ Assim, a partir de junho de 1917, cada número passou a trazer um capítulo do romance *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel que depois foi editado, em 1920, pela Monteiro Lobato & Cia; o mesmo tratamento recebeu o romance *O país de ouro e esmeralda*, de José Antônio Nogueira. E “quando morreu Ricardo Gonçalves, saem na Revista do Brasil depoimentos sobre ele, de Monteiro Lobato e de outros amigos comuns, um dos quais, Heitor de Moraes, cunhado de Lobato” [Barbosa, Alaor. *Um Cenáculo na paulicéia*. Brasília, Projecto Editorial, 2002, p.205.].

²⁸ Campos, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo. Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Martins Fontes, 1986, p.9.

²⁹ cf. Cavalheiro, Edgar. *Monteiro Lobato. Vida e obra*. São Paulo, Brasiliense, 1962, vol. II, pp.274-275.

Embora desde os tempos de estudante e, mais tarde, como promotor, tivesse publicado artigos e contos em órgãos como *A Tribuna*, de Santos, *O Pirralho*, *Correio Paulistano*, Monteiro Lobato só se tornou nacionalmente conhecido após enviar uma carta intitulada “Uma velha praga”, em novembro de 1914, para a seção “Queixas e reclamações” do jornal *O Estado de S. Paulo*. A carta foi reproduzida por periódicos de vários pontos do país; nela, Lobato criticava o tradicional hábito do caipira de atear fogo no mato, devastando completamente o solo, tornando-o improdutivo. Na época, ele cuidava da fazenda Buquira, no Vale do Paraíba, que herdara do avô, e dedicava-se à modernização da lavoura e da criação.

Passado um mês, Lobato enviou ao mesmo jornal o artigo “Urupês”, ampliando o tema da referida carta e lançando aquela que seria uma das suas maiores criações, o Jeca Tatu. Neste artigo, que suscitou intensos debates, como afirma Tânia de Luca, ele “traçou um perfil ácido do caboclo, que destoava da tradição romântica, cultivada por parcela significativa da produção literária da época, que não raro idealizava o homem do campo, atribuindo-lhe dimensões épicas”.³⁰ Lobato condenou explicitamente essa idealização, que denominou de “caboclisto”, rompendo então com o discurso ufanista em voga. Para ele, o caboclo era um parasita da terra que assistia passivamente, de cócoras, o desenrolar da história, envolto em suas crendices, no fatalismo e avesso ao progresso. No artigo “Velha Praga” Lobato assim o definiu: “espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. (...). Encoroscado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se”.³¹ Nestes dois artigos e ao longo de sua obra, Lobato denunciou o atraso em que o país se

³⁰ De Luca, Tânia, *op.cit.*, p.62.

³¹ Lobato, Monteiro. “Velha praga”. In *Obras completas de Monteiro Lobato*, vol 1. São Paulo, Brasiliense, 1968, p.272.

encontrava, tanto do ponto de vista econômico quanto político-institucional, bem como a mentalidade arcaica, o bacharelismo, a mentalidade oficial; discutia e criticava, na verdade, “o profundo distanciamento entre a intelectualidade brasileira e as coisas do país”.³² Lobato criticava a improdutividade do homem brasileiro, mas, principalmente as elites políticas e econômicas, as quais considerava as responsáveis por tal situação de atraso. O que, na verdade, não deixa de ser uma contradição, na medida em que ele próprio fazia parte desta elite e se tornaria proprietário de um veículo de comunicação, uma significativa instância de poder. A crítica às elites políticas era devido ao fato de usarem o poder em proveito próprio e distanciarem-se cada vez mais da imensa maioria da população; as elites econômicas, pelo fato de os industriais se beneficiarem do protecionismo e não atuarem na base da concorrência e os proprietários de terra, por serem avessos a qualquer mudança.³³

Para Lobato, a forma de superar esse atraso seria, em primeiro lugar, admiti-lo e, portanto, deixar de lado qualquer visão ufanista. A literatura não poderia, então, distanciar-se da realidade do país. Seus livros, tanto aqueles voltados para o público adulto quanto para o infantil abordaram, constantemente, os problemas brasileiros como, por exemplo, a necessidade de se fiscalizar o saneamento e saúde pública, em *Problema Vital* (1918); a questão do petróleo em *O escândalo do petróleo* (1936) e o *Poço do Visconde* (1937). Em seus livros infantis, a proposta desenvolvimentista é uma presença constante e o *Sítio do Picapau Amarelo* pode ser lido como uma metáfora do país onde, segundo Marisa Lajolo, “o Brasil arcaico de Tia Nastácia e tio Barnabé se funde com o Brasil moderno que encontra petróleo, fala ao

³² Campos, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo. Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Martins Fontes, 1986, p.18.

³³ Cf. Campos, André Luiz Vieira de, op. cit.

telefone e viaja à Lua”.³⁴ Da mesma forma, lendas e mitos brasileiros convivem com personagens e lendas da literatura universal, num gesto moderno, antecipador até, poder-se-ia dizer, de incorporar a cultura universal à cultura brasileira. Assim, personagens como D. Quixote, o Pequeno polegar, o Minotauro, entre outros, circulam pelo Sítio do Picapau Amarelo e, como bem observou Gabriela Soares Pellegrino, “ao migrarem para o Sítio, (...) eram incorporados a um novo ambiente, que obrigava suas personagens a adaptações, a novos papéis e relações”.³⁵ O mesmo processo ocorria com os habitantes do Sítio, que muitas vezes se deslocavam para os ambientes dos personagens da literatura universal. Ainda de acordo com Pellegrino, “Na polifonia das obras infantis de Lobato, assim como o local buscava decodificar o universal, o inverso se passava, revelando a nossa especificidade e os termos do diálogo com a diferença”.³⁶ Essa interação entre o local e o universal é um dos pontos a partir dos quais é possível entender o intercâmbio que Lobato iria promover entre os campos culturais brasileiro e argentino.

Voltando a “Urupês”, a polêmica em torno do artigo se estabeleceu e os jornais publicaram manifestações tanto daqueles que estavam de acordo com o perfil do Jeca traçado por Lobato e, por extensão, do povo brasileiro, quanto dos que o criticavam. Surgiram, em seguida, dois tipos para se contrapor ao personagem: “Mané Chique-Chique”, de Ildefonso Albano e o “Jeca-Leão”, de Rocha Pombo. Ambos de perfis nacionalistas e repletos de virtudes, não se popularizaram, ao contrário do personagem criado por Lobato, que retomou o tema do Jeca Tatu no livro *Problema vital*, de 1918, coletânea de artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* e na *Revista do Brasil*. Neste livro

³⁴ Lajolo, Marisa, op.cit., p.51.

³⁵ Soares, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007, pp.212-213.

³⁶ Idem, ibidem, p.213.

Lobato reviu sua posição em relação ao Jeca, atribuindo sua preguiça à miséria, habitação inadequada, às doenças e não mais a seu caráter. A responsabilidade pelo atraso do país não era mais do Jeca e, sim, dos coronéis do interior e do governo, que não cuidavam da saúde do povo. O personagem ressurgiu uma vez mais em 1924, em *Jecatatusinho*, adotado como propaganda do Biotônico Fontoura, sendo distribuída na forma de folhetos, aos milhões, por todo o país.

A intensa repercussão de “Urupês” deu oportunidade ao escritor de, no início de 1915, passar a fazer parte do corpo de colaboradores remunerados do *Estado de S. Paulo*. Se o pagamento pelos artigos era importante, mais significativo era, para ele, o grande número de leitores que o jornal possibilitava atingir. Lobato sempre teve a firme convicção de que as artes de uma forma geral e os livros, em particular, deveriam atingir o maior número de público possível. Esse princípio, entre outros, norteou todas as atividades de Monteiro Lobato seja como escritor, editor ou tradutor, sempre buscando produzir textos de linguagem clara, direta e livros com capas coloridas e ilustradas numa época em que os livros traziam capas nos moldes franceses, num único tom e sem qualquer detalhe chamativo.

Como colaborador do jornal Monteiro Lobato pôde acompanhar, de dentro da redação, todos os movimentos para a criação da *Revista do Brasil*. A proposta editorial estava de acordo com as suas idéias, no sentido da valorização da cultura nacional. Em carta ao amigo Rangel, de 20/1/1916, ele não esconde seu entusiasmo:

Já viste a *Revista do Brasil*? É o caso de tomares assinatura. Nasceu de boa estirpe, está bem aleitada pelo *Estado*, é a única neste gênero em todo o país – e é nossa.³⁷

³⁷ In Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. Obras completas de Monteiro Lobato. São Paulo, Brasiliense, 1967, p.64.

A participação de Lobato ocorreu já no terceiro número, com os contos “A vingança da peroba” e “Cidades Mortas” –este reproduzido de *O Estado de São Paulo*– que comentarei para evidenciar a relação entre a concepção de literatura de Monteiro Lobato e o projeto de trabalhar pelo progresso. Para Lobato, o progresso seria alcançado através de dois elementos: do trabalho produtivo, que eliminaria a pobreza, e da exploração dos recursos naturais do país que, por sua vez, possibilitaria a industrialização e, conseqüentemente, a independência econômica do país. Segundo André Luiz Vieira de Campos, a idéia de progresso de Lobato apresenta certo grau de ambigüidade ao longo de sua obra:

Na verdade, podemos dizer que Lobato, durante toda sua vida, oscilou entre uma interpretação otimista e uma interpretação pessimista na história da Humanidade. Isso porque o autor certamente se dá conta da existência de uma contradição entre o avanço material da civilização e aquilo que considerava o maior obstáculo à conquista de um mundo melhor: a guerra. (...) Frequentemente, nos textos de Lobato, o progresso material do homem aparece em choque com progresso moral.³⁸

Em “A vingança da peroba”³⁹ Lobato narra a rivalidade entre duas famílias de sitiantes –os Nunes e os Porunga- e resgata alguns mitos e credences da zona rural, bem como o linguajar coloquial. Nunes, sempre bêbado, não cuida muito bem de seu pedaço de terra; sua casa, “de (...) portas de embauba rachada, muito encardida de picuman, prenunciava tapera próxima”.⁴⁰ Seu vizinho, ao contrário, é “comedido na pinga”, planta milho, tem dois monjolos e prospera. Um dia, Nunes decide cuidar das suas terras a fim de vencer o vizinho na produção de farinha de milho; remenda “mal e

³⁸ Campos, André Luiz Vieira de, op.cit., pp.153-154.

³⁹ in Lobato, Monteiro. *Urupês*. Obras Completas de Monteiro Lobato. São Paulo, Brasiliense, 1968, pp.135-153.

⁴⁰ Idem, ibidem, p.137.

mal” a casa, planta milho e, para construir o monjolo, derruba a árvore que dá nome ao conto e que faz a divisa entre as duas terras. No momento da construção, ouve de seu cunhado a história do “pau de feitiço” que, reza a lenda, ninguém sabe qual é, mas que quem o derrubar “pode encomendar a alma p’r’o diabo, que está perdido. Ou estrepado ou de cabeça rachada por um galho seco que despenca de cima ou mais tarde por artes da obra feita com a madeira, de todo jeito, não escapa”.⁴¹ E, ao final do conto, a lenda se confirma: o filho mais novo de Nunes tem a cabeça triturada pelo monjolo fabricado com a peroba.

No que diz respeito à linguagem é possível encontrar coloquialismos, como “maginava”, no lugar de imaginava; “desta alturinha”; “peguei de prosa”; “t’esconjuro” e até alguns neologismos, como em “quedele Parnambi?” para perguntar “onde está?”. O texto traz também regionalismos, com expressões como “malquerença” e referências a plantas e objetos típicos da região: embauba, peroba, virgem (uma das peças do monjolo), picapau (tipo de espingarda). O conto “A vingança da peroba” iria compor, em 1919, o livro *Urupês*. Tanto este conto como os demais que compoariam os livros *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Negrinha*, são marcados pela oralidade. Segundo Marisa Lajolo, “há sempre um narrador culto que reveste de ironia e metalinguagem sua divisão entre os extremos que polarizam nossa cultura: de um lado a tradição escrita, letrada, literalizante. De outro, a oralidade viva e móvel do contexto rural de onde nascem suas histórias caipiras”.⁴²

Em “Cidades Mortas”,⁴³ o escritor descreve e procura entender a decadência da região do Vale do Paraíba, antes grande produtora de café.

⁴¹ Idem, *ibidem.*, p.144.

⁴² Lajolo, Marisa. *Op.cit.*, p.58.

⁴³ In Lobato, Monteiro. *Cidades mortas*. Obras completas de Monteiro Lobato. São Paulo, Brasiliense, 1965, pp.3-7.

Logo no primeiro parágrafo, expõe sua tese, de que “o progresso entre nós é nômade”. A seguir, passa a explicar os sinais de atraso que este progresso deixa no seu rastro: a estagnação, (“cidades moribundas, que arrastam um viver decrépito”), cidades nas quais os pedreiros só entram em atividade para “escorar paredes rachadas, para remendá-las mal e mal” e “os armazéns de comércio [estão] fechados, porque o comércio desertou também”; as ruas são ermas; os sons são do passado, “velhos sons coloniais” (sino da igreja, do carro de boi); toda a ligação com o mundo é feita pelo correio, cujo “magro estafeta, (...) em eterno ir e vir com duas malas postais à garupa, murchas como figos secos”; os rapazes “debandam cedo”; alguns remediados que vivem a custa “do parco auxílio enviado por um filho mais audacioso que emigrou”; os palacetes estão em ruínas; as fazendas, abandonadas pelo dono ausente, pois “mora no Rio”. Fazendo da literatura um veículo de idéias, Lobato utiliza esse texto para criticar a monocultura do café, que passa pelas cidades “como um Átila”, suga as riquezas da terra que, “sob a forma de grão, [é] ensacada e mandada para fora” e, quando as esgota, transfere-se para outro local. Segundo o escritor, trata-se de “um progresso de cigano. Vive acampado” e, quando emigra, não deixa nada, a não ser “um rastilho de taperas”.

Ao incluir o conto no livro de mesmo nome, em 1919, o escritor fez apenas modificações formais, no sentido de excluir algum adjetivo considerado excessivo, ou reorganizar parágrafos para dar mais ênfase à sua tese.

Após a publicação desses relatos, a presença de Lobato tornou-se constante na *Revista do Brasil*, aparecendo “em quinze dos 29 volumes

publicados antes dele adquiri-la”.⁴⁴ O programa proposto pela *Revista do Brasil*, criada pelo grupo do jornal do grupo *Estado de S. Paulo*, da família Mesquita, de discutir as questões nacionais a fim de formar uma consciência crítica para criar condições para construir um futuro para o Brasil era compartilhado por Lobato, que pensava nas transformações a partir da cultura. Ao mesmo tempo, publicar seus escritos em uma revista de prestígio não deixou de ser uma forma de legitimar-se no campo cultural brasileiro.

O nacionalismo de Monteiro Lobato

Ao longo de sua vida e obra, Lobato buscou caminhos para a emancipação econômica e cultural do Brasil; sonhava transformar o Brasil numa nação próspera e que a população pudesse desfrutar dos benefícios que o desenvolvimento traria. Acreditava que o atraso seria superado pelo trabalho racional e pela modernização. De acordo com Vasda Bonafini Landers, “o nacionalismo de Monteiro Lobato distinguir-se-ia por três facetas: a social, a de estética literária ou artística e a política”.⁴⁵ Assim, em 1919, o escritor engajou-se na campanha sanitarista, pois acreditava que somente com saúde o povo teria condições de viver condignamente, de progredir. Sobre a campanha, escreveu vários artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao voltar de uma temporada de quatro anos nos Estados Unidos como adido comercial do governo brasileiro (1927-1931), capitaneou a campanha pela exploração das riquezas que o Brasil possuía, entre elas o ferro e o petróleo, matérias-primas que, segundo ele, explicariam a riqueza e o progresso norte-americano e o mesmo poderia vir a ocorrer no Brasil. Fundou uma empresa para realizar a prospecção do petróleo; enfrentou as pressões dos trustes internacionais com

⁴⁴ De Luca, Tânia, op. cit, p.63.

⁴⁵ Landers, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma. Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988, p.182.

a campanha “O petróleo é nosso”. Essa resistência foi efetiva até o momento do aparecimento de petróleo em seu poço quando, por determinação do governo, teve de entregar as sondas utilizadas para a perfuração.

No campo da cultura, desde os primeiros artigos que publicou, tanto em *O Estado de S. Paulo* quanto na *Revista do Brasil*, Lobato tratou de temas relacionados às questões nacionais, sempre buscando valorizar a cultura brasileira em contraposição ao afrancesamento da burguesia nacional. É possível afirmar que, de alguma forma, ele subordinou a literatura a esse projeto de progresso nacional.

Entre 1914 e 1919 publicou inúmeros artigos, reunidos pelo próprio autor no volume *Idéias de Jeca Tatu* (1919)⁴⁶, nos quais teceu comentários principalmente sobre literatura e pintura (ele próprio era pintor), baseados numa estética nacionalista realista. Como traço particular destes textos destaca-se a linguagem empregada, muito irônica, sarcástica, tornando, nos dizeres de Tadeu Chiarelli, “seus textos sobre arte dessacralizadores da noção corrente então, de que a arte (...) deveria ser tratada de forma cerimoniosa, quase ritual”,⁴⁷ sendo, neste sentido, muito inovadora para a época.

Um tema permeia quase todos os artigos: a defesa de um estilo autenticamente brasileiro, e sua aversão aos estrangeirismos, às imitações – “macaquices”, em suas palavras – e influências de valores culturais estrangeiros. No prefácio à primeira edição, reproduzido nas *Obras Completas*, Lobato expõe a idéia central que unifica a maioria dos artigos:

⁴⁶ Apesar dos vários erros tipográficos, todos os quatro mil exemplares da primeira edição foram vendidos. Em carta a Godofredo Rangel, Lobato comentaria a respeito: “Li várias páginas e corei até a raiz da alma. Não tinham feito revisão nenhuma. Erros indecorosos pululavam ali como pulga em cachorro sarnento. (...) Pois a indecência saiu e o público absorveu os 4 milheiros dessa primeira edição, levando de choro as pulgas”. Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo, Brasiliense, 1968, vol 2, p.212.

⁴⁷ Chiarelli, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo, Edusp, 1995, p.248.

(...) é um grito de guerra em prol de nossa personalidade... A corrente contrária propugna a vitória do macaco. (...) Combate a originalidade como um crime e outorga-nos, de antemão, o mais cruel dos atestados: és congenialmente incapaz duma atitude própria na vida e nas artes; copia pois, ó imbecil!⁴⁸

Na biografia de Lobato, Edgar Cavalheiro afirma que o escritor era um “ferrenho inimigo dos imitadores e, acima de tudo, irritava-o o francesismo então dominante nas rodas elegantes da Paulicéia”.⁴⁹ Realmente, Lobato era contra esse francesismo, mas, em relação à questão da imitação, cabe uma elucidação: no já citado prefácio, o próprio Lobato faz a distinção entre imitação e cópia, plágio: esclarece ser a imitação uma grande força criadora, e que “só imita quem assimila processos. Quem decalca não imita, furta. Quem plagia não imita, macaqueia”. Ou seja, ele admite a imitação enquanto assimilação e posterior transformação, e condena a cópia pela cópia. É possível reconhecer essa tomada de posição em artigos como “Estética oficial”, no qual Lobato afirma que o “artista cresce à medida que se nacionaliza”⁵⁰ e que, para tanto, era preciso que ele se voltasse para o interior do país, pois “O Brasil está no interior, nas serras onde moureja o homem abaçanado pelo sol; nos sertões (...); por esses campos rechinantes de carros de bois (...); nas caatingas estorricadas pela seca”⁵¹. Em contrapartida, recomendava que esse mesmo artista se afastasse do litoral, pois ali estava a porta de entrada de todos os “ismos” que invadiam o país. Cabe lembrar que a partir de 1880 a América Latina passou por um processo de modernização, que se deu nos grandes centros urbanos, nos portos e, como afirma Romero, “em cidades que concentraram e orientaram a produção de alguns produtos

⁴⁸ Lobato, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*, op.cit., p.IX.

⁴⁹ Cavalheiro, Edgard, op.cit. p.154.

⁵⁰ Lobato, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. Obras completas de Monteiro Lobato. São Paulo, Brasiliense, 1967, p.45.

⁵¹ Idem, ibidem, p.49.

muito solicitados no mercado mundial”.⁵² Pelos mesmos portos que escoava-se a mercadoria chegavam enormes contingentes de imigrantes europeus –fato que duplicou ou triplicou a população das cidades– trazendo novos costumes e idéias. O intenso movimento mercantil e populacional acelerou o processo de urbanização e de industrialização dessas cidades, principalmente aquelas que eram capitais e, ao mesmo tempo, portos.

Lobato não era contra inovações (a sua atividade de editor, como veremos, revolucionou a feitura e distribuição de livros no Brasil); o seu temor dizia respeito, isso sim, à mera transposição dos modelos estéticos e movimentos artísticos estrangeiros em detrimento de uma arte nacional. Pode-se detectar aí a origem, por exemplo, da sua crítica à exposição de Anita Malfati, explanada no já famoso e polêmico artigo “Paranóia ou mistificação” (dezembro/1917). No referido texto, como bem notou Enio Passiani⁵³, a crítica de Lobato não era ao talento de Malfatti, uma vez que ele afirmava que “essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. (...) Percebe-se (...) como sua autora é independente, original, como é inventiva (...)”,⁵⁴ mas sim ao estilo por ela utilizado:

Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama de arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura. Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma –caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma idéia cômica, mas sim desnortear, aparvalhar o espectador.⁵⁵

⁵² Romero, José Luis, op. cit., p.247.

⁵³ Passiani, Enio. *Na trilha do Jeca. Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, Edusc, 2003, p.51.

⁵⁴ in *Idéias de Jeca Tatu*. Obras completas de Monteiro Lobato. São Paulo, Brasiliense, 1967, p.61.

⁵⁵ idem ibidem.

A partir deste artigo, como se sabe, Lobato foi taxado de conservador e alijado das rodas literárias e artísticas modernistas. Mas o que se deve ter em mente é que tanto a pintura de Malfatti quanto o texto de Lobato criaram condições para o que seria a Semana de Arte Moderna, que iria ocorrer somente cinco anos depois. Em seus artigos e contos do período, Monteiro Lobato antecipou alguns dos temas que seriam tratados pelo modernismo brasileiro, tais como a valorização da cultura nacional, bem como o uso de uma língua brasileira, coloquial, enxuta. Vale lembrar que somente em 1925 Mário de Andrade, no artigo “Modernismo e Ação”, critica o “caráter imitativo do modernismo brasileiro”⁵⁶ e afirma que “Deixaremos de ser afrancesados, deixaremos de ser aporuguesados, germanizados, não sei que mais, para nos abrasilarmos. Eu tenho orgulho de ser um brasileiro abrasilado”.⁵⁷ Segundo Jorge Schwartz, em “Regionalismo” Mário de Andrade “procura fazer uma distinção entre ‘regionalismo e nacionalismo’, deixando bem claro que o regionalismo é um elemento empobrecedor da arte, e literalmente opondo os dois termos: ‘o regionalismo é uma praga antinacional’”.⁵⁸ Em *Macunaíma*, Mário de Andrade resgatou o folclore, mas desregionalizou-o. É certo que nesta obra ele aproveitou uma referência folclórica (as lendas), mas abordou o tema de maneira diferente daquela realizada por Lobato, pois sua concepção da representação em arte era totalmente distinta da lobatiana. Mário de Andrade pensava a arte como deformação do real. Em “Prefácio interessantíssimo”, ele afirma:

A arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas (...) foram deformadores da natureza. Donde infiro que

⁵⁶ In Schwartz, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Iluminuras/Edusp/Fapesp, 1995, p.467.

⁵⁷ Idem, ibidem.

⁵⁸ Idem, ibidem.

o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural.⁵⁹

Poderíamos dizer que Monteiro Lobato, em sua busca das raízes autenticamente nacionais, em contraposição ao afrancesamento da burguesia brasileira, fez justamente o caminho contrário: enfatizou a cor local. E o fez resgatando uma figura do folclore brasileiro, o saci: um moleque negro, travesso, de uma perna só, com gorro vermelho, “desprezado pelas elites e esquecido pelos estudiosos”.⁶⁰ Lobato pensava a representação em termos de reflexo; a arte devia refletir, espelhar a realidade.

Monteiro Lobato, no artigo “A criação do estilo”,⁶¹ crítica a cópia de modelos europeus então em voga no Brasil, e busca estabelecer a implementação de um estilo próprio brasileiro. Sugere que o Liceu de Artes e Ofícios poderia “influenciar fundamente o gosto popular” produzindo peças “portadoras da infinidade de temas nacionais menosprezados”, ao invés dos faunos e das ninfas que enfeitavam os jardins e parques paulistas. Segundo Lobato, se “possuímos um satirozinho de grande pitoresco, (...) estilizado ao sabor da imaginativa sertaneja: o saci”, não há razão para importarmos “nibelungos alemães, sacis do Reno!...” O Liceu, como instituição de ensino que era, teria condições de influenciar seus estudantes e implementar um estilo nacional e, em suas palavras, de “iniciar a organização do nosso 7 de setembro estético”.⁶²

Em “Ainda o estilo”, Lobato explicita e reafirma sua postura estética, como fica claro no seguinte fragmento:

⁵⁹ “Prefácio interessantíssimo” in Schwartz, Jorge, op.cit. pp.122-123.

⁶⁰ Azevedo, Carmem Lúcia; Carmargos, Márcia; Sachetta, Vladimir. *Monteiro Lobato. Furacão na Botocúndia*. São Paulo, Senac, 1997, p.74.

⁶¹ Lobato, Monteiro. “A criação de estilo” in *Idéias de Jeca Tatu*, op. cit. pp.23-30.

⁶² Idem, ibidem., p.30.

Assim, na obra d'arte, além dos elementos intrínsecos, permanentes, regidos pelas leis eternas das proporções e do equilíbrio, há o estilo que mais não é do que a sua fisionomia inconfundível. Restante da personalidade do artista, representa ele o vinco forte do seu temperamento emotivo.⁶³

Sob seu ponto de vista, as obras de arte deveriam refletir a realidade local, filtrada pelo olhar do artista, que imprimiria à obra sua personalidade, mas sem deixar de respeitar as leis da proporção e do equilíbrio.

Podemos dizer que a estética nacionalista lobatiana pregava, na pintura, o naturalismo e, na literatura, o registro realista do modo de ser e de falar do brasileiro, principalmente o interiorano, resgatando a paisagem local, o coloquialismo e uso de expressões populares.

Foi então esse interesse em valorizar a cultura brasileira, com base na tradição popular, que fez com que, no dia 28 de janeiro de 1917, Lobato comunicasse, na então edição vespertina do jornal *O Estado de S. Paulo* –conhecida como *Estadinho*–, sob o título “Mitologia brasílica”, que a partir daquela data se iniciaria um inquérito sobre o Saci. Todos aqueles que quisessem participar deveriam enviar suas cartas para o jornal respondendo a três perguntas:

1. Sobre a sua concepção pessoal do Saci; como a recebeu na sua infância; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice na sua vida, etc.;
2. Qual a forma atual da crendice na zona em que reside;
3. Que histórias e casos interessantes, “passados ou ouvidos”, sabe a respeito do Saci.⁶⁴

Uma pesquisa nesses moldes, com a participação do cidadão leigo, era algo inédito até então e revela um traço de modernidade de Lobato, ao pensar

⁶³ Lobato, Monteiro. “Ainda o estilo” in *Idéias de Jeca Tatu*, op.cit. p.37.

⁶⁴ Idem, ibidem., p.66

em um público massivo. A enquete foi um sucesso estrondoso e a redação ficou abarrotada de cartas enviadas de Minas Gerais, Rio de Janeiro e de várias regiões paulistas. Tal êxito estimulou Lobato a organizar, meses depois, um concurso de pinturas inspiradas na figura do perneta. Concorreram artistas estrangeiros e, entre os brasileiros, Anita Malfatti, cuja tela –um cavaleiro solitário assombrado pelo Saci– recebeu de Lobato o seguinte comentário: “como todos os quadros do gênero *ismo*, cubismo, futurismo, impressionismo, marinetismo, está *hors concours*”.⁶⁵ O vencedor foi Roberto Cipicchia, com uma tela nos moldes acadêmicos. Sobre a obra, Lobato afirmou: “O premiado compareceu com uma interpretação romântica muito sensata e harmoniosa, notável pelo movimento que imprime à cena da cavalhada em fuga, dentro da noite, cavalgada por um saci”.⁶⁶ É preciso ressaltar que a noção lobatiana de arte estava ligada à concepção da representação realista-naturalista; para ele, o artista deveria reproduzir o que via “com fidelidade de miniaturista”.⁶⁷ Portanto, de acordo com estes parâmetros, ele não poderia admirar a pintura de Anita Malfatti. Posteriormente, os trabalhos foram reunidos numa mostra.⁶⁸

O tema do moleque de uma perna só também foi desenvolvido no artigo “Saci”, compilado em *Idéias de Jeca Tatu*. Nele, Lobato descreve os hábitos do perneta “Abundante à noite como o morcego, nunca se deixa pilhar de dia (...) o moleque de carapuça vermelha sabe como ninguém o segredo de invisibilizar-se”,⁶⁹ relata suas travessuras como, por exemplo, trançar a crina dos cavalos, emaranhar a linha dos novelos, esconder “roletes de fumo”. O

⁶⁵ Idem, *ibidem.*, p.71

⁶⁶ Idem, *ibidem.*

⁶⁷ Lobato, Monteiro. “Arte brasileira”, in *Idéias de Jeca Tatu*, op.cit., p.191.

⁶⁸ Essa mostra recebeu uma nota da seção “Resenha do mez”, da *Revista do Brasil*: “A exposição do Sacy”, ML. Produtos de um concurso conseqüente a um inquérito que está na memória de todos, estiveram expostos ao público vários quadros e esculturas onde, pela primeira vez na terra natal do Sacy, foi o Sacy guindado às regiões da arte (...). in *Revista do Brasil*, novembro/1917, nº23, ano II, p.403. Coleção IEB.

⁶⁹ Lobato, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*, op.cit., p.164.

texto segue, discorrendo sobre as crendices dos sertanejos para espantar o Saci e Lobato conclui que, apesar de algumas variantes em torno da descrição do saci, a sua atitude em resgatar a lenda do perneta foi de encontro à memória do público, pois, “a curiosidade despertada pelo inquérito do ‘Estadinho’ denota como está generalizada entre nós a crendice. (...) Convidados agora para falar sobre o duendezinho, todos impregnam seus depoimentos da nota pessoal das coisas vividas na infância. Referem-se a ele como um velho conhecido (...)”.⁷⁰ Alguns anos depois o personagem foi retomado no livro *O Saci* (1921), dirigido ao público infantil.

Entusiasmado com a enorme repercussão em torno do assunto, Monteiro Lobato decidiu então publicar o resultado de sua pesquisa sob a forma de livro (*O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*), do qual cuidou do prólogo, notas, epílogo, sem, no entanto, assiná-lo. A explicação para o anonimato encontra-se no prefácio:

Para ventilar uma criação puramente subjetiva como esta do Sacy a forma do inquérito é a mais razoável. Evita que um só sujeito tome conta do assunto, e imponha a sua idéia em estiradas considerações eruditas, onde o que mais procura não é revelar o Sacy, senão pavonear a si próprio com grande riqueza de pronomes bem colocados. Assim, em inquérito, todos falam, o estilo varia, o pitoresco aumenta; e concorrem sobretudo os não profissionais das letras.⁷¹

A contraposição do erudito e do popular expressa na idéia de que a forma de inquérito é a mais razoável por possibilitar que “não profissionais de letras” emitam sua opinião, é um traço moderno em Monteiro Lobato, na medida que significa uma possibilidade de democratização do saber.

⁷⁰ Idem, *ibidem.*, p.168.

⁷¹ in *O Sacy-Pererê. Resultado de um inquérito*. Edição fac-similar. Fundação Banco do Brasil/Odebrecht, 1998, p.7.

Lançada em janeiro de 1918, a publicação foi paga por Lobato e impressa nas oficinas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Além da enquete, o livro trazia também a reprodução de algumas das pinturas e esculturas apresentadas no concurso (evidentemente, a tela de Anita Malfatti não foi contemplada) e foi um enorme sucesso de vendas: a primeira edição teve uma tiragem de 5.300 exemplares⁷², o que levou a uma segunda, apenas dois meses depois. Uma vez mais, a *Revista do Brasil* noticiou o trabalho do seu colaborador, na seção “Bibliographia”:

. Monteiro Lobato. *O Sacy Pererê*

O sr. Monteiro Lobato reuniu em volume, acolchetando-lhes alguns comentários deliciosos e emparedando-os entre um prólogo e um epílogo refulgentes de graça, os depoimentos que a propósito do Sacy Pererê obteve num inquérito aberto há tempos, na edição noturna do *Estado de S. Paulo*. Os leitores da *Revista do Brasil* dispensam, naturalmente, que lhes digamos quem é, como escritor, o sr. Monteiro Lobato: raro será o número desta *Revista* em que a sua fantasia, ora alacre, ora trágica e a sua observação, sempre aguda e quase sempre risonha, não encantem e divirtam os leitores.⁷³

O editor Monteiro Lobato

O sucesso das vendas de *O Sacy-Pererê* estimulou Lobato a considerar uma velha idéia: a possibilidade de se tornar editor. A oportunidade chegou quando, convidado para dirigir a *Revista do Brasil* –que, apesar do prestígio alcançado, nunca tivera uma situação financeira estável, tendo esta se agravado em princípios de 1918–, propôs a compra do periódico, pois, segundo ele próprio “sou um burrinho muito rebelde e chucro para ter patrão (...)”⁷⁴. A venda da fazenda Buquira lhe proporcionou o capital necessário

⁷² Cavalheiro, Edgard, op.cit., p.153.

⁷³ *Revista do Brasil*, fevereiro/1918, nº26, ano III, p.170. Coleção IEB.

⁷⁴ *A Barca de Gleyre*, vol.II, p.169.

para o investimento. Assim, em junho de 1918, a revista comunicava a transferência de propriedade:

A Sociedade Anonyma “Revista do Brasil” transferiu a 3 do corrente por escritura pública, ao Sr. Monteiro Lobato, a propriedade desta publicação, transferência autorizada pelos acionistas em assembléia extraordinária realizada no dia 20 de maio.

(...)

Na mesma assembléia foi proposto e aprovado unanimemente um voto de agradecimento e louvor aos srs. Drs. L. P. Barreto, Julio de Mesquita e Alfredo Pujol, antigos diretores da Revista, e também ao jornal *O Estado de S. Paulo*, pelos relevantes serviços prestados a esta publicação.⁷⁵

Uma das primeiras providências de Lobato como diretor da revista foi fazer uma intensa campanha em busca de assinantes a fim de torná-los fiéis consumidores. Para tanto, o periódico passou a trazer um cupom promocional que dava direito a uma assinatura grátis a todos aqueles que conseguissem quatro novos assinantes.

Uma vez que nessa época o número de livrarias era muito escasso, chegando a pouco mais de trinta em todo o país, Lobato modificou totalmente o sistema de distribuição: numa atitude inovadora, enviou uma circular a todos os agentes dos correios solicitando o endereço de bazares, padarias, farmácias, ou seja, qualquer estabelecimento que pudesse vender seus produtos. A eles enviava as obras em consignação, pagando 30% sobre o preço de cada exemplar vendido e aceitava-os de volta em caso de encalhe. São os seguintes os termos da circular:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais cousas vender, maior será o seu lucro. Quer vender também uma coisa chamada ‘livros’? Vossa Senhoria não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro; batata, querosene ou bacalhau. É uma mercadoria que não precisa examinar nem saber se é boa nem vir a esta escolher. O conteúdo não interessa a

⁷⁵ *Revista do Brasil*, junho/1918, nº30, ano III, pp.215-216. Coleção IEB.

V. S. , e sim ao seu cliente, o qual dele tomará conhecimento através das nossas explicações nos catálogos, prefácios etc. E como V. S. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais ‘livros’, terá uma comissão de 30pc.; se não vendê-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa.⁷⁶

De acordo com Hallewell, esse sistema “proporcionou a Lobato uma rede de quase dois mil distribuidores espalhados pelo Brasil —em todo tipo de loja de varejo, de farmácias a padarias: ‘os únicos lugares em que não vendi foi nos açougues, por temor de que os livros ficassem sujos de sangue’ ”⁷⁷

Outro expediente de que o editor Lobato se valeu para acelerar a divulgação e distribuição da revista foi a criação do cargo de diretor estadual, convidando pessoas de renome no meio literário de então para exercê-lo: José Maria Bello (RJ), J. A. Nogueira (MG), Mário Sette (PE), Antonio Salles (CE), João Pinto da Silva (RS), J. de Aguiar Costa Pinto (BA), Seraphim França (PR), Alcides Bezerra (PB), Henrique Castriciano (RN), João Batista de Faria e Souza (AM).⁷⁸ Como se pode notar, havia representantes em cada uma das regiões do país e os escritores acabavam atuando como verdadeiros garotos-propaganda da *Revista do Brasil*.

No que se refere à estrutura, a *Revista do Brasil* manteve-se praticamente a mesma de quando foi criada, muito provavelmente, sugere Tânia de Luca, como “tática para demonstrar que o periódico continuava fiel ao padrão de excelência que lhe havia garantido renome nos círculos cultos”.⁷⁹ O índice era apresentado sempre na capa; a seguir o editorial, os ensaios,

⁷⁶ Hallewell, Laurence. *O livro no Brasil*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, T. A. Queiroz/Edusp, 1985, p.245.

⁷⁷ Idem, ibidem..

⁷⁸ Cf. De Luca, Tânia, op. cit., p.67.

⁷⁹ Idem, ibidem., p.66.

sempre algum conto ou poema. Por fim, vinham as sessões, como “Debates e Pesquisas”, “Notas do Exterior” e as principais delas que eram a “Resenha do Mês” e a ‘Bibliografia’. A “Resenha do Mês” traçava um amplo panorama do movimento cultural e artístico; a sessão “Bibliografia” resenhava os lançamentos editoriais das mais variadas áreas do conhecimento. As alterações realizadas foram no sentido de tornar a revista mais leve, com o aumento do espaço dedicado aos contos e poemas, a inserção de fotos de pinturas e gravuras e a galeria do editados, com fotos de alguns colaboradores o que, também, ajudava a divulgar as obras e a firmar o nome dos autores.

A publicidade se manteve e aos anúncios de escritórios de advocacia, casas de comércio em geral, somaram-se os de livros de autoria de Lobato bem como de autores publicados pelas editoras que foi fundando ao longo dos anos. Já no primeiro número sob sua direção, é possível encontrar dois livros de sua autoria, seguidos dos preços e do endereço da editora para os pedidos :

De acordo com o seu programa, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o início de uma série, na qual serão dados à publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras científicas, etc., que constituirão no correr do tempo uma biblioteca brasileira e sob todos os pontos de vista, notável.

URUPÊS. Contos por Monteiro Lobato. Livro de mais de duzentas páginas, ótimo papel, ilustrado com desenho a pena, capa de Watsh Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os faroleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó!Pan! O meu conto de Maupassant, Police verso, O mata-pau, Bocatorta. O comprador de fazendas, Um suplício moderno, O estigma, Urupês.

SACY-PERERÊ. Resultado de um inquérito. Um grosso volume, com muitas ilustrações.⁸⁰

⁸⁰ *Revista do Brasil*, junho/1918, nº30, ano III, p.221. Coleção IEB.

Como um dos grandes expoentes da corrente regionalista, Lobato ampliou o espaço dado aos escritores ligados a esta estética, seja porque fossem colaboradores da revista seja por tratar-se de autores de sua casa editorial. Nesse sentido, as sessões “Resenha do Mês” e “Bibliografia” foram verdadeiras vitrines na divulgação tanto de sua própria obra quanto a dos autores por ele publicados: os livros encabeçavam, estrategicamente, as resenhas ou a lista bibliográfica. A transcrição de comentários publicados pela imprensa, sempre em tom elogioso, era outro recurso utilizado pelo editor Lobato⁸¹, além da divulgação na seção “livros recebidos” e na contracapa.

Dado que a revista alcançava vários pontos do país, começaram a chegar à redação inúmeras ofertas de originais, tanto de autores notórios como de ilustres desconhecidos, atesta Léo Vaz (escritor, coordenador, organizador e revisor do periódico).⁸² Lobato lia o material e, encontrando algo que lhe parecesse editorialmente interessante, passava-o a um amigo para que desse um parecer. Assim, ao mesmo tempo em que recebia a colaboração de autores consagrados, a *Revista* divulgava a produção de novos escritores ou daqueles que não fossem conhecidos em âmbito nacional. Como afirma Starobinas, essa era uma atitude “inovadora e de grande importância, visto a escassez de publicações do mesmo caráter e a dificuldade de penetrar nos tradicionais meios literários”.⁸³ Além disso, Lobato aproveitava para inserir seus próprios contos. Este era, em suas palavras, um bom modo de divulgação e teste dos seus escritos: “(...) Ponho-os na *Revista do Brasil* e depois dou-os em livro – o bom sistema.”⁸⁴

⁸¹ Koshiyama, Alice. *Monteiro Lobato. Intelectual, empresário, editor*. São Paulo, Edusp, 2006, p.73.

⁸² Vaz, Léo. *Páginas vazias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957, p.78

⁸³ Starobinas, Lílian. “O caleidoscópio da modernização: discutindo a atuação de Monteiro Lobato”. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1992, p.49.

⁸⁴ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo, Brasiliense, 2º vol, p.252.

A redação da *Revista do Brasil* – inicialmente na rua Boa Vista, depois na rua dos Gusmões – tornou-se, ademais, um ponto de encontro de escritores, jornalistas, artistas, poetas, pensadores. Ainda segundo Léo Vaz, “o expediente da *Revista* só vigorava mesmo, e produzia o que lhe era indispensável, no período da manhã (...). À tarde a *Revista* virava um clube ou tertúlia, onde compareciam, cavaqueavam, discutiam ou tiravam furtivas sonecas os mais variados, heterogêneos e desencontrados intelectuais (...)”.⁸⁵ Ali se discutia política, literatura, filosofia, contava-se piadas, jogava-se xadrez.

Com as inovações mercadológicas implementadas por Lobato o mensário aumentou seu número de leitores e assinantes e, conseqüentemente, passou a ter um balanço financeiro positivo, possibilitando então a realização de outro velho projeto, explicitado em carta ao amigo Rangel: “Tenho esperanças de que desta brincadeira da *Revista do Brasil* me saia uma boa casa editora. Pena morarmos num país em que o analfabetismo cresce. Cresce com o aumento da população...”.⁸⁶ Ele sempre teve a firme convicção de que as artes de uma forma geral e os livros, em particular, deveriam atingir o maior público possível; seria através da leitura que o país poderia avançar culturalmente.

De fato, em 1918 fundou sua primeira editora, a “Empresa Editora Revista do Brasil”, aproveitando para divulgar sua obra de escritor. Até 1920, os escritores novatos pagavam as edições do próprio bolso; os poucos editores existentes eram ligados às casas estrangeiras como a Garnier, a Laemmert, a Francisco Alves e só publicavam autores já consagrados. Muitas vezes, os livros eram impressos em Lisboa e Paris ou em casas de obras, como se dizia,

⁸⁵ Vaz, Léo, op. cit., pp.78-79.

⁸⁶ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, vol. 2, p.186.

“onde se imprimia de tudo – até livros”.⁸⁷ Lobato tornou-se, como afirma Koshiyama, “empresário de sua produção intelectual”.⁸⁸

Como relata Edgard Cavalheiro,⁸⁹ a editora funcionava na mesma sala da redação da revista e com o mesmo corpo editorial. E o primeiro livro publicado foi *Urupês* (1918), reunião de alguns contos engavetados e outros já publicados tanto em *O Estado de S. Paulo* quanto na *Revista do Brasil* acrescidos, numa jogada de marketing, dos famosos “Velha Praga” e “Urupês”; este último, por sugestão de Artur Neiva (chefe do Serviço Sanitário do Estado e amigo de Lobato) acabou dando título ao volume, ao invés do originalmente pensado, *Dez mortes trágicas*. O livro foi impresso na seção de obras de *O Estado de S. Paulo* e trazia, na primeira edição, ilustrações do próprio autor.

O sistema de distribuição implantado na *Revista do Brasil* possibilitou que o livro chegasse aos mais recônditos cantos do país. Para se ter uma idéia, foi no interior do Rio Grande do Sul, onde vivia, que Érico Veríssimo tornou-se leitor de *Urupês*, *Cidades Mortas* bem como da *Revista do Brasil*.⁹⁰ Em carta a Rangel, Lobato explicava: “O nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde ele está, como o caçador. Perseguimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis leitores desta terra. Não nos limitamos às capitais, como os velhos editores. Afundamos por quanta biboca existe”.⁹¹ A ousadia do sistema implementado por Lobato causou indignação, numa época em que o livro era tratado como objeto de culto. Mas Lobato, numa atitude moderna, tratou o livro como uma mercadoria, assumindo uma posição dessacralizadora da arte.

⁸⁷ Koshiyama, Alice, op.cit. p.76.

⁸⁸ Idem, ibidem, p.67.

⁸⁹ op.cit, vol. 1, p.195.

⁹⁰ Cf. Koshiyama, op. cit., p.79.

⁹¹ Lobato, Monteiro, *A Barca de Gleyre*, vol.2, p.239.

Como resultado dessa estratégia, a 1ª edição de *Urupês*, de mil exemplares, esgotou-se em um mês; e, em julho de 1919 já alcançava a sua 5ª edição, um fenômeno inédito até então no circuito editorial brasileiro. O livro também recebeu um importante impulso: Rui Barbosa, então em campanha eleitoral, proferiu um discurso, em 1919, usando a figura do Jeca Tatu como exemplo da questão social no país, o que acabou por impulsionar ainda mais a venda do livro e legitimar a posição de Lobato no campo cultural brasileiro:

Conheceis, porventura, o Jeca Tatu do *Urupês* de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista? Tivestes algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquele tipo de uma raça que ‘entre as formadoras da nossa nacionalidade’, se perpetua, ‘a vegetar de cócoras, incapaz de evolução e impenetrável ao progresso’?⁹²

Consciente desse impulso, com ironia Lobato chegou a comentar em carta que o discurso “foi um pé de vento que deu nos *Urupês*. Não ficou um para remédio, dos 7000! (...) O livro assanhou a taba – e agora, com o discurso do Cacique-Mór, vai subir que nem foguete”.⁹³

A maior parte dos dez contos de *Urupês* é marcada pela tragédia e o pano de fundo é o meio rural, com exceção apenas de dois deles: “Os faroleiros”, ambientado numa cidade do litoral e “O engraçado arrependido”, que se passa numa cidade grande. *Urupês* representou uma inovação nas letras brasileiras, na medida em que sua linguagem –assim como a dos demais livros do autor- é caracterizada pela oralidade, coloquialismos típicos da fala popular, expressões regionais, uso de onomatopéias e neologismos. São recursos que ao mesmo tempo em que dão mais agilidade ao texto e

⁹² Campos, André Luiz Vieira de. Op. cit, p.17.

⁹³ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, Vol. 2, p.194.

aproximam o público da obra, marcam um rompimento com a linguagem rebuscada e parnasiana então em vigor.

Da mesma forma que utilizava escritores como agentes regionais da *Revista do Brasil*, Lobato convidava autores de renome –exatamente os medalhões de quem afirmava não ter interesse em publicar– para escrever prefácios de livros de autores novatos de sua editora, como uma forma de legitimá-los. Na realidade, era uma via de mão dupla: os autores se sentiam valorizados ao associar-se à “marca Lobato” e este se valia do prestígio destes escritores consagrados para divulgar novos nomes e colocar a mercadoria livro ao alcance do grande público.

A Empresa Editora Revista do Brasil manteve suas atividades durante um ano e em 1919 foi substituída pela Olegário Ribeiro, Lobato & Cia, de curta duração e, em 1920, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira surgiria a Monteiro Lobato & Cia, que rapidamente tornou-se a editora mais importante do país, assegurando a Lobato uma posição de destaque no campo literário brasileiro. Para demonstrar em termos numéricos basta dizer que no início de 1920 “a firma vendia em média quatro mil livros por mês, e em 1921 publicava uma nova edição a cada semana”.⁹⁴ Em 1924, Lobato ousou um pouco mais: instalou oficinas próprias, com máquinas modernas, e a editora passou a se chamar Companhia Gráfica Monteiro Lobato. No entanto, neste mesmo ano, a revolução tenentista em São Paulo, uma longa estiagem que provocou um racionamento de energia elétrica e a política econômica restritiva aos créditos acabaram por acarretar a falência da editora. Nada que desestimulasse Lobato. Em 1925, em sociedade com o mesmo Octalles Marcondes, fundou a Companhia Editora Nacional que, mesmo com a posterior saída de Lobato, teve vida longa.

⁹⁴ Hallewell, op.cit., p.253.

Durante os anos de 1920 Lobato pouco escreveu; os livros de sua autoria publicados foram, em sua maioria, compilações de escritos antigos, da época de estudante e de promotor –exceção feita a *A menina do narizinho arrebitado* (1921), obra que daria início à sua literatura para crianças–. Durante esse período dedicou-se mais à atividade editorial (além de reorganizar as sucessivas edições de suas obras) e, como afirma Marisa Lajolo, ele tinha plena “consciência da diversidade de interesses e de posições entre o escritor e o editor, isto é, entre o produtor de textos e o empresário de livros”.⁹⁵ A carta escrita a Rangel, em 30/5/1921, demonstra o quanto Lobato estava ciente do abandono de sua atividade de escritor: “A minha obra, Rangel, está cada vez mais prejudicada pelo comércio”.⁹⁶ Fica clara também, a visão capitalista, de negócio, que Lobato tinha a respeito da atividade editorial. Ele costumava definir sua editora como uma leiteria e, ele, como um “tirador de leite dos escritores” e referia-se assim também em relação aos seus próprios escritos. Ainda segundo Lajolo, estas são “metáforas a que permanecerá fiel pelo resto da vida. É uma linguagem na qual os livros filtram-se em imagens de produção, de lucro, de ganho.”⁹⁷

Exatamente por ter essa visão capitalista, enquanto editor Monteiro Lobato buscava publicar livros que considerava vendáveis, sempre procurando tornar o seu produto algo sedutor e palatável para o leitor. Assim, recomendava aos escritores que dessem títulos atraentes aos capítulos, ao invés de simplesmente numerá-los, coisa que considerava anticomercial; outras vezes, pedia que encurtassem um conto, tornando-o mais ágil. Lobato não queria afugentar o leitor; assim, procurava oferecer-lhe o que ele queria ler. Estes fragmentos de cartas a Rangel ilustram bem esta sua prática:

⁹⁵ Lajolo, Marisa. Op.cit., p.38.

⁹⁶ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, op. cit, vol. 2, p.231.

⁹⁷ Lajolo, Marisa, op.cit, p.39.

Recebi *Vida Ociosa*. Parece-me aconselhável trocar a simples numeração dos capítulos, coisa anti-comercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima. Acho horrivelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil o que em cada capítulo tem um titulozinho tentador. Como faz Mestre Machado. O do Leo Vaz também é assim. Tudo que nos livros predispõe bem o público leitor e comprador é agradável a Deus.

Se puder meter a tesoura neste conto e reduzi-lo a dois, seria ótimo.

Recebi carta e clamores Vãos. Irra! Será verdade todo aquele furor uterino. Mas, Rangel, onde ficam as minhas leitoras puritanas? Onde fica a honesta pruderie da Revista do Brasil, essa vestal? Se te publico (...), decaio e decai a revista no conceito dos seus 3 mil assinantes envergonhadíssimos –gente que só faz as coisas atrás da porta. E este meu rebanho é precioso. Tenho que evitar estouros de boiada. Mandem-me coisa moral, com casamento no fim e o dedo de Deus.⁹⁸

Os textos de sua autoria sofriam o mesmo processo; muitos dos contos publicados na *Revista do Brasil* eram enxugados ao migrarem para os livros; títulos eram alterados. Cito, a título de exemplo, dois casos: “Faroleiros”, que integra *Urupês*, foi originalmente publicado na *Revista do Brasil* em agosto de 1917 sob o título de “Cavalleria rusticana”; “O engraçado arrependido”, ao sair no periódico, em abril de 1917, tinha o título de “A gargalhada do coletor”. As sucessivas edições de seus livros também suscitavam alterações, com supressões de textos ou parágrafos, outras vezes acréscimos, no sentido de tornar o texto mais ágil, desenvolver melhor uma idéia ou mesmo alterá-la completamente. Tais procedimentos eram coerentes com a sua postura de encarar a literatura como mercadoria; assim, não Lobato tinha pudores em alterar seu produto a fim de torná-lo agradável ao público.

⁹⁸ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, op.cit. vol II. Respectivamente: p.189; p. 191; p.194.

Se do ponto de vista estético Lobato tinha certa resistência às formas experimentais –na medida em que sua concepção literária é marcada pela legibilidade, a fim de alcançar o grande público–, como empresário foi um progressista. As inovações que implementou modernizaram o modo de fazer livro no Brasil criando, assim, as bases para o mercado editorial nacional: o sistema de distribuição, a propaganda –fazendo o elo entre o objeto livro e o consumidor final–, a publicação de autores novos, a criação de capas coloridas e com ilustração de conhecidos artistas do momento, como Voltolino, J. Wasth Rodrigues, Di Cavalcanti; a criação de um parque gráfico. Outro diferencial é o fato de que Lobato pagava muito bem aos autores – 10% dos direitos autorais, e não poucas vezes essa porcentagem podia ser maior - e, freqüentemente, antes da publicação,⁹⁹ num mercado em que ou não se pagava ou este valor era irrisório.

Os livros eram lançados em três versões: uma popular, com papel jornal; uma em brochura, com papel de melhor qualidade; e uma de luxo, com capa dura. Por um lado isso demonstra, uma vez mais, uma preocupação com a democratização do acesso à cultura, ao fazer edições populares e, por outro, tino comercial, ao ampliar as possibilidades de lucro de sua empresa.

De acordo com André Luiz Vieira de Campos, “como diretor a *Revista do Brasil* e proprietário da Monteiro Lobato & Cia Editora, Lobato controlava duas importantes instâncias de consagração cultural”.¹⁰⁰ Assim, ser publicado sob sua chancela era prestígio na certa. A lista de autores é extensa e a maioria dos intelectuais da época ali figuravam. Entre eles, podemos citar: em literatura, Léo Vaz, Paulo Setúbal, Ribeiro Couto, Alphonsus Guimarães, Vicente de Carvalho, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto, Valdomiro Silveira,

⁹⁹ Cf. Hallewell, op. cit., p.247.

¹⁰⁰ op.cit p.45.

Godofredo Rangel, Humberto de Campos, Cornélio Pires, Hilário Tácito, Oswald de Andrade, Lima Barreto, Júlio Ribeiro, Rosalina Coelho Lisboa, Visconde de Taunay, Afonso Schmidt, Coelho Neto, Manuel Antônio de Almeida, Mário Sette, Manuel Galvez; em filologia, João Ribeiro, Assis Cintra e Agenor Silveira; em sociologia, livros de Oliveira Viana, Sampaio dias e José Ingenieros; ensaios e estudos de Graça Aranha, Nestor Vitor, Martim Francisco, Alcides Maia, Miguel Osório de Almeida, Gilberto Amado, Amadeu Amaral, Sud Mennucci; e ainda havia livros técnicos, de medicina, veterinária, contabilidade, História, política, ocultismo, didáticos.¹⁰¹ Como se nota, o catálogo era bem diversificado, tanto no que dizia respeito aos autores quanto aos temas abordados.

Já um escritor e editor de renome, Lobato começou a pensar em expandir seus negócios e lançar-se no mercado editorial hispano-americano; a porta de entrada seria a Argentina que, na época, era vista como modelo de país latino-americano desenvolvido. E o prestígio da *Revista do Brasil* possibilitou-o promover, em suas páginas, um intenso intercâmbio cultural com o país vizinho, publicando artigos de e sobre autores argentinos, a maioria ligada ainda às estéticas dominantes do final do século XIX. O intercâmbio se estendeu à sua editora e “em 1922, a Monteiro Lobato & Cia já havia publicado vinte obras argentinas”.¹⁰² A pergunta que se coloca é: com quem Monteiro Lobato tinha afinidades intelectuais no campo cultural argentino?

¹⁰¹ Cf. Cavalheiro, Edgard, op.cit., vol.1, p.200.

¹⁰² Teresinha Aparecida. “A produção e o consumo da prosa de ficção de São Paulo (1900-1920)”, p.506 *apud* Landers, Vasda Bonafini . *De Jeca a Macunaima*, op.cit, p.91.

CAPÍTULO 2

A *Revista do Brasil* e os escritores rio-platenses: Manuel Gálvez, Horacio Quiroga e José Ingenieros

O vínculo de Monteiro Lobato com escritores, editores e tradutores argentinos teve início em fins da década de 1910 quando, estando na direção da *Revista do Brasil*, promoveu um importante intercâmbio entre o campo intelectual brasileiro e o argentino. A partir de 1925, essa ligação, já desvinculada da *Revista*, prosseguiu por meio de cartas, da edição de suas obras em espanhol e continuou até 1948, ano de sua morte.

Como já exposto na introdução deste trabalho, o intercâmbio se deu principalmente com escritores ligados às estéticas do final do século XIX. Na Buenos Aires de fim de século várias estéticas e tendências filosóficas convivem ao mesmo tempo, como o romantismo, o realismo, o simbolismo, o positivismo. Apenas os casos de Manuel Gálvez, Horacio Quiroga e Ingenieros serão analisados mais detidamente, pois foram os que tiveram maiores e mais significativas aparições na *Revista do Brasil*, além de terem se correspondido com Lobato, especialmente Gálvez e Quiroga.

Serão levantados aqui alguns pontos a respeito do porquê da exclusão dos vanguardistas como, por exemplo, Girondo, Borges, que nesses anos estavam em plena atividade. É bem verdade que desde os primeiros números, em 1916 e ao longo de 1917, a *Revista do Brasil* já anunciava o recebimento de publicações argentinas (além de francesas, portuguesas, espanholas e italianas), em especial a *Revista de Filosofia*, dirigida por José Ingenieros, mas foi na gestão de Lobato que o diálogo realmente se intensificou e prosperou.

Nestas primeiras décadas do século XX, como informa Gustavo Sorá,¹⁰³ São Paulo e Rio de Janeiro abrigavam livrarias especializadas na venda de livros em espanhol. Certamente nelas Lobato iniciou o seu contato com a produção cultural portenha: “Recrescentemente avultam nos balcões livros argentinos. Ingenieros chegou já a popularizar-se no Brasil, par a par com os mais conspícuos mestres do pensamento europeu. Não existe biblioteca que se preze onde não figure, pelo menos, o seu *Homem Medíocre* ou a *Simulação na luta pela vida*”.¹⁰⁴

O conhecimento de Lobato acerca da produção literária argentina fica claro no aviso inserido logo nas primeiras páginas da *Revista do Brasil*, poucos meses depois de tê-la adquirido, revelando uma clara percepção de mercado literário:

AOS LEITORES

Há um ponto em que a superioridade da Argentina sobre o Brasil é indiscutível: nas suas revistas. Tem-nas ótimas, prósperas e em melhoria crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuímos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua colaboração, pela sua independência, a “Revista do Brasil” está destinada a ocupar esse lugar. Indica-o a entrada crescente de assinantes novos, cerca de 200 por mês, de Julho para cá. É muito, dado o marasmo em que sempre viveram entre nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objetivo que temos em mira: dotar o país de uma revista que marque época. Para consegui-lo nenhum auxílio mais precioso do que o prestado pelos seus próprios assinantes. São eles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portando, propagá-la com maior eficácia. Foi tendo em vista esta circunstância que nos lembramos de pedir aos nossos assinantes, em circular, o inestimável auxílio duma simpatia ativa, e que hoje voltamos ao assunto.

[segue ficha para preencher com nome, endereço, etc.]¹⁰⁵

¹⁰³ Sorá, Gustavo. *Traducir el Brasil*. Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003, p.102.

¹⁰⁴ Lobato, Monteiro. “Um romancista argentino” in *Idéias de Jeca Tatu*, p.205.

¹⁰⁵ *Revista do Brasil*, outubro/1918, nº34, ano III, vol.IX, s.p. Coleção IEB.

Cabe observar que durante as décadas de 1910 e 1920, havia em São Paulo um grande número de revistas ilustradas, que mesclavam cultura e entretenimento, praticando o modelo “sorriso da sociedade”; tais revistas possuíam um campo de circulação relativamente grande e dentre elas podemos citar duas principais: *A Cigarra* (1914-1930), publicação quinzenal fundada por Gelásio Pimenta, apresentava artigos de opinião, notícias, literatura (nessa área, a revista contou ao longo de sua existência com colaboradores como Olavo Bilac, Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato, Vicente de Carvalho, entre outros), curiosidades científicas e históricas e, segundo Ana Luiza Martins, “o padrão gráfico e de conteúdo imprimido por Gelásio Pimenta à *Cigarra* transformou-a numa das mais competitivas revistas do mercado, distribuída para todo o País”¹⁰⁶; *O Pirralho* (1911-1918), fundada por Oswald de Andrade, apresentava seções que iam desde a crônica “mundana” a comentários políticos e sobre aspectos da vida artística e cultural da cidade, sempre com um forte tom humorístico e irreverente. Pouco mais de um ano depois de lançada a *Revista do Brasil*, em junho de 1917 surgiria a revista *Panoplia. Mensário de Arte, Ciência e Literatura* (1917-1919), sob a direção de Pedreira Duprat e Cassiano Ricardo. Segundo Ana Luiza Martins, “a revista se apresentava como de arte, apolítica, não se vinculando a grupo literário, muito menos a grupo jornalístico”.¹⁰⁷ Tudo levaria a crer que se tornaria uma forte concorrente da *Revista do Brasil*; entretanto, ainda segundo Martins, “a heterogeneidade de seu corpo redator, talvez a imaturidade de seus diretores, não lhe conferiram alcance maior no período, salvo o embevecimento suscitado pelo seu padrão gráfico. Não conflitou-se, pois, com

¹⁰⁶ Martins, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001, p.533.

¹⁰⁷ Idem, *ibidem.*, p.540.

a sólida *Revista do Brasil*, que seguiu seu curso deixando rastros de toda ordem”.¹⁰⁸

Assim, o referido aviso inserido na *Revista do Brasil* foi, por um lado, uma forma de procurar assegurar o seu lugar no campo cultural e estabelecê-la como uma referência e, por outro, constituiu parte da estratégia para torná-la rentável, sem qualquer tipo de subterfúgio, ao pedir diretamente aos leitores que a assinassem. Tal estratégia resultou positiva e a *Revista do Brasil* viveu um período de expansão. Foi exatamente neste momento, de acordo com Patrícia Artundo,¹⁰⁹ que Lobato entrou em contato com o escritor e editor argentino Manuel Gálvez (1882-1962) que, em 1916, havia criado a “Cooperativa Editorial de Buenos Aires”.

No intercâmbio estabelecido com escritores argentinos é possível identificar muitas facetas de Lobato como mediador cultural: ora atuava como editor, escolhendo que obras publicar e analisando a melhor maneira de inseri-las no mercado; ora atuava como autor, que pretendia lançar-se no mercado editorial argentino; ora como leitor, pedindo indicações de leituras aos seus interlocutores argentinos.

O vínculo com a Argentina é evidenciado na *Revista do Brasil* por meio de diferentes manifestações: artigos, resenhas, cartas e discursos, publicados em sua maioria nas seções “Bibliographia” e “Resenha do mez”. Outras vezes as obras eram apenas citadas na seção “Recebemos mais” para, eventualmente, serem resenhadas em números posteriores. Nem sempre os artigos eram assinados, mas uma característica era comum a todos: o tom elogioso e o entusiasmo com o intercâmbio cultural.

¹⁰⁸ Idem, *ibidem.*, p.542.

¹⁰⁹ Artundo, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina. Um país e sua produção cultural como espaço e reflexão*. Trad. Gênese Andrade. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2004, p.41.

A "Cooperativa Editorial de Buenos Aires"

Assim como no Brasil, na Argentina do começo do século XX as edições eram pagas pelos próprios autores e, na maioria das vezes, os livros eram impressos por grandes casas européias, como a Garnier, Maucci, Bouret. A ampliação do público leitor, fruto de um projeto de alfabetização massivo coincidiu, de acordo com Gabriela S. Pellegrino, “com a formação de um campo intelectual e literário autônomo, integrado por escritores profissionais, instâncias para o exercício da crítica literária, empresas editoriais de peso”;¹¹⁰ começaram então a despontar alguns projetos editoriais para atender à demanda de uma massa de novos leitores, marcadamente urbanos.

Um importante projeto foi a "Biblioteca de La Nación" (1901-1920), editada pelo jornal "La Nación", por iniciativa de Emilio Mitre e sob direção de Roberto Payró. O projeto se propunha a produzir edições bem cuidadas, em boas traduções de clássicos antes só disponíveis em francês, a um preço reduzido (cerca de 0,40 centavos) –o que significou uma democratização ao acesso à cultura– e a valorizar a literatura nacional. O catálogo da "Biblioteca" era composto por obras consagradas da literatura universal, bem como por folhetins de amor e aventura. A coleção era semanal e as edições, de cerca de 200 páginas, incluíam um prólogo. Como forma de divulgação, o jornal se encarregava de anunciar em suas páginas os próximos números a serem lançados, além de publicar artigos comentando os anteriores.

A "Biblioteca", nas palavras de Pellegrino, “tendia a combinar a idéia de missão cultural e de organização do saber com a preocupação em vender o que era editado, selecionando o material de acordo com os interesses que se percebia e se queria promover junto aos potenciais leitores”.¹¹¹ E foi um grande êxito entre a classe média urbana, que agora podia ter acesso às últimas

¹¹⁰ Pellegrino, Gabriela Soares. Op.cit, p.45.

¹¹¹ Idem, ibidem, p.47.

“novidades” européias. Ao longo dos seus 20 anos de existência, foram editados 875 títulos, mas, no entanto, ao contrário do que havia se proposto, a “Biblioteca” acabou por dar mais ênfase às obras traduzidas “*con un margen relativamente pobre de autores nacionales que expresasen, de manera real y viva, el desarrollo contemporáneo de la literatura argentina y el creciente fenómeno de la ‘profesionalización’ de los escritores*”.¹¹²

Em 1915 surgiu a “Biblioteca Argentina”, dirigida por Ricardo Rojas, com um propósito fundamentalmente didático, no sentido de moldar a nacionalidade e colocar em circulação discursos em torno da questão nacional. Assim, informa Rivera, “*se concreta a la redición de textos coloniales (como El Peregrino en Babilônia, de Luis de Tejeda, y la Descripción de Lizarraga) o de grandes ‘clásicos’ argentinos del siglo XIX (como Moreno, Echeverría, Alberdi, Sarmiento, Avellaneda, etc.)*”.¹¹³ Se por um lado o projeto privilegiou autores argentinos, por outro deixou de lado os autores contemporâneos.

Percebendo a existência de um público leitor massivo, revelado pelas bem sucedidas experiências da “Biblioteca de *La Nación*” e “Biblioteca Argentina”, e as dificuldades dos autores nacionais em editar suas obras, dado os altos custos, é que em 1916 surgiu, sob a direção de Manuel Gálvez, a “Cooperativa Editorial Buenos Aires” (1916-1925), dando espaço aos jovens escritores argentinos que, em grande parte, escreviam para jornais e revistas como *La Nación* e *Caras y Caretas*. O projeto foi revolucionário para a época, segundo Jorge B. Rivera. A começar pela seleção dos possíveis candidatos a integrar a “Cooperativa”:

[Gálvez] coloca el mayor volumen del paquete accionario entre hombres de fortuna, que por añadidura escriben, pero no en forma

¹¹² Rivera, Jorge B. *El escritor y la industria cultural*. Buenos Aires, Atuel, 1998, p35.

¹¹³ Idem, *ibidem*, p.38.

abundante y sistemática. El resto lo divide entre escritores de prestigio y calidad reconocida, como Horacio Quiroga, que si no es notado por el público de la elite cultural posee, en cambio, una reputación sólidamente afianzada entre el amplio círculo de lectores de la clase media, que siguen atentamente su abundante colaboración en *Caras y Caretas*, *Fray Mocho* e *Plus Ultra*.¹¹⁴

A “Cooperativa” inovou não só ao “reconocer a los jóvenes escritores por su valor literario, sino a financiar las ediciones y pagar derechos de autor”.¹¹⁵ Ao longo dos seus cinco anos de vida, a “Cooperativa” publicou cerca de 68 livros, entre eles *Cuentos de amor de locura y de muerte* e *Cuentos de la selva*, de Horacio Quiroga, *El dulce daño*, de Alfonsina Storni, *La sombra del convento*, de Gálvez. Os livros eram cuidadosamente editados, custavam pouco e eram distribuídos pela Agencia General de Librerías y Publicaciones (uma sucursal da editora Hachette em Buenos Aires), para toda a Argentina, o Chile, a Bolívia, o Paraguai e o Uruguai.

O fato de a “Cooperativa” estar inserida num mercado editorial em franco crescimento e de distribuir livros por boa parte da América Hispânica fez com que Lobato se interessasse muito em se associar a ela, abrindo a possibilidade de estabelecer um intercâmbio cultural e a via editorial parecia um bom caminho. Em carta a Godofredo Rangel, Lobato comenta o contato e a sua intenção de lançar livros no mercado argentino:

Isto [o lucro da *Revista do Brasil*] me induziu a tomar a coisa a sério e criar a Empresa Editora “Revista do Brasil” com o capital de 100 contos. Estamos organizando a sociedade e com planos de localizá-la no Rio. Entre as coisas futuras projetadas está uma seção argentina, para lançar coisas nossas, traduzidas, no mercado de língua espanhola, que é grande. Estamos estudando a nossa associação com a Cooperativa Editorial Argentina e uma agência de publicidade. Iniciaremos a série com Alencar e outros artigos já em domínio

¹¹⁴ Idem, *ibidem*, p.40.

¹¹⁵ Merbilháa, Margarita. ‘1900-1919. La época de organización del espacio editorial’ in Diego, José Luis de (org) *Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880-2000*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2006, p.54.

público, dando simultaneamente uma edição em português e outra em espanhol. Os bons livros brasileiros encontram grande saída em espanhol. Afirmam-me que *O Mulato*, de Aluisio, deu na Argentina dez edições (para apenas três aqui). O meu *Urupês* vai ser lançado pela Cooperativa; estamos trocando cartas a respeito. Ora, tudo isto para te dizer que podemos lançar também lá a tua *Vida Ociosa*. Ao mesmo tempo aqui e em Buenos Aires. E este fato forçará aqui a atenção do público. (...).¹¹⁶

Houve, efetivamente, uma troca de cartas como afirma Lobato. Entre 1919 e 1925 foram cerca de 31 cartas, às vezes duas vezes num mesmo mês. A correspondência entre Lobato e Gálvez se estendeu até 1945, mas já de maneira esporádica.¹¹⁷ Entre manuscritas e datilografadas, a maioria das cartas enviadas por Monteiro Lobato foi escrita em papel timbrado tanto da *Revista do Brasil* como da Monteiro Lobato & Cia Editores; as de Gálvez, com exceção da primeira —datilografada e com timbre de “Inspector de Enseñanza Secundaria y Especial”—, foram manuscritas. Os assuntos tratados giravam em torno da literatura nacional (ambos traçam um breve panorama da literatura de seu país e comentam o pouco conhecimento que cada um deles tinha em relação à literatura do país vizinho e a expectativa em torno do intercâmbio que estavam tentando estabelecer); do envio de livros e de recortes de jornais e revistas com resenhas ou contos publicados por ambos; do campo editorial (desde indicações de publicações, as estratégias de divulgação da obra de ambos até comentários sobre o preço por página, ilustração, número da tiragem); de tradução (de seus livros); sugestões para

¹¹⁶ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2º vol., pp.202-203.

¹¹⁷ As cartas de Monteiro Lobato a Manuel Gálvez encontram-se no Archivo Manuel Gálvez, na Biblioteca da Academia Argentina de Letras, em Buenos Aires, sob a forma de CD, em fotos tiradas pela pesquisadora Thaís de Mattos Albieri. E as de Gálvez a Lobato encontram-se no Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE (Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”)/IEL, na Unicamp; o material que compõe este acervo foi depositado pelos herdeiros de Monteiro Lobato.

publicações de artigos e contos em revistas dos respectivos países; do público (sobre o tipo de literatura mais adequada, o tamanho do volume).

Nas primeiras cartas os dois escritores expressaram seu interesse em conhecer mais a fundo a produção literária do país vizinho; a esse respeito, diria Lobato: “folgo em encontrar no colega um espírito curioso das nossas coisas como o é o meu das coisas argentinas. Entender-nos-emos perfeitamente bem”.¹¹⁸ Ao mesmo tempo, aproveitavam para comunicar os envio de seus livros –ainda em 1919 Gálvez receberia *Urupês* e *Cidades Mortas* e uma coleção da *Revista do Brasil*¹¹⁹ e Lobato, por sua vez, receberia *El mal metafísico*, *La maestra normal* e *Nacha Regules* e imediatamente se comprometeria a dar uma nota sobre os livros de Gálvez na *Revista do Brasil*, reforçando o intercâmbio entre os dois países:

Depois de lidos os seus livros daremos uma nota bibliográfica na Revista. A esfera de ação da Argentina se alarga entre nós; Ingenieros é muito lido; as obras da “Cultura Argentina” vendem-se em todas as livrarias. Promovamos pois uma reciprocidade que só trará vantagens para ambos os países.

Meu caro amigo, creia na admiração e disponha deste colega muito agradecido.

Monteiro Lobato.¹²⁰

Além dos livros de sua autoria, ao longo do seu contato com Gálvez Lobato lhe enviaria livros publicados por sua editora, entre eles *Vida Ociosa*,

¹¹⁸ Carta de 29/8/1919. Fonte: Archivo Manuel Gálvez, situado na Biblioteca da Academia Argentina de Letras, a partir das fotos tiradas pela pesquisadora Thais de Mattos Albieri. Todas as demais cartas de Monteiro Lobato a Manuel Gálvez aqui apresentadas fazem parte desse mesmo arquivo e a partir de agora passarão a ser denominadas apenas como A.M.G.

¹¹⁹ No início de 1920, Lobato incluiu Manuel Gálvez na lista de assinantes da *Revista do Brasil*, a fim de que este pudesse acompanhar o movimento das letras brasileiras: “Também mandei registrar o seu nome entre os nossos assinantes para que receba a nossa Revista, que está crescendo bastante. Em junho vamos elevar a tiragem de 4 para 5 milheiros, o que já é alguma coisa cá na sul América”. Carta de 26/1/1920. Fonte: A.M.G.

¹²⁰ Idem, ibidem..

de Godofredo Rangel e *O professor Jeremias*, de Léo Vaz que, posteriormente, seriam comentados pela imprensa portenha:

S. Paulo, 31/3/1920

Creio que lhe mandei os meus livros. Vou reenviá-los, mas depois de saída as novas edições, que as primeiras se foram em menos de dois meses. Em janeiro e fevereiro vendi 4.000 de cada um. O *Jeremias* esgotou-se em 15 dias, mas a edição era de 1.000 apenas. Já saiu a 2ª e segue como esta. É um livro realmente interessante, e merecedor do sucesso que teve. Tenho vários outros no prelo, e não esquecerei do amigo sempre que o livro merecer atravessar a fronteira.¹²¹

S. Paulo, 22/12/1920

Mando-lhe hoje as minhas últimas edições: um livrinho meu para crianças, para o natal e *Vida Ociosa*, uma perfeita obra prima das mais puras que possui nossa literatura. É o que se pode chamar um livro perfeito. Perca o amor a uma hora e por favor leia este livro.¹²²

A respeito da literatura brasileira, em carta de agosto de 1919, Gálvez comenta o interesse que esta lhe despertava, chegando a afirmar ser esta superior à literatura argentina. Na mesma carta, Gálvez propõe a tradução e publicação dos contos de *Urupês* em revistas portenhas:

Inspector de Enseñanza Secundaria y Especial

Buenos – Aires, agosto, 13 de 1919.

Mi estimado colega:

Estoy leyendo “Urupês”, que me interesa y seduce de una manera excepcional. Aquel Pontes de “O engraçado arrependido” me ha hecho reír de veras. Es usted un escritor de una rara fuerza de estilo. Cuando termine su libro he de darle mi sincera opinión.

Me place muchísimo hacer relación con usted. Conozco la revista que usted dirige, y más de una vez pensé mandarle mis libros.

La literatura brasileña me interesa enormemente y sin embargo solo he leído libros de Coelho Neto, Machado de Assis, Gustavo Barroso,

¹²¹ A.M.G.

¹²² A.M.G.

Aluizio de Acevedo, Graça Aranha e Pablo Barreto. Todo lo que llevo leído de ese país me ha parecido excelente. Creo, con toda sinceridad, que tienen ustedes una literatura superior a la nuestra.

(...)

En “Urupês” hay varios cuentos que podrían ser traducidos y publicados en La Novela Semanal o en La Novela del Día. Si usted me autoriza, lo traduciré con Aguirre y lo haré publicar, precedido de un pequeño encabezamiento diciendo quién es usted.¹²³

Lobato, por sua vez, afirmaria pouco conhecer da literatura argentina, e “pela resenha que me faz (...), vejo que é de fato menos rica que a nossa; mas vejo também que, acompanhando o progresso geral do país, está em plena florescência”.¹²⁴ Quanto à literatura brasileira daquele momento, Lobato diria não haver nada de interessante sendo produzido, mas cita alguns nomes que considera os mais representativos daquele momento:

S. Paulo, 20-8-1919

Prezado colega

Quanto à nossa literatura atual, há o bom e o mau, mas predomina o medíocre que é a pior forma do mau. Depois da morte de Machado de Assis, de Euclides da Cunha e Affonso Arinos observamos uma verdadeira lacuna nas letras. Inda não surgiu o substituto de nenhum desses escritores de envergadura. Entretanto, além dos nomes que o amigo citou, podemos ainda citar os seguintes, entre os mais representativos: poesia –Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Martins Fontes, Guilherme de Almeida, Catullo Cearense, Heitor Lima, Vicente de Carvalho, Francisca Julia, etc. No romance: Antonio Salles (do qual lhe mando um livro interessantíssimo, com pontos de contacto com a Maestra Normal), Afrânio Peixoto, Xavier Marques, Lima Barreto, Carlos Fernandes, Julia Lopes de Almeida, Albertina Berta; J. Antonio Nogueira, Gilberto Amado, Assis Chateaubriand, Medeiros de Albuquerque, Alberto Rangel, Humberto de Campos, Oliveira Lima, Martim Francisco e Gilka Machado são nomes valiosos no jornalismo, na poesia e na novela.

¹²³ Fonte: Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE. Parte desta carta encontra-se publicada em *Semear horizontes. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*, de Gabriela Pellegrino Soares, pp.213-214.

¹²⁴ Carta de 15/out/1919. A.M.G.

Interessado em ver seu *Urupês* publicado em espanhol, Lobato informa a Gálvez sobre as grandes tiragens das sucessivas edições da obra e sugere que seria interessante vê-lo publicado pela Cooperativa:

A venda desse livro cá no Brasil foi enorme. Basta dizer que a 5ª edição está no prelo, atingindo assim a tiragem a 16 milheiros no espaço de 15 meses. Se a tradução argentina pudesse sair pela Cooperativa seria ótimo, mas não sei se ela é restrita aos autores argentinos.¹²⁵

Confirmada a edição do livro, Lobato e Gálvez trocaram uma série de cartas para acertar os detalhes da publicação, como a tradução e a divulgação. Numa delas, de 15/out/1919, o autor comunica o envio de “um exemplar anotado, porque do contrário será ilegível pelos muitos brasileirismos que contém”.¹²⁶ Cioso do seu texto, ao ser informado que a tradução –feita por Benjamin de Garay– estava concluída, pede para revisá-la devido, mais uma vez, aos brasileirismos ali existentes:

S. Paulo, 1/6/1920

Ao Manuel Gálvez

(...)

Muito me alegra saber que o livro já está traduzido, mas acho conveniente eu mesmo rever essa tradução por causa de modismos e brasileirismos que há ali. Inda agora recebi de Portugal uma carta do filólogo dicionarista Camillo de Figueiredo, pedindo-me o sentido de 70 palavras que ele desconhecia e quer meter na nova edição do seu dicionário. Ora, se para um português a coisa é assim, para um argentino que não será? Tenho certeza que uma revisão minha melhoraria muita coisa.¹²⁷

¹²⁵ Carta de 29/8/1919. Fonte: A.M.G.

¹²⁶ Fonte: A.M.G.

¹²⁷ A.M. G.

Por conta dos preparativos do lançamento da edição Argentina de *Urupês*, Lobato envia a Gálvez a revista com o discurso de Rui Barbosa e também outra com opinião de Bilac. Comenta sobre o número de edições e exemplares vendidos, bem como sobre as traduções para o italiano e o alemão; envia fotos suas. Chega a sugerir que para incrementar o lançamento, seria interessante a publicação de algum conto seu na revista *Plus Ultra* (o que, de fato, veio a ocorrer):

S. Paulo, 14/8/1920

Prezado amigo Gálvez

(...)

Quanto ao meu livro, mando-lhe uma revista com o discurso do Ruy, e mais essa opinião de Bilac e do [ilegível]. Creio que bastam. As edições saídas até agora montam a 6; a 1ª é de junho de 1918 e a última de março deste ano, num total de 20.000 exemp. Já está em parte traduzido para o italiano e o alemão. Retratos: vou arranjar umas caretas minhas para lhe remeter. Infelizmente sou muito feio.

(...)

Se coincidissem com um conto meu na “Plus Ultra” não seria vantajoso para a edição?

Adeus e disponha de seu amigo

Monteiro Lobato.¹²⁸

A pedido de Gálvez, Lobato discorre sobre sua trajetória. Essas informações seriam utilizadas reiteradamente em quase todos os artigos e resenhas publicados na Argentina sobre o escritor brasileiro, marcando a imagem do fazendeiro que se tornou um escritor e editor de sucesso:

S. Paulo, 22-11-1920.

Amigo Gálvez

(...)

¹²⁸ Carta manuscrita e com timbre da Monteiro Lobato & Companhia Editores. Fonte: A.M.G.

Seguem as fotografias e uns dados auto-biográficos. Aproveito a ocasião para enviar mais alguns extratos da crítica, as que dão a compreender o modo porque o livro foi interpretado entre nós.

(...)

Aqui vão os dados que me pediu.

Nasci em Taubaté, E. S. Paulo, em 84. Formei-me em Direito, fui promotor público durante três anos e abandonei a carreira, meti-me a fazendeiro. E fazendeiro ficaria o resto da vida se um incidente fortuito não me mudasse o rumo à vida. Esse fato refiro-o no prefácio da terceira edição de *Urupês* que lhe enviei anotado. A revolta contra os caboclos que me queimaram terras, como lá explico, levou-me à imprensa com um artigo que foi a origem do que sou: “Velha Praga”. (...). Houve réplicas, defesas, contestações. Insisti no meu ponto de vista escrevendo um novo artigo, “Urupês”, procurando demolir a estilização heróica do caboclo que vinha desde Alencar e era tida como dogma intangível. A repercussão desse artigo impressionou-me. Houve debates largos na imprensa, dividida em dois campos: o que mantinha e defendia o velho ponto de vista e o que aceitava a minha interpretação verista. O resultado disso foi que veio abaixo o ídolo, e o caboclo passou a ser representado pelo Jeca Tatu, tomando essa representação grande vulto depois que Ruy Barbosa a consagrou em discurso memorável.

(,,,) Nesse ínterim vendi a fazenda e mudei-me para S. Paulo, e como de lá havia mandando uns contos para a *Revista do Brasil*, fui aconselhado a fazer uma coisa que nunca me passou pela cabeça: editá-lo. (...) O público e a crítica receberam o livro de uma maneira que me surpreendeu. A edição foi-se em dias, e logo a segunda e as outras, ao todo seis, em ano e meio, num total de 20.000 exemplares, fato virgem no Brasil. Toda a gente se meteu a discutir o livro, sobre o qual apareceram mais de duzentos artigos críticos, ficando verdadeira mania falar desse livro. A discussão sobre o Jeca me valeu grandes apologias e grandes descomposturas. Para uns eu era patriota e para outros, difamador da pátria.

(...). Depois disso mantive-me na imprensa malhando sobre uns tantos figurões que personalizavam idéias contrárias às minhas em matéria de arte. Defendi o individualismo nacionalista e ataquei o francesismo. Saíram desses artigos o livro *Idéias de Jeca Tatu* em cujo prefácio resumo em meia dúzia de palavras o meu credo. O brado valeu. (...) Para melhor conduzir o movimento fiz-me editor, para lançar as obras condizentes com o meu programa. Essa tentativa deu resultados surpreendentes. Em pouco tempo a empresa impôs-se. Introduzi uma novidade no mercado livreiro: a venda de nossas edições em quase todas as cidades do Brasil. (...). Lançamos à venda até aqui oitenta e tantos mil volumes, sendo 61.000 de livros meus e temos um programa formidável para os próximos anos, dependente apenas duma melhoria no preço do papel.

Quando publiquei os *Urupês*, comprei na mesma ocasião a *Revista do Brasil* que conservo ainda conseguindo elevá-la a uma tiragem hoje de 4.500 ex.

Eis aqui, meu caro colega, o que fiz e que sou. Em resumo, um teimoso que gosta de andar em picadas que ele mesmo abre.

(...)

[à mão]

Muito tempo já tomei a quem o tem contado e preciso. Mas lembre-se que foi a pedido seu.

Adeus e obrigado.

Monteiro Lobato.¹²⁹

De acordo com Artundo, como “parte da estratégia publicitária para apresentar o autor de *Urupês*”,¹³⁰ o livro foi resenhado na revista *Nosotros* e em *La novela Semanal* (1917-1925)¹³¹; esta última, publicou ainda o conto “Alma negra”, uma tradução de “Negrinha”.

Ainda na mesma carta de 13/ago/1919, Gálvez propôs a Lobato que escrevesse um artigo sobre literatura brasileira para a *Nosotros*; em contrapartida, ele se disporia a escrever para a *Revista do Brasil*, num esforço para estabelecer uma aproximação e um intercâmbio entre as literaturas de ambos os países:

¿Por qué no escribe usted un artículo sobre la actual literatura brasileña y me lo manda para “Nosotros”? Recuerdo que, a mi pedido, mi gran y llorado amigo Abel Botelho escribió un estudio sobre la literatura portuguesa, que yo tuve el placer de traducir y que publicamos en “Nosotros”. Yo también traduciría el suyo.

A mi vez, yo puedo escribirle a usted –un poco más adelante, pues estoy lleno de trabajos–, del momento, para a Revista del Brasil. Me parece lamentable que nuestros países no se conozcan y nosotros los escritores debemos hacer algo en vista de un acercamiento e conocimiento entre ambos pueblos.

Espero su respuesta.

Cordial saludo de seu amigo y colega

¹²⁹ Carta datilografada e com timbre da Monteiro Lobato & Comp. Editores. Fonte: A.M.G.

¹³⁰ Artundo, Patrícia, op.cit., p.43.

¹³¹ Em maio de 1921 *La novela semanal* ganharia sua versão brasileira, sob a direção de Brenno Ferraz e duraria quinze números.

Manuel Gálvez

s/c Pampa 2502

[à mão] Envíole unas páginas de propaganda que han publicado mis editores, pues creo que le interesarán las opiniones sobre mis libros.¹³²

De fato, o artigo “Visión general de la literatura brasileña”,¹³³ de Lobato, foi publicado por *Nosotros*, em 1921, dentro da estratégia de apresentar o escritor aos leitores argentinos e estabelecer um diálogo cultural. Neste artigo, que será comentado mais detalhadamente no próximo capítulo, Lobato procurou apontar os pontos em comum entre a literatura argentina e a brasileira, como o fato de os dois países terem sofrido influências ibéricas, além de traçar um paralelo entre *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *Facundo*, de Sarmiento.

Por sua vez, a *Revista do Brasil* publicou “Tudo nos une”, de Gálvez, artigo que será comentado mais adiante. O título por si só já é significativo e revela, também por parte de Gálvez, um interesse em afirmar uma identidade latino-americana e colocar em circulação a produção cultural dos dois países.

De perfis semelhantes, empreendedores, Lobato e Gálvez estabeleceram uma ponte entre o mercado editorial brasileiro e argentino. Sendo ambos escritores e editores, e com trânsito fácil nos meios jornalísticos, é claro que promoviam os seus autores, amigos escritores e a eles próprios. Lobato, por exemplo, constantemente anunciava suas novas criações literárias. Como afirma Artundo, “os dois buscavam promover o desenvolvimento da indústria editorial, tornar os livros mais acessíveis a um público leitor em crescimento, dar oportunidades a autores novos, reeditar obras, etc”.¹³⁴ Assim como

¹³² Fonte: Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE.

¹³³ in *Nosotros*,^a 15, vol. 38, n.145. Buenos Aires, maio/1921, pp.96-100.

¹³⁴ Artundo, Patrícia, op.cit., p.40.

Lobato, Gálvez tratava o livro como objeto de consumo e, a fim de divulgá-lo e atingir novos circuitos de leitores, informa Jorge B. Rivera, “*programaba muy cuidadosamente, según refiere en sus Memorias, la publicación de reseñas*”.¹³⁵ E valia-se da crítica, inserida em jornais e revistas de grandes tiragens alcançando, portanto, um grande público, como uma forma de fazer esse leitor se interessar pelo consumo da obra. Gálvez não desprezava órgãos de prestígio cultural como *Nosotros* ou *La Nación*, mas privilegiava jornais de coletividades (*La Pátria degli italiani, El diario español, La voz de Galicia*, etc.) e de províncias, justamente para ampliar cada vez mais o número de leitores.

Como editor, Monteiro Lobato considerou interessante o projeto da Cooperativa de Gálvez e pensando em implementar o mesmo sistema pediu, em carta, que este lhe enviasse os estatutos e o catálogo. Ao mesmo tempo, dispunha-se a levar o catálogo às livrarias brasileiras, a fim de divulgar as obras da Cooperativa. Também não perdeu a oportunidade de informar sobre o envio de livros da sua editora para que Gálvez os colocasse nas livrarias portenhas:

S. Paulo, 1/6/1920

Manuel Gálvez,

Espero o catálogo da Cooperativa, e se me mandasse o plano ou os estatutos da sociedade eu agradeceria. Quem sabe uma organização semelhante seria possível aqui? Darei o catálogo às livrarias fazendo o devido anúncio das obras, mormente dos seus, que tem grandes qualidades para agradar nosso público. Para iniciar transações, vou fazer uma remessa, endereçada a v. de alguns livros nossos, para que os ponha nas livrarias que entender. Muito obrigado deste oferecimento, que é prático.

Adeus. Disponha do Monteiro Lobato.

¹³⁵ Rivera, Jorge B., op.cit, p.42.

PS: Logo que saírem as novas edições que tenho no prelo, mandarei os livros.¹³⁶

Além da perspectiva de lançar-se no mercado editorial argentino, o entusiasmo de Lobato em estabelecer um intercâmbio cultural também pode ser visto como uma forma de combater a forte influência da cultura européia, especialmente a francesa e projetar um ideal latino-americanista. Este trecho de outra carta é esclarecedor nesse sentido:

S.Paulo, 6-1-1921

Amigo Gálvez

Estou a ler a Hist. da Literatura Argentina, de Rojas, que considero um monumento de erudição e de crítica moderna. Tenho, porém, só os dois primeiros volumes... Já saíram os outros? Como nos desconhecemos, nós vizinhos sul-americanos! Como nos tiraniza e unilateralisa a fascinação européia – ou francesa... Creia que a Argentina está sendo para mim uma revelação esplêndida. Que genial panfleto, o “Facundo”! Como era grande o Sarmiento!¹³⁷

Manuel Gálvez

Em 1921, *Urupês* foi editado por Gálvez¹³⁸ –apenas três anos depois da primeira edição brasileira– e este teve, por sua vez, o romance *Nacha Regules*, de perfil realista, editado pela Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, em 1924. Anos depois, vivendo em Buenos Aires, Lobato comentou em carta a Rangel que, em visita a Gálvez “vi lá na sua estante o volume, ainda com a faixa amarela com que saiu”.¹³⁹

Ao mesmo tempo em que empreendia esforços para ver a literatura brasileira divulgada na Argentina, Monteiro Lobato pretendia lançar na sua

¹³⁶ Fonte: A.M.G.

¹³⁷ Fonte: A.M.G.

¹³⁸ Em carta a Rangel, Lobato comenta: “Recebi o *Urupês* em espanhol lançado na Argentina. Bela edição. Garay.” In *A Barca de Gleyre*, vol.2, p.381.

¹³⁹ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, vol.2, p.381.

editora a coleção “Biblioteca Sul-americana”, como parte de um projeto de união cultural latino-americana; a coleção abrir-se-ia com *Facundo*, de Domingo F. Sarmiento, como pode ser lido neste fragmento da resenha sobre *El Hermano asno* do chileno Eduardo Barrios (Ed. Nascimento. Chile. 1922):

(...)

No próximo número diremos de uma outra novela sua –*Un perdido*– e desde já podemos anunciar que será ele um dos autores com que a casa Monteiro Lobato & Cia vai inaugurar a Biblioteca Sul-americana. Esta coleção se comporá de cuidadas edições das melhores obras aparecidas na Sul-América e iniciará praticamente o programa de aproximação que tem a empresa. Iniciar-se-á com o *Facundo*, do Sarmiento, dará obras de Galvez, de Quiroga, de Lynch, de Salaverri, de Barrios e de todos os grandes representativos da literatura hispano-americana.

M.L.¹⁴⁰

A idéia de publicar *Facundo* já estava presente em 1920 e Lobato não deixou de expressar sua admiração pelo texto de Sarmiento nas inúmeras cartas a Gálvez bem como em posteriores artigos e resenhas. Ao mesmo tempo, como editor, pensando nos custos da publicação, indagava se a obra já estaria em domínio público, o que certamente baratearia a edição; em cartas posteriores, comentaria o andamento dos preparativos para a publicação. O projeto da “Biblioteca Sul-americana” englobava desde obras clássicas da literatura argentina até outras mais populares. Nesse sentido, é possível afirmar que Lobato escolhia livros que postulavam pouca incerteza para o leitor, que não o desafiavam, na medida que procuravam reproduzir o real onde o leitor se reconhecia:

S. Paulo, 22/12/1920

¹⁴⁰ *Revista do Brasil*, outubro/1922, nº 82, p.145.

Amigo Gálvez

(...)

Estou cada vez mais interessado no movimento mental argentino e admirado do que há por aí. Estou a ler Sarmiento. É um gênio. *Facundo* é uma obra notabilíssima que vou traduzir e publicar –no caso de já estar extinta a propriedade literária– o que peço me informar. O “rastreador”, o “gaucho malo” e os outros tipos- que esplêndidos! E que descortino filosófico tinha ele da influência do meio no homem...

S. Paulo, 6/7/1921

Prezado amigo

(...)

Mandei traduzir o *Facundo*. Quero iniciar a série Argentina prestando homenagem ao grande Sarmiento. O segundo será um seu ou de quem o amigo indicar. Um negócio: com a diferença de preços causada pela baixa do câmbio valia a pena fazer livros argentinos aqui. Pense nisso, sabendo que o custo das minhas edições orça por mil réis e o mil réis está valendo hoje 30 centavos.

Adeus, caro amigo. Até a próxima.

Lobato.

S. Paulo, 5/out/1923

(...)

Facundo está a imprimir-se e também traduzo o *Hermano Asno*, de Barrios e esse de Gutierrez, *Juan Moreira*, bem popular. Vamos ver se serei mais feliz aqui do que v. foi aí com a coleção sul-americana. Tudo depende de experiência: experimentemos pois.¹⁴¹

Por fim, em 1923 a Monteiro Lobato & Cia lançaria *Facundo* e a obra seria resenhada na *Revista do Brasil* em janeiro de 1924:

Dando início ao seu já anunciado programa de lançar uma biblioteca americana, onde figurem as obras mais representativas publicadas em nosso continente, a casa Monteiro Lobato & Cia acaba de expor à venda o *Facundo*, de Sarmiento (...). Sarmiento é mais que argentino. É americano. Transcende fronteiras pátrias e pertence à América, da qual foi o primeiro a perceber, com sua visão geral, linhas estruturais comuns.

¹⁴¹ Todos estes fragmentos têm como fonte o Archivo Manuel Gálvez.

Era imperdoável que uma obra destas ainda não estivesse incorporada em tradução ao nosso patrimônio literário, no lugar que lhe compete, ao lado dos Sertões, de Euclides da Cunha (...). Todos os altos espíritos são concordes em que, os ressentimentos, as rivalidades mesquinhas entre os povos sul-americanos provém da falta de conhecimento recíproco. Ora, este conhecimento só é possível e eficaz por meio da vulgarização das obras d'arte de bom cunho representativo, de modo que será uma ta [êfa dos tradutores e editores a obra de paz e conciliação da América. (...) Facundo foi vertido para o português por Carlos Maul, esse formoso espírito e essa grande alma em que brilha a flama de um nacionalista de larga envergadura.¹⁴²

Este texto deixa muito clara a projeção americanista que se quer imprimir, ao afirmar que Sarmiento, mais que argentino, é americano. Lobato pensa a identidade latino-americana a partir da cultura e, por isso, a ênfase colocada na necessidade de divulgação das obras de arte –em especial a literatura– de caráter representativo de cada uma das culturas, de forma a promover e viabilizar o intercâmbio entre os países.

A *Revista do Brasil* chegou a ter uma sucursal em Buenos Aires, cujo representante era Braulio Sánchez-Sáez, tradutor de Lobato, assim como Benjamin de Garay e Ramón Prieto o que, a partir de certo momento facilitou o intercâmbio. Sintomaticamente, quando Lobato deixou a *Revista do Brasil*, adquirida por Assis Chateaubriand, dando início à sua 2ª fase (set/1926 a jan/1927), o intercâmbio cultural entre Brasil e Argentina praticamente cessou nesta publicação.

De Manuel Gálvez, autor de romances, novelas históricas, biografias, e com uma extensa produção ensaística e jornalística, a *Revista do Brasil* resenhou duas de suas principais obras, traduzidas e publicadas no Brasil: *O mal metafísico* e *Nacha Regules*, além de *La tragedia de un hombre fuerte*.

¹⁴² Revista do Brasil, nº97, jan/1924, p.58.

O romance *O mal metafísico* (1916) foi editado no Rio, por Braz Lauria, em 1920. Em cartas enviadas a Gálvez, é possível notar a atuação de Lobato nas várias instâncias do campo cultural, ao ressaltar tanto a importância de uma boa distribuição do livro quanto o destaque dado pela imprensa a fim de divulgá-lo, comprometendo-se então a incentivar a crítica local e também a enviar ao autor uma lista de nomes que poderiam ajudar na divulgação. Coerente com a sua concepção de que o livro deveria ser um objeto atraente para o leitor, desde a capa, Lobato ainda critica o título dado à obra, por considerá-lo pouco comercial, na medida que sugeriria uma obra de caráter filosófico o que, a seu ver, afastaria os leitores:

S. Paulo, 14/8/1920

Prezado amigo Gálvez

Recebi a sua carta de 4 deste, e fico ciente de tudo. Como não tenho livraria, não posso receber diretamente as suas obras, mas já falei com as principais daqui para as pedirem à Agência e eles m'prometeram. Quando sair o Mal Metafísico hei de promover um movimento na crítica indígena. É pena seu livro não ter um título mais comercialmente sugestivo; dá idéia ao público duma obra filosófica. Inda não tive tempo de o ler tão [ilegível] de serviço ando com a reorganização da minha casa editora, mas na primeira folga hei de empenhar-me nele. Garanto que a edição de Lauria sairá inteira.

S. Paulo, 22/12/1920

(...)

Sobre o Mal Metafísico pouco disse a imprensa além do que o amigo já conhece e isso graças à estupidez do Lauria que não distribui o livro. Mando-lhe uma lista de nomes aos quais poderá remetê-lo com vantagem para a propaganda.

S. Paulo, 6/1/1921

Dei ao meu amigo Lourenço filho, que é um jornalista de valor e muito amigo da Argentina, o “Mal”, pedindo-lhe um artigo a respeito, no “Estado”. Prometeu-me.¹⁴³

Em dezembro de 1920, Monteiro Lobato encarregou-se de resenhar o livro na *Revista do Brasil*:

Precedido de um interessante prefácio de Cláudio de Souza acaba de aparecer a tradução brasileira deste magnífico romance argentino de Manoel Galvez, nome que já transpôs as fronteiras do seu país e ascende sempre a cada novo livro que subscreve. E merece-o grandemente. Galvez é um verdadeiro romancista, dotado de todos os requisitos para a construção de uma obra grandiosa como o fez em França Zola. A Argentina atual, tanto da província como de Buenos-Aires, espelham-se em seus romances n’um relevo de impressionar. “La Maestra Normal”, “O mal metaphysico” e “Nacha Regules” constituem um tríptico de primeira ordem onde cada personagem é um tipo desenvolvido logicamente no decurso da fabulação, de modo a acentuar caracteres que se nos gravam na imaginação indelevelmente. (...) Neste romance o estudo versa sobre o meio literário argentino.

(...)

É extraordinária a semelhança do ambiente portenho com o da capital paulista, coisa lógica, aliás, dada a semelhança de formação étnica das duas capitais.

Quem conhecer o nosso meio literário poderá encarnar em Itubide, Orloff, Salvatierra, etc., tipos muito nossos conhecidos, de modo a transformar o romance argentino em um romance paulistano. Ao próprio Riga tivemos-lo aqui no maravilhoso poeta que tempos atrás pôs termo à sua vida torturada.

(...)

Foi, pois, uma iniciativa feliz a do sr. Braz Lauria publicando o “Mal Metaphysico” e dando ensejo a que o nosso publico trave relações com um verdadeiro romancista sul-americano. Porque há escritores que escrevem romances, e escrevem-nos a capricho —sem conseguir demonstrarem-se “verdadeiros” romancistas. Entre nós, quantos! Galvez porem, é um romancista completo. (...) Seus livros aliam o documento duma época e o documento psicológico à grande arte da ficção. (...)

Outra coisa interessante deste livro é o decalque de tipos que vivem ou viveram em carne e osso na capital portenha.

¹⁴³ Todos estes fragmentos têm como fonte o Archivo Manuel Gálvez.

Adivinha-se isso. Aquele Escribanos, não é Ingenieros? E Zeballos não está ali? E Lugones, e tantos outros? Isto nos faz imaginar o sabor que terá o livro para os conhecedores do ambiente argentino...

M. L.¹⁴⁴

Coerente com sua visão da literatura é interessante notar o destaque que Lobato dá ao viés realista da narrativa nesta resenha, ao considerar “verdadeiros romancistas” àqueles, como Gálvez, que fazem da literatura “o documento duma época”. Leitor de Zola, Lobato incorpora o ideário do autor francês que afirma que o escritor deve documentar, “(...) reunir em notas tudo o que puder saber a respeito desse mundo que pretende retratar”.¹⁴⁵ Ao dizer que “a Argentina atual, tanto da província como de Buenos-Aires, espelham-se em seus romances” e que o livro traz um “decalque de tipos que vivem ou viveram em carne e osso na capital portenha” Lobato revela, uma vez mais a influência de Zola, segundo o qual o artista deve sempre reproduzir a realidade tal qual um espelho.

Em *Nacha Regules*, romance publicado em Buenos Aires em 1919 e que alcançou grande sucesso entre os leitores argentinos, Gálvez desenvolve um tema que já havia tratado em sua tese de doutorado na Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires: o tráfico de mulheres brancas na Argentina. Nacha é uma moça pobre que, enganada por um homem, acaba caindo na prostituição. O protagonista do romance, Fernando Mosalvat, advogado, se sensibiliza com o drama das prostitutas e, por amar Nacha, decide salvá-las. De perfil realista-naturalista, de acordo com Graciela Montaldo “*la crítica social de la novela es, sin embargo, ambigua, pues la culpa es más individual que social y el texto que se inicia como documento y*

¹⁴⁴ in *Revista do Brasil*, dezembro/1920, nº60, pp.371-373. Coleção IEB.

¹⁴⁵ Zola, Emile. “O senso do real”, in *Do romance*. São Paulo, Edusp/Imaginário, 1995, p.30.

denuncia termina resolviéndose como una novela sentimental”.¹⁴⁶ Pensando na possibilidade de uma edição brasileira do romance, já traduzido para o inglês, alemão e o francês, entre outros idiomas, Gálvez enviou a obra a Lobato. Em carta, este respondeu haver lido o romance com interesse, apesar de preferir outro do autor, *La maestra normal*:

S.Paulo, 18/jan/1920

Prezado amigo Manoel Gálvez

Recebi e já li a *Nacha Regules*, onde vejo acentuar-se a evolução da sua arte para um simbolismo que lembra o de Zola e muito o de Tolstoi na *Ressurreição*. Apesar de haver conduzido a tarefa até o final com o maior garbo e brilhantismo, tenho para mim que a sua obra prima continua a ser a *Maestra*. Aquilo é inesquecível. Aqueles tipos gravam-se na memória do leitor para o resto da vida.¹⁴⁷

Insistindo na possibilidade de uma possível edição brasileira, Gálvez comunica que o romance alcançara grande sucesso de vendas no mercado argentino, tendo esgotado várias edições. Lobato informa, uma semana depois, que os amigos a quem dera o romance para ler, afirmaram tratar-se de um livro que agarra o leitor logo na primeira página:

S. Paulo, 26/1/1920

Prezado M. Gálvez

Recebi sua carta de (sem data) que me anuncia o sucesso da *Nacha Regules*. Outra coisa não era de esperar de um livro seu. Tenho-os dado a ler a vários amigos e são todos unânimes em dizer “que são obras que agarram o leitor na 1ª página e arrastam-no até a última”. Esta impressão é o melhor dos elogios.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Montaldo, Graciela. “*Nacha Regules*”, in *Diccionario Enciclopédico de las Letras de América Latina*. Caracas, Biblioteca Ayacucho/Monte Ávila Editores, 1999, vol.1, p.3323.

¹⁴⁷ Carta datilografada e com timbre da *Revista do Brasil*. Fonte: A.M.G.

¹⁴⁸ Carta manuscrita e com timbre da *Revista do Brasil*. Fonte: A.M.G.

Por fim, o livro foi resenhado em julho de 1921, pelo romancista e crítico literário Múcio Leão¹⁴⁹ que, sem levar em conta a forma, fez uma leitura de conteúdo ideológico, afirmando tratar-se de um romance cujo tema central era “a defesa dos oprimidos e dos enganados”:

O sr. Manuel Galvez, ao mesmo tempo que é um romancista, é um profeta. Assim, tem a sua obra um duplo caráter: na mesma hora em que pinta as incoerências da vida, anuncia para um futuro talvez não remoto, a manhã das verdades perfeitas. Esse caráter duplo é uma das grandes forças de penetração que o têm levado à familiaridade do povo argentino. (...)

“*Nacha Regules*” é um livro de amargura, tanto quanto de misericórdia. Nele estão as melhores esperanças e as mais consoladoras profecias do sr. Manuel Galvez.

(...)

O sr. Manuel Galvez compreende que a chaga é sem remédio, provindo unicamente dos mistérios da criança fascinante e injusta. No seu romance temos a prova disso. Das mulheres extraviadas que nele aparecem, noventa por cento devem a queda às promessas falsas dos amorosos. Foi o noivo quem as levou a passear. E no passeio se consumou tudo... Pode-se dizer, até que esse livro representa um ato bíblico contra o perigo dos noivados e contra as insidias solertes das promessas de matrimônio...

(...)

(...) Quando *Nacha Regules* apareceu em Buenos Aires, o sr. Galvez foi saudado pelos socialistas argentinos como uma voz nova, —e de que brilho era esta voz— que chegava para o grêmio. Cedo as esperanças se desfizeram. No entanto a maravilha de certas ilusões ficou.

(...)

Não somente aos ricos e aos poderosos se estende a descrença do sr. Galvez. O escritor reconhece que a multidão é ignorante e vil. Que as suas preferências são as preferências dos néscios. E que, enquanto não vier uma sociedade mais alta e mais bela, o povo tem que continuar a ser o mesmo acervo bestial. O homem que diz dar higiene e conforto aos miseráveis foi apedrejado. A simpatia ficou improfícua e, e pior ainda, foi a fonte de desilusões. Com isso, porém, *Nacha Regules* não deixa de ser um livro impregnado de muito carinho. Talvez mesmo, no

¹⁴⁹ Sobre ele, escreveria Lobato a Gálvez, em 24/8/1921: “Múcio Leão é um rapaz de vinte e poucos anos, recém chegado de Pernambuco ao Rio, onde trabalha no *Correio da Manhã*. É quase um menino. Tenho com ele relação ligeira, tendo-o visto uma só vez, por cinco minutos, quando veio do Rio a S. Paulo em aeroplano”. Fonte: A.M.G.

bom sentido, seja possível considerá-lo um livro socialista. Pois não é a defesa dos oprimidos e dos enganados o seu tema central? (...).¹⁵⁰

Como afirma o resenhista, Gálvez foi, de fato, saudado por escritores de linha realista de forte conteúdo social. Na Buenos Aires dos anos 20, as discussões literárias eram intensas e estavam concentradas em dois grupos literários de claras divergências estéticas e ideológicas: Boedo e Florida. Jorge Schwartz define assim os dois grupos:

Grosso modo, “Boedo” representa o setor urbano vinculado à periferia e ao proletariado, e agrupa os escritores com preocupações literárias socializantes. A este grupo só interessa a obra de arte pelo seu conteúdo, ignorando qualquer preocupação de ordem formal. Em contraposição, “Florida”, a via central mais importante de Buenos Aires, está localizada na região elegante e comercial da cidade. Os escritores de Florida, de acentuado cosmopolitismo, têm como preocupação maior a incorporação ao panorama cultural argentino de novos valores estéticos da vanguarda europeia, tanto na literatura como nas artes plásticas, na música e na arquitetura.¹⁵¹

A voz do grupo “Florida” era a revista *Martín Fierro* e o gênero literário preferido, a poesia. Já o grupo “Boedo” tinha na narrativa o gênero preferido e a revista *Los pensadores*, substituída depois por *Claridad*, era seu porta-voz.

Os escritores vanguardistas de “Florida” costumavam fazer de Gálvez alvo de chacotas. Já os de Boedo mostravam simpatia pelo viés realista da narrativa de Gálvez, além de lerem nele a “*confirmación de que las vidas privadas pueden proporcionar significaciones al arte (...)*”.¹⁵² Entre estes escritores estavam os argentinos Nicolas Olivari (1900-1966) e Lorenzo Stanchina (1900-1987), autores de *Manuel Gálvez: ensayo sobre su obra*

¹⁵⁰ *Revista do Brasil*, nº67, julho/1921, pp.291-295.

¹⁵¹ Schwartz, Jorge. Op.cit. p.505.

¹⁵² Astutti, Adriana. “Eliás Castelnuovo o las intenciones didácticas em la narrativa de Boedo” in Jitrik, Noé, op. cit. p. 426.

(1924). Como forma de retribuir, Gálvez pediria a Lobato para que recebesse os dois escritores:

B. Aires, Febrero 5 de 1924.

Mi estimado colega:

Quiero presentarte y recomendarte a un joven escritor argentino de mucho mérito: Lorenzo Stanchina, que parte en breve para San Pablo. Stanchina es autor de varios cuentitos llenos de ternura, de verdad y [ilegível] cuales asoma en molde temperamento artista. Y con otro, joven, también de mucho valor: Nicolás Olivari, ha escrito un pequeño volumen sobre mí, que aparecerá en abril. Como persona, Stanchina es un muchacho excelente, trabajador y serio, lleno de cualidades. Le pido que le presente a algunos jóvenes brasileños. Él tiene deseos de conocer al maestro de “Urupês”, hacerle un reportaje.

No me puedo sino despedirme y rogarle inmensamente que reciba a Stanchina en su habitual gentileza.

Afectos de su amigo

Manuel Gálvez

Pampa 2502

[No verso da carta, de forma incompleta]:

... lleva copia de uno de los capítulos del volumen sobre mí. Se trata de una página inédita y de primer orden sobre mi libro Historia de Arrabal. Le agradecería que publicara, traducirla ya en la Revista do Brasil, ya en algun diario importante de San Pablo.¹⁵³

Quanto a uma edição brasileira de *Nacha Regules*, as tratativas foram longas, estendendo-se por quase dois anos. Ainda em 1921 Lobato chegou a fazer cálculos que incluíam o preço da impressão, do papel, da capa. Como editor, procurava baratear os custos:

S. Paulo, 3/8/1921:

Gálvez

(...).

A Revista do Brasil deu neste número o artigo do Leão, algo sacrificado pelo revisor. É preciso a gente fiscalizar tudo!

¹⁵³ Fonte: Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE/IEL, Unicamp.

Mas falemos de negócio. Os preços que eu tenho são calculados pra o meu formato e talvez ele não sirva para a Nacha. Em todo caso aqui vão eles:

Impressão; 3000 ex.

Papel, igual ao da revista – 2600° K. para resmas de 27 kilos

Cada folha dá 64 páginas. Há ainda a capa, que é nada.

Clichês – 7 réis por cent. 2

Se serve o nosso formato, com esses elementos poderão calcular o custo do livro. Se não serve, preciso pedir novos preços à tip.

Creio que há margem para baratear o livro.

(...)

Adeus.

Lobato¹⁵⁴

Coerente com a sua estética, de que os textos deveriam ser diretos, objetivos, de forma a atrair o leitor imediatamente, Lobato sugeriu a Gálvez que encurtasse o romance, o que acabou sendo acatado pelo argentino:

Ciente de tudo. Também creio que a Nacha é muito apropriada aos nossos propósitos. Se puder fazer uns cortes que concentrem a novela, faça-o e mande-me.

O Facundo já está em revisão, e a Nacha, logo depois de recebida, irá para a tradução.¹⁵⁵

SP, 5/out/1923

Amigo Gálvez

Recebi sua carta e o volume de Nacha encurtado. Ficou de um tamanho ótimo e acabo de remetê-lo à Sta Muriela Torres, moça de cultura, com um livro no prelo e capaz de uma ótima tradução. Mandarei provas antes de começar a impressão. Vou combinar com ela o preço e trad. [ilegível]. A parte do lucro decerto será sacrificada, porque tenciono dar uma edição de 2.000 apenas... Estes nossos países, caro amigo, possuem inda muito pequena a receptividade para livros. Em todo caso, farei o possível para que os lucros também cheguem ao autor, pois sei que prazer isso dá.¹⁵⁶

¹⁵⁴ Fonte: A.M.G.

¹⁵⁵ Carta sem data. Fonte: A.M.G.

¹⁵⁶ Fonte: A.M.G.

A tradução do romance foi feita ao longo de 1923 e submetida a Gálvez. Quanto à publicação, só sairia em outubro de 1924, pois como informava Lobato, naquele momento sua editora dedicava-se à publicação de livros escolares, por terem um retorno financeiro garantido:

S. Paulo, 6/2/1924

Gálvez

(...)

Quanto à saída do seu romance, demora um pouco. Neste começo de ano só cuidaremos de livros escolares, que é o grande negócio, e só de março em diante recomeçaremos com as outras coisas. O melhor é v. esquecer do livro, que um belo dia ele rompe por aí.¹⁵⁷

S. Paulo, 12/out/1924

M. Gálvez

A Nacha! Saiu finalmente. Houve isto: como eu desejava rever a tradução e os trabalhos da empresa se acumularam extraordinariamente, nunca tinha tempo para isso. Afinal vi que assim o livro não sairia nunca, e pus-me a relê-lo mesmo sem ter tempo. Foi aos poucos mas foi e agora está em revisão.¹⁵⁸

Pronta a edição, Lobato comunica o envio dos exemplares que caberiam ao autor, aproveitando para informar sobre o envio de um livro seu, dirigido ao público infantil:

S. Paulo, 28/1/1925

Gálvez

(...)

Nacha saiu, finalmente, e mando-lhe 20 exemplares. Se quiser mais é só pedir. Tirei 2.000 ex., em papel de jornal e num um pouco melhor. Vamos agora ver como se comporta o nosso público em relação ao grande romancista argentino.

(...)

¹⁵⁷ Fonte: A.M.G.

¹⁵⁸ Fonte: A.M.G.

Junto com a Nacha envio-lhe um livrinho para crianças de minha lavra.
 No mais, felicidades sem conta no ano novo.
 Lobato.¹⁵⁹

O artigo que Gálvez havia se comprometido a escrever para a *Revista do Brasil* foi publicado em agosto de 1921, na seção “Resenha do Mês”, intitulado “Tudo nos une”. Nele, Gálvez teceu alguns comentários sobre *Urupês*, recém-lançado na Argentina, pela Editora Pátria, de sua propriedade, em tradução de Benjamín de Garay. Assim como na resenha ao seu *Mal metafísico*, escrita por Monteiro Lobato, Gálvez enfatizou a semelhança entre os dois países. Se Lobato havia chamado a atenção para as semelhanças em relação à “formação étnica” das duas metrópoles e à ebulição comum aos respectivos meios literários, Gálvez, aproveitando a crítica presente em *Urupês*, chamou a atenção para os vícios políticos, a pobreza e a má administração comuns nos dois países:

É incrível até que ponto a literatura no Brasil revela no país irmão os mesmos costumes que no nosso. Salvo no que se refere aos negros, as novelas e os contos dos grandes escritores brasileiros —os Coelho Neto, os Medeiros de Albuquerque, os Afranio Peixoto, os Graça Aranha, os Alcides Maya, para só falar nos contemporâneos— poderiam ser argentinos com uma simples mudança nos nomes e a diferenciação de alguns pormenores. Os escritores que não fazem ali obra nacional e seguem as correntes francesas, também se assemelham àqueles dos nossos que se encontram no mesmo caso. E nos melhores críticos da nova geração —Mucio Leão, Ronald de Carvalho e Tristão de Athayde— observamos uma rara analogia de sensibilidade e de cultura com os mais inteligentes dos nossos críticos contemporâneos, com a ressalva de serem bastante superiores os brasileiros, pois os críticos argentinos, de quem deveremos esperar grandes coisas, começam apenas sua obra, sendo ainda muito jovens.

Essa semelhança nossos costumes e os do Brasil já foi assinalada pelos críticos brasileiros que escreveram sobre a tradução do “El Mal Metafísico”, editada no Rio de Janeiro, e sobre outros livros meus que leram no original. Porém, para nós, nada há tão revelador a esse

¹⁵⁹ Fonte: A.M.G.

respeito como “Urupês”, o vigoroso e sólido volume de contos de Monteiro Lobato que acaba de aparecer em Buenos Aires vertido por Benjamin de Garay.

Em “Urupês”, que não é somente uma coleção de contos, encontramos os mesmos vícios da nossa vida nacional. Vemos aparecer ali a ruim política, a péssima administração, a miserável existência das classes pobres. Tudo quanto Monteiro Lobato refere do mestiço, na penetrante análise com que abre o volume, pode aplicar-se aos nossos “paisanos”: a mesma preguiça, idêntica falta de aspirações, igual ignorância e superstição. Aquele Géca Tatú, celebre já no Brasil, onde o nome da personagem criada por Monteiro Lobato deu ensejo ao aparecimento de uma série de vocábulos típicos, não é outro senão esse Juan Pueblo, esfarrapado e bruto que vemos, de quando em quando, nas caricaturas das nossas revistas ilustradas. E, quando Géca Tatú, aconselhado a pôr uma cerca no seu rancho, coisa fácil “havendo por aí tanta madeira”, responde com o mussumano “não vale a pena”, não estamos ouvindo os nossos “criollos”, a todos os nossos “criollos”, desde os de Jujuy até os do Pampa?

(...)

O livro de Monteiro Lobato, que não é apenas muito interessante e cheio de talento, senão que por igual, contém muitos ensinamentos para todos nós, leva-nos a repetir a conhecida frase de Saenz Peña: “Tudo nos une, nada nos separa”. Os mesmos defeitos nacionais e as mesmas virtudes; idênticas esperanças e idêntico futuro. Poderá duvidar alguém que o Brasil seja um povo irmão, e que devemos sempre as estúpidas rivalidades, indignas de nações democráticas, que devem olhar para o porvir e realizar os ideais dos tempos modernos?

Manoel GALVEZ.¹⁶⁰

Pelo que se lê na resenha, para Gálvez os grandes escritores brasileiros –assim como os argentinos– eram aqueles que não seguiam as correntes francesas, numa clara crítica aos modernistas brasileiros e aos vanguardistas, indo de encontro às posições lobatianas. Destaque-se também a ênfase dada à cor local, reconhecendo nisso um valor positivo da escritura. Assim como Lobato, Gálvez também desenvolve um discurso latino-americanista, presente já no título do artigo e em expressões como “povo irmão”, projetando essa união para o futuro, como algo a ser alcançado.

¹⁶⁰ In *Revista do Brasil*, nº68, agosto/1921, 468. Coleção IEB.

Os romances *La tragedia de un hombre fuerte* e *El cántico espiritual*, ambos de Manuel Gálvez, foram resenhados –sempre na seção Bibliographia –em outubro/1922 e em janeiro/1924, respectivamente. A primeira resenha é assinada por Lobato e na segunda não há menção ao autor. Como de costume, o tom é elogioso e em ambas as resenhas nota-se, mais uma vez, uma leitura na linha realista naturalista ao destacarem e valorizarem o traço de fidelidade à realidade:

La tragedia de un hombre fuerte. Bibliotheca dos Novelistas Americanos. Buenos Aires. 1922.

Manuel Galvez continua a sua obra novelística, na qual se refletem todos os aspectos da moderna Argentina. Neste alentado romance, a ação gira em torno de um homem forte e serve de pretexto para o estudo da evolução do amor – ou melhor, das relações sexuais e sentimentais do homem e da mulher de Buenos Aires, criaturas influenciadas pela inquietação européia, arrancadas da cristalização colonial, que inda perdura na província (...).

(...)

É um excelente livro, porque é um fiel espelho de numerosas faces que fielmente refletem a alma argentina. No fundo, Galvez estuda, a seu modo e com modernismo, o eterno problema argentino de choque entre a cabeça e o corpo, Buenos Aires e a província. Uma sempre foi Europa, idéia nova, força que tira para a frente, *worwaertz*; outra, desde os inícios da independência, sempre permaneceu Espanha, tradição, estatismo, imutabilidade.

(...)

Excelente livro, portanto, e mais um bloco que Manuel Galvez assenta no edifício da sua já formidável criação literária.¹⁶¹

MANUEL GALVEZ- *El cántico espiritual*- Buenos Aires-1923

De Manuel Galvez podemos dizer o que se disse de Zola –que é um formidável *abatteur de besogne*. Está construindo uma obra de grandes vultos, dessas que requerem pulso forte, músculos de aço e energia moral indomável, o que é raro na América do Sul onde Rodó já observou a debilidade e o pouco fôlego dos artistas.

¹⁶¹ In *Revista do Brasil*, nº 82, out/1922, pp.143-144. Coleção IEB.

Galvez foge à regra. Apesar de não dedicar-se exclusivamente à literatura, pois que o meio não lhe permite essa especialização (que explica muita coisa no velho mundo), vai levando por diante sua formidável empresa, que é fixar em romances alentados toda a vida atual da Argentina. (...)

Apesar do título místico, “El cántico” é um panorama de almas e tipos fixados com o mais flagrante relevo, em nada desmerecedor de obras magistrais como “La maestra normal”, “Nacha Regules”, traduzida em várias línguas, “El mal metaphysico”, “La tragédia de un hombre fuerte” e tantos outros romances que se impuseram e são o que existe hoje na América de melhor em matéria novelística.

Em tradução brasileira existe deste escritor apenas uma obra “O mal metaphysico”, que por circunstancias alheias ao valor da obra foi mal difundido. Sabemos, entretanto, que a casa Monteiro Lobato & Cia vai dar a “Nacha Regules”, e fazemos votos para que, afinal, o grande romancista da Sul América obtenha do nosso público a Victoria que merece e que já obteve nos Estados Unidos e na Alemanha.¹⁶²

Na primeira resenha, sobre *La tragédia de um hombre fuerte*, novamente há uma leitura de viés realista, predominante em quase todas as resenhas publicadas na revista. O livro em questão é considerado bom na medida em que retrata e reflete “fielmente” a alma argentina.

Na crítica a *El cántico espiritual*, a menção a José Enrique Rodó (1871-1917) como aquele que observou “a debilidade e o pouco fôlego dos artistas” nos remete ao ensaio “Rubén Darío” (1899) que Rodó escreveu sobre o poeta modernista. Já no primeiro parágrafo Rodó nega a Darío a idéia de representatividade da América: “*Indudablemente, Rubén Darío no es el poeta de América*”.¹⁶³ Para ele, Darío não teria o vigor para representar a América por ser dono de uma poética excessivamente pessoal. Ao mesmo tempo, reconhece o valor de Darío, por ser um poeta requintado, algo que até então não havia surgido: “*Habíamos tenido en América poetas buenos, y poetas inspirados, y poetas vigorosos; pero no habíamos tenido en América un gran*

¹⁶² In *Revista do Brasil*, nº97, jan/1924, p.59. Coleção IEB.

¹⁶³ In Rufinelli, Jorge (ed.). *José Enrique Rodó: crítico literario*. Valencia, Alicante, 1995, p.49.

poeta exquisito”.¹⁶⁴ Essa originalidade é o que lhe confere um lugar na literatura latino-americana. Mas para Rodó, a poesia e o poeta da América deveriam ser aqueles que tornassem universalmente inteligível o americano; os escritores americanos deveriam abrir-se ao mundo, mas mostrando as particularidades americanas.

Apesar de não ser assinada, muito provavelmente esta resenha foi escrita por Lobato; é o que nos sugere alguns comentários feitos a Gálvez, em carta de 22/12/1920, a respeito da pouca difusão de *O mal metafísico* e do sucesso de *Nacha Regules* nos Estados Unidos e na Alemanha. Este sucesso é atribuído, por Lobato, ao fato de o texto de Gálvez fisgar o leitor desde a primeira linha:

S. Paulo, 22-12-1920

Amigo Gálvez

Antes de mais nada, meus calorosos parabéns pela penetração nos Estados Unidos e Alemanha. Isso chega a ser honroso até para a América do sul, tida até aqui como colônia, incapaz de manifestações sérias no domínio das artes.

O seu sucesso lá é garantido porque o amigo é um verdadeiro romancista desses que possui o segredo de interessar o leitor desde a primeira linha e seduzi-lo até a última sem recaídas. Tenho aqui entre amigos feito uma boa propaganda de seus livros de modo a aumentar o seu círculo de leitores. Até aqui, dos argentinos o Ingenieros tinha público –como agora vi com os livros da Editorial que me mandou e dos quais vendi todos os exemplares da Locura na Argentina.

Sobre o Mal Metafísico pouco disse a imprensa além do que o amigo já conhece e isso graças à estupidez do Lauria que não distribui o livro. Mando-lhe uma lista de nomes aos quais poderá remetê-lo com vantagem para a propaganda.

Tenho lido as suas novelas em Caras y Caretas e na nov. Semanal, que me deu o Garay. Sempre noto as mesmas características: a arte de prender o leitor. O que se admira é também a sua capacidade de trabalho... extraordinária!¹⁶⁵

¹⁶⁴ Idem, ibidem., p.50.

¹⁶⁵ Fonte: A.M.G.

A *Revista do Brasil* também anunciou e resenhou obras publicadas pela editora de Gálvez, a Sociedad Cooperativa Editorial Limitada, como *Las rosas del Manto'n (andanzas y emociones por tierras de España)* [1917], *Desnudos y mascararas (prosa de vida y de novela)* [1920] ambas de Ernesto Mario Barreda, *Los aguiluchos*, poemas [1922], de Leopoldo Marechal.¹⁶⁶

No artigo “Um romancista argentino”,¹⁶⁷ publicado no *Correio da Manhã*, em 1920, Lobato discorre sobre Gálvez, “o mais esclarecido propulsor da neo-cultura argentina. Não se limita a pregar: age, diz e faz; é a um tempo condutor e obreiro”.¹⁶⁸ Logo no primeiro parágrafo, afirma ser necessário reconhecermos o país vizinho mais do que por sua riqueza material; é preciso que também reconheçamos a “riqueza mental dos platinos” e, ao comentar a grande produção cultural argentina, demonstra conhecer suas obras fundantes, como *Martín Fierro*, de Hernández e *Facundo*, de Sarmiento. A seguir, passa a discorrer sobre os romances *La maestra normal* e *Nacha Regules*.

Alguns dos comentários que Lobato fez nesse artigo haviam sido antecipados em cartas a Manuel Gálvez. Entre eles, o paralelo que via entre a vida interiorana argentina e brasileira:

S. Paulo, 18/1/1920:

Prezado amigo Manoel Gálvez

Conheço pouco a literatura argentina mas duvido que haja nela um romance que valha a Maestra. Raselda é a mulher fraca de todas as partes e de todos os tempos –vítima da ingenuidade dos seus instintos. Há-as aqui em quantidade. A vida riojana é a mesma vida provinciana cá do Brasil e foi isto uma das coisas que mais me impressionaram no seu livro, essa identidade ou semelhança de ambientes. Tão grande é ela que, traduzido em português, e aportuguesando os nomes dos personagens e das localidades esse livro passaria entre nós como um autêntico romance brasileiro –ou pelo menos paulista. Nossos vícios e qualidades, a intrigalhada do mundinho pedagógico, tudo é muito

¹⁶⁶ *Revista do Brasil*, jan/1923, nº85, p.69 e fev/1923, nº86, p.150.

¹⁶⁷ O artigo foi incluído em *Idéias de Jeca Tatu*. In Lobato, Monteiro. *Obras Completas*, vol.4, pp.203-209.

¹⁶⁸ Idem, ibidem, p.203.

nosso. Acho isso notável e se o livro fosse menor eu lhe proporia a tradução em português –mas infelizmente nosso mercado não comporta livros de mais de 250 páginas.¹⁶⁹

Apesar de considerar o livro “notável”, Lobato não o considerou viável editorialmente, por ser muito extenso. Em carta anterior já havia expressado a mesma opinião:

S. Paulo, 10 de dezembro de 1919.

Prezado amigo

(...)

Se a *Maestra Normal* não fosse uma novela tão grande eu proporia a tradução dela e a publicação aqui. Mas já verifiquei, como editor, que dado o preço do papel e a pequena receptividade do povo brasileiro, não é negócio publicar livros que excedam de 250 páginas.¹⁷⁰

Apesar de não ver possibilidade de editar o romance, Lobato articulou uma possível edição no jornal “Estado de S. Paulo”, sob a forma de folhetim. Paradoxalmente, informa sobre a venda de todos os exemplares que Gálvez havia lhe enviado:

S. Paulo, 6/1/1921.

Amigo Gálvez

(...)

Propus ao “Estado de S. Paulo” –que é o jornal de maior circulação no Brasil –a publicação dum livro argentino (um seu) em folhetim, e eles acharam boa a idéia. Agora consulto o amigo si consente nisso. É um bom meio de expandir o seu nome aqui no Brasil, onde só Ingenieros é conhecido. A prova está em que já vendi todos os exemplares da “Locura” que me vieram.¹⁷¹

S. Paulo, 10.2.1921

¹⁶⁹ Fonte: A.M.G.

¹⁷⁰ Fonte: A.M.G.

¹⁷¹ Fonte: A.M.G.

Prezado Gálvez

(...).

Quanto ao “Estado de S. Paulo” está resolvido dar-se em folhetim a *Maestra*, mas ainda não acharam um tradutor competente. Por falar em *Maestra*, já saíram todos os exemplares que me mandou.¹⁷²

Finalmente, no artigo a respeito de *La maestra normal* Lobato afirma que “ficará na literatura como o primeiro grande romance da moderna Argentina”¹⁷³ e, como havia feito em carta, ressalta a semelhança do ambiente provinciano descrito com o de qualquer província brasileira ou do mundo, com suas “cidades mortas” pois “o homem é o mesmo em toda parte”¹⁷⁴. Segundo Lobato, Gálvez “possui a grande faculdade –qualidade maior de todas– de fisgar o tipo subjacente no âmago de cada criatura humana e conservá-lo, lógico, uno, em todo o decurso da obra”.¹⁷⁵ Está presente aqui, mais uma vez, a noção estética de Lobato, de uma literatura não fragmentada, que não distorça a realidade. Análise semelhante fez de *Nacha Regules*, ao afirmar ser um romance que “ascende ao simbolismo” e que, apesar da mudança de enfoque Gálvez “continua criador de tipos e vigoroso paisagista de almas”.¹⁷⁶

¹⁷² Fonte; A.M.G.

¹⁷³ Idem, ibidem., p.206.

¹⁷⁴ Idem, ibidem..

¹⁷⁵ Idem, ibidem., p.207.

¹⁷⁶ Idem, ibidem., p.208.

A correspondência entre Monteiro Lobato e Manuel Gálvez foi intensa até 1925. Só seria retomada em agosto de 1934, por iniciativa do argentino. Na longa resposta que lhe enviou, Lobato justifica a interrupção devido às complicações financeiras pelas quais havia passado –a falência da sua editora–, a viagem aos Estados Unidos, a campanha do petróleo e seus novos empreendimentos editoriais, sempre ressaltando as grandes tiragens. Desta carta, reproduzo alguns trechos mais significativos:

S. Paulo, 28/agosto/1934

Prezadíssimo amigo Manuel Gálvez

Deu-me grande prazer o recebimento da sua carta de 21 do corrente. De fato, nossa aproximação foi breve, e interrompida quando começávamos a conversar assuntos de interesses mútuos por um desastre comercial que me mudou o rumo da vida. Mas vejo agora que o meu admirado e grande amigo não esqueceu o velho colega de lutas literárias –como eu não o esqueci. Acompanhei pela imprensa daqui o movimento em prol duma concessão do prêmio Nobel ao grande romancista argentino e não vi nisso nenhum favor. Mero ato de justiça apenas.

Encanta-me saber da sua ininterrupta atividade e da mocidade de seu espírito. Cinquenta e dois anos –exatamente a idade que tenho. Isso, meu caro, é o apogeu da vida nos homens que sabem conduzir-se com moderação.

Nada conheço das suas últimas obras. Creio que parei em *Historia de Arrabal*. Mudei de mundo por vários anos, e naquele mar sem fundo da literatura inglesa perdi de vista o seu país e a América Latina. Agora que retornei, tenho uma grande tarefa diante de mim, qual a de pôr-me ao corrente do que se fez neste interregno.

Estou metido numa outra indústria muito afastada da editorial –a do petróleo, (...). Petróleo e ferro, é o que me ocupa (...). Veja que homem de letras degenerado! Há dois terríveis impulsos dentro de mim, o literário e o industrial. Este nunca permite sossego àquele, de modo que a minha literatura é feita de momentos roubados.

Daquela grande companhia editorial que tinha o meu nome e que naufragou em 1925 extraí no mesmo ano uma outra, a Cia Editora Nacional, que é hoje a maior do Brasil. O ano passado editamos 1.300.000 volumes e este ano já chegamos a 1.000.000 este mês. Sucesso absoluto, com sucursais em todas as capitais brasileiras, em Portugal e colônias. (...).

Números, números! Eternamente preocupado com os números! Não fosse essa maldita tendência e eu seria um puro homem de letras. A mania industrial não deixa. Há sempre dentro de mim um sonho enorme que não me dá tréguas. Uns livros lindos que sempre desejei escrever ficam protelados eternamente por causa dos malditos negócios.

Garay escreve-me que vai dar aí, pela Tor, umas traduções minhas. Tudo coisa velha. Desta pobre cabeça saem mais companhias do que livros.

(...)

Diz o amigo que não é calvo. A mesma desgraça me acontece. Sou até peludíssimo. Lamento isso, porque acho que a calvície favorece o surto das idéias. As energias todas vão para os miolos em vez de se perderem a alimentar pêlos inúteis. Diz também que detesta a velhice. Estou de pleníssimo acordo. Detesto-a do fundo da alma, (...). Que pena envelhecer! Nada mais lindo e sadio que a mocidade, e o grande mal, o mal dos males é justamente a ausência ou o afastamento da mocidade. (...)

Adeus, meu caro amigo, e obrigadíssimo pela lembrança da sua carta. Para tudo quanto queira neste país lembre-se sempre do literato manque, mas muito camarada.

Monteiro Lobato¹⁷⁷

Stanchina e Olivari

Atendendo a um pedido de Gálvez, a *Revista do Brasil* publicou uma nota assinada por B. Sánchez sobre Olivari, na seção “Notas do Exterior” e uma breve resenha sobre o livro de Stanchina, publicadas nos nº76 (abril) e 80 (agosto) de 1922, respectivamente:

Nicolas Olivari

Este escritor da moderna geração argentina é um temperamento mordaz e, si bem que não esteja de acordo com sua apreciação crítica, não deixo de reconhecer-lhe uma inteligência superior e um conhecimento sensato na exposição.

Olivari é um amante furioso de Pio Baroja, Azorín, Araquistán e de João do Rio, e trata de pôr em castelhano as satíricas palavras do endiabrado “caroica”.

Olivari, como quase todos os que passam por este crônica, é pouco conhecido, apesar de ser numerosa sua produção disseminada por

¹⁷⁷ Fonte: A.M.G.

diversas revistas, e ainda, creio, tem trabalhos dignos de menção em alguma antologia.

E se digo que não compartilho da opinião crítica de Olivari, é porque me refiro a sua tendência de “massacrar” tudo que não esteja de acordo com seus princípios. E mais ainda pelo amor que professa a um medíocre crítico –vil mercador que com preensões de Leon Bloy contemporâneo arremete contra as letras e os homens da Espanha. Refiro-me a Alberto Hidalgo.

No mais, Nicolas Olivari é um d’esses homens que chegarão mui longe, e sem tardar, antes que tenha 25 anos. Pertence ao grupo da revista ELPIS.¹⁷⁸

Lorenzo Stanchina. *Los dormidos. Segundas núpcias.* Ed. “Elpis”. Buenos Aires, 1922.

“Elpis” –a revista Argentina dos novos– edita nestes folhetos dois dramas do Sr. Lorenzo Stanchina, recebidos ambos com ecomiastas referencias pela imprensa do vizinho país.¹⁷⁹

Beatriz Sarlo observa que Olivari e Stanchina, recém chegados ao campo intelectual portenho, ao aproximarem-se de Gálvez “*ganan un aliado de peso en un campo intelectual que se les presenta difícil, aunque este aliado no goce precisamente de las simpatías de los círculos renovadores*”.¹⁸⁰ Ainda segundo Sarlo, tal aproximação proporcionou também a possibilidade de escrever para um público mais amplo que o das vanguardas. Este é exatamente o mesmo movimento que fez Lobato, ao se aproximar de Gálvez e não estabelecer nenhum contato com as vanguardas argentinas.

Olivari viajou a São Paulo, juntamente com Stanchina, em 1925, para participar de um festival organizado pela União dos Trabalhadores Graphicos, evento no qual Stanchina “dissertou sobre Gálvez e sua obra”.¹⁸¹ Os contatos estabelecidos por Lobato e Gálvez possibilitaram a Olivari, segundo

¹⁷⁸ *Revista do Brasil*, abril/1922, nº76, p.377. Coleção IEB.

¹⁷⁹ *Revista do Brasil*, agosto/1922, nº80, p.383. Coleção IEB.

¹⁸⁰ Sarlo, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930.* Buenos Aires, Nueva Visión, 1988, p.191.

¹⁸¹ Artundo, op.cit. p.49.

Artundo¹⁸², aproximar-se dos modernistas brasileiros. Ao voltar a Buenos Aires escreveu para a revista *Martín Fierro*, em 10 de setembro, um longo artigo intitulado “La moderna literatura brasileña”, no qual menciona uma visita a Menotti Del Picchia, e relata os comentários deste sobre a Semana de Arte Moderna e sobre a pujança cultural de São Paulo. A respeito de Lobato, afirma: “*El iniciador de la revolución fue Monteiro Lobato. Su libro ‘Urupes’ era el grito del Ipiranga de la literatura brasileña. Creó con sus procesos verbales –híspidos, cáusticos, chocantes– en violenta contradicción con la meliflua dulzura de la vieja prosa francesa, el nuevo credo artístico que en el fondo, inconscientemente, es el regionalismo*”.¹⁸³

Stanchina já estivera em São Paulo um ano antes, para entrevistar Monteiro Lobato. A intermediação fora feita por Gálvez e a entrevista, realizada em 17/2/1924, na sede da editora, e publicada na revista portenha “Fray Mocho”, em março de 1924.

No volume que se encontra na Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina é possível ver, bem no centro da página, uma foto da dedicatória de Monteiro Lobato à revista:

A ‘Fray Mocho’ pelo muito bem que tem feito aos hipocondríacos, mil
anos de vida deseja o
Monteiro Lobato.¹⁸⁴

Na parte introdutória, Stanchina descreve um pouco o clima da cidade, “*las calles, impregnadas por una capa fangosa por la lluvia intermitente*” e sua chegada à editora, “*una casa de dos pisos, cuyo muro inerte y pensativo parece mirarme extrañamente (...)*”; já no escritório, menciona o retrato a óleo

¹⁸² Idem, *ibidem.*, p.50.

¹⁸³ *Martín Fierro. 1924-1927. Edición facsimilar.* Estudio preliminar de Horacio Salas. Buenos Aires, Fondo Nacional de las Artes, 1995, p.161.

¹⁸⁴ In *Fray Mocho*, 18/3/1924. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina.

feito por Cesáreo Bernaldo de Quirós (pintor consagrado na Argentina como representante da ‘arte nacional’)¹⁸⁵ “*dominando el frente del escritorio*” e ladeado pelas “*fotografías de José Ingenieros y Horacio Quiroga, ambas con afectuosas dedicatorias*”, além de um óleo de Tarsila do Amaral. O entrevistador segue descrevendo o escritório, que tem “*pocos muebles, muchos libros y papeles... papeles*” e, num canto, uma estante “*atiborrada de papeles... son originales de libros, que tal vez nunca se editarán.*” Stanchina discorre também sobre a emoção de encontrar-se com Lobato, a quem considera “*uno de los escritores más grandes de América*”. Ao entrar na sala, vê “*sentado ante una mesa atiborrada de papeles (...) la figura de un hombrecito*” de quem a primeira coisa que seus olhos divisam é “*el perfil de dos alas negras, inmóviles, en medio de una cara citrina, ancha y angulosa*”.

Após as apresentações de praxe, em que Stanchina entrega a Lobato a carta de apresentação escrita por Manuel Gálvez, e antes que o entrevistador faça qualquer pergunta, o entrevistado põe-se a falar sobre o seu novo empreendimento, a “Companhia Gráfico Editora Monteiro Lobato” e sua intenção de dedicar-se apenas à atividade de editor e não mais a de escritor:

Su visita, amigo Stanchina, me sorprende en uno de esos momentos de inquietante actividad que pesan sobre mi editorial. ¿Ve usted esos papeles? Son los dispositivos de una formidable empresa editora que acabo de constituir con un capital de 4.000 contos (1). Pretendemos, también, adicionar a la editorial una fábrica de papel, para cuyo efecto procederemos a la plantación de grandes extensiones de pinares. Tengo el propósito de no escribir más, abandonando por completo la literatura. El hombre, en la vida, tiene varias etapas que recorrer. Yo ya he traspuesto la literaria. En delante, quiero dedicarme exclusivamente al desenvolvimiento de esta empresa, en cuyo éxito confío plenamente. Editaremos, con frecuencia, libros escolares y comerciales. Poca literatura...

¹⁸⁵ Em 1921 Quirós inaugurou uma exposição de suas obras no Rio de Janeiro; foi nesse momento que entrou em contato com Lobato. Este lhe dedicou um artigo na *Revista do Brasil* e, pouco depois, Quirós pintou o seu retrato. Cf. Artundo, op.cit., p.29.

(1) Aproximadamente un millón y medio de pesos argentinos.¹⁸⁶

Ao ser indagado a respeito da literatura argentina, Lobato afirma pouco conhecer:

Poco conozco. Aparte Ingenieros que, indiscutiblemente es una brillante intelectualidad; de Gálvez, cuya vasta obra –parecida a la de Zola- da la sensación de una sólida constitución hecha de concreto armado; de Quiroga, con quien me enorgullezco de tener un parentesco espiritual; de Benito Lynch, a quien reputo un escritor verdaderamente argentino y de Hugo Wast, poco o nada conozco de su país. No me refiero a Sarmiento, cuyo “Facundo” acabo de editar en portugués, porque él vale por un monumento en la literatura americana. Ah! Olvidaba de citar Cancela. Bello humorista, Cancela!

¹⁸⁷

Sobre os poetas, afirma conhecer apenas “*Alfonsina Storni, por la que siento una sincera simpatía*”. A seguir, Lobato aconselha Stanchina a deixar a literatura de lado: “*Deje la literatura; véngase por acá y ponga un comércio... (...) [a literatura] “nao presta para nada”*”. E ao ser perguntado se “*confía en el futuro de la literatura americana*”, Monteiro Lobato afirma que sim, “*aun cuando no llegó todavía su hora, pienso que llegará*”. Como última questão, Stanchina pergunta se o escritor tem esperança nos intelectuais da nova geração, ao que Lobato responde: “*No*”. Esta resposta é significativa, na medida em que os modernistas brasileiros estavam em plena atividade. A relação de Lobato com o grupo modernista brasileiro foi construída, ao longo dos anos, de gestos de aproximação e de repulsa. Durante sua gestão na *Revista do Brasil* é possível notar a presença de vários representantes do grupo, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sergio Milliet, Victor

¹⁸⁶ in *Fray Mocho*, 18/3/1924. Fonte: Hemeroteca da biblioteca Nacional da República Argentina.

¹⁸⁷ Idem, ibidem.

Brecheret, entre outros. Em 1924, mais envolvido com a nova casa editorial que estava formando, Lobato chegou a transferir a direção da *Revista do Brasil* a Paulo Prado e Sergio Milliet. Em carta a Rangel, diria:

Entreguei a *Revista* ao Paulo Prado e Sergio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la. Vejamos o que sai –e se não houver baixa no câmbio das assinaturas, o modernismo está aprovado.¹⁸⁸

Em 1946, no entanto, as relações voltariam a ficar estremecidas. O prefeito de São Paulo, Abraão Ribeiro, em carta aberta a Luis Martins negou-se “a tomar qualquer iniciativa no sentido de criar um Museu de Arte Moderna na cidade, como lhe haviam solicitado”,¹⁸⁹ o que imediatamente gerou protesto, via imprensa, dos intelectuais e da classe artística. Monteiro Lobato foi um dos únicos a apoiar a atitude do prefeito. Em carta, diria que “já de há muito tempo um grupo de jornalistas formou um ‘Comando secreto’, que foi aos poucos, aqui e ali, tomando conta da crítica de arte nos jornais. Por fim só eles em praticamente toda a nossa imprensa, passaram a entender, a disreterar sobre arte”.¹⁹⁰ Como resultado, segundo Lobato, o público, aos poucos, os abandonou e “o movimento artístico normal segue o seu curso, totalmente descurioso da existência dessa crítica partidária. As obras que eles negam é a louvada e comprada –e as que eles exaltam vão ficando às moscas, no mais trágico dos encalhes”.¹⁹¹ Daí, na sua visão, a necessidade de se criar o museu, a fim de servir como depósito “mas como ficava feio pedirem à Prefeitura um depósito, pediram um museu...”.¹⁹² Crítica semelhante publicou no jornal portenho *El Mundo*, em novembro de 1946, por ocasião de uma exposição de

¹⁸⁸ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, vol2, p.264.

¹⁸⁹ AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. Op.cit., p.184.

¹⁹⁰ Lobato, Monteiro. *Cartas Escolhidas*, vol 2, p.173.

¹⁹¹ Idem, ibidem..

¹⁹² Idem, ibidem, p.175.

Bernaldo Quirós. O artigo, intitulado “Un nuevo Stalingrado: Quirós”, será comentado mais detalhadamente no próximo capítulo.

Evidentemente, o posicionamento de Lobato foi duramente criticado e, às vésperas de sua viagem à Argentina ele afirmou, em carta a Jaime Adour, que as críticas dos modernistas dirigidas a ele eram fruto de inveja de seu êxito comercial como editor:

No fundo, o que há contra mim é inveja em consequência de minha vitória comercial nas letras. Até o fim do ano, passo de 2 milhões em minhas tiragens. Estou (ou vou ficar até o fim do ano) com 66 edições aqui e 37 na Argentina (ou mundo de língua espanhola), tudo isso *dando renda*. Aqui é que está o busílis. (...). Eles são uns gênios —mas não vendem; têm que viver como carrapatos do Estado, presos a empreguinhos. O Lobato é uma besta, mas está vendendo bestialmente, cada vez mais. Daí o atual “pau no Lobato”.¹⁹³

Horacio Quiroga

A edição argentina de *Urupês* recebeu comentários elogiosos em publicações de grande circulação, como as revistas *Nosotros*, *Plus Ultra*, *Caras y Caretas*, entre outras, que serão analisadas oportunamente. A partir destas matérias e do contato com seu velho conhecido Manuel Gálvez, Horacio Quiroga (1878-1937) tomou conhecimento do livro e escreveu a Lobato. Assim como este e Gálvez, Quiroga enfatiza o fato de países vizinhos desconhecerem suas respectivas literaturas e expressa entusiasmo em poder apreciar os contos de Lobato. Sem perder tempo, e dando mostras da estima que tinha de suas relações rioplatenses, esta carta foi reproduzida na *Revista do Brasil* em julho/1921, e foi a entrada de uma significativa presença nos números posteriores:

“Senhor Monteiro Lobato: muy estimado compañero.

¹⁹³ Idem, *ibidem.*, p.177.

He leído, días atrás, su “Urupés” con vivísimo placer, en la edición española que dirige nuestro común amigo Manuel Galvez. Como esta [ilegível] pan-americana de desconocernos es especialmente tan viva entre Brasil y Argentina, recién ahora nos es dado apreciar a un cuentista de la talla de ud. Aunque entiendo y aún podría hablar el portugués, lo leo con dificultad, ya que no es cosa de andar perdiendo el sabor de las cosas por la ignorancia de un solo adjetivo. Me atengo pues a la traducción para leerlo. Comprende ud. el español? Si es así, tendré grande placer de enviarle algo mío. No es común en estos países tropezar con personas a quienes felicitar de todo corazón, como es caso con ud. Muy contento, pues, de poder hacerlo, lo saluda

con honda estimación, su compañero
Horacio Quiroga.¹⁹⁴

Logo na seqüência da carta, a *Revista do Brasil* aproveitou para divulgar que *Urupês* iria “aparecer nos Estados Unidos, traduzido por Isaac Goldberg e em Espanha, editado por Calleja” e inseriu, em espanhol, uma resenha de Martín Saavedra, altamente elogiosa, publicada originalmente no jornal *El Telegrapho*, de Montevideú:

Es el caso de un hombre joven que de buenas a primeras, resulta gran escritor. De “fazendeiro” pasa a ser el primer cuentista del Brasil contemporáneo. “Urupés” es un libro admirable, que prueba la poca eficacia de las preceptivas literarias y las académicas. Y es que, cuando se tiene mucho talento no hacen falta ni la sintaxis ni la técnica.

Monteiro Lobato –bueno será que dejemos sentado- tiene sin embargo una cultura amplia, cosa que prueba bien las certeras alusiones que hay en sus cuentos. A veces es trágico como cuando remenda a Maupassant, otras de una ironía diabólica como en “el comprador de fazendas”.

Em todo el libro –este magnífico libro, lleno de atisbos geniales que acaba de publicar la “Bibliotheca de Novelistas Americanos” –se revela um psicólogo de intenso vigor. Los giros de su prosa, por lo inusitados, hay ocasiones en que deslumbran, semejantes a pirotecnias. Hemos oído decir que, en su idioma original, “Urupês” lleva ya nueve o diez ediciones. Ruy Barbosa, el político sabio, citó este libro en una

¹⁹⁴ *Revista do Brasil*, nº67, julho/1921, pp.364-365. Coleção IEB.

reunión pública, concitando el interés de sus connaciones sobre la obra.

(...)

Concluiremos estos renglones atrabiliarios insistiendo respeto a que “Urupés” es un gran libro y Monteiro Lobato un admirable escritor.¹⁹⁵

A partir da carta de Quiroga deu-se início a um intercâmbio que durou, ao que tudo indica, até 1927,¹⁹⁶ e englobou desde comunicados de remessas de livros e revistas, passando por sugestões de publicações em editoras dos respectivos países até comentários sobre tradução. Esta correspondência revela, como se verá, uma aproximação estética entre os dois escritores. Lobato sempre destacará o lado realista e naturalista do uruguaio, tornando explícito, desse modo, seu próprio estilo e gostos literários.

A carta (manuscrita) de agosto de 1921 é reveladora do início do intercâmbio:

B. Aires, agosto-6-21

Mi estimado Monteiro Lobato:

¿ Recibió los libros por fin? Como tres días después de su carta me llegaron los suyos, confío a que a esta hora estén los míos en su poder. Si no es así, dígame en dos líneas para una nueva remesa. Después le hablaré largo de [“Negrinha”] y [ilegível]. Afectos,

H. Quiroga.¹⁹⁷

A resposta de Lobato foi rápida: um mês depois, Quiroga teve duas obras resenhadas na seção Bibliographia: *Cuentos de la Selva (para niños)* (1918) e *El salvaje* (1920). Trata-se da edição da Cooperativa Editorial

¹⁹⁵ Idem, ibidem.

¹⁹⁶ É justamente neste ano que Lobato parte com a família para os EUA, como adido comercial brasileiro em Nova Iorque, voltando ao Brasil apenas em 1931. Daí, possivelmente, a interrupção da correspondência.

¹⁹⁷ Fonte: Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE (Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”)/IEL-Unicamp. Todas as demais cartas ou fragmentos de carta de Quiroga a Lobato mencionadas neste trabalho fazem parte do mesmo arquivo. Como não existe mais um arquivo pessoal de Quiroga, não foi possível resgatar as cartas de Lobato a este.

Limitada, de Manuel Gálvez. Sobre *Cuentos de la selva*, o artigo destaca a proximidade com o universo infantil abordado em *Narizinho arrebitado* (1921), de Lobato:

O ilustre escritor, que é Horacio Quiroga, não desdenha escrever para crianças. Põe ao serviço da infância do seu país a sua bela arte, proporcionando-lhe verdadeiro regalo. É sempre o mesmo artista, cheio de pitoresco e imaginação.

Ao ler os seus “Cuentos de la selva” não se pode furtar ao paralelo que se nos impõe com Monteiro Lobato, o autor do “Narizinho arrebitado”. A concepção da literatura infantil é, em ambos, através da distancia que os separa no mundo e das diferenças de nacionalidade, de formação e outras, exatamente a mesma. Um e outro compreendem que só o maravilhoso pode seduzir a alma infantil, que só as coisas que lhe são familiares podem viver para ela e que só essas mesmas coisas podem ensinar a vida, educando sentimentos e espírito. (...).¹⁹⁸

O paralelo entre os dois autores ressaltado na resenha é confirmado pelo próprio Horacio Quiroga ao dizer, em carta (6/out/1921), ser “*muy evidente la analogía entre Ud. y yo. Particularmente en el [ilegível] total a los sentimientos. Buenos hijos de Kipling, al fin y al cabo*”.

Nessa mesma carta afirma ter recebido os exemplares da Revista do Brasil, assim como Negrinha, pelo qual demonstra interesse em traduzir:

B. Aires – 6 octubre 1921.

Mi estimado Monteiro Lobato: recibí [ilegível] el ejemplar de la revista que me envió. Gracias de nuevo, e igualmente al amigo Ferraz. “Negrinha”, ¿ es anterior o posterior a Urupés? Hay allí una historia “El drama de la helada”, que me place de corazón. Si no fuera acaso molestia para el compañero Garay, traduciría con gusto a “Negrinha” para “La Nación”, o periódico similar.

Le mando con ésta dos ejemplares de “Anaconda”, -uno para Ud.. luego, y el otro para algún amigo -Ferraz¹⁹⁹, si quiere tenerlo.

¹⁹⁸ Revista do Brasil, setembro/1921, nº69, p.76. Coleção IEB.

¹⁹⁹ Quiroga refere-se a Brenno Ferraz, que fazia parte do corpo editorial da Revista do Brasil, tendo ocupado várias funções ao longo dos anos (foi secretário, redator-chefe, diretor, além de resenhista).

Me gustó que Alfonsina Storni les haya agradado a Uds. Es una de las buenas escritoras que tenemos aquí.

(...) Saludos de los compañeros que le estiman bien aquí, y muy *saudades* de tu amigo.

H. Quiroga

A respeito de *El salvaje*, a resenha tece rasgados elogios a Quiroga, ao afirmar que sua obra “revela não só um grande talento de narrador como de uma sólida cultura, servida por qualidades do bom gosto, arte e imaginação”,²⁰⁰ além de enumerar e descrever alguns dos contos do volume, em frases como: “ ‘Lucila Strinberg’, psicología de uma dama fantasista, surpresa ante a vaidade do amante, a quem mais importa o nome dela que a pessoa – são contos interessantísimos, finamente acabados, que se lêem com o máximo prazer”.²⁰¹

Horacio Quiroga teve ainda o conto “Uma estação de amor”, primeiro dos *Cuentos de amor de locura y de muerte* (1917), publicado no nº73 de janeiro de 1922, com tradução de Lila Escobar de Camargo. A autorização para a publicação foi comentada em carta, datilografada, de 12/nov/1921, na qual o autor uruguaio também demonstrava sua preocupação com a questão pecuniária, tema que foi uma constante em toda sua carreira, como, aliás, na de muitos autores, numa época em que a profissionalização do escritor era tema de acirrados debates:

Buenos Aires, noviembre 12 de 1921.

Mi estimado Monteiro Lobato: Acabo de recibir una carta del amigo Garay en que, anunciándome haber sido traducido “C. de A y de M.” por la sta Camargo, me pide autorización para publicar dicha traducción en su casa editora de Ud.. Como Ud.. me habló alguna vez de eso mismo, tendría mucho más placer en tratar este asunto directamente con Ud., como me parece razonable. Me dice Garay que la sta

²⁰⁰ Idem, ibidem, p.77.

²⁰¹ Idem, ibidem..

traductora no tiene aspiraciones pecuniarias al respecto. Tampoco las tengo yo muy grandes, amigo, bien que como profesional, y pobre, me sienta halagado cuando consigo unos pesos. En este asunto editorial, dejo a su criterio de colega y editor lo que pueda tocarme a mí de una problemática ganancia. No es este detalle el que va a poner una traba en mi amable relación con el Brasil, con su casa editora y con la señorita que tuvo a bien traducir el libro.

No quisiera que el amigo Garay malentendiera esto, y le escribiré aclarándole el punto. Pero siendo Ud.. el editor posible, y yo el autor, creo razonable que entre Ud.. y yo se trate directamente la cosa. Unas cuantas líneas suyas al respecto, me dejarían muy alagado.

Le mandé días atrás dos ANACONDA, que confío habrá recibido. Y hasta su próxima, muy cordial saludo de su amigo

H. Quiroga
Reconquista 586.

Confirmando sua intuição, a questão pecuniária não foi um empecilho ao prosseguimento do intercâmbio e, em maio de 1922, a *Revista do Brasil* apresentou uma resenha sobre *Anaconda* (edição Argentina, de 1921), cujo exemplar havia sido enviado pelo próprio Quiroga.

A resenha, sempre em tom elogioso, define Quiroga como um *conteur* completo, na medida em que sua narrativa prende a atenção do leitor logo de início, com temas sempre originais. Destaca-se também a crítica que Lobato faz aos escritores de gabinete, que não vivem a vida e, portanto, produzem uma literatura amorfa, em contraposição àqueles que, como Kipling e Quiroga, a vivem plenamente, criando, assim, um texto intenso e pujante:

Horacio Quiroga. *ANACONDA*. Buenos Aires. 1921.

Este livro de contos pertence à família da literatura ao ar livre, de que é Rudyard Kipling, o representante mais graduado. Só a fazem os homens que “viveram a vida”, porque os há que a sonham ou só conhecem dela os trechos confinados, perceptíveis das janelas de um gabinete. Sente-se a diferença nas menores coisas. Uma tem o encanto das paisagens amplas, cheias de sol, batidas de vento, onde o homem faz parte do ambiente, numa integração perfeita; a outra só lembra

interiores mergulhados em eterna penumbra, habitados por criaturas pálidas, mofadas.

Mas pouco importaria o gênero se a realização não fosse magnífica. Aqui só valem as qualidades especialíssimas do autor, das mais eminentes em Horacio Quiroga. Possui a primacial, qual seja a de conduzir a narrativa de modo a interessar o leitor já de início, e nem por um instante afrouxar esse interesse, acentuando-o, antes, cada vez mais, até ao imprevisto do desfecho.

(...)

“Anaconda” encerra 19 contos, que o são de fato. É muito comum confundir-se o conto com a crônica, gênero dos mais abundantes e no qual os escritores sem talento se sentem perfeitamente à vontade. Os de Quiroga são realmente contos, intensos, vivos, bem marcados, com começo, meio e fim, além da dose de dramaticidade, de cômico e de psicologia necessária à perfeita caracterização do gênero. (...) revela-se um *conteur* completo. Nenhum elemento falta às suas composições; o equilíbrio é perfeito, a observação exata, a escolha dos elementos sempre justa, o tema sempre original. (...)

Horacio Quiroga é sempre o mesmo dono duma arte segura, viva, justa e fina. Sabe localizar, graduar, escolher e movimentar. E, qualidade suprema! –não maça, não caceteia nunca. Recomendamo-lo, pois, vivamente, a todos que desejam conhecer da moderna literatura argentina, como, dos contistas atuais, o *primus inter pares*.

ML²⁰²

A respeito da construção do conto, comentada na resenha, cabe lembrar que Quiroga elaborou alguns textos sobre o fazer literário –“El manual del perfecto cuentista” (1925), “Los trucos del perfecto cuentista (1925), “La retórica del cuento” (1928)– sendo o mais importante deles “El decálogo del perfecto contista” (1927). Ao publicá-los, Quiroga já tinha consolidado seu prestígio perante o público leitor, com boa parte de sua produção literária já publicada. Com exceção de “El decálogo del perfecto cuentista”, publicado na revista de arte e crítica *Babel*, os demais vieram a público em revistas de grande circulação e os próprios títulos já remetem, segundo Alves-Bezerra,

²⁰² *Revista do Brasil*, maio/1922, nº77, p.68. Coleção IEB.

“ao espírito ‘faça você mesmo’ presentes nos magazines da época”.²⁰³ Ao longo de décadas, ressalva Alves-Bezerra, nos textos críticos à obra de Quiroga, “a questão da ironia é tocada marginalmente, quando não ignorada, com o que se perdem importantes efeitos do texto”.²⁰⁴ Plenos dessa ironia, esses textos podem ser vistos como uma resposta aos martinfierristas, que naquele momento, buscando firmar-se no cenário cultural argentino, passaram a questionar a sua obra, não tanto por conta de princípios estéticos e mais pela questão de “fazer dinheiro com arte”. Tais textos foram também uma oportunidade para Quiroga “falar sobre a leitura, a escrita, e a publicação do conto, sobre os direitos autorais e, no limite, defender e legitimar sua obra e o ofício de escritor, destilando sua verve tal qual lhe permitia sua posição”.²⁰⁵

Ao receber o exemplar da *Revista do Brasil* com a matéria sobre *Anaconda*, Quiroga comentou suas impressões, em carta manuscrita, aproveitando também para desfazer a possível imagem de avarento:

B. Aires, junio 20-22

Mi estimado Lobato: acabo de recibir el número de la *Revista do Brasil*, donde me hallo con sus líneas sobre *Anaconda*. Bien que por tratarse de Ud. no debía sorprenderme de su buena voluntad para conmigo, es tan raro, amigo, hallar una partícula de sinceridad y honradez en los colegas! Tanto más contento en este caso, pues se trata, junto con Lynch, los dos verdaderos hermanos que encuentro en esta América del Sur. Y la tarea, [ilegível] para gentes que como nosotros escriben de cosas poco literarias, sin duda.

Aprovecho esta para prestarle mi apoyo en cuanto Ud. [ilegível] en “C. [uentos] de A. [mor] L [ocura] y M [uerte]”. Tal vez en las cartas anteriores adquirió Ud. de mí una idea de un muy tacaño personaje. No soy tal; quería decirle, como lo respecto a los que sin lugar a duda [ilegível] ganancia en cualquier [ilegível] mía, me agradarían unos

²⁰³ Alves-Bezerra, Wilson. “Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga”. Dissertação de Mestrado apresentada dentro do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americanas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005, p.98.

²⁰⁴ Idem, ibidem..

²⁰⁵ Idem, ibidem, p.94.

pesos del [ilegível]. En fin, me alegro de saberlo bueno, y con verdadera amistad de su compañero

H. Quiroga

É interessante observar a referência a Benito Lynch (1880-1951), escritor argentino de viés realista que, ao lançar seu romance rural *Los caranchos de la Florida* (1916) recebeu efusivos elogios tanto de Gálvez quanto de Quiroga. De acordo com Contreras²⁰⁶, Gálvez escreveu “Un novelista argentino” para o jornal *La Nación*, elogiando o romance como “coisa nossa”, um “*reflejo exacto y admirable de nuestras costumbres, de nuestros hombres y de nuestros paisajes*”. No mesmo ano, Quiroga publicou em *Nosotros* uma “Carta abierta a Benito Lynch”, na qual valorizava a descrição econômica da paisagem, sem torná-la pitoresca. Ambos destacam e valorizam o “reflexo exato”, a “rara exatidão” das descrições.

Lobato já havia tomado conhecimento desta obra de Lynch e a resenhou para a *Revista do Brasil*, na seção “Bibliographia”, em janeiro de 1921. É importante destacar que sua leitura é muito semelhante à de Gálvez e Quiroga, confirmando a afinidade estética entre os três escritores, ao valorizar o fato de ser um romance que retrata a natureza sem deformá-la, em que “cada personagem é um tipo documental, porque desenhado ao vivo em traços fortes, notáveis pela precisão”:

. **Benito Lynch:** *Los caranchos de la Florida*. Editorial Patria, Buenos Aires, 1920.

Benito Lynch é um novelista cujo nome merece transpor as fronteiras do seu país, porque fará fora conhecer a vida rústica da Argentina como nenhum outro escritor. (...) Cada personagem é um tipo

²⁰⁶ Contreras, Sandra. “El campo de Benito Lynch: Del realismo a la novela sentimental”, in Jitrik, Noé, op.cit. pp.204-205.

documental porque desenhado ao vivo em traços fortes, notáveis pela precisão.

(...) E como Lynch possui o segredo dos romancistas autênticos e sabe compor o quadro sem sobrecargas inúteis.

(...) Sua leitura faz-nos viver intensamente umas horas em pleno campo argentino e compreender a psicologia das estâncias, a lama dos homens e das coisas.

O estilo é pessoal, incisivo, enxuto, sem arrebiques ou frases feitas. Percebe-se que o autor sente o assunto e fala do que viu e observou (...). Sua arte lembra a de Godofredo Rangel que é a mais pura e a mais documental de quantas possuímos no Brasil.

M. L.²⁰⁷

Esta resenha revela, novamente, Lobato como leitor de Zola –autor que efetivamente lera na juventude– ao afirmar que Lynch possui o segredo dos “romancistas autênticos”, que fala do que viu e observou. Em “O senso do real”, o autor francês afirma que o verdadeiro escritor é aquele que descreve o que vê; este sentir e representar a natureza seria o “senso do real”. Entretanto, diz Zola, ao fazê-lo, deve imprimir ao texto sua visão particular. Assim, “o grande romancista deve ter o senso do real e a expressão pessoal”.²⁰⁸ É nesse sentido que devemos ler a afirmação de Lobato de que em Lynch “o estilo é pessoal” e que deixa transparecer que “sente o assunto e fala do que viu e observou”.

Em 1922 surgiu uma oportunidade concreta de um encontro entre Horacio Quiroga e Monteiro Lobato. Por determinação do presidente uruguaio, Baltasar Brum –amigo e ex-condiscípulo do escritor– Horacio Quiroga viajaria ao Rio de Janeiro.²⁰⁹ Assim, em carta de 3 de agosto, comunicou o fato ao amigo; talvez a expectativa da viagem tenha despertado

²⁰⁷ *Revista do Brasil*, jan/1921, nº61, p.75. Coleção IEB.

²⁰⁸ Zola, Emile. Op. cit., p.30.

²⁰⁹ Quiroga viaja “como membro de una ‘Embajada Extraordinaria en misión especial en el Brasil, con motivo Del primer centenario de su independencia’, presidida por Asdrúbal Delgado.” In Quiroga, Horacio. *Vozes da selva*. Trad. Sergio Faraco. Seleção, prólogo, bibliografia, cronologia e notas de Pablo Rocca. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1994, p.155.

seu interesse por ler *Os sertões*, de Euclides da Cunha, além do fato de Garay naquele momento estar vertendo-o para o espanhol, e Quiroga não perdeu a chance de comentar o fato, inserindo algumas expressões em português:

Mi estimado Lobato:

Recibí su última, y quedo enterado de asunto C. de A. y M, y demás.

No hay apuro.

Garay me dejó el encargo de alterar de Centurion una carátula para aquel libro. Si Ud. tiene un gusto concreto sobre el tema de la carátula, comuníquemelo y lo pasaré a Centurion.

En carta a Garay le hago notar lo imprescindible que es para mí conocer “Os sertoes”, ya que iré a Rio en septiembre. Si Ud. puede ayudarme a su vez en esta tarea de conocer tal libro, le [estaré?] *muito agradecido*.

Y como nos habremos de ver en Río en esa, hasta pronto. Saludos de
H. Quiroga.

Ao chegar ao Rio, hospedou-se no hotel Glória, e foi de lá que escreveu duas vezes a Lobato, em papel com timbre do hotel, a fim de confirmar o encontro:

Rio de Janeiro, 2 sbre, 14/1922.

Estimado Lobato: Salgo de aquí para ésa el martes 19, a las 7:30 de la mañana. Me sentiré bien pasar unos cuantos días sin [ilegível] diplomáticas.

Hoy subo; pero el 23 o 24 caerán allí los demás tipos de la embajada, que entiendo desean ver Butantam.

Ya hablaremos de todo.

Abrazo anticipado de

H. Quiroga.

A última hora la embajada decidió ir sin carácter algun oficial. Lo que es un alento.

Rio de Janeiro, stbre, 6 1922.

Mi estimado Lobato:

¿ Se le verá a Ud. por aquí, o debremos sperar ir a San Pablo para ello? Supondrá las ganas que tengo de verle la cara. Si anda Garay por allí, adviértalo de mi stada por aquí.

Si me manda dos líneas sobre modo de vermos, esta, encantado
Suyo

H. Quiroga

Uma vez que não pôde ir ao Rio devido a compromissos editoriais, Lobato recebeu Quiroga em São Paulo, na redação da *Revista do Brasil*. A todos os visitantes era oferecido um almoço campestre, nos altos do Jabaquara e Quiroga não escapou à regra. O discurso de saudação foi proferido por Lobato e publicado em novembro na *Revista do Brasil*:

(...) a mim, como o mais velho do grupo, o mais caradura e o que mais o conhece, compete dar as razões pelas quais jantamos o querido uruguaio (...). Quiroga é homem. Interessa-se portanto pelo homem e pela natureza “agida” ou “reagida”.

E como é também um artista, fez da sua arte um espelho que reflete maravilhosamente a vida do homem no seio da natureza.

(...) A arte de Quiroga (...) respeita religiosamente o que é, o que ele vê, o que ele sente. Não mente, não desnatura, não enfeita, não afeia.

Seus leitores percebem logo, às primeiras linhas, que não estão a perder o tempo precioso.

(...) Mais uma palavra, pensa. Quiroga não fala; escreve somente. E a condição que impôs à ameaça de ser jantado foi essa de ficar mudo como um peixe, ou melhor, mudo como uma anaconda –como uma anaconda muda, visto como as que ele romanceia e as com que convive em Buenos Aires falam pelos cotovelos.

Senhores! Bebam à saúde do grande *conteur* uruguaio, este copo de soro antiofídico.²¹⁰

Novamente aqui notamos uma leitura sustentada numa concepção realista, mimética da representação. Uma vez que Quiroga “não desnatura”, sua arte reflete a natureza, como um espelho, sem embelezá-la nem afeiá-la. Lembremos que, em contraposição, Mário de Andrade afirmava que a arte deveria deformar. Para ele, “arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas (...) foram deformadores da natureza.

²¹⁰ *Revista do Brasil*, novembro/1922, n°83, pp.271-273. Está publicado também em *Conferências, artigos e crônicas*, nas Obras Completas de Monteiro Lobato, sob o título “Homenagem a Horacio Quiroga”.

Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural”.²¹¹

O interessante é que quase um ano antes da Semana de 22 a *Revista do Brasil* —já sob a direção de Lobato— publicou, de Mário de Andrade, o artigo “Debussy e o impressionismo”, precedido de uma breve apresentação a respeito do escritor, em tom bastante neutro:

O Autor é um destes jovens que, cheios de estranho vigor e galharda independência, vêm revolucionando as idéias no campo da literatura e da arte, em São Paulo. Este seu estudo deve ser lido com prazer e proveito por aqueles a quem não sejam indiferentes às questões relativas à evolução artística nos tempos modernos.²¹²

Durante o ano de 1922 Mário ficou ausente da revista. Apesar de, neste ano, não haver nenhuma menção à Semana de 22, em setembro Lobato resenhou *Os condenados*, de Oswald de Andrade, editado pela Monteiro Lobato & Cia.²¹³ Anunciando ser o primeiro volume da *Trilogia do Exílio*, discorreu sobre o enredo e, ao tecer comentários sobre a forma, apontou várias restrições, marcando, uma vez mais, a sua concepção estética. A principal crítica que fez foi que, na tentativa de inovar em vez de “transmitir idéias e sensações” que respeitem a “psicologia média dos leitores” o autor causava “uma impressão defeituosa, incompleta, ‘empastelada’, muito diferente da que pretendeu”. Assim, Lobato aconselhava a que “o jovem romancista faça experiências *in anima nobile*, abandone teorias, escolas, corrilhos, ‘ache seu trilho’ – e sua obra corresponderá na aceitação pública a muito que se espera do seu magnífico talento”. Nota-se, novamente, a presença da idéia de que

²¹¹ “Prefácio interessantíssimo” in Schwartz, Jorge, op.cit. pp.122-123.

²¹² *Revista do Brasil*, junho/1921, nº66, pp.193-211.

²¹³ *Revista do Brasil*, set/1922, nº81, pp.68-69.

arte deve refletir a realidade e não deformá-la e, além disso, de que o texto deve ser claro, cristalino para o público, a fim de agarrá-lo instantaneamente.

O contato com Oswald prosseguiu, e durante uma estadia em Paris este escreveu a Lobato, em março de 1923, requisitando alguns números da *Revista do Brasil*. O pedido foi justificado da seguinte forma: “Travei relações ótimas no grande meio literário. E há –sincero ou cabotino- um interesse insistido em nos conhecer”.²¹⁴ Oswald pediu ainda que Lobato enviasse alguns volumes de *Urupês*, *Cidades Mortas*, e *Onda Verde* a fim de divulgar por lá o nome do escritor, e esclarecia: “percebendo que a verdadeira literatura francesa está mais com o Lobato dos *Urupês et caterva* –de *Cidades Mortas* aos últimos contos– do que com esses impagáveis Andrades (Mários e Oswalds) dispus-me a fazer propaganda de tua obra (...) e criei um mito em Paris –Lobatô!”²¹⁵ Nesse mesmo ano, em outra carta, comunica ter proferido, na Sorbonne, uma conferência sobre os caminhos da literatura brasileira, publicada na “Revue de l’Amerique Latine” e solicita a Lobato sua publicação na *Revista do Brasil*. O pedido foi atendido e em dezembro de 1923 “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo” apareceria nas páginas da revista. No extenso artigo, Oswald diria sobre Lobato:

O sr. Lobato teve a audácia de sair do domínio puramente documental, em que se acantonavam Veiga Miranda, Albertho Moreira, Godofredo Rangel, e Waldomiro Silveira, reagindo também contra o urbanismo que dava a visão histórica do polígrafo Elisio de Carvalho, a obra de Thomas Lopes e João do Rio, e a primeira fase poética de Guilherme de Almeida.

Lobato tinha um longo conhecimento do Brasil, tendo feito seus estudos em S.Paulo, tornando-se fazendeiro em seguida. A obra de ficção, desejada por Machado de Assis, realizou-se com a criação do tipo de Geca Tatu.

(...)

²¹⁴ In AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir, op.cit. , p.175.

²¹⁵ Idem, ibidem., pp.176-177.

O símbolo vingou. A imaginação popular viu nele o Brasil tenaz, cheio de resistências físicas e morais, fatalizado e fatalista (...). A influência de Lobato aumentou. Assim como se fez etnólogo sem o querer, também se fez esteta”.²¹⁶

Por ocasião do jubileu de *Urupês*, em 1943, Oswald escreveu uma carta aberta a Lobato, na qual reconhecia o fato dele ter sido um modernista antes deles: “Mas você, Lobato, foi o culpado de não ter a sua merecida parte do leão nas transformações tumultuosas, mas definitivas, que vieram se desdobrando desde a Semana de Arte de 22. Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu, quem sabe, nesse e noutros setores, a mais eficaz resistência passiva de que se possa orgulhar uma vocação patriótica. No entanto, martirizaram você por ter falta de patriotismo! (...) Hoje, passados vinte e cinco anos, sua atitude aparece sob o ângulo legitimista da defesa da nacionalidade. Se Anita e nós tínhamos razão, sua luta significava a repulsa ao estrangeirismo afobado de Graça Aranha, às decadências lustrais da Europa podre, ao esnobismo social que abria os seus salões à Semana”.²¹⁷

Quanto a Mário de Andrade, somente em 1923 voltou a escrever no periódico, já como seu crítico de arte. Seus artigos versavam sobre Villa Lobos, Blaise Cendrars, Lasar Segall, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros. Segundo Wilson Martins,²¹⁸ esse ingresso deu-se pelas mãos de Paulo Prado que, a partir de 1923 até 1925, dividiu com Lobato a direção da *Revista do Brasil*. Ainda segundo Martins, é nesse período que a *Revista do Brasil* “abandona (...) essa atitude de fria hostilidade e se transforma num órgão moderadamente modernista”.²¹⁹ Colaboram Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, o próprio Paulo Prado. Cabe lembrar, no entanto, que já em 1920 a

²¹⁶ *Revista do Brasil*, nº96, dezembro/1923, pp.386-387. Coleção IEB.

²¹⁷ Andrade, Oswald de. *Ponta de lança*. São Paulo, Globo, 2004, pp.50-51.

²¹⁸ Martins, Wilson. *A idéia modernista*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2002, p.58.

²¹⁹ Idem, *ibidem.*, p.70.

Revista do Brasil, sob a batuta de Lobato, publicou um artigo de Plínio Cavalcanti sobre Victor Brecheret, com reprodução de duas esculturas, demonstrando o espírito aberto do periódico. Exemplo da convivência de várias correntes literárias é o anúncio, na seção Bibliografia²²⁰ de *A escrava que não é Isaura*, de Mário de Andrade, juntamente com *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel de Almeida, editado por Lobato e *Nacha Regules*, de Manuel Gálvez, também em edição de Lobato.

Assim como Lobato, Quiroga também tratou de divulgar a obra do amigo em Buenos Aires, inserindo contos lobatianos em revistas de grande circulação. As tratativas a respeito do pagamento pelos artigos e contos e, principalmente, conversas em torno do tema tradução estão presentes em grande parte da correspondência entre os dois autores. Nunca é demais lembrar que Lobato atuou no campo intelectual também como tradutor,²²¹ vertendo para o português várias obras da literatura norte-americana, como *As aventuras de Tom Sawyer*, *Contos de Andersen*, *Alice no país das maravilhas*, *Contos de Grimm*; *Robinson Crusóé*, entre outras. Nas cartas com Quiroga encontramos troca de informações sobre editoras e agentes literários norte-americanos. Do escritor uruguaio já havia sido publicado *Cuentos de la selva* e Lobato havia recebido proposta de tradução de *Urupês*²²². A carta de Quiroga, de novembro de 1922 –uma das poucas datilografadas– é significativa nesse sentido:

B. Aires, nvbre 14 de 1922.
Mi querido Lobato:

²²⁰ *Revista do Brasil*, fev/1925, nº110, p.154.

²²¹ A respeito do ofício, diria ao amigo Rangel: “Continuo traduzindo. A tradução é a minha pinga. Traduzo como o bêbedo bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo” In *A Barca de Gleyre*, 2º vol., p.334.

²²² Em carta a Rangel, Lobato comenta: “Nos Estados Unidos quer traduzi-lo Isaac Goldberg. E em França, um Julien Fauvel. Livro de sorte.” In *A Barca de Gleyre*, vol.II, p.232.

Recibida carta. Junto con la suya me llegaba la traducción de CUENTOS DE LA SELVA, que le envío. Trabaja con gran gusto aquella gente. Han hecho lo que ellos llaman “adaptación libre”, y en verdad se trata de eso. Pero a lo que entiendo han conservado bastante bien el espíritu del libro. El traductor no me lo oculta, tampoco. Cuando lleguen noticias editoriales, se las comunicaré. Parece también que en E.U. hay tendencia a hacer libros para chicos en formato para grandes. Tal, el libro mío.

Muy bien por la HOUSTON PUBLISHING. Aprovéchese de ella, pues yo no puedo, por ser la FORREING PRESS mi agente exclusivo en E.U. Y todavía nada he podido hacer en cuentos, pues me comunican que a pesar de haber tratado la colocación de A LA DERIVA en un magazine de allá, a última hora hallan inconvenientes los del magazine, por la resistencia cada vez mayor de aquel país a aceptar cosas extranjeras de ambiente. ¡ Estamos frescos, amigos!

Nota-se a preocupação com o resultado da tradução no momento em que Quiroga menciona que se trata de uma “adaptación livre”, que tem como mérito não ocultar o autor. Quiroga aproveita também para criticar a política editorial de uma revista que desistiu de publicar seu conto *A la deriva* por entender que não agradaria ao público americano:

¿Querrán que les demos estúpidas historietas de amor, como las que hacen ellos? En fin, tantee Ud. y puede ser que por el HOUSTON PUBLISHING se averigüe algo de bueno. El pago me parece magnífico. Esos 25 pesos oro suponen 75 u 80 nuestros, lo que es enorme tratándose de una traducción... que podrían muy bien robar.

Quiroga sugere que comuniquem um ao outro qualquer novidade a respeito das tratativas editoriais. Comenta também sobre o envio da revista *Atlántida*, para a qual traduzira um conto de Lobato:

(...)

Tal como yo lo tendré al corriente de lo que pase por mi sector, infórmeme Ud. del suyo. Al llegar escribía a la FOREIGN PRESS a su respecto, pero aún no he tenido respuesta. No nos apuremos, amigo.

(...)

Y ciao, amigazo. Pronto le mandaré ATLANTIDA con la traducción de E.P.D.L.G., si es que a último momento el director no se asusta. Le dije para amansarle que la cosa iba gratis, tanto para Ud.. como para mí. Artículos como ése, apenas si se colocan gratis.

Un buen abrazo.

H. Quiroga

Aunque parecería innecesario decirle, salude a Garay, porque temo que este excelente amigo tenga algún malentendido conmigo.

A respeito do comentário sobre Garay cabe esclarecer que Quiroga temia que o amigo ficasse contrariado por também ele estar vertendo textos de Lobato para o espanhol; preocupação esta que aparece reiteradamente na correspondência entre os dois autores. Isso não o impediu de em 1924 manifestar sua vontade de traduzir os contos “A nuvem de gafanhotos” e “Tragédia de um capão de pintos”.²²³ Outro tema constante diz respeito à remuneração pelo trabalho, dado que Quiroga era um escritor profissional, que vivia dos artigos e contos publicados na imprensa bem como dos livros editados:

Enero, 16-24

Querido Lobato:

Ayer o anteayer le escribí medio largo. Hoy agrego unas líneas más, con este objeto: Creo que, si Ud. me ayuda en algunas expresiones, me animaría a traducir LA NUBE DE LANGOSTA, y tal vez la TRAGEDIA DE UN CAPON DE POLLOS. Su ayuda consistiría en explicarme los términos que yo le enviara por carta. No serían pocos, sin embargo. Es idiota que aquí no conozcan todo lo posible de Ud..

Pago: Pudiera ser que ATLANTIDA (con quien estoy en buena relación), pagara \$50. Con seguridad, \$30. A medias, seu Lobato. Con

²²³ “Tragédia de um capão de pintos” foi publicado na *Revista do Brasil*, em julho de 1923, nº91, pp.206-214. Posteriormente os dois contos foram editados em *Contos escolhidos*, cuja capa trazia a seguinte informação: Adoptado no Collegio Mackensie e em outros estabelecimentos de ensino, para leitura secundária. São Paulo, Editora Companhia Graphico Monteiro Lobato, s/d.

sus quince pesos, Ud. compra una cerradura para el cuarto suyo que ha de hospedarme un día. Y yo, com mis quince, hago más que Ud.. Indispensable que tratemos estas cosas como dos pobres diablos cualesquiera, viejo amigo.

En estos días sabré si ATLANTIDA llega a los \$50. Infórmeme Ud.. si está dispuesto a ayudarme en la traducción. ¿No lo tomará a mal Garay, como estuvo a punto de pasar con la presunta traducción de NEGRINHA? Infórmeme también de esto.

Salude a Lila cuando la vea. Anda zangada conmigo.

Buen abrazo.

H. Quiroga

De Quiroga, a *Revista do Brasil* resenhou também *Historia de un amor turbio* (1923), destacando a mudança de gênero empreendida pelo autor –de conto para novela– e de enfoque, passando do ambiente da selva para o da cidade. Entretanto, o principal ponto a ser destacado é, sem dúvida, a crítica aberta ao francesismo dominante na sociedade brasileira, ao declarar que se o autor se chamasse Horace Quirot seria, sem dúvida alguma, muito lido:

Quiroga habituou-nos a ser lido em contos, dos mais palpitantes de vida, dos mais arejados que conhecemos. Sabe como ninguém apanhar ao vivo um flagrante e sabe compô-lo e emoldurá-lo à maneira dos grandes mestres modernos, Kipling e Hansum à frente. Mas na “Historia de um amor turbio” muda de feição. Não faz conto, faz novela, e novela de cidade. Percebe-se que o autor foi parte na historia –historia sem enredo, historia de todos os dias, historia de todos os homens. (...) Não desfecha em tragédia a novela.

É a simples historia de um pequeno amor que nasce, *fait trois tours* e morre.

Justamente por isso, mais nos encanta o autor, porque é na pintura dos quadros de poucos contrastes que mais árduo se faz o trabalho do artista.

(...).

Que pena para o Brasil o mundo ser a França e só a França! Como nos vicia de vesguice da multilateralidade esta tolice visceral que nos deixa sem olhos para ver e admirar grandes obras tão superiores à quinquilharia literária que Paris nos impinge e que nós macacalmente sorvemos, sem o menor discernimento crítico... Não

conhecemos Quiroga no Brasil por uma razão apenas: não nos veio de Paris, não se chama Horace Quirot...²²⁴

Durante esses anos de intercâmbio com escritores, tradutores e editores argentinos, Monteiro Lobato ensaiou inúmeras vezes uma ida à Argentina, sendo sempre muito cobrado por Quiroga e por Benjamin de Garay; este último assegurava-lhe haver grandes possibilidades editoriais e mostrava “as vantagens de uma permanência lá e do que pode representar, como fonte de renda, a edição da sua literatura infantil em fala castelhana”,²²⁵ mas afirmava que para que o negócio se concretizasse era “indispensável sua ida à Argentina, pois os livros infantis requerem adaptações que só o autor poderá fazer”.²²⁶ A carta que Horacio Quiroga lhe escreveu em maio de 1924 dava a entender que, finalmente a viagem se concretizaria. Na missiva, mesclando espanhol e português, oferecia-lhe hospedagem em seu apartamento; depois repensou a oferta, ao refletir que talvez Lobato tivesse maior liberdade em um hotel sem, no entanto, dispensar convite para uma comida caseira.²²⁷

²²⁴ *Revista do Brasil*, jan/1924, n°97, p.60.

²²⁵ Cavalheiro, Edgard. Op.cit, vol.2, p.85.

²²⁶ Idem, ibidem..

²²⁷ “Misiones – San Ignacio, mayo 6-24. Querido Lobato: Es menester allazar el viaje a B. Aires para octubre, porque yo quedaré por aquí hasta esa fecha. ¡Ni [ilegível] cuando *você* se largue hasta B. Aires! Hemos de describirle como es debido el famoso banquete del malecón del río. ¿Tiene apuro para ir en Junio? Hace mucho frío en esa época. Si no tiene urgencia en el viaje, aplase hasta octubre. Sin mí, Ud.. no se va a orientar bien, como yo no me hubiera orientado sobre los tipos de ésa, sin o *irmao* Lobato. (Una noche, comiendo en casa de amigos –entre ellos Estella– este leyó una carta suya. Un otro amigo preguntó al final a Estella; ¿de quien es esa carta? ¿De Lobeiro Montade? Les pareció de veras de Lobeiro Montado. En cuanto a hospedaje, Ud.. se viene a casa, minúsculo departamento, donde tengo una pieza que hace de comedor y taller. Allí dormiré Ud.. Y comerá las más das veces con amigos y amigos. Y tenga en cuenta que es la primera vez que yo hospedo a nadie. Si vossé [ilegível] te le puedo hospedar en un taller. Si por [ilegível] o no le contenta este programa, encontraremos un hotelito acomodado. Y bien (...) ubicado. Lo mejor sería que Ud.. se hospedara en un hotel cualquiera para dormir y recibir las visitas que no le faltarán. Y comeríamos en casa. El consulado brasileño en Buenos Aires debe guardar algunas fórmulas elementales: una salita de recibo. Fuera de esto, el tiempo es nuestro. En el fin de las cuentas, un hospedaje así no costará más de cinco pesos diarios. Y para un editor, qué diablos... Nada sé de Quirós, y [ilegível] desde aquí. Sé que tiene en Palermo un lindo estudio ubicado en pleno rosedal [ilegível]; pero no tengo relación con el. Quirós o algun otro artista de mundo le será a Ud.. muy útil en la diplomacia periodística-literaria. En fin, seguimos hablando de la suya [ilegível] causa en cartas sucesivas (...).

Entretanto, a viagem foi adiada mais uma vez. O próprio Lobato justificou: “(...) Falhou uma ida à Argentina. Os maridos põem e os nervos das esposas pospõem. Vivo indo para a Argentina. Morrerei indo para a Argentina (...)”.²²⁸ Na realidade, nesta época ele estava totalmente voltado para suas atividades editoriais: a instalação de um parque gráfico e, no mesmo ano, envolvido com a falência da Monteiro Lobato & Cia, decorrente, entre outros fatores, da política econômica restritiva aos créditos. Posteriormente, em fins dos anos 30 e início dos 40, Benjamin de Garay insistiria novamente e Lobato estava decidido a ir à Argentina; no entanto, devido às suas disputas com o governo Vargas em torno da questão do petróleo, Lobato teve seu passaporte confiscado e chegou mesmo a ser preso, em 1941.²²⁹ Preocupado ao não receber resposta sobre a viagem, Quiroga escreveu novamente:

Misiones- San Ignacio, septiembre, 3-24.

Mi querido Lobato: Aunque parezca mentira, no sé si sta lo encontrará a Ud.. en esta vida o en la otra. Parece que han muerto unos cuantos paulistanos y paulistas ya más, la censura sigue firme por allí. Hágame pues el favor de mandarme dos líneas sobre su preciosa existencia. Si

La próxima la escribiré a máquina, creo que llegará estos días. No sé cómo se las arregla Ud.. por entender mi letra.

(...). Un fuerte abrazo. Quiroga”. Fonte: fundo monteiro lobato. CEDAE/IEL, Unicamp.

²²⁸ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, vol2, p.243.

²²⁹ Da prisão, Lobato continuou a escrever aos amigos. Uma das cartas enviadas a Garay, em 22/4/1941 evidencia haver tratativas de publicação com a editora Claridad, de Antonio Zamora, bem como as traduções de *Reinações de Narizinho* (1931), de Lobato e *Retrato de Brasil* (1920), de Paulo Prado: “Garay: fui novamente preso, mas não incomunicável. Estou muito bem, alegre e satisfeito porque isto s’9º serve para por em foco a causa do petróleo. Recebi sua carta. Ciente de tudo. Só irei se me derem, ou quando me derem passaporte, depois de finda minha encrenca. Não demorará muito. (...) Vá temperando o meu negócio com o Zamora, depois de receber a papelada que mandei e deve estar chegando. Já falei nisso; a lista oficial das minhas edições aqui e uma proposta de impressão dos livros na Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda, que deve ser estudada.

(...) ando a sonhar com a casinha de Vicente López e tantas mais coisas a fazermos aí. (...) Se o Zamora, depois de examinar a papelada que remeti, aceitar a proposta dos desenhos do Jurandir Campos, ele que escreva ao Otales [editor da Companhia Gráfica da “Revista dos Tribunais] fechando o negócio e responsabilizando-se pela metade das despesas, conforme os preços que mandei. E como vai a tradução de “Reinações”? Vou escrever hoje ao Paulo Prado sobre o livro dele e também ao Otales para que te mande o retrato do Setúbal [Paulo Setúbal]. Adeus. (...) Lobato”. In Lobato, Monteiro, *Cartas Escolhidas*, 2º vol., pp.76-77.

vive todavía, le comunico que a fines de este mes estaré en Buenos Aires. Así, infórmeme de sus proyectos de viaje.

Un buen abrazo

H. Quiroga

Depois de um intervalo –ao que parece imposto por Lobato, uma vez que Quiroga comenta que lhe escreveu várias vezes sem obter resposta–, a correspondência se restabeleceu:

Buenos Aires, febrero 2-27

Querido Lobato: Recibí su libro, que leí de punta a punta con la facilidad que es de esperar tratándose de Ud.. Me supongo la intención que tendrá para su país ese problema y su resolución.

Le he escrito varias veces, pues temía que algún mal intencionado se hubiera interpuesto entre nuestra amistad. Veo que no es así, por suerte. También le mandé allá por octubre LOS DESTERRADOS. Si no lo recibió, y quiere leerlo, avise.

Me alegro mucho de que haya resucitado, y un buen abrazo.

H. Quiroga.

Lavalle, 671.

Infelizmente, não foi possível saber a que livro do amigo Quiroga se referia, uma vez que não há um arquivo do escritor uruguaio.

Apenas em 1946 o autor de *Urupês* conheceria Buenos Aires. Lamentavelmente, Quiroga não pôde esperá-lo. Pôs fim à vida em fevereiro de 1937.

José Ingenieros

Filósofo, intelectual e sociólogo argentino, José Ingenieros (1877-1925) foi também um interlocutor de Lobato. Integrante dos primeiros grupos socialistas argentinos, Ingenieros participou intensamente das atividades do

Partido Socialista Argentino, do qual chegou a ser primeiro secretário. Com o passar do tempo, abandonou a militância, passou a se dedicar aos estudos psiquiátricos e à criminologia e tornou-se uma das expressões do positivismo do início do século XX. O discurso positivista, afirmam Ana Cecilia Olmos e Maria Alejandra Minelli, foi utilizado “*como instancia interpretativa tanto del pasado nacional como de los problemas acuciantes de Latinoamérica*”.²³⁰ Ingenieros utiliza-se do darwinismo para compreender a questão social, na medida em que “*el principio darwiniano del mundo biológico se repetiría bajo mil formas en el mundo social, el imperialismo mismo sería una forma de lucha por la vida*”.²³¹ Suas inúmeras obras, dentre as quais destacam-se *Sociología argentina* (1910), *El hombre mediocre* (1913), e *La evolución de las ideas argentinas* (1920) alcançaram grande repercussão em todo o continente americano. Intelectual profundamente envolvido com as questões em torno dos temas da nação e da nacionalidade, Ingenieros também se interessava pelos acontecimentos mundiais, como a Revolução Mexicana, iniciada em 1910 e a Revolução Russa, de 1918, e envolveu-se na formação da Unión Latinoamericana, criada em 1925, redigindo seu estatuto, que afirmava ter como objetivo “*orientar las naciones de la América Latina hacia una confederación que garantice su independencia y libertad contra el imperialismo de los estados capitalistas extranjeros*”.²³²

Algumas das obras de Ingenieros foram divulgadas e resenhadas e alguns artigos publicados na *Revista do Brasil*, além de uma foto, na Galeria dos Publicados, em setembro de 1921. Sua presença no periódico já vinha desde 1916, época em que seu artigo “Uma nova organização das

²³⁰ OLMOS, Ana Cecilia Arias, MINELLI, María Alejandra. “El ensayo de proyección continental: los intelectuales y el discurso antiimperialista” in VI Congreso de Literatura Argentina. Universidad de Córdoba, 2 al 5 de octubre de 1991, p.20.

²³¹ Idem, ibidem.

²³² in Dicionário Enciclopédico de las Letras de América Latina, op.cit., p.2466.

Universidades”²³³ foi reproduzido da sua *Revista de Filosofia*; durante gestão de Lobato, esta colaboração se intensificou. Uma vez que ao longo do intercâmbio estabelecido com escritores e editores argentinos o interesse de Monteiro Lobato estava mais voltado para os ficcionistas, sua intenção de manter contato com Ingenieros, um ensaísta, poderia ter origem, de acordo com Laura Lifschitz “*en el modelo cientificista, cuyo discurso –tomado en préstamo de las teorizaciones de Gobineau, Agassiz y Le Bon– tuvo gran repercusión en el Brasil desde 1870 hasta 1930*”.²³⁴

Ao lançar *O problema vital* (1918), coletânea de artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, Lobato reformulou sua posição em relação ao Jeca Tatu. Segundo Lifschitz, “*para entonces, el determinismo biológico de Jeca se constituyó en el principal escollo a la evolución. La herencia genética, entonces, sólo podía ser revertida con la sanidad como política cientificista para transformar la realidad. De allí el entusiasmo de Lobato por el discurso científico de su época*”²³⁵ e é nesse sentido que a relação de Ingenieros com o Brasil foi chave, na medida em que “*insistía en la traslación del darwinismo hacia el análisis social y el organicismo como modo de comprender la ‘cuestión social’*”.²³⁶

Assim, entre os meses de janeiro e maio de 1920, em carta datilografada, Ingenieros lhe escreveu notificando o envio de um estudo de filosofia política sobre a Rússia, inédito, para ser publicado na *Revista do Brasil*:

[com timbre da] REVISTA DE FILOSOFÍA

²³³ *Revista do Brasil*, junho/1916, nº6, pp.189-190. Coleção IEB.

²³⁴ Lifschitz, Laura. “Inserción nacionalista de Monteiro Lobato en el campo intelectual de entreguerras” in *El Matadero. Revista crítica de literatura argentina*. Segunda época, nº5. Buenos Aires, Corregidor, 2007, p.58.

²³⁵ Idem, *ibidem*.

²³⁶ Idem, *ibidem*.

AVENIDA DE MAYO, 638- BUENOS AIRES

Muy estimado colega.

Cumpliendo mi vieja promesa de enviarle alguna colaboración sociológica, para la Revista do Brasil, he escrito un estudio de filosofía política sobre el nuevo sistema representativo adoptado en Rusia.

Me permito pedirle –si no es imposible– que lo publique en español, pues temo que en la traducción se altera algún detalle, lo que podría ser grave tratándose de un asunto tan interesante como escabroso.

El trabajo no aparecerá en la Revista de Filosofía hasta mayo.

Con muy cordial simpatía

Le saluda su colega afín

Jose Ingenieros

A Monteiro Lobato²³⁷

Considerando-se que nos anos de 1920 a Revolução Russa era um tema candente, presente em quase todas as publicações, o extenso artigo foi publicado imediatamente, em maio de 1920, logo depois do editorial, sob o título “A democracia funcional na Rússia”.²³⁸ Contrariando o pedido do autor, o texto foi traduzido sem, no entanto, indicar o tradutor (prática comum, aliás). Ao defender a revolução, Ingenieros afirma que “a transformação das instituições e as reformas constitucionais são fatos freqüentes entre as nações civilizadas”²³⁹ e que os princípios básicos da Revolução Russa estavam sendo formulados “como aperfeiçoamentos de outros já firmados pelas revoluções anteriores: a soberania popular, a abolição dos privilégios feudais, o sistema de governo representativo”.²⁴⁰ A seguir discorre sobre a revolução francesa e a soberania popular; sobre o sistema representativo então vigente que, a seu ver não exprimia a vontade do povo e sim a “castas privilegiadas”; sobre os partidos políticos e funções sociais; sobre federalismo político e federalismo funcional e, finalmente, sobre a democracia funcional na Rússia. Como

²³⁷ Fundo Monteiro Lobato. CEDAE (Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”)/IEL, na Unicamp.

²³⁸ *Revista do Brasil*, maio/1920, nº53, pp.7-27. Coleção IEB.

²³⁹ *Idem*, *ibidem*, p.8.

²⁴⁰ *Idem*, *ibidem*, p.11.

resposta aos críticos da revolução, Ingenieros afirma que apesar de todas as imperfeições, “erros do momento inicial e dificuldades dum ensaio inédito”²⁴¹, o princípio básico do novo sistema político russo era justamente a “substituição da representação indiferenciada e quantitativa pela representação técnica e organizada” e dado que todas as reformas não se realizam num curto espaço de tempo elas visavam “conquistar novos direitos e liberdades para os porvindouros”.²⁴²

No mesmo número em que esse artigo foi publicado, a seção “Resenha do Mez” comunicou a colaboração de José Ingenieros, saudada como mais um movimento para o estreitamento de vínculos intelectuais entre os dois países:

A ‘Revista do Brasil’ publica neste número um notável estudo sobre a situação social russa devido à pena do grande sociólogo argentino José Ingenieros. Convidado há tempos para honrar a Revista com a sua preciosa colaboração, deferiu nosso pedido e hoje a inicia com esse trabalho deveras notável e que tanta luz derrama sobre a revolução encabeçada por Lenine.

E temos esperança de que não ficará aí, continuando a projetar a luz de sua alta mentalidade por intermédio da nossa publicação, contribuindo, dess’arte, para o estreitamento das relações intelectuais entre as duas grandes nações sul-americanas, que mais amigas serão quanto mais se conhecerem.²⁴³

A colaboração de Ingenieros também passou pela sugestão de artigos a serem publicados. E a *Revista do Brasil* não perdia a oportunidade de anunciar o fato:

. A pedido de José Ingenieros, diretor da “Revista de Filosofia”, é publicado o artigo “Aos intelectuais e estudantes americanos”, de Anatole France e Henri Barbusse. Os autores falam da criação do grupo “Claridade” [Claritèe] e estimulam os daqui a criarem algo parecido.²⁴⁴

²⁴¹ Idem, ibidem, p.23.

²⁴² Idem, ibidem, p.26.

²⁴³ Idem, ibidem, p.84.

²⁴⁴ *Revista do Brasil*, junho/1921, n°66, pp.261-263. Coleção IEB.

No artigo “A evolução das idéias argentinas”²⁴⁵ Lobato escreve sobre o livro homônimo de Ingenieros, no qual a história Argentina é analisada. O volume resenhado discorre sobre o período de governo do ditador Juan Manuel de Rosas (1793-1877). Se por um lado Lobato concorda com Ingenieros no que diz respeito à condenação ao despotismo de Rosas, por outro diverge, ao constatar o avanço econômico implementado: “Parece-nos que Ingenieros, tomado de nobre indignação contra a tirania teocrática de Rosas, não deu o devido valor a este aspecto do fenômeno; (...) Além disso, se, no terreno material, a paz despótica apressou o advento da nação moderna, no moral contribuiu bastante para a têmpera do caráter argentino. (...) Os povos que nunca sofreram o açoite das tiranias jamais adquirem plena consciência dos seus direitos e deveres. As liberdades públicas hão de ser arrancadas e não recebidas por outorga”.²⁴⁶ Sob este mesmo prisma é que se pode pensar a postura política de Lobato em relação ao peronismo: em 1947 ele publica *La nueva Argentina*, sob o pseudônimo de Miguel P. García, obra “que defende o plano quinquenal, texto corrido e didático, onde um pai — fazendo de D. Benta— explica aos filhos a plataforma (peronista) que transformará a Argentina num país forte e feliz.”²⁴⁷ O livro fez muito sucesso e o conselho de Educação da Província de Buenos Aires sugeriu ao governo contratar uma edição de 150 mil exemplares para serem distribuídos, gratuitamente, nas escolas.²⁴⁸ Isso foi o bastante para que Lobato fosse acusado, entre outros pelo jornalista Cláudio Abramo, de ter se vendido ao

²⁴⁵ *Revista do Brasil*, abril/1922, nº76, pp.289-294. O artigo foi incorporado ao volume *Conferências, artigos e crônicas* das Obras completas.

²⁴⁶ *Idem*, *ibidem*, p.293

²⁴⁷ Lajolo, Marisa. *Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1985. Encanto Radical, p.72.

²⁴⁸ Cf. AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. *Op.cit.* p.345.

peronismo²⁴⁹. Na realidade, o que o entusiasmara fora, como afirma Cassiano Nunes, o “planejamento do amanhã, a previsão da grandeza futura”²⁵⁰.

Outros interlocutores de Lobato: Benjamin de Garay e Bráulio Sánchez-Sáez

Além de terem sido os principais tradutores de Monteiro Lobato na Argentina, Benjamin de Garay e Bráulio Sánchez Sáez tiveram importante participação na *Revista do Brasil*, seja com artigos, comentários sobre concursos literários ou a elaboração de enquetes.

Benjamín de Garay (-1943), foi um dos principais introdutores de autores brasileiros no cenário editorial argentino. Traduziu, prefaciou e resenhou obras de Jorge Amado (*Cacao*), Euclides da Cunha (*Los sertones*-1938),²⁵¹ Gilberto Freyre (*Casa Grande & Senzala*-1942), entre outros. De Lobato, a quem se referia como “embaixador das crianças brasileiras” Garay traduziu *Urupês*²⁵² (Ed. Pátria, 1921), *El macaco que se hizo hombre* (Ed. Tor, s/data), *El comprador de haciendas* (contos. Editorial Cervantes, Barcelona, 1923)²⁵³, *El presidente negro* (Claridad) e *Don Quijote de los niños* (Claridad, 1938).

²⁴⁹ “De Monteiro Lobato sempre tive horror. Certa vez contei que ele havia recebido dinheiro para escrever um livro sobre o ditador argentino Juan Domingo Perón, que publicou com nome suposto. Ele tentou me processar, me ameaçou, e eu provei. Depois ele virou vítima porque foi perseguido por Getúlio”. ABRAMO, Cláudio *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p.24.

²⁵⁰ Nunes, Cassiano. *Monteiro Lobato. O editor do Brasil*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000, p.26.

²⁵¹ O livro, com esta tradução de Garay, foi reeditado em 2003 pela Fondo de Cultura Económica (Buenos Aires), em comemoração ao centenário da publicação da obra de Euclides da Cunha, celebrada em 2002.

²⁵² O livro ganhou nova tradução em 1947, realizada por Juan Ramon Prieto, para a Editorial El Ateneo.

²⁵³ Na realidade, trata-se de *Urupês*. Sobre esta edição, diz resenha na *Revista do Brasil*: “(...) O sucesso de ‘Urupês’ não ficou limitado aos dois países em que se fala o idioma de Camões. (...) A edição Argentina desse livro teve uma larga repercussão em todos os países da América espanhola. Faltava conquistar o público espanhol. Essa conquista foi iniciada agora com uma magnífica tradução para o castelhano; o tradutor, porém, preferiu dar o título à obra ‘El comprador de haciendas’, título de um dos mais belos contos de ‘Urupês’ ”. in *Revista do Brasil*, junho/1923, nº90, p.160. Coleção IEB.

O nome de Garay aparece pela primeira vez na *Revista do Brasil* em julho de 1921, no artigo “A literatura brasileira na Argentina”, no qual se elogia sua tradução de *Urupês*, e não se perde a oportunidade de mencionar o êxito editorial:

Os autores brasileiros estão em voga na República Argentina: freqüentemente encontramos nos mais importantes diários e revistas daquela nação traduções —e boas traduções— de poesias, novelas e romances de nossos principais poetas e escritores. Ainda agora chegamos às mãos um exemplar de “Urupés”, o notável livro de contos do sr. Monteiro Lobato, traduzido para o espanhol pelo ilustre poeta argentino sr. Benjamin de Garay, ora no Rio, ocupado em verter para a sua língua os “Sertões”, de Euclides da Cunha.

Parecia-nos difícilíssima, senão impossível, uma tradução fiel do belo livro do consagrado escritor paulista, todo ele repleto de brasileirismo e expressões que, por serem absolutamente nossas, só nós as compreendemos e sabemos apreciar sua acre e estonteante beleza. Pois o sr. Benjamin de Garay praticou essa proeza, conseguindo traduzir “Urupés” com absoluta fidelidade, sem lhe alterar o seu belo aspecto regional.

Lançado assim no mundo intelectual buenairense, o livro do sr. Monteiro Lobato alcançou logo um imenso sucesso, tendo o nome do brilhante escritor patricio conquistado uma grande popularidade na capital portenha. Tanto assim que “La Nación”, “Caras y Caretas”, “Nueva Era” e outras estamparam, acompanhado de grandes elogios, o retrato do escritor paulista.²⁵⁴

Dois meses depois, uma foto sua é publicada juntamente com uma de Ingenieros, na Galeria dos Publicados, com a legenda “tradutor de numerosas obras nacionais”. Mas é em janeiro de 1922 que publica, na seção “Resenha do Mez”, seu primeiro artigo: “O movimento paulista na literatura brasileira (notas para um estudo)”, originalmente publicado em “La Unión” de Buenos Aires e traduzido, provavelmente por ele mesmo, para a *Revista do Brasil*. Neste artigo, Garay coloca São Paulo como o grande pólo econômico do país e “um centro de irradiação intelectual de grande prestígio no Brasil”:

²⁵⁴ *Revista do Brasil*, julho/1921, nº67, pp.364-365.

(...)

Rompendo com os preconceitos da geração de escritores que, nos começos deste século pôs em moda o horror das coisas nacionais, dos seus hábitos, dos costumes, das idiosincrasias de sua índole, os modernos literatos paulistas, seguindo o exemplo de Affonso Arinos e Euclides da Cunha, reataram as tradições dos indianistas da segunda metade do século XIX e, em lugar de imitar a literatura estrangeira de pacotilha, as novelas de Jean Lorrain, os paradoxos de Oscar Wilde, a filosofia negativista de Nietzsche, a maneira escandalosa dos naturalistas franceses, como fizeram seus predecessores com mais ou menos êxito, procuraram extrair das vozes da terra, dos cenários naturais, das peculiaridades do ambiente nacional os motivos de suas obras. Contemplaram, face a face, o homem e a terra, a imensidade dos desertos tropicais, a exuberância de suas matas virgens, as montanhas cobertas de vegetação luxuriante, os rios de águas murmuradas, suas cascatas rumorosas, os mares de ondas encapeladas e o claro esplendor do céu natal.

Fixaram seus costumes, salientaram as qualidades e os defeitos da raça, estigmatizando, quando necessário, os vícios, as taras e os erros de sua educação, indicando os remédios capazes de curá-los, os meios para combater-los. Congregados em torno de Monteiro Lobato, foram aparecendo novelistas e poetas de valor, como Léo Vaz, Hilario Tacito, Godofredo Rangel, Menotti del Picchia, Paulo Setubal, Veiga Miranda, Waldomiro Silveira, Ribeiro Couto, para não citar senão aqueles que oferecem uma modalidade que é filha da terra.

Monteiro Lobato, além de observador capaz do meio roceiro, da vida das pequenas cidades do interior, é um analista agudo dos homens e das coisas, que possui uma pena em brasa, que ao mesmo tempo é pincel, buril, escapelo e lápis finíssimo. Debuxa os tipos, como o observou inteligentemente Ronald de Carvalho, como um caricaturista sutil, apenas com meia dúzia de traços, leves e incisivos, porém sempre seguros e espontâneos. Sua obra é hoje das mais vivas e interessantes da literatura contemporânea do Brasil.

À maneira de Monteiro Lobato, ainda que com um instinto mais profundo de certos exemplares humanos, Léo Vaz se manifesta em “O professor Jeremias” —seu único livro, cuja aparição provocou o maior sucesso literário de 1920— como um escritor personalíssimo. Sua arte é aparentada com a dos humoristas ingleses, e entre os brasileiros, com a do grande Machado de Assis. Seu estilo é sóbrio, discreto; sabe ferir com bondade, mas fere a alma dos homens com rara energia. Cético e relativista, no modo de considerar as coisas do mundo, Léo Vaz jamais se excede, não grita nem se exalta. Rasga as perspectivas invisíveis do coração humano entre irônico e piedoso, revolve o mar interior de nossa alma apenas com um gesto distraído e com um conceito ligeiro e ousado. Seu lugar, em evolução da novela brasileira, será considerável.

Hilario Tacito —pseudônimo sob o qual se oculta um distinto engenheiro— é um psicólogo cruel. Ri para divertir-se, ri ora com pena, ora com mordacidade. Busca, de preferência, os defeitos e, quando os encontra, grava-os no rosto dos demais com uma facada. Sua pena, às vezes, silva e zig-zagueia como um chicote, estala e morde como um rebenque.

Godofredo Rangel é um descritivo, um pintor atilado da vida silenciosa e monótona das fazendas. Retrata carinhosamente os tipos e as personagens simples do interior. Sorri afavelmente ante os seus defeitos e põe em evidencia as suas qualidades de resistência, de honestidade e de heroísmo, com viva simpatia.

O mesmo acontece com Mentotti del Picchia e Paulo Setubal. Aquele, em seus romances como em seu poema *Juca Mulato* e este em seus versos simples se comprazem em fixar os hábitos da vida rural. Ambos são pintores, impressionistas, coloristas dos quadros da terra natal. Os quadros de *Flamma e Argila*, de Menotti del Picchia, assim como as aquarelas da *alma cabocla*, de Paulo Setubal são verdadeiros, em sua ingenuidade selvagem e pitoresca. Paulo Setubal recorda, às vezes, em suas poesias leves, os pequenos cromos de Ricardo Gonçalves, malgrado poeta paulista de excepcionais qualidades.

As letras brasileiras têm nestes escritores representantes interessantíssimos do ambiente nacional.

Eles sabem traduzi-lo sem artifício em sua frescura natural, em seus modismos e em sua graça rara. O idioma em que escrevem, principalmente Monteiro Lobato, é rico de plasticidade, opulento de vocábulos indígenas, já perfeitamente diferenciado do português, com todas as cambiantes de um novo idioma.

O nacionalismo dos escritores paulistas é filho da opulência da terra. A riqueza crescente da fortuna pública e privada determinou esse orgulho nativista, peculiar ao caráter dos paulistanos. Sentindo-se fortes e exuberantes em meio dos outros Estados, mais ou menos prósperos, da federação brasileira, os homens de São Paulo mostram como é natural a justificada vaidade de suas conquistas materiais e intelectuais.

A influencia desta literatura sobre as letras brasileiras já se vai fazendo sentir. Basta ver o interesse que despertam as numerosas edições de Monteiro Lobato, vendidas aos milhares em quatrocentos pontos diferentes do território brasileiro. Advirta-se este detalhe: Monteiro Lobato não edita nenhuma obra que não seja uma expressão da alma brasileira.

O grupo de São Paulo, entretanto, não está isolado. Em todo o Brasil, os novos escritores revelam o mesmo cuidado de descrever coisas da pátria. Pesquisam-lhe a história, arrancam da obscuridade secular figuras de heróis, guerreiros, homens de pensamento e ação. Animam o passado da raça brasileira, fazendo ressaltar os belos gestos e as serenas atitudes da nacionalidade.

Benjamin de Garay.

Rio de Janeiro, setembro, 8-921.
("La Union", de Buenos Aires)²⁵⁵

Ao longo do artigo, como se pode notar, Garay discorre sobre vários escritores congregados ao redor de Lobato. Seu traço comum, segundo ele, é o retrato que fazem das "peculiaridades do ambiente nacional", o homem e a terra, o idioma em que escrevem, "rico" e "opulento", principalmente Lobato. A "opulência da terra" justifica o nacionalismo dos escritores paulistas, indo de encontro ao próprio retrato que a intelectualidade paulista, via *Revista do Brasil*, traçava de si própria, como centro irradiador de cultura.

Garay foi, muito provavelmente, o articulador de um concurso de romances promovido por *La Novella Semanal*, de Buenos Aires, e divulgado na *Revista do Brasil*, na seção "Resenha do Mez". Ele seria o encarregado de receber os textos. A convocatória, dirigida a "escritores brasileiros novos e consagrados", enfatiza a importância do estabelecimento de contato entre os dois países, descreve as regras do concurso e o prazo e endereço para entrega dos trabalhos:

"La Novella Semanal", de Buenos Aires, resolveu instituir no Brasil um concurso de novelas.

Além de animar em nosso país o culto das letras, tem aquela publicação o intuito de estabelecer maior contacto entre o povo argentino e o brasileiro. É um verdadeiro intercâmbio mental que se vai abrir entre as populações desta parte do continente. A efetiva permuta de impressões, de idéias, de emoções, por esse meio iniciada, representa a maneira prática de se realizar a interpretação dos espíritos, que assim se encaminham para melhor se conhecerem.

"La Novela Semanal" é uma grande expressão da cultura popular na Argentina. Destina-se ao povo. O seu público orça pelas centenas de milhar. Não tem outra preocupação senão a de ser lida, o que não é

²⁵⁵ *Revista do Brasil*, jan/1922, n°73, ano VII, pp.70-71.

mérito pequeno. Alimentando o gosto da leitura, simplesmente, é relevante função que desempenha na sociedade argentina. A colaborar nesse intuito são chamados agora os escritores brasileiros, novos e consagrados.

As novelas devem ter ação movimentada, excluindo-se o realismo cru e o regionalismo.

São as seguintes as bases do concurso:

1º) Os originais, rigorosamente inéditos, serão escritos à máquina, de um só lado, em papel block, em numero de quarenta a cinquenta laudas. Serão assinados por pseudônimo, que se reproduzirá no envelope fechado e lacrado, em cujo interior se encontrará o nome e o endereço do autor.

2º) Um júri selecionador escolherá as dez melhores novellas, cujos títulos serão publicados pela imprensa do país.

3º) As novelas escolhidas passarão ao estudo de outro júri, cuja composição se fará publicar depois de feito o julgamento, segundo o qual se distribuirão os seguintes prêmios:

1:000\$000 à melhor novela;

500\$000 à seguinte;

250\$000 a cada uma das oito que se seguirem em merecimento.

4º) A propriedade dos originais em português, bem como as suas traduções, passa a propriedade da empresa.

Os concorrentes enviarão seus trabalhos, até 31 de dezembro de 1922 em carta registrada, pelo correio, ao sr. Benjamin de Garay, à rua dos Gusmões, 70 –S. Paulo.²⁵⁶

O texto reafirma a intenção de estabelecer um contato entre a produção literária brasileira e a Argentina, proporcionando “um verdadeiro intercâmbio mental” entre os países do continente. O destaque que é dado ao fato de *La Novella Semanal* ter grande público, orçado “pelas centenas do milhar” é usado como estímulo e, ao mesmo tempo, reforça a estratégia editorial de Lobato de sempre buscar um amplo público leitor.

Em São Paulo, Garay incorporou-se rapidamente ao meio literário e foi “um dos animadores da ‘Colméia’ –‘pseudoclube’ do qual participavam, entre outros, Monteiro Lobato, Menotti Del Picchia, Léo Vaz, Alfonso Schmidt–

²⁵⁶ *Revista do Brasil*, ago/1922, nº80, pp.387-388. Coleção IEB.

ligando-se depois ao grupo de *Novíssima* (1923-1925)”,²⁵⁷ do qual tornou-se representante. Segundo Artundo, a “presença de Garay em São Paulo possibilitou outra rota de entrada para Gálvez”²⁵⁸ no meio literário brasileiro. Foi por seu intermédio que o autor de *Nacha Regules* tornou-se colaborador de *Novíssima*.

A atuação de Garay como tradutor de obras brasileiras para o espanhol e como incentivador do estreitamento de laços entre as culturas argentina e brasileira rendeu-lhe homenagem da Academia Brasileira de Letras, reproduzida na *Revista do Brasil*:

BENJAMIN DE GARAY

A Academia Brasileira de Letras, por moção apresentada pelo sr. Coelho Netto, tributou uma significativa demonstração de simpatia ao sr. Benjamin de Garay, conhecido escritor argentino que há tempos reside entre nós e que se consagrou à tarefa de traduzir para o seu idioma as nossas melhores obras.

Fundamentando a sua proposta, o sr. Coelho Netto salientou com frases ardentes e entusiásticas a atividade do sr. Garay, mostrou a sua importância e os títulos que o intelectual argentino tem à gratidão aos brasileiros, e instou para que fosse convidado a participar da mesa diretora dos trabalhos daquela sessão o sr. Garay ali presente, pois a sua qualidade de colaborador eficiente da Academia, na propaganda da nossa cultura no exterior assim o impunha.

Aprovada a moção por unanimidade foi o sr. Benjamin de Garay convidado a tomar parte na mesa, e ao agradecer a prova de apreço da mais alta corporação literária do país, num interessante e expressivo improviso, referiu-se à missão que na Argentina estava desempenhando no momento a senhorita Margarida Lopes de Almeida expondo à admiração da sociedade de Buenos Aires, a cultura literária do Brasil, gesto esse, que para bem da aproximação intelectual dos dois povos deveria ser com freqüência imitado tanto aqui como no Prata, “evitando desse modo, o triste e perigoso desconhecimento em que temos vivido argentinos e brasileiros, para dar lugar a receios e desconfianças que estorvam a harmonia do continente.”

²⁵⁷ Artundo, Patrícia. Op.cit, pp.46-47.

²⁵⁸ Idem, ibidem.

Terminada a rápida oração do sr. Benjamin de Garay, sob o aplauso unânime dos acadêmicos, o sr. Filinto de Almeida proferiu uma comovida saudação à intelectualidade argentina.²⁵⁹

Braulio Sánchez-Sáez, jornalista e escritor espanhol radicado na Argentina, autor de *Vieja y nueva literatura del Brasil* (1935),²⁶⁰ em 1941 muda-se para São Paulo onde, “a partir da *Folha da Manhã* e do *Estado de S.Paulo* procura difundir os escritores argentinos, da mesma maneira que havia feito em Buenos Aires com os brasileiros”.²⁶¹ Entretanto, sua ligação com o campo intelectual brasileiro é bem anterior. Iniciou-se em 1922, na *Revista do Brasil* –de quem foi representante em Buenos Aires– e, em 1924, traduziu duas obras de Lobato: *Los ojos que sangran* (Buenos Aires, Tor. Coletânea de contos) e “Barba Azul”, conto de *Negrinha* (Lecturas, abril/1924).²⁶²

O artigo “A moderna literatura do Brasil” dá início à sua colaboração na *Revista do Brasil*. Nele, Sánchez-Sáez enfatiza o fato de serem poucos os autores argentinos que conhecem a literatura brasileira, dentre eles Quiroga e Gálvez, e relata que foi por intermédio deste último que tomou conhecimento da publicação paulista, bem como da obra de Léo Vaz, a quem tece muitos elogios. De Lobato, menciona a publicação de *Urupês* em espanhol:

. Notas do exterior:

. “A moderna literatura do Brasil”, por B. Sánchez-Saez

Poucos são os autores que se conhecem do país vizinho, e poucos também os que deles falam, para conseguir interesse entre nós, e de nós ao povo que nos segue.

²⁵⁹ *Revista do Brasil*, ago/1922, nº80, p.401.

²⁶⁰ Artundo, Patrícia. Mário de Andrade e a Argentina. Tomo II. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 2001.

²⁶¹ Idem, ibidem, p.318.

²⁶² Cf. AZEVEDO, Carmen Lucia, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. op. cit., p.199.

Consta-me que Javier de Viana, o mais preclaro narrador nativo, e o não menos Horacio Quiroga, amam e conhecem a literatura do Brasil. Manoel Galvez, com sua “Bibliotheca dos Novellistas”, trata de estabelecer uma simpática corrente, entre ambas as literaturas.

Proximamente, nessa biblioteca, teremos um volume de Monteiro Lobato que Benjamin de Garay pôs em castelhano.

(...)

Falando certa tarde com Galvez, ouvi pela primeira vez o nome de Léo Vaz. As palavras sensatas e elogiosas do autor de “Nacha Regules” incitaram-me a pedir algo a um amigo que reside em S. Paulo. Há poucos meses, uns números da “Revista do Brasil” e o volume “O Professor Jeremias”, de Léo Vaz, chegaram a minhas mãos.

(...)

Há pouco tempo, novos livros chegaram a minhas mãos “pecadoras” e, na atualidade, não são poucos os escritores cariocas que tenho em meu poder. Começamos pois, com a obra de Léo Vaz.

(...)

Quem terá a honra de traduzi-lo para o castelhano? É necessário que este país conheça este nome, e muitos outros fortes temperamentos, que permanecem quase desconhecidos em toda a América de língua espanhola.

Conhecemos autores franceses, mesmo os mais medíocres temperamentos. Qualquer livro da França logo é traduzido, ainda que seu valor de nada nos aproveite, nem tampouco nos deleite.

Mas – digamo-lo plenamente convencidos- do Brasil e de Portugal que conhecemos? Um pouco os clássicos um ou outro moderno (...).

(...)

“Urupês”, de Monteiro Lobato, não tardará a sair em língua castelhana. Quem, pois, porá Léo Vaz no mesmo idioma?”

B. Sánchez-Saez.

(“Elpis”, de Buenos Aires)²⁶³

Mas a intervenção mais interessante de Sánchez-Sáez talvez tenha sido a elaboração de um inquérito literário no qual indagava a intelectuais hispano-americanos sobre o que conheciam a respeito da produção cultural brasileira, num gesto que procurava aproximar os campos culturais argentino e brasileiro e, assim, abrir as portas de um intercâmbio literário. Naquele momento comemorava-se o centenário da independência do Brasil e diversas instituições argentinas, entre elas o jornal *La Nación*, prestaram homenagens

²⁶³ *Revista do Brasil*, set/1922, nº81, pp.88-91.

ao país, e a *Revista do Brasil* não se furtou a divulgá-las. A publicação do inquérito deu-se em novembro de 1922:

INQUERITO LITERARIO SUL-AMERICANO
PROMOVIDO EM BUENOS AIRES POR
B. SANCHEZ-SAEZ

B. Sanchez-Sáez, representante da “Revista do Brasil” na República Argentina, é um fino homem de letras que com muita elevação cultiva a crítica. Ardente amigo do pensamento brasileiro, de há muito que vem empenhado em tornar a nossa literatura conhecida nas repúblicas hispano-americanas, trabalhando, assim, para o ideal de aproximação que o anima.

Norteadado por este objetivo, teve agora a idéia de abrir um inquérito entre os sul-americanos a respeito do que conhecem eles do Brasil mental.

É um meio inteligente de esclarecer a questão e preparar terreno para um intercâmbio literário de mais vulto que o existente.

A “Revista do Brasil” inicia hoje a publicação desse inquérito, abrindo-o com a comunicação inicial do seu ilustre correspondente.

(...)

Serão feitas apenas três perguntas:

1ª) Que conheceis da literatura clássica ou moderna –arte, ciências ou letras- do Brasil?

Seguramente que as respostas serão em geral negativas, pois tenho certeza que tanto na Espanha como nas repúblicas do mesmo idioma é quase completamente desconhecido o Brasil intelectual.

2ª) Que julgais necessário para uma ampla inteligência entre os dois idiomas?

A esta serão mais satisfatórias as respostas, pois dirão que o mais prático é traduzirem-se obras de um e outro país. Isso, porém, não bastará e, provavelmente, outros opinarão pelo estabelecimento de cátedras universitárias para estudo das duas línguas e literaturas.

3ª) De que forma podeis cooperar nessa cruzada intelectual?

É a pergunta mais importante, pois sem a boa vontade dos autores, de uma e outra nacionalidade, nada se fará.

Os autores consultados serão apresentados ao leitor por uma nota bio-bibliográfica.

B. Sánchez-Sáez.
Buenos Aires, outubro, 922.²⁶⁴

Responderam ao inquérito: Juan Pablo Echague, Eduardo Barrios, Manuel Gálvez, Pedro Herreros, Manuel Maria Oliver, Adolfo Marcheschi Vannini, Mariano Antonio Barrenechea, Fausto Burgos. A opinião de cada um deles foi publicada em julho de 1923²⁶⁵. Um editorial precede as respostas, afirmando a necessidade de aproximação entre os países sul-americanos e que “só a arte aproxima. (...) O caminho é um só: interpenetração literária recíproca (...)”.²⁶⁶ Com a exceção de Gálvez, Eduardo Barrios e Juan Pablo Echague, os demais dizem desconhecer ou conhecer muito pouco a literatura brasileira clássica ou moderna. Todos são unânimes em afirmar que para um entendimento mais amplo entre os países é necessária a “recíproca interpenetração literária” feita através de um intercâmbio intelectual e uma tradução e difusão profusa de obras significativas; elogiam a iniciativa de Lobato, com o lançamento da “Biblioteca de sul-americanos”, do jornal *La Nación*, que passara a publicar colaborações de autores brasileiros, e de Benjamin de Garay e Sánchez-Sáez, na sua atividade de tradutores. A conclusão, apresentada pelo corpo editorial da revista endossa a opinião dos entrevistados, no sentido de que era preciso estabelecer um verdadeiro intercâmbio entre as culturas hispano-americanas e elogia as iniciativas práticas como a de Lobato e do *La Nación* reforçando que “é necessário por de lado a parolagem vã e meter ombros à realização. Benjamin de Garay, com

²⁶⁴ *Revista do Brasil*, nov/1922, nº83, pp.245-246. Coleção IEB.

²⁶⁵ *Revista do Brasil*, julho/1923, nº91, pp.193-205.

²⁶⁶ *Idem*, *ibidem*, p.194.

algumas traduções, fez mais pelo Brasil na Argentina do que todos os discursadores que ‘estigmatizam’, ‘urgem’ e ... só.’²⁶⁷

Monteiro Lobato e as vanguardas argentinas

O fato de ter atuado em vários setores do campo intelectual –foi autor, editor, tradutor– fez com que Lobato tivesse uma visão desmistificada a respeito da atividade de escritor. Em carta a Rangel, datada em 17/1/1920, ele afirma:

Tens toda e não tens nenhuma razão. Tens-na no meu caso: não sou literato, não pretendo ser, não aspiro a louros acadêmicos, glórias, bobagens. Faço livros e vendo-os porque há mercado para a mercadoria; exatamente o negócio do que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriços e vende-os. E timbro em avisar ao leitor que não sei a língua.²⁶⁸

O pragmatismo permeia a concepção de cada uma das funções desempenhadas por Lobato; para ele o centro sempre foi, fundamentalmente, o leitor. Assim, em sua visão, como escritor, editor e tradutor, o texto devia ser claro, sem muitos adjetivos; preocupação que revela uma idéia de literatura marcada pela legibilidade, distanciando-se neste ponto da estética experimental vanguardista.

Como editor Lobato se preocupava com a divulgação e distribuição dos livros: além das livrarias, eles deveriam estar em bancas, farmácias, mercados, em todos os estabelecimentos; homem à frente do seu tempo, Lobato anunciava seu produto, tanto na *Revista do Brasil* quanto na contracapa de livros de sua editora e em jornais, o que na época causou escândalo, pois o

²⁶⁷ Idem, *ibidem.*, p.205.

²⁶⁸ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, vol. 2, p.211.

livro não era visto como uma mercadoria. Esse é exatamente um dos pontos que o afastaram dos grupos de escritores ligados às vanguardas, que na radicalidade crítica de suas posições condenavam a mercantilização artística. Para os vanguardistas, os verdadeiros artistas deveriam estar alheios ao afã do lucro, que poderia desviá-los do seu caminho. Na realidade, essa foi uma questão conflitante para os vanguardistas, na medida em que eles também eram, de algum modo, produto desse mercado. Nas palavras de Beatriz Sarlo, “*cuando el escritor siente a la vez la fascinación y la competencia del mercado, lo rechaza como espacio de consagración, pero, secretamente, espera su juicio*”.²⁶⁹

Outro ponto que o aproxima de autores como Gálvez e Quiroga e, em contrapartida, o distancia das vanguardas, é o fato de seus contos e artigos terem sido publicados em revistas e jornais de grande circulação. Assim como Quiroga, Lobato é um escritor profissional e inserido no mercado. Na Argentina, além de colaborações em revistas e jornais, os leitores puderam conhecer parte da literatura lobatiana para adultos²⁷⁰ e toda a sua obra dirigida ao público infantil editada no período em que o criador da Emília viveu em Buenos Aires, em 1946, pelas editoras Codex e Americalee.

Também devemos levar em conta que, naquele momento (refiro-me ao período em que Lobato dirigiu a *Revista do Brasil*, de 1918 a 1925), não havia romancistas de peso entre os novos escritores argentinos. Roberto Arlt (1900-1942), por exemplo, só emergiu no cenário literário em 1926, com a publicação do seu primeiro romance, *El juguete rabioso*.

²⁶⁹ Sarlo, Beatriz. “Vanguardia y criollismo: la aventura de *Martín Fierro*” in Altamirano, Carlos, Sarlo, Beatriz. *Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires, Ariel, 1997, p.227.

²⁷⁰ *Urupés*. Trad. Benjamin de Garay. Buenos Aires, Ed. Patria, 1921, reeditado em 1947 pela Editorial Ateneo, com tradução de Juan Ramon Pietro; *El macaco que se hizo hombre*. Trad. Benjamín de Garay, Buenos Aires, Editorial Tor, s/data.; *Los ojos que sangran*. Trad. B. Sanchez-Saez. Buenos Aires, Tor, 1924. Coletânea de contos; *El presidente negro*. Trad. Benjamín de Garay. Buenos Aires, Claridad, 1935.

Podemos pensar também que Lobato não incorporou os vanguardistas argentinos como uma estratégia para se distanciar dos modernistas brasileiros. Nesse sentido, é interessante notar que Mário de Andrade leu justamente os vanguardistas, como os jovens martinfierristas Jorge Luis Borges e Oliverio Girondo, por exemplo, e deixou de lado escritores como Horacio Quiroga e Roberto Arlt. Como afirma Alves-Bezerra, não é estranho que estes não estivessem presentes nas resenhas de Mário de Andrade, pois, sendo escritores da geração anterior, “sofriam, nesse momento, uma espécie de parricídio, do qual, pouco a pouco iriam recuperar-se em futuras exumações e reavivamentos (...)”.²⁷¹

²⁷¹ Alves-Bezerra, Wilson. “As nacionalidades latino-americanas: a Argentina vista à luz dos olhos de Mário de Andrade pelas sombras de Horacio Quiroga”. São Paulo, *Revista USP*, dez/jan/fev 2004-2005, p.177.

REVISTA DO BRASIL

RUA BOA VISTA, 32
CAIXA POSTAL 200
SÃO PAULO

S. Paulo-29-8-1919

Prezado collega

Recebi os livros que me mandou e já iniciiei a leitura delles. Vejo-me na frente de um forte pintor de aspectos e almas provincianas, estylizadas com arte primorosa; já apprehendi a sua qualidade primacial: interessar o leitor, empolgar-o, fazendo da leitura um requitado prazer. Em tempo oportuno darei a minha humilde opinião, ou melhor, impressão sobre ellas.

Tambem recebi a sua carta de 13 e folgo de encontrar no collega um espirito curioso das nossas coisas como o é o meu das coisas argentinas. Entendemos-nos perfeitamente bem.

Quanto á nossa literatura actual ha o bom e o mau, mas predomina o mediocre que é a peor forma do mau. Depois da morte de Machado de Assis, de Eudéas da Cunha e Affonso Arinos observamos uma verdadeira lacuna nas letras. Inda não surgiu o substituto de nenhum desses escriptores de grande envergadura. Entretanto, alem dos nomes que o amigo citou, podemos ainda citar os seguintes, entre os mais representativos: na poesia-Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Martins Fontes, Guilherme de Almeida, Catullo Cearense, Victor Lima, Vicente de Carvalho, Francisca Julia etc. No romance: Antonio Salles (do qual lhe mando um livro interessantissimo, com pontos de contacto com a Mestre Normal), Afranio Peixoto, Xavier Marques, Lima Barreto, Carlos Fernandes, Julia Lopes de Almeida, Albertina Berta; J. Antonio Nogueira, Gilberto Amado, Assis Chateaubriand, Medeiros de Albuquerque, Alberto Rangel, Humberto de Campos, Oliveira Lima, Martin Francisco e Gilka Machado são nomes valiosos no jornalismo, no pampheto, na poesia e na novela.

REVISTA DO BRASIL

RUA BOA VISTA, 32
CAIXA POSTAL 200
SÃO PAULO

Logo que possa hei de mandar para "Nosotros" um artigo sobre a literatura actual e o mesmo fará o amigo sobre as letras argentinas, para a Revista do Brasil. Contribuiremos assim para o intercambio das ideias entre vizinhos que tão pouco e tão mal se conhecem.

Esteve comnosco Aguirre, e combinamos varias cousas interessantes relativas á publicação duma serie de traducções brasileiras que a Revista pretende lançar ahí. Conto agora, para isto, com os preciosos conselhos do novo amigo. Como Aguirre vae traduzir "Urupês" para publicarmos ahí, foi com grande prazer que recebi a sua proposta para dar uma ou mais novellas na "Novela Semanal". Dou-lhe plena autorização para isso. A venda desse livro cá no Brasil foi enorme. Basta dizer que a 5ª edição está no prelo, attingindo assim a tiragem a 16 milheiros no espaço de 15 meses. Se a tradução argentina pudesse sair pela Cooperativa seria optimo, mas não sei se ella é restricta aos autores argentinos.

Aguirre nos causou optima impressão e temos esperanza de fazer muita coisa por intermedio delle.

Depois de lidos os seus livros daremos uma nota bibliographica na Revista. A esphera de acção da Argentina se alarga entre nós; Ingenieros é muito lido, as obras da "Cultura Argentina" vendem-se em todas as livrarias. Promovamos pois uma reciprocidade que só trará vantagens para ambos os paizes

Meu caro amigo, creia na admiração e disponha deste

collega muito agradecido

J. Antonio R. L.

Carta de Lobato a Gálvez, de 28/8/1919; 31/3/1929. Fonte: Arquivo Manuel Gálvez. Biblioteca da Academia Argentina de Letras. Fotos de Thais de Mattos Albieri.

Recbi ma carta, e a de Albany Gálvez, atrevo de Plan Illetes e de Caros y Caros e considero a capax de lectura eia, eubra má amja de an lembro o caract local que se desjira. Mas que fora, se enti eua foi má enuto em ilustrat sigua? Para optimo artista, de desenho e de pintura, mas a ilustrat para livro é uma arte especialisima que na faiz por amplo.
 Havia um api excellent, além de racionalit, mas um 30 annos de vida em um Al. Guimarães. Documenta de os ilustrat; foi uma e um momento. Se reproduzida e qual se podria, em pequeno numero de livros.

Para o Ultrap preciso de ter desenho para cada carta:
 de calça, um de capa, um de fim. Tão depo então (o l os último capitulo de livro, Ultrap, o Ultrap nao deem em teologias para então as expos ilustrat de patetismo indifera) se sejam: 12 ilustrat de capa a 50¢ = 600¢
 24 " de calça o fim a 15¢ = 360¢
 Capa 70¢
 Fim 1050¢

1.030 ¢ ou 1.751.000 de uma ruela. E caso este o preço de o trabalho de seu em trabalho e serviço, mas, o ultrap talvez nao acite esta proposta.

Envi hoje uma carta imprescindente sobre letras argentinas, uma exponet entre os, e anuncia um conven esta relativa a Montevideo e Bahia. Tambem em numero de

REVISTA DO BRASIL
 RUA BOA VISTA, 52
 CAIXA POSTAL 78
 SÃO PAULO

S. Paulo 18-1-1920

Prezado amigo Manuel Gálvez

Recbi e já li a Bacha Regules, onde vejo acentuar-se a evoluçã da sua arte para um symbolismo que lembra o de Boia e de Tolstoi na Resurreiçã. Apesar de haver conduzido a tarefa até final com o maior garbo e brilhançisimo, temo para sim que a sua obra prima continua a ser a Maestra. Aquillo é inesquecivel. Aquelles typos gravam-se na memoria do leitor para o resto da vida.

Tendo convivido com elles durante a semana da leitura hoje ainda a impressã de ter vivido em La Rioja, de ter conhecido personalmente a pobresinha da Bacelda, de ter visto passar nas ruas as terriveis Guanacas, de ter perolado á mesa em casa da dona Crispula...

A Maestra é o meu de typos mais completo que conheço na literatura sua americana. Don Hilason, Urbibey, a Regente-todas...

Conheço pouco a literatura argentina mas devido que haja nella um romance que valha a Maestra. Bacelda é a mulher fraca de todas as partes e de todos os tempos-victima da mal-ingenuidade dos seus instintos. Ha-as aqui em quantidade. A vida riojana é a mesma vida provinciana dã do Brasil e foi isso um das coizas que mais se impressioaram no seu livro, essa identidade ou semelhança de ambientes.

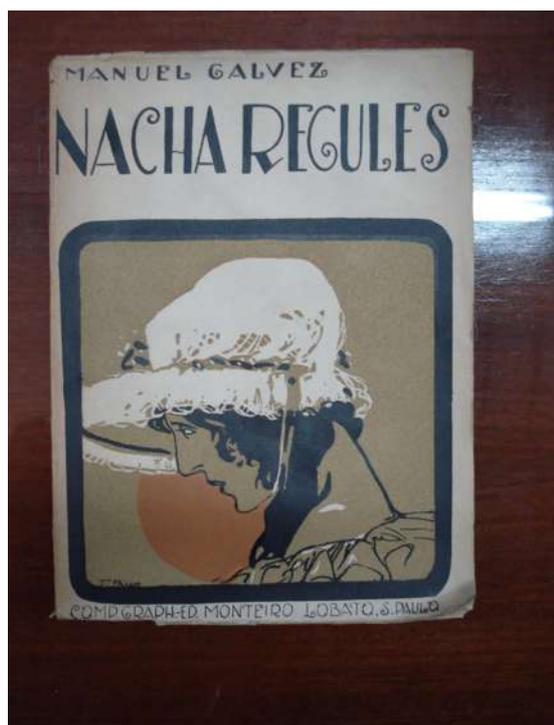
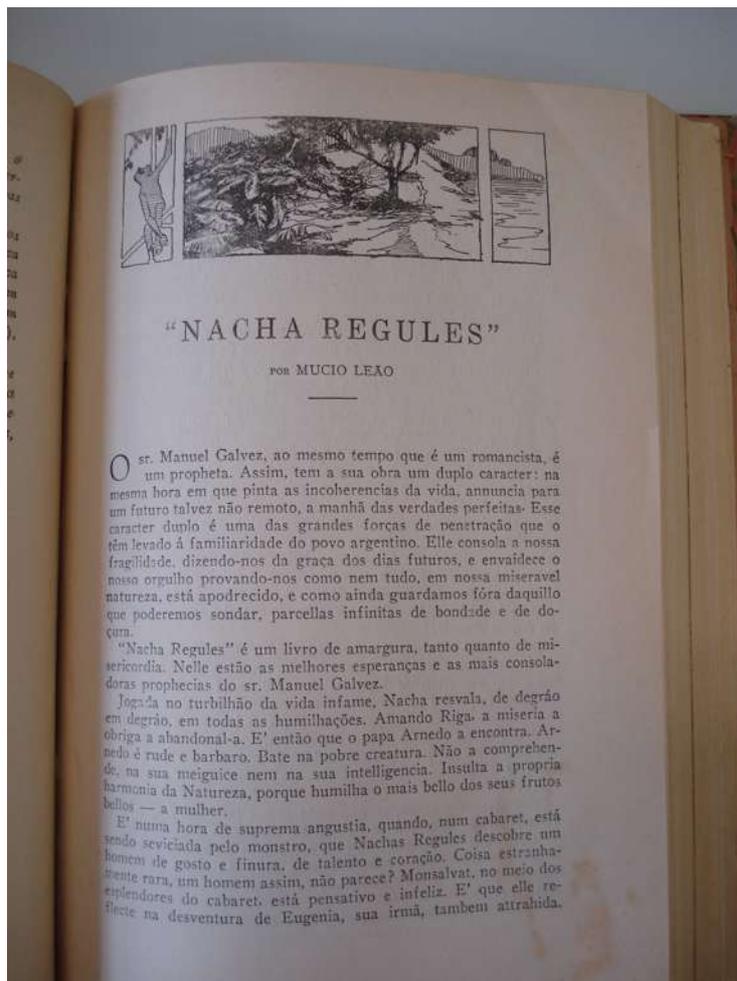
Tão grande é ella que , traduzido em portuguesa, e aportuguesada as lucras dos personagens e das localidades esse livro passaria entre nos como um authentic romance brasileiro-ou pelo menos paulista. Moços vicijs e qualidades, a intrigalhada do sandinho pedagogico tudo é muito bosso. Acaso notavel isso e se o livro fosse menor em ine proporia a traduçã em portugues-mas infelizmente nesso mercado não comporta livros de mais de 250 paginas.

Agradecendo-lhe a resposta da Bacha retribuo a gentileza com e

Da esquerda para a direita: carta de Lobato a Gálvez, de 31/3/1920 e de 18/1/1920. Fonte: Arquivo Manuel Gálvez. Biblioteca da Academia Argentina de Letras. Fotos de Thaís de Mattos Albieri.



Resenha de *Nacha Regules*,
de Manuel Gálvez,
publicada na Revista do
Brasil de julho/1921.
Fonte: IEB.



Capa de *Nacha Regules*, de
Manuel Gálvez, editado pela
Companhia Gráfico-Editora
Monteiro Lobato, em 1924.
Fonte: Biblioteca da Academia
Argentina de Letras.

ceza, para restabelecer o oriente e a vida das gemmas.

Para essa commissão foi escolhida mille. Greuze, uma das mais conhecidas estrellas do theatro francez daquelle tempo.

A grande artista franceza, jámais soube, porém, esteve debaixo de arguta fiscalização de um sem numero de policiaes.

A illusão de liberdade para uso de um rico collar é bem mais suave do que a sentença do juiz Thomaz F. Graham.

As perolas nasceram para ornar o corpo da mulher, para fazer esplender a graça feminina, capricho da natureza, uma enfermidade curada pela vaidade e pelo garbo...

D' "O Jornal".

TUDO NOS UNE

"E' incrível até que ponto a literatura no Brasil revela no paiz irmão os mesmos costumes que no nosso. Salvo no que se refere aos negros, as novellas e os contos dos grandes escriptores brasileiros — os Coelho Netto, os Medeiros e Albuquerque, os Afranio Peixoto, os Graça Aranha, os Alcides Maya, para só falar nos contemporaneos — poderiam ser argentinos com uma simples mudança nos nomes e a differenciação de alguns pormenores. Os escriptores que não fazem ali obra nacional e seguem as correntes francezas, tambem se assemelham áquelles dos nossos que se encontram no mesmo caso. E nos melhores criticos da nova geração — Mucio Leão, Ronald de Carvalho e Tristão de Athayde — observamos uma para analogia de sensibilidade e de cultura com os mais intelligentes dos nossos criticos contemporaneos, com a ressalva de serem bastante superiores os brasileiros, pois os criticos argentinos, de quem deveremos esperar grandes coisas, começam apenas sua obra, sendo ainda muito jovens.

Essa semelhança entre nossos costumes e os do Brasil já foi assgnalada pelos criticos brasileiros que escreveram sobre a traducção do "El Mal Metafísico", editada no Rio de Janeiro, e sobre outros livros meus que leram no original. Porém, para nós, nada ha tão revelador a esse respeito como "Urupês", o vigoroso e solido volume de contos de Monteiro Lobato que acaba de apparecer em Buenos Aires vertido por Benjamin de Garay.

Em "Urupês", que não é sómente uma collecção de contos, encontramos os mesmos vícios da nossa vida nacional. Vemos apparecer alli a ruim politica, a pessima administração, a miseravel existencia das classes pobres. Tudo quanto Monteiro Lobato refere do mestiço, na penetrante analyse com que abre o volume, pôde applicar-se aos nossos "paisanos": a mesma preguiça, identica falta de aspirações, igual ignorancia e superstição. Aquelle Géca Tatu', celebre já no Brasil, onde o nome da personagem creada por

Monteiro Lobato deu ensejo ao apparecimento de uma série de vocabulos typicos, não é outro senão esse Juan Pueblo, esfarrapado e bruto que vemos, de quando em quando, nas caricaturas das nossas revistas illustradas. E, quando Géca Tatu', aconselhado a pôr uma cerca no seu rancho, coisa facil "havendo por ali tanta madeira", responde com o musumano "não vale a pena", não estamos ouvindo os nossos "criollos", a todos os nossos "criollos", desde os de Jujuy até os do Pampa?

E o protagonista desse conto magnifico, tão cheio de humorismo como os meliores de Mark Twain, que se chama "El gracioso arrependido", não se parece, tal uma gotta a uma gotta, com os nossos "graciosos" provincianos? O joven medico audaz e intrujão, de "Police verso", não terá porventura entre os seus collegas argentinos, innumerós similes? E vvedores, como aquelle do "El comprador de haciendas", outro conto bellissimo, não haverá muitissimos em nosso paiz? O livro de Monteiro Lobato, que não é apenas muito interessante e cheio de talento, senão que, por equal, contém muitos ensinamentos para todos nós, levamos a repetir a conhecida phrase de Saenz Peña: "Tudo nos une, nada nos separa". Os mesmos defeitos nacionaes e as mesmas virtudes; identicas esperanças e identico futuro. Poderá duvidar alguém que o Brasil seja um povo irmão, e que devemos sempre as estupidas rivalidades, indignas de nações democraticas, que devem olhar para o porvir e realizar os ideaes dos tempos modernos?

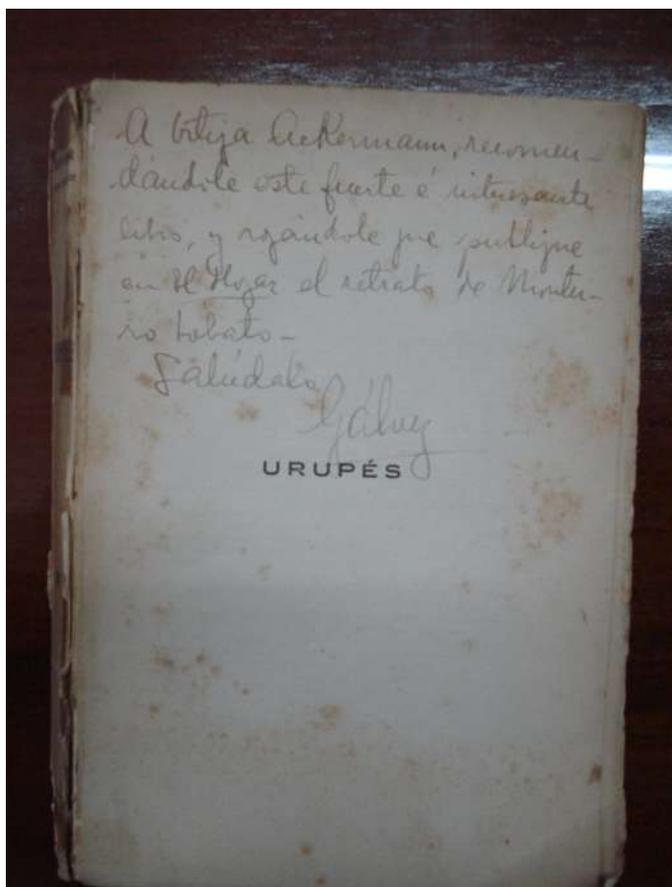
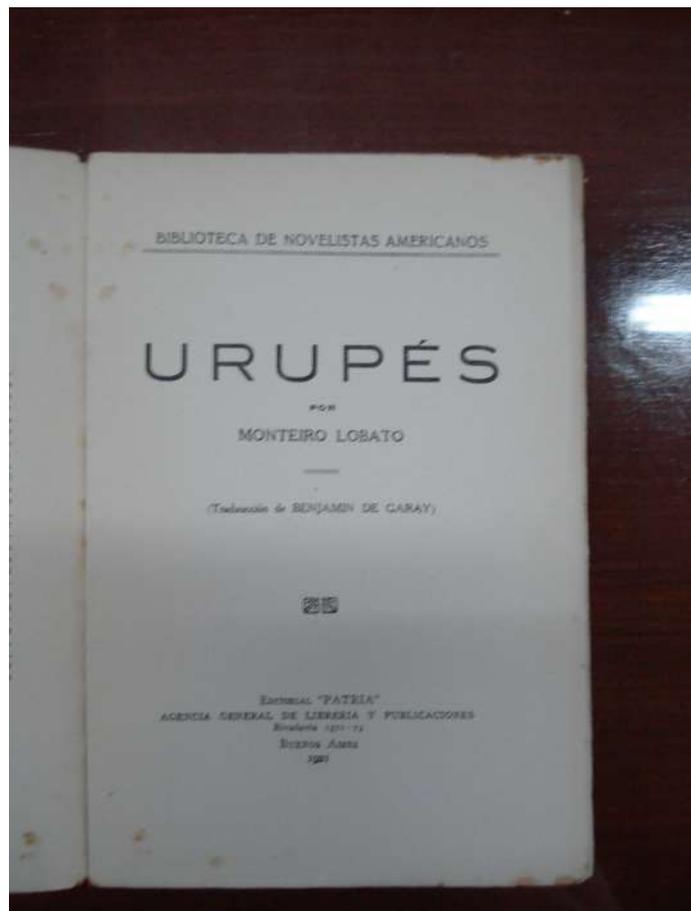
Manoel GALVEZ.

DO DR. AFFONSO D'E. TAUNAY RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA QUE COM MUITO PRAZER PUBLICAMOS.

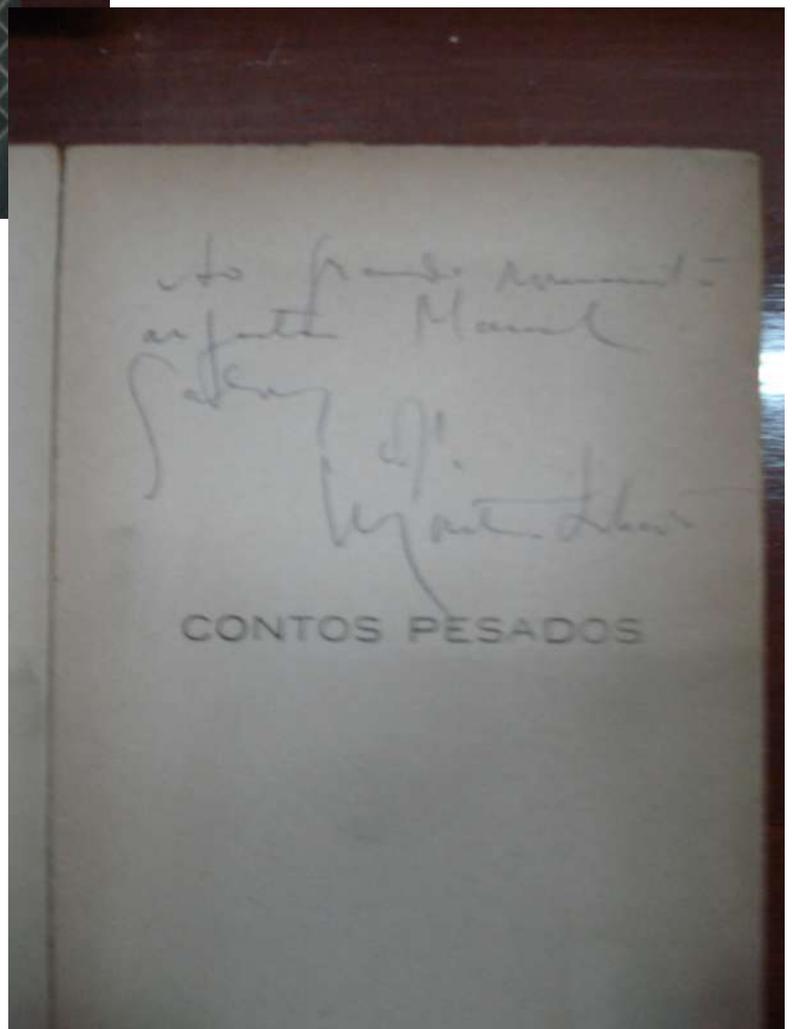
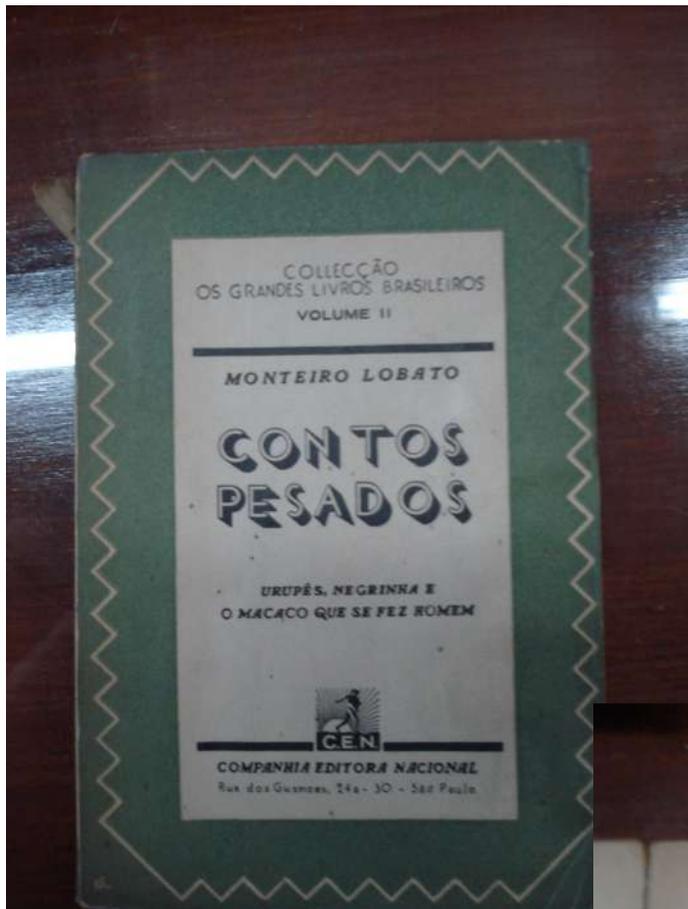
São Paulo, 20 de julho de 1921.

Havendo o ultimo numero da "Revista do Brasil" trazido uma noticia sobre a questão que mantenho em juizo contra uns falsificadores de "Innocencia", noticia, incompleta, sob certo ponto de vista, o que julgo lesivo aos direitos de minha Mãe, a Viscondessa de Taunay, venho solicitar-vos o obsequio de uma rectificação nas mesmas columnas de vosso tão conceituado periodico. Não ha sómente uma acção proposta contra os falsificadores, já a tal respeito se lavrou sentença no Juizo Federal do Rio de Janeiro sentença, que condemnou os "piratas literarios", como bem lhes chamou um orgão da imprensa fluminense, ao confisco dos diversos milhares de livros da aludrada edição, e á indemnização, aos legitimos proprietarios do romance, de quantia correspondente ao total pelo qual ser'am vendidos os exemplares confiscados, se pertencessem á

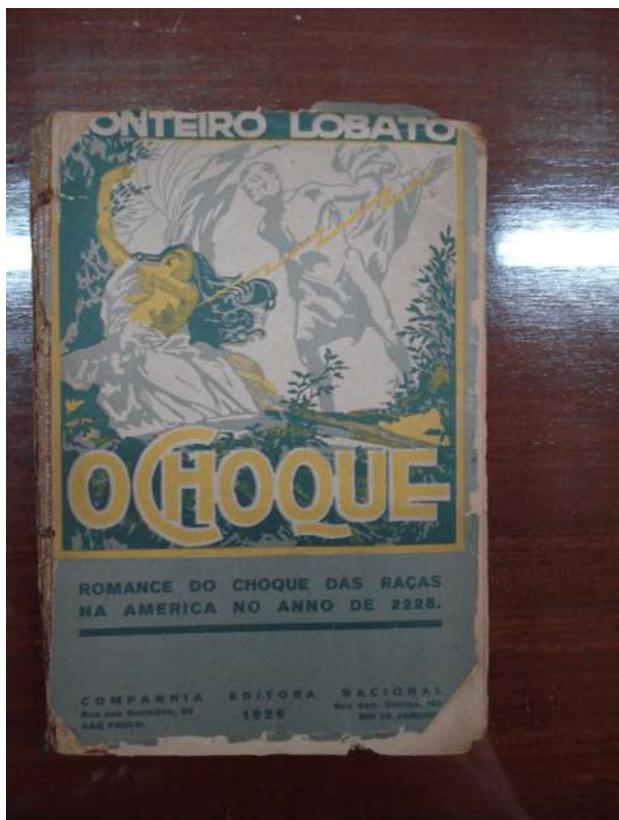
"Tudo nos une", artigo de Manuel Gálvez publicado na Revista do Brasil em agosto/1921. Fonte: IEB.



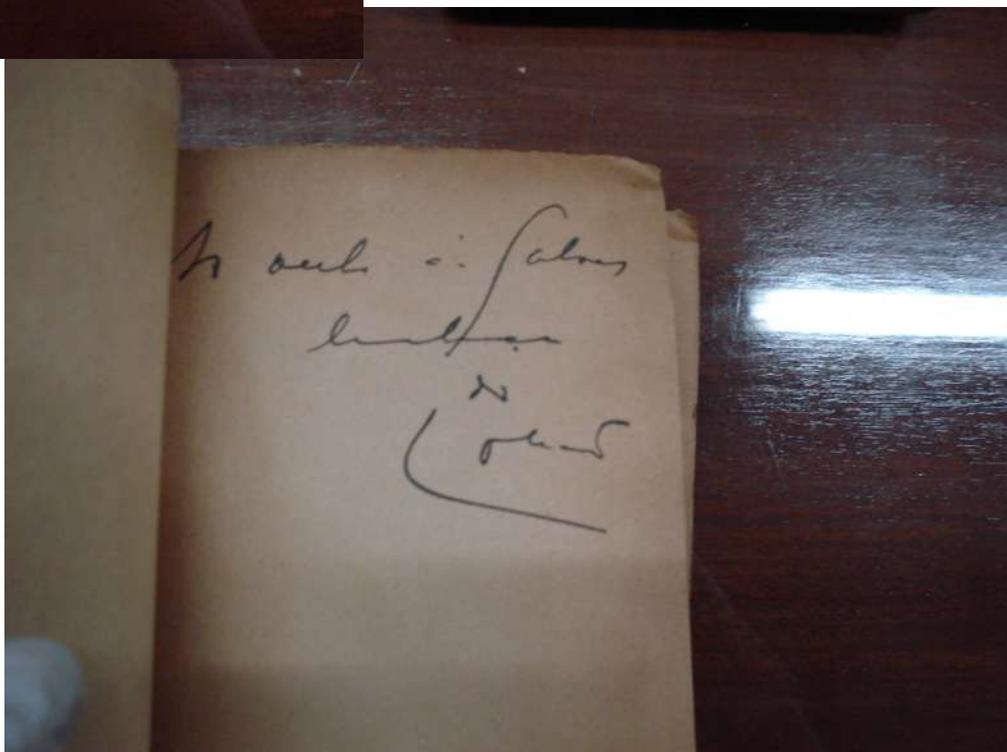
Exemplar de *Urupés*, editado por Gálvez, com dedicatória deste para o editor da revista "El Hogar", recomendando o livro e solicitando a publicação de foto de Lobato. Fonte: Biblioteca da Academia Argentina de Letras.

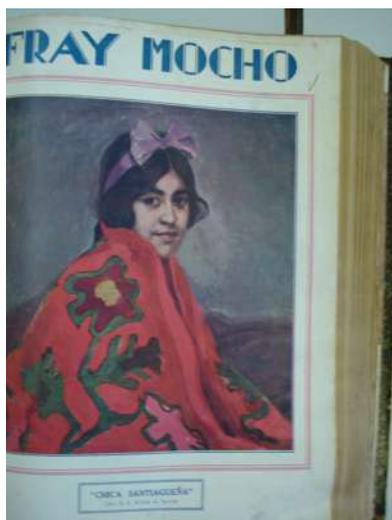


Contos Pesados, de Lobato, com autógrafa para Gálvez. Fonte: Biblioteca da Academia Argentina de Letras.

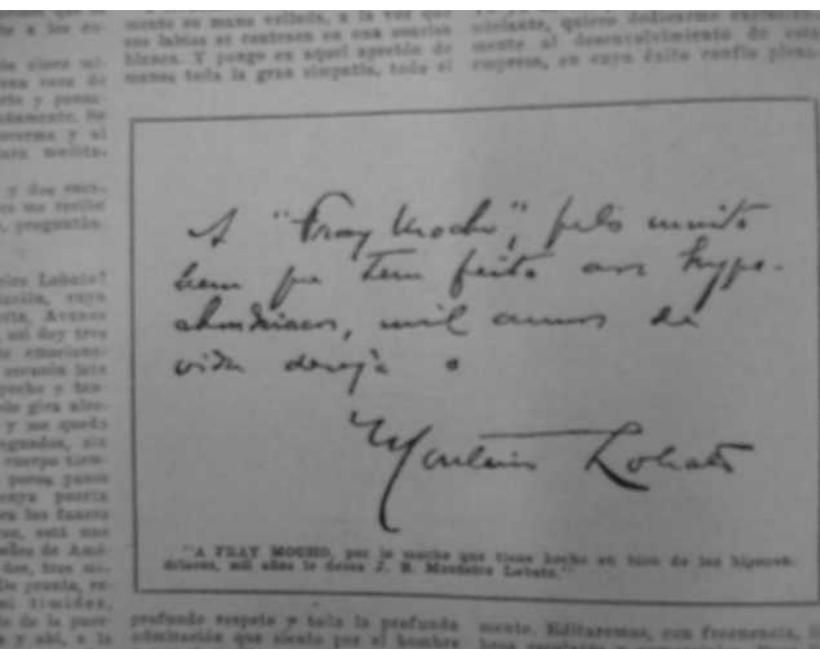


O choque das raças, de Lobato, autografado para Gálvez. Fonte: Biblioteca da Academia Argentina de Letras.

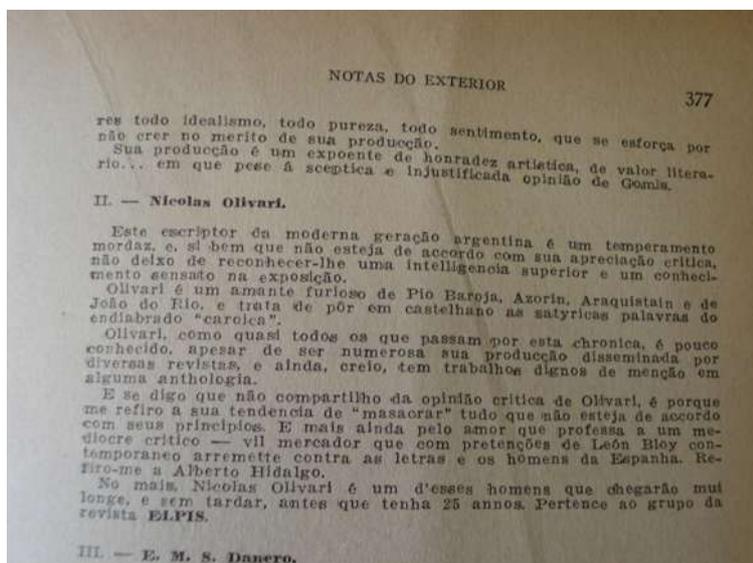




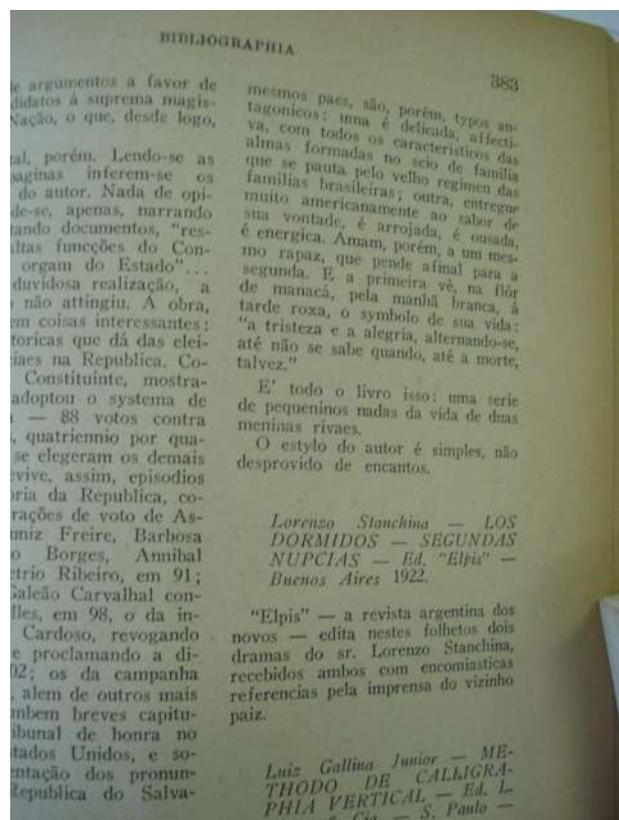
Capa de "Fray Mocho" e página com a entrevista de Lobato a Santachina, em 18/3/1924.



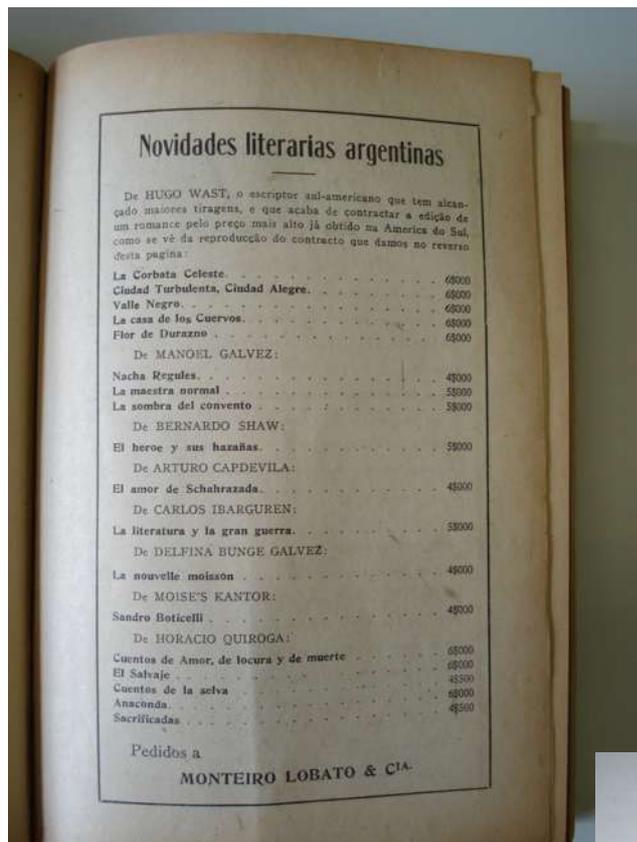
Detalhe da dedicatória de Lobato à revista "Fray Mocho" e, logo abaixo, sua tradução para o espanhol. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina.



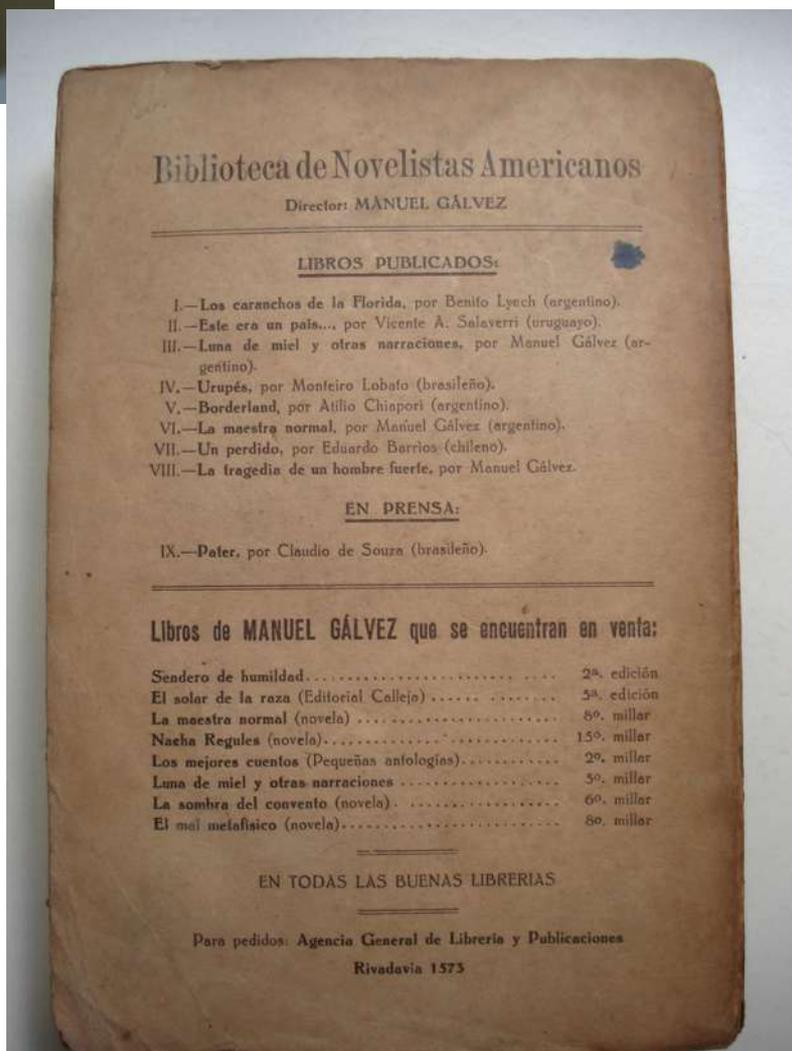
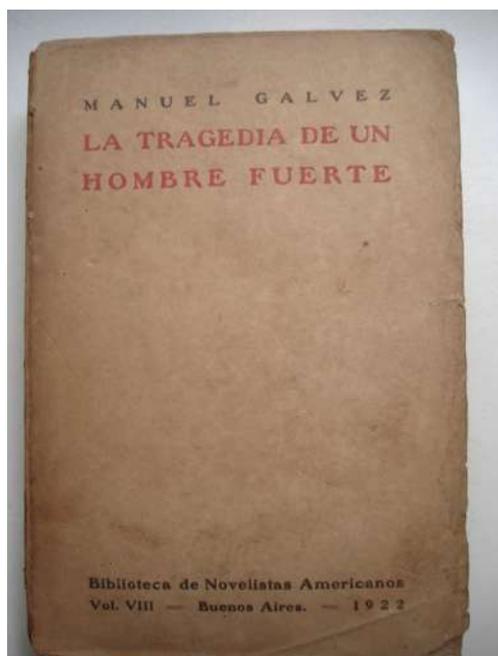
Nota sobre Olivari na Revista do Brasil, n°76, em abril/1922. Fonte: IEB.



Nota sobre Stanchina na Revista do Brasil n° 80, em agosto/1922. Fonte: IEB.



Ao lado, contracapa da *Revista do Brasil* anunciando obras literárias argentinas recebidas, como *Nacha Regules*, de Gálvez e *Cuentos de amor de locura y de muerte*, de Quiroga. Fonte: IEB. Abaixo, capa de livro de Gálvez e, na contracapa, anúncio de *Urupês*, de Lobato. Acervo pessoal.



Carvalho — SHER-
LMES NO BRASIL
Casa Moura — Rio.

Carvalho, conhecido
de seu espírito,
m múltiplas e va-
m de dar-nos mais
e volume: "Sher-
o Brasil". Pelo tí-
a vista, parece tra-
tiva de aventuras
e tenham passado
levadas a efeito
detective, acaso em
z. Mas não. O li-
e de estudos mais
mples composição
ovellesco. Erudito,
varios ramos da
o da protecção so-
ime, o auctor dis-
eus varios temas
encia de quem se
es, explicando-nos
no se chega, por
lo ou pelo rastro
apete, á identifi-
ímimoso... Esses
a gente sabe pos-
ntadamente, como
que são. Assim
s do prof. Reiss,
ich, Locard, Otto-
Balthazard e ou-
a tem a mais o
iade,
icas — quasi tres
entam-se pelo in-
dencia ao serviço
mo se descobrem
s tempos de Salo-

mão", "A mulher policial" e "Por-
que somos frequentemente rou-
bados".

Horacio Quiroga — CUEN-
TOS DE LA SELVA — (Para
los niños) — Cooperativa Edi-
torial Limitada — Buenos
Aires — 1918.

O illustre escriptor, que é Ho-
racio Quiroga, não desdenha es-
crever para creanças. Põe ao ser-
viço da infancia do seu paiz a
sua bella arte, proporcionando-
lhe verdadeiro regalo. E' sempre
o mesmo artista, cheio de pitto-
resco e imaginação.

Ao ler os seus "Cuentos de la
selva" não se pode furtar ao pa-
rallelo que se nos impõe com
Monteiro Lobato, o auctor do "Na-
rzinho arrebitado". A concepção
da literatura infantil é, em am-
bos, atravez da distancia que os
separa no mundo e das diferen-
ças de nacionalidade, de formação
e outras, exactamente a mesma.
Um e outro comprehendem que
só o maravilhoso pode seduzir a
alma infantil, que só as coisas
que lhe são familiares podem vi-
ver para ella e que só essas mes-
mas coisas lhe podem ensinar a
vida, educando sentimentos e es-
pirito.

Eis um exemplo, ao acaso, to-
mado ao livro de Quiroga: — "A
tartaruga gigante".

Um homem adoeceu em Buenos
Aires e os seus medicos lhe re-
commendaram a vida do campo.

BIBLIOGRAPHIA

77

Como era excellente atirador, fez-
se para o matto, aproveitando as
suas habilidades venatorias em
caçar bichos, que lhe eram bem
pagos pelo director do Jardim
Zoologico. Um dia, encontrou um
tigre que se aprestava para victi-
mar uma tartaruga. Salvou-a das
suas garras, tratou-a, curou-a. Fi-
cou-lhe grata a tartaruga. Quan-
do sarou, quem adoeceu foi o ca-
çador e tocou a ella a vez de sal-
val-o. Com a sua inhabilidade, os
seus modos esquelidos, fez o pos-
sivel por dar-lhe de beber e com-
er. Por fim, resolveu-se a trans-
portalo, ás costas, para Buenos
Aires, atravez de leguas e leguas
de campos e mattos. Dias e se-
manas carregou-o assim, até as
vistas da cidade, onde se rendeu
ao cansaço e á doença. Uma rata-
zana, porém, que alli encontrou,
explicou-lhe, não sem mordaci-
dade, que a capital estava a dois
passos. E a tartaruga, com o seu
fardo, sentindo renascerem-lhe as
forças, pôde chegar a tempo de
salvar por seu turno o seu sal-
vador, aportando, pela madrugada,
á porta do Jardim Zoologico,
onde ainda hoje pôde ser vista...

Horacio Quiroga — EL SAL-
VAJE — Buenos Aires — C.
Editorial Limitada — 1920.

Entre os escriptores argentinos
se destaca Horacio Quiroga por
uma obra copiosa de ficção, reve-
ladora não só de um grande ta-
lento de narrador como de uma
sólida cultura, servida por quali-
dades de bom gosto, arte e ima-
ginação. Seu livro "El salvaje" é
a mostra patente disso tudo.
Abre-a a novella desse titulo: é
um quadro de reconstituição pre-
historica de extraordinario valor.
O artista, aliado ao estudioso,
com um grande poder de evoca-
ção figura-nos ahi os primeiros
tempos da especie: transformação
do pithecanthropo em homem,

formação da familia, instituição
da caverna em lar, com todas as
luctas contra as feras e contra
os proprios homens — uma admi-
rável lição de historia, enquadra-
da em moldes de uma arte forte.
Só essa novella vale o livro todo.

Mas nelle se contém outros tra-
balhos notaveis. O auctor se mul-
tiplica, variando as tintas, as scen-
as, os meios, os dramas. Nunca
se repete.

"Los cazadores de ratos", uma
historia de serpentes e de um lar
campesino; "Los Cementerios
Belgas", o drama ingente da re-
tirada das populações flamengas,
acossadas pelos invasores; "La
voluntad", o gracioso caso de um
official russo, imbuido de litera-
tura e philosophia, que emigra
com a mulher para a Argentina;
"Cuento para Novios", o relato,
cheio de fino humor, de uma noite
passada em claro graças á acção
de impertinente choringas;
"Estephania", o suicidio de uma
moçoilla apaixonada; Lucia Strin-
berg", psychologia de uma dama
phantasista, surpreza ante a vai-
dade do amante, a quem mais im-
porta o nome della que a pessoa —
são contos interessantissimos, fi-
nalmente acabados, que se lêem com
o maximo prazer.

Zeferino Galvão — FERRO
EM BRAZA — Pernambuco
1920.

Neste livro — um a mais na
copiosa bagagem literaria do au-
ctor — o Sr. Zeferino Galvão põe
a summula da sua experiencia da
vida. E' uma especie de exame de
consciencia onde o velho jornalista
pernambucano philosopha com
o amargor de quem sabe a vida
e não mais se illude a respeito
das suas mentiras. Zeferino Gal-
vão é o caso typico de uma forte
individualidade victima do aca-
nhamento do meio em que se de-
senvolveu. Sua voz perdeu-se por

À esquerda, resenha sobre *El salvaje*, de
Horacio Quiroga. À direita, sobre
Cuentos de la selva. Ambas foram
publicadas na *Revista do Brasil* em
set/1921. Fonte: IEB.





UMA ESTAÇÃO DE AMOR

(É um dos mais bellos contos do notavel escriptor argentino H. Quiroga.
A traducção desenvolve ao formoso espirito da senhorita
Lila Escobar de Comargo)

PRIMAVERA

ERA terça-feira de carnaval. Nébel acabava de entrar no côrso, já ao escurecer, e, enquanto desfazia um maço de serpentinas, olhou a carruagem da frente.

Notando um rosto que não vira na tarde anterior, perguntou a seus companheiros:

— Quem é? Não parece feia.

— Um demónio! É lindíssima. Creio ser sobrinha, ou coisa assim, do doctor Arrizabalaga. Chegou hontem, parece-me...

Nébel ficou então attentamente os olhos na formosa creatura. Era uma moça, mui joven ainda; acaso não teria mais de quatorze annos, mas completamente nublil. Tinha, sob o cabello muito escuro, um rosto de suprema brancura, desse branco mate e limpido que é patrimonio exclusivo das cutis muito finas. Olhos azues, largos, perdendo-se até as frentes, entre negras pestanas. Acaso um pouco separados, o que dá, sob uma fronte clara, um ar de muita nobreza ou de grande pertinacia. Mas seus olhos, assim, enciam aquelle semblante em flôr com a luz de sua belleza. E ao senti-os um momento pousados nos seus olhos, Nébel ficou deslumbrado.

— Que encanto! — murmurou, quedando immovel com um joelho no almofadão do "surrey". Um momento depois as serpentinas voavam para a "victoria". Ambas as carruagens estavam já enlaçadas pela ponte suspensa de fitas, e a joven que a occasionava sorria de vez em quando ao galante rapaz.

Mas aquillo chegava já a falta de respeito ás pessoas, cocheiros e ainda á carruagem: sobre o hombro, as cabeças, rédeas, apara-lamas, as serpentinas choviam sem cessar. Tanto foi, que as duas pessoas sentadas atrás voltaram-se e, bem que sorridentes, examinaram attentamente o atirador.

Conto de Horacio Quiroga publicado na Revista do Brasil em jan/1922.
Fonte: IEB.

que se relaciona o mundo inteiro e o caso historico, que decorre da evolução dos seculos. Pensasse um pouco e teria desmontado a profunda vulgaridade a que se acostou desde logo.

B. F.

Horacio Quiroga — ANACONDA — Buenos Aires — 1921.

Este livro de contos pertence á familia da literatura ao ar livre, de que é Rudyard Kipling o representante mais graduado. Só a fazem os homens que "viveram a vida", porque os ha que a sonham ou só conhecem della os trechos confinados, perceptíveis das janellas de um gabinete. Sente-se a differença nas menores coisas. Uma tem o encanto das paisagens amplas, cheias de sol, batidas de vento, onde o homem faz parte do ambiente, numa integração perfeita; a outra só lembra interiores mergulhados em eterna penumbra, habitados por creaturas pallidas, mofadas.

Mas pouco importaria o genero se a realisação não fosse magnifica. Aqui só valem as qualidades especialissimas do auctor, das mais eminentes em Horacio Quiroga. Posse a primacial, qual seja a de conduzir a narrativa de modo a interessar o leitor já de inicio, e nem por um instante afrouxar esse interesse, accentuando-o, antes, cada vez mais, até ao imprevisto do desfecho.

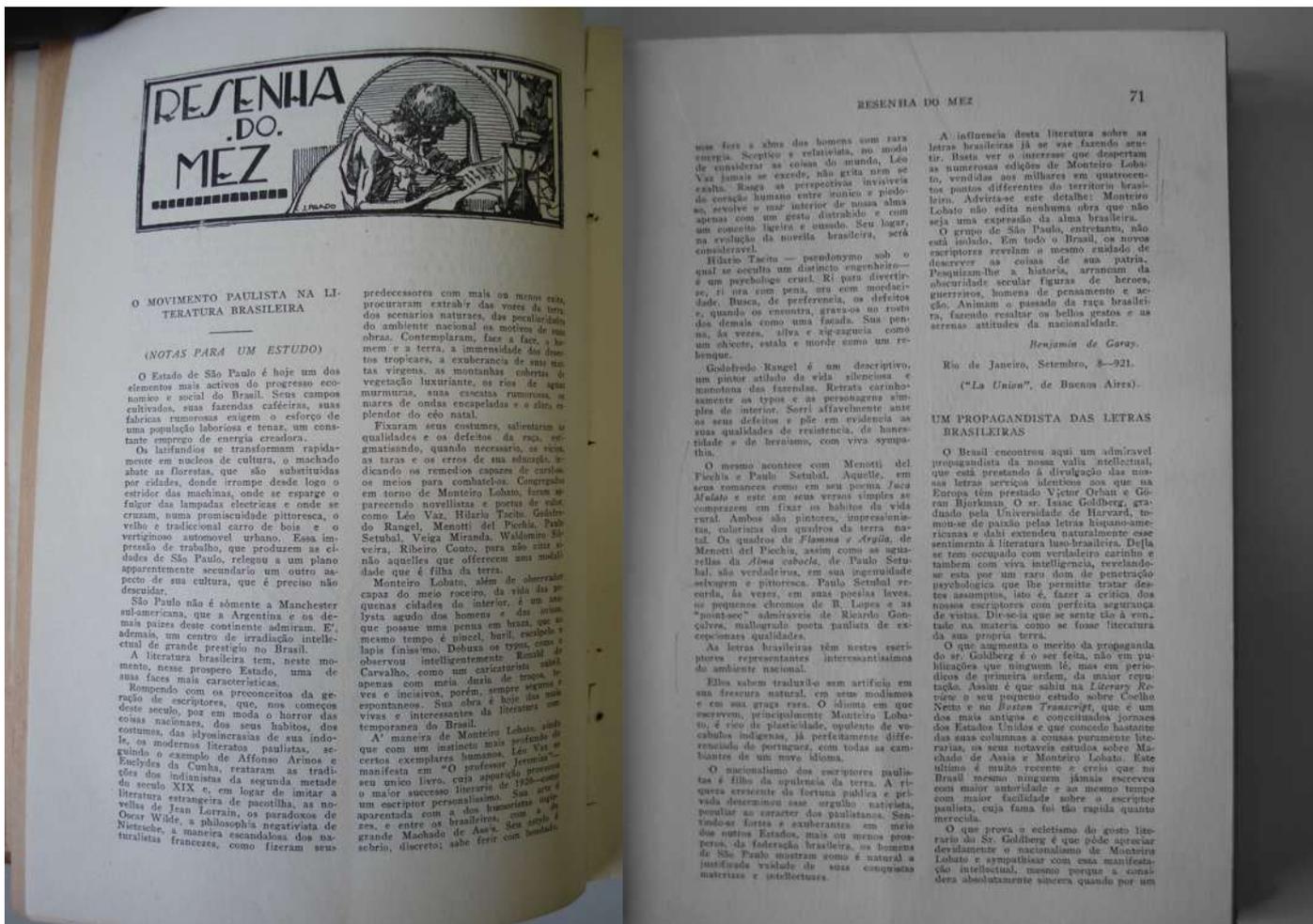
É tão penoso ler-se um livro maçador que era o caso da lei punir com a força a todos os escriptores que teimam em escrever, sem possuir esta qualidade primordial, tão accentuada em Quiroga.

"Anaconda" encerra 19 contos, que o são de facto. É muito commum confundir-se o conto com a chronica, genero dos mais abundantes e no qual os escriptores sem talento se sentem perfeitamente á vontade. Os de Quiroga são realmente contos, in-

começo, meio e fim, além da dose de dramaticidade, de comico e de psychologia necessaria á perfeita caracterisação do genero. Em "Anaconda", novella inicial que dá nome ao volume, assistimos a um originalissimo drama viperino, em que são personagens a catinana, a jaraçá, o urutú, a lamadrías e toda uma collecção de serpentes perturbadas na sua vida e nas suas ideias pela presença na região de animaes immunizados pelo soro anti-ophidico. Como no *The Jungle Book*, a excellencia da novella reside em agirem as cobras, numa dada situação, de uma maneira extremamente logica — ou, antes, de agirem como nós, se, com as nossas ideias e sentimentos, nasceramos cobras. Demonstra ali, como em livros anteriores, a sua forte capacidade de "psychologisar" a vida dos animaes, para Quiroga nos demais contos a jogar com creaturas humanas — e revela-se um *conteur* completo. Nenhum elemento falta ás suas composições; o equilibrio é perfeito, a observação exacta, a escolha de elementos sempre justa, o thema sempre original. Tome por pretexto o funcionario publico que vae inspecionar uma longinqua estação meteorologica perdida ás margens do Iguassú para descrever as sensações dum soldado francez no deserto africano, como no conto "O Simum"; ou se aproveite do subterfugio do sonho para compor "Miss Dorothy Phillips, minha esposa", espirituossissima composição, cheia de novidade, pois entra em scena a mentalidade nova que o cinematographo está creando, Horacio Quiroga é sempre o mesmo dono duma arte segura, viva, justa e fina. Sabe localizar, graduar, escolher e movimentar. E, qualidade suprema! — não maça, não caceteia nunca. Recommendo-lhe, pois, vivamente, a todos que desejam conhecer da moderna literatura argentina, como, dos contistas actuaes, o *primus inter pares*.

M. L.

Resenha de Lobato sobre Anaconda, de Horacio Quiroga, publicada na Revista do Brasil em maio/1922. Fonte: IEB.



"O movimento paulista na literatura brasileira", artigo de Benjamin de Garay, publicado na Revista do Brasil em janeiro/1922. Fonte: IEB.



Foto de Benjamin de Garay na Galeria dos Publicados. Revista do Brasil, setembro/1921. Legenda na foto de Garay: "Tradutor de numerosas obras nacionais". Fonte: IEB.

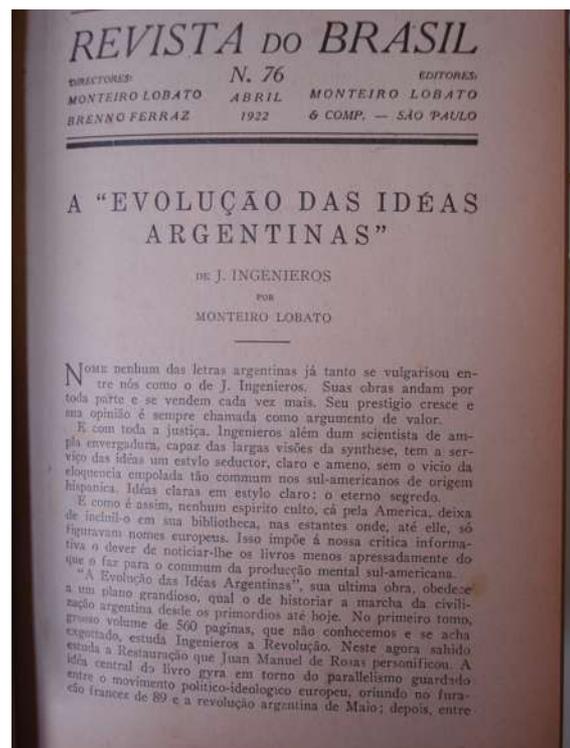


Artigo de José Ingenieros publicado na *Revista do Brasil* em maio/1922. Fonte: IEB.

Artigo de Monteiro Lobato sobre livro de Ingenieros, publicado na *Revista do Brasil* em abril/1922. Fonte: IEB.



Foto de Ingenieros, com dedicatória a Lobato, na "Galeria dos Publicados", em set/1921. Fonte: IEB.



CAPÍTULO 3

MONTEIRO LOBATO E OS PERIÓDICOS ARGENTINOS

No mesmo período em que Lobato publicou escritores argentinos, tanto na *Revista do Brasil* quanto em sua editora, nos anos de 1920, seus textos passaram a circular na Argentina. Através dos contatos estabelecidos com Manuel Gálvez e Horacio Quiroga, como abordado no capítulo anterior, sua produção foi veiculada entre as décadas de 1920 e 1930, seja na revista cultural *Nosotros* seja em revistas de variedades, dirigidas a um público massivo, como *Atlántida*, *Plus Ultra*, *La Novella Semanal*, entre outras, além dos jornais *La prensa*, *La Nación* e *El Mundo*. Mesmo depois de sua morte, ao longo das décadas de 50 e 60 do século passado seus textos continuaram a circular entre os argentinos, principalmente sua literatura infantil.

Neste capítulo, serão analisados esses artigos e contos publicados nos periódicos argentinos, contemporâneos à *Revista do Brasil*, a fim de verificar até que ponto havia este diálogo cultural e que modalidades ele assume.

Lobato em *Nosotros* [1907-1943]

As comemorações do Centenário da independência argentina, em 1910, estimularam e pautaram as discussões em torno do tema da identidade nacional nos meios intelectuais e políticos argentinos. No âmbito cultural, reivindicava-se uma tradição própria, bem como a valorização da paisagem e da cultura nacional. Dentro deste contexto é que a revista *Nosotros* surgiu no cenário cultural bonaerense, em 1907, fundada e dirigida pelos jovens estudantes da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos

Aires, Roberto Giusti e Alfredo Bianchi. Foi uma revista de vida longa, tendo sido editada durante 36 anos, praticamente ininterruptos, até 1943. Publicação mensal, através de seus 396 números é possível traçar um panorama da literatura argentina das quatro primeiras décadas do século XX. A revista passou por duas fases: a primeira, de abril de 1907 a dezembro de 1934. O intervalo de um ano entre a primeira e a segunda fase se deveu a uma grave crise financeira atravessada pela publicação. Estabilizada a situação, a revista voltou a circular, numa segunda fase que se estendeu de junho de 1935 a dezembro de 1943, um ano depois da morte de Bianchi.

Segundo Nicolás Shumway, “*Nosotros fue el más exitoso de una serie de intentos de un grupo de jóvenes que a principio de este siglo querían establecer una revista de alto nivel intelectual dedicado al estudio de la cultura*”.²⁷² Ainda segundo Shumway, “*tal vez el antecedente más notable fue la revista Ideas, bajo la dirección de Ricardo Olivera y Manuel Gálvez que, según la presentación de su primer número, viene a llenar un hueco espiritual*”.²⁷³ O editorial do primeiro número de *Ideas* [1903-1905] afirmava a necessidade nacional de reunir o esforço da juventude com o das gerações anteriores e “*polarizar todas las energías hacia la gestación de un ideal para el pueblo argentino*”²⁷⁴. No entanto, segundo Lafleur, Provenzano e Alonso, as idéias aludidas no nome da revista “ *fueron las de cada uno de sus colaboradores; los hubo revolucionarios (...); conservadores; ateos y clericales; rubenianos absolutos y rubenianos disidentes, impresionistas y*

²⁷² Cf. Shumway, Nicolás. “*Nosotros y el “nosotros” de Nosotros*”, in Sosnowski, Saúl (org.) *La cultura de un siglo. América Latina en sus revistas*. Buenos Aires, Alianza Editorial, 1999, p.166.

²⁷³ Idem, ibidem..

²⁷⁴ In Lafleur, Provenzano, Alonzo. *Las revistas literarias argentinas (1893-1967)*. Buenos Aires, El 8ovo loco, 2006, p.58.

primitivistas”.²⁷⁵ A revista *Ideas* durou pouco menos de dois anos, mas já trazia o gérmen do que seria *Nosotros*.

Os assuntos abordados por *Nosotros* eram bem diversificados, marcados por um forte nacionalismo cultural e, sob este aspecto, é possível estabelecer o primeiro ponto de contato com a *Revista do Brasil*. Havia artigos sobre política, filosofia, sociologia, psicologia, história, historiografia e literatura (o que incluía ensaios, críticas literárias, trechos de livros no prelo, poemas, contos). Seus colaboradores eram das mais variadas tendências políticas, filosóficas e a grande maioria dos textos publicados era de autores argentinos, tanto os já consagrados –como Roberto Payró, Evaristo Carriego, Almafuerte, Leopoldo Lugones– como os jovens escritores que recém ingressavam no campo cultural argentino, como Alberto Gerchunoff, Jorge Luis Borges, Alfonsina Storni, entre outros.

Em suas páginas é possível encontrar comentários sobre o surgimento de novas revistas, como *Atlántida*²⁷⁶ [1918-?] e sobre a recém fundada Cooperativa Editorial Buenos Aires, de Gálvez²⁷⁷, em junho do mesmo ano. Da mesma forma, encontram-se comentários sobre revistas de outros países do continente, como “Vida mexicana”,²⁷⁸ “Revista do Brasil”, entre outras, bem como reproduções de matérias sobre literatura argentina publicadas em revistas estrangeiras. Na realidade, *Nosotros* estabeleceu intercâmbio com

²⁷⁵ Idem, *ibidem*.

²⁷⁶ “A las muchas y buenas revistas ilustradas que aparecen en Buenos Aires, se há agregado desde el pasado 7 de marzo, una nueva, *Atlántida*, fundada y dirigida por Constantino C. Vigil.

Periodista experto, probado desde hace largos años en esas empresas que requieren rara fecundidad de ideas y incansable actividad, Vigil ha impreso en *Atlántida* un carácter original, que la distingue de las publicaciones del mismo género y le asigna un puesto de vanguardia en el periodismo argentino.

Semanario de amena lectura, bien presentada, ya ha llegado al pueblo, y como al pueblo se dirige cumple también la misión de educarlo, predicando ideas sanas y liberales, y orientándolo hacia todas las más nobles formas de la vida democrática”. In *Nosotros*, nº107, março/1918, p.432.

²⁷⁷ In *Nosotros*, nº 109, de junho/1918, pp.302-303.

²⁷⁸ A respeito de “Vida mexicana” *Nosotros* afirmaria: “(...) se trata de una revista que se propone trasuntar en sus páginas el pensamiento joven y fuerte de Hispanoamérica”. *Nosotros*, nº165, vol.43, fev/1923, p.286.

diversas publicações do continente americano (cubanas, mexicanas, panamenhas, venezuelanas, peruanas, brasileiras) procurando criar uma rede de relações culturais.

Um dos temas mais freqüentes girava em torno do questionamento sobre em quê consistia a literatura autenticamente argentina. Os artigos e resenhas procuravam, segundo Shumway, “*identificar, evaluar, clasificar e interpretar los textos que merecerían el calificativo de ‘literatura argentina’*”.²⁷⁹ Ao lado dessa ânsia por definir e interpretar essa literatura com critérios nacionais havia também uma preocupação americanista, no sentido de valorizar e defender o americano, o latino, reivindicando uma independência cultural em relação aos países desenvolvidos. São inúmeros os artigos em torno das democracias ibero-americanas, do panamericanismo, e a revista chegou inclusive a apoiar a formação da Unión Latinoamericana”,²⁸⁰ que adotando a noção de “Pátria continental” tinha como entre seus objetivos formar uma confederação que garantisse sua independência frente às potências capitalistas e era integrada, entre outros, por José Ingenieros, Haya de la Torre, Alfredo Palacios, Alfredo Bianchi, Enrique Méndez Calzada. E não faltaram ensaios sobre autores de vários países latino-americanos, como Gabriela Mistral, Ruben Darío, Rodó, entre outros e, como veremos, Monteiro Lobato. Não por acaso, duas de suas importantes e permanentes seções eram as de “Letras argentinas” e “Letras americanas”, com artigos e resenhas nos quais o leitor se informava a respeito de novos livros, autores e revistas. Várias enquetes foram realizadas a fim de se estabelecer um debate; numa delas, indagava-se o que os escritores espanhóis conheciam da literatura hispano-americana; em outra, sobre o que escritores hispano-americanos

²⁷⁹ Op.cit, p.169.

²⁸⁰ “Fundación de la Unión Latinoamericana”. *Nosotros*, nº 190, março/1925, pp.405-406.

conheciam da literatura dos países vizinhos. O fato de privilegiar a literatura hispano-americana não quer dizer que a revista deixasse de lado outras literaturas; são inúmeros os artigos sobre a literatura européia, abordando textos de Joyce, Proust, Dostoievski. Dado que Monteiro Lobato era leitor de *Nosotros* (que adquiria em livrarias de São Paulo), é possível pensar que a rede latino-americanista estabelecida pela revista portenha poderia ter sido tomada como um modelo para o que ele pretendia fazer com a *Revista do Brasil*, no sentido de dar a ela uma projeção continental.

Embora não tenha proclamado manifestos nem declarações iconoclastas, gestos de ruptura típico das vanguardas, *Nosotros* publicou os manifestos dos vanguardistas; um deles foi, inclusive, dado em primeira mão: o manifesto de Borges sobre o “ultraísmo”.²⁸¹ Segundo Beatriz Sarlo, as mais de cem páginas de cada exemplar de *Nosotros* incluíam “no sólo el registro del movimiento literario y plástico argentino sino también una buena sección de revistas y de reproducción de materiales extranjeros”²⁸² e “su influencia en la formación de un campo intelectual moderno fue decisiva.”²⁸³

Assim como fizera Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*, desde o início a revista *Nosotros* desenvolveu uma intensa atividade em busca de assinantes e, como estratégia de difusão estabeleceu agentes no interior e no exterior do país. No exterior, as agências encontravam-se em Paris, Madri, Boston, Nova Iorque, México, Montevidéu, Valparaíso, La Paz e São Paulo.

É possível estabelecer um paralelo entre *Nosotros* e a *Revista do Brasil* ainda sob três aspectos, a saber: o perfil nacionalista, ao valorizar a cultura e a literatura nacional; o empenho em estabelecer um intercâmbio entre as

²⁸¹ Cf. Lafleur, Lrenzano, Alonso, op.cit., p.59.

²⁸² Sarlo, Beatriz. “Vanguardia y criollismo la aventura de Martín Fierro” in Sarlo, Beatriz, Altamirano, Carlos. *Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires, Ariel, 1997, p.254.

²⁸³ Idem, ibidem..

literaturas dos países hispano-americanos, a partir da constatação do desconhecimento mútuo entre os países hispano-americanos. É nesse sentido que se pode entender o intercâmbio estabelecido com a *Revista do Brasil*, sob a gestão de Lobato. Por fim, ambas as revistas não são publicações de vanguarda, na medida em que não assumem gestos de ruptura; são modernas, publicam manifestos e artigos dos vanguardistas –no caso de *Nosotros*– e dos Modernistas- no caso da *Revista do Brasil*–, mas não têm atitudes vanguardistas.

Sob o aspecto formal, as duas revistas coincidiam ao apresentar uma capa sem foto ou ilustração, apenas com o nome da revista; havia seções dedicadas às letras de vários países, como “letras argentinas”, italianas, americanas, “brasileñas”; a importante seção “Bibliografía”/“Bibliographia”, que em ambos periódicos traziam resenhas sobre os mais recentes lançamentos; a seção de “libros vários”/“livros vários”, com resenhas ou apenas a indicação de seu lançamento; uma seção “libros y folletos recibidos”/“livros e folhetos recebidos” que, como o nome indica, listava as publicações recebidas naquele mês; a seção “Escritores argentinos juzgados en el extranjero”/“As letras brasileiras no exterior”, com as variantes “A literatura brasileira no exterior” e “A literatura nacional no estrangeiro”, que publicavam tanto ensaios como resenhas e que, no fundo, acabavam funcionando como uma instância de legitimação nos respectivos campos culturais.

Por meio do contato estabelecido com Manuel Gálvez, Monteiro Lobato passou a acompanhar mais de perto a revista *Nosotros*, através das remessas de exemplares que aquele lhe fazia. Em março de 1920, em carta a Gálvez, Lobato sugere que seria interessante um troca mensal de artigos entre os dois

periódicos a fim de que os leitores de ambos os países entrassem em contato com as respectivas produções:

E desejava manter essa seção, pondo assim os meus leitores ao par do movimento de idéias argentino. Lembrei-me, porém, que o verdadeiro era permutar-nos mensalmente um artigo com Nosotros. Mandaríamos daqui uma nota brasileira e receberíamos uma nota argentina. Deste modo favoreceríamos a interpenetração literária, com real proveito para ambos os países. Em maio começamos. Caso Nosotros queira pagar na mesma moeda, a coisa ficaria muito interessante.²⁸⁴

Na verdade, ao propor uma troca mensal de artigos, Lobato ampliou a idéia inicial de Gálvez, mencionada numa das primeiras cartas trocadas entre eles, de 13 de agosto de 1919, que se restringia à troca de um artigo de cada um deles para a revista *Nosotros* e *Revista do Brasil*, respectivamente. Em resposta a esta carta, Lobato enfatizava que a iniciativa seria o início de um intercâmbio entre os países vizinhos:

Logo que possa hei de mandar para “Nosotros” um artigo sobre a literatura atual e o mesmo fará o amigo sobre as letras argentinas, para a Revista do Brasil. Contribuiremos assim para o intercâmbio das idéias entre vizinhos que tão pouco e tão mal se conhecem.²⁸⁵

O vínculo se estabeleceu e a primeira menção a Lobato em *Nosotros* se deu em novembro de 1920, como uma estratégia para apresentar o escritor brasileiro ao público argentino. A revista anunciava que a partir do ano seguinte, e trimestralmente, uma nova seção surgiria: “Letras Brasileñas”, a cargo de Monteiro Lobato. O artigo inicia-se com uma sucinta biografia de Lobato que foi, muito provavelmente, extraída das informações passadas pelo próprio escritor em carta a Manuel Gálvez, como parte dos preparativos para o lançamento da edição argentina de *Urupês* e evidenciam a construção da

²⁸⁴ Carta manuscrita, de 31/3/1920. Fonte: A. M. G.

²⁸⁵ Carta datilografada, de 29/8/1919. Fonte: A. M. G.

imagem de si que Lobato queria ver revelada; estes dados biobibliográficos seriam utilizados em quase todos os artigos publicados na Argentina sobre o escritor brasileiro. Este artigo de apresentação menciona “Uma velha Praga” e, principalmente, a repercussão de “Urupês”, sem deixar de citar a consagração por Rui Barbosa,²⁸⁶ que em discurso proferido durante campanha eleitoral, em 1919, usou a figura do Jeca Tatu como exemplo de questão social do país e, com essa atitude, acabou por legitimar a posição do escritor no campo cultural brasileiro; a compra da *Revista do Brasil*, que colocou Lobato na posição de editor, também é mencionada:

“La sección ‘Letras Brasileñas’ ”

(...)

Con verdadero placer anunciamos a nuestros lectores que desde el año próximo, y trimestralmente, se ocupará de las obras más importantes que se publiquen en el Brasil, el escritor Monteiro Lobato, director de la *Revista do Brasil*.

Monteiro Lobato nació en 1882, en el estado de Sao Paulo. Después de cursar derecho, se hizo *fazendeiro*. En 1914 envió un artículo sobre la quemazón de campos a la sección “quejas y reclamaciones” de *O Estado de Sao Paulo*. Sin que estuviera en el ánimo de Monteiro Lobato producir sensación, su artículo fue ampliamente discutido. A tanto comentario contestó Monteiro Lobato con su artículo “Urupês”, en el que hacía la psicología del caboclo, que, como el “gaucho” en nuestro país, era personaje intangible, tan idealizado como había sido desde los tiempos de Alencar. Fué este artículo más discutido que el anterior. “Denigrador de la pátria”, le llamaron los patrioteros, “patriota” le consideraron los que, con inteligencia, no confunden con la patria a los tipos tradicionales de un país, idealizados por la poesía.

Desde entonces, Monteiro Lobato se hizo decididamente escritor. Publicó en la *Revista do Brasil* una serie de cuentos, reunidos luego en su volumen *Urupês*, que Ruy Barbosa consagró en una conferencia. Fué extraordinario el éxito que obtuvo este libro: en año y medio se editaron veinte mil ejemplares. En él se crea el tipo de Jeca Tatu, que

²⁸⁶ Na carta enviada a Gálvez em 22/11/1920 Lobato informa estar mandando um exemplar da *Revista do Brasil* com o discurso de Ruy Barbosa, bem como algumas fotografias e recortes com críticas a Urupês: “Amigo Gálvez, (...) Seguem as fotografias e uns dados auto-biográficos. Aproveito a ocasião para enviar mais alguns extratos da crítica, as que dão a compreender o modo porque o livro foi interpretado entre nós” in A. M. G.

reemplaza el caboclo idealizado; la palabra entra en el idioma del pueblo y nacen los derivados *Jecatatusinho*, *Jecalhada*, etc.

Poco después Monteiro Lobato adquirió la *Revista do Brasil*, que actualmente dirige. Inició en ella una propaganda nacionalista en arte y literatura contra el francesismo que en su país, más que en las demás naciones de América, hizo estragos.

Tal es el eminente escritor que ha de ser nuestro colaborador constante.²⁸⁷

A respeito de “Urupês”, a fim de estabelecer uma identidade entre os universos brasileiro e argentino, o artigo de *Nosotros* compara a figura do caboclo à do *gaucho*. Como expôs Pellegrino, “a geração do Centenário elegeu a figura do gaúcho como expressão da essência nacional”,²⁸⁸ valorizando suas manifestações culturais, acreditando que esses “habitantes do campo (...) eram depositários do Volksgeist, o espírito do ‘povo’ ”.²⁸⁹ O artigo trabalha a questão do nacional e destaca justamente a polêmica gerada por Lobato ao não mais idealizar o personagem: “ ‘Denigrador de la patria’, le llamaron los patrioterros, ‘patriota’ le consideraron los que, con inteligencia, no confunden con la patria a los tipos nacionales de un país, idealizados por la poesía”.

Quanto ao prometido artigo para *Nosotros*, Lobato justifica o atraso por estar se dedicando mais à sua editora que, em suas palavras, ia “de vento em popa”; e aproveita para detalhar o volume de livros impressos, o que pode ser interpretado como uma forma de dizer a Gálvez que valeria a pena uma parceria entre ambos:

S. Paulo, 10.2.1921

Prezado Gálvez

²⁸⁷ In *Nosotros*, vol 35, nov/1920, pp.422-423. Coleção da Biblioteca Ricardo Rojas, do Instituto de Literatura Argentina da Universidade de Buenos Aires (UBA). Todas as demais menções a esta revista dizem respeito à mesma fonte.

²⁸⁸ Pellegrino, Gabriela Soares, op.cit., p. 91.

²⁸⁹ Idem, ibidem.

Recebi cartas.

(...)

Não escrevi ainda para *Nosotros* porque me deu este ano um tal horror à tinta e a pena que só escrevo cartas. Suspendi toda a colaboração nos jornais e pus dois novos diretores na Revista para não ter que lidar com originais e literatos. Assim posso dedicar-me à casa editora cujos negócios vão de vento em popa. Basta dizer que já editamos, de janeiro de 1920 a março de 1921, 120.000 exemplares de várias obras, todas literárias. Quanto a mim, passei já do 100º milheiro. Minha edição a partir da 1ª em junho de 1918 até o presente, somam já exatamente 109.500.

Quando julguei semelhante absurdo, ao lançar há dois anos e meio o meu primeiro livrinho!

Ora, sendo assim, pesava-me dirigir a Revista, e passei a direção a outro, continuando seu proprietário.²⁹⁰

Consciente da importância e prestígio da revista no meio cultural argentino, Lobato reservou para *Nosotros* apenas os artigos de idéias; os contos seriam publicados nas revistas de variedades e em alguns jornais. Assim, em maio de 1921, inaugurando a anunciada seção “Letras Brasileñas”, veio a público o artigo “Visión general de la literatura brasileña”,²⁹¹ de Lobato. Partindo da leitura dos livros *Historia de la literatura Argentina*, de Ricardo Rojas (publicado entre 1917 e 1922) e *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919), de Ronald de Carvalho, o escritor procurou apontar os problemas comuns entre a literatura argentina e a brasileira, como o fato de os dois países terem sofrido influências ibéricas:

La identidad de la formación de los pueblos sudamericanos, da a su historia literaria singular aspecto de familia. Leyendo ese monumento de erudición y crítica que es la *Historia de la Literatura Argentina*, de Ricardo Rojas, y la *Pequeña Historia de la Literatura Brasileña*, del finísimo Ronald de Carvalho, tenemos la impresión de leer capítulos de una obra aun no escrita: la *Historia General de la Literatura Sudamericana*.

²⁹⁰ Fonte: A. M. G.

²⁹¹ in *Nosotros*, mayo/1921, nº144, pp.96-100.

Ambos estudian fenómenos de evidente paralelismo, producidos en la Argentina y en el Brasil.

Ello es natural, dada la semejanza de la formación de los dos países y dado el paralelismo evolutivo de las dos civilizaciones, no podían sus respectivas literaturas someterse a leyes diversas.

Y hasta la pregunta formulada en la Argentina —¿tenemos literatura?— a la que el gran Mitre respondió por la negativa, aunque admitiendo la existencia de materiales que la formarían en el futuro, repitióse varias veces en el Brasil.

Allá y acá, en los primeros siglos, no pasamos de mero transplante ibérico en tierras americanas; y si hubo rápida diferenciación en la vida social, muy lentamente se produjo la misma en la vida literaria.

Aunque extremadamente nacionalistas y hondamente brasileños de corazón, nuestros primeros poetas conserváronse portugueses de espíritu. La lengua de sus versos, por ejemplo, es rigurosamente portuguesa, sin lo más mínimo de la lengua nueva que se elaboraba en el seno del pueblo; las imágenes empleadas, el estilo, el giro de la frase, todo era portugués, aunque fuera empleado en hostilizar las cosas lusitanas.

La reacción comienza con los indianistas románticos, fase que marca las primeras manifestaciones de una inevitable disparidad: pueblos diferentes, lengua diferente, literatura diferente.

La buena acogida que el público dispensó a las obras de los indianistas indicó bien claramente la senda a seguir:

—Si queréis ser leídos, dadnos cosas nuevas de buen cuño nacional.²⁹²

Segundo Lobato, o “paralelismo evolutivo” do Brasil e da Argentina se deu tanto no âmbito político, social quanto no cultural, dado que ambos os países foram, em suas palavras, “*mero transplante ibérico en tierras americanas*”; as semelhanças são tais que Lobato chega a sugerir que dever-se-ia escrever a *Historia General de la Literatura Sudamericana*. No âmbito da literatura, a questão nacional está presente, quando afirma que para ser lido, os escritores deveriam oferecer “*cosas nuevas de buen cuño nacional*” e também ao comentar ter sido comum a indagação a respeito da existência de uma literatura nacional e que, no Brasil, o primeiro momento em que houve uma reação ao modelo transplantado foi com os indianistas românticos, ao passarem a tratar de temas brasileiros. Se por um lado Lobato vê nisto um

²⁹² In *Nosotros*, mayo/1921, n°144, p.97.

fator positivo, por outro, critica os primeiros indianistas por inserirem em suas obras índios com feições européias:

Fue error de los indianistas sustituir una escuela extranjera por otra escuela extranjera disfrazada de nacional. Sus indios no son indios de aquí; son griegos colorizos, romanos de tez bronceada, ficciones universales, tipos arbitrarios sin realidad alguna.²⁹³

Para Lobato, apenas com Alencar houve certo avanço, na medida em que o escritor destacou em sua obra a cor local:

Alencar introdujo nuestro paisaje en la novela; desechó las viejas imágenes de importación —el ruiseñor, el lobo, el león, el lirio, e introdujo la *grauna*, la *onça*, el *manacá*. Alencar rehabilitó, en suma, el color local, aunque siguiera más a su imaginación que a la naturaleza misma.²⁹⁴

Na seqüência, Lobato cita Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães e afirma que ambos se popularizaram e continuavam a ser lidos “*porque supieron aplicar la innovación de Alencar a la novela de la vida de las ciudades y de las poblaciones rurales*”. Apesar de serem autores muito lidos, aos olhos de Lobato ambos careciam do brilho de Alencar tanto no que se refere ao estilo quanto à forma, chegando mesmo a considerá-los medíocres: “*Mediocres como artistas, salvóles su nacionalismo y el haber escrito en la lengua de la tierra para uso de la gente de la tierra*”.²⁹⁵ Na poesia, Lobato destaca Castro Alves e Casimiro de Abreu. Sobre o primeiro, afirma haver conquistado um lugar perene no coração do povo, lugar este que “*nadie hasta ahora le ha desplazado*” e, a respeito do segundo, afirma que ao tornar-se o poeta “*de la saudade y del primero amor*”, Casimiro de Abreu é “*el suave intérprete de las inquietudes sentimentales de la juventud*”.

²⁹³ Idem, ibidem, p.97.

²⁹⁴ Idem, ibidem.

²⁹⁵ Idem, ibidem., p.98.

A seguir, passa a discorrer sobre o que considera uma fase fecunda da nossa literatura, na qual destaca Visconde de Taunay e Machado de Assis. Sobre Taunay, esclarece ser o romance *Inocência*, “*una verdadera obra maestra, sin defectos de forma ni de composición, y tan hija del ambiente brasileño, que eligióse para que, traducida en varios idiomas, fuera la plenipotenciaria, en el extranjero, de nuestra literatura*”.²⁹⁶ Ao se referir a Machado de Assis, Lobato destaca sua maestria e afirma que seus livros “*forman un collar de obras maestras dignas de figurar entre las obras maestras de la literatura universal*”.²⁹⁷ No entanto, prossegue, esse talento, “*la amarga ficción de su humorismo, la extrema finura de su psicología y de pensamiento*” não foram suficientes para “*penetrar en el alma del pueblo*”. A razão estaria no ceticismo machadiano. Segundo Lobato, Machado estaria no grupo daqueles que, “*desde Sterne, cultivan el humour*”. E prossegue em sua análise:

El *humour* niega y el pueblo afirma. El *humour* destruye y el pueblo necesita de los constructores. De este modo, Machado de Assis representa algo extra-Brasil, estrella de un cielo extraño desgarrada en medio de nuestro sistema estelar.²⁹⁸

A ironia com a qual Machado de Assis trabalha não serve para construir a literatura no sentido didático, sentido este que Lobato acreditava ser fundamental; daí o distanciamento que, a seu ver, a obra machadiana provocavam no grande público.

A partir dessa breve análise sobre a literatura brasileira, Lobato passa a apontar o que considera ser alguns dos obstáculos à expansão da nossa literatura entre a maioria da população: em primeiro lugar, o distanciamento entre a língua escrita e a língua falada, algo que ele trataria de sanar

²⁹⁶ Idem, *ibidem.*, p.98.

²⁹⁷ Idem, *ibidem.*

²⁹⁸ Idem, *ibidem.*, p.98.

principalmente em sua obra voltada para o público infantil; em segundo, “*la fascinación de las élites sintieron por las letras francesas*”, alvo constante das críticas de Lobato, na medida em que tais elites valorizam mais a cultura francesa, dando as costas para a realidade e cultura do próprio país:

Día a día se acentúa más este fenómeno: el pueblo sólo lee, sólo apoya, sólo populariza a quien escribe la lengua que él habla. (...) Y la vitalidad de la actual literatura, su expansión, su penetración depende cada día más de la adopción del *portugués bárbaro*, que es el idioma del pueblo brasileño. (...)

Otro obstáculo puesto a la expansión de nuestra literatura en el alma del pueblo proviene de la fascinación que las *élites* sintieron por las letras francesas. Artistas de cultura unilateral, eternamente vueltos hacia Francia, como si el mundo fuese Francia, dejaron de auscultar las ansias estéticas de la raza, para seguir servilmente los movimientos franceses. (...) Explicase de este modo la causa por la cual, a pesar del brillo de la literatura brasileña, la nación se interese tan escasamente por ella, salvo en los casos en que el escritor prescinde de esas influencias malsanas y resuena en armonía con el alma popular.²⁹⁹

Segundo Lobato, caberia a um homem desvinculado do mundo das letras, Euclides da Cunha, abrir o caminho, com *Os Sertões*:

Da Cunha no es portugués, ni francés, ni parnasiano, ni psicologizante, ni satélite de astro alguno. Es una fortísima personalidad que supo ver y tuvo valor de contar lo que vió. Bajóse hasta el suelo y examinó la tierra; después, examinó el hombre al natural, y narró la tragedia de este hombre en relación con la tierra. Habitados a una mentira convencional que la literatura venía perpetuando, penetró hondamente esa extraña y personalísima manera de encarar los hombres y las cosas de su país. Y de su libro, pleno de fulguraciones, de un genial impresionismo, surgió algo nuevo, algo como una directriz fecunda que va a dar brillo a nuestras futuras letras.³⁰⁰

Por fim, como fecho do artigo, Monteiro Lobato traça um paralelo entre *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha e *Facundo* (1845), de

²⁹⁹ Idem, ibidem, p.99.

³⁰⁰ Idem, ibidem, pp.99-100.

Sarmiento, afirmando que este fez, na Argentina, o mesmo movimento que Euclides da Cunha no Brasil:

En la Argentina, fué Sarmiento quien ejecutó una función comparable con la de Euclides da Cunha. *Facundo* es una visión maravillosa, es una lección fecundísima. Es la verdadera biblia de la literatura argentina. No hay camino verdadero que allí no esté indicado, y erra quién de ellos se aparta. Esos dos libros dicen una cosa sola: arte es verdad. O como decía Alberto Duter: toda preocupación de belleza es nociva al arte. En cuanto detengamos los ojos en los países de cultura más avanzada y adoptemos criterios de belleza de moda en ellas para adoptarlos en los nuestros nuestro arte será un pueril remedo, sin fuerzas para subsistir más que el período de duración de una moda. El día pues, en que tengamos el bello coraje de hacernos interpretes del dolor, de la alegría, de los anhelos, de las aspiraciones vagas y de cuanto sentimiento pasa por el alma de nuestra gente, nuestra literatura presentará el extraño fulgor con que se presentó en las letras universales la literatura de los Tolstoi y de los Dostoyevsky.³⁰¹

Como se pode deprender deste fragmento, Lobato reafirma a necessidade de as artes abandonarem os critérios de beleza estabelecidos pelas culturas européias e passarem a interpretar e retratar “*el alma de nuestra gente*”. E ao traçar o paralelo entre *Os sertões* e *Facundo* Lobato defende uma literatura de identidade latino-americana.

Um mês depois deste primeiro artigo de Lobato, *Nosotros* publicou uma resenha sobre *Urupés*, recém-lançado pela editora de Manuel Gálvez, na seção “Libros Americanos”:

Urupés. Cuentos del Brasil, por Monteiro Lobato. Biblioteca de Novelistas Americanos. Editorial “Patria”. Buenos Aires, 1921.

La versión castellana que con tanto esmero y pulcritud ha hecho el señor Benjamín de Garay del libro de cuentos brasileños *Urupés* de Monteiro Lobato, viene a confirmar definitivamente el indiscutible

³⁰¹ Idem, ibidem, p.100.

mérito del autor. Iniciado en la carrera literaria hace apenas ocho años, ha probado sin esfuerzo alguno su robusta capacidad de escritor, conquistando un puesto descollante en la actual generación de las letras brasileñas. Poseedor de una avanzada cultura, a la par de una inteligencia ágil y despierta, es de admirar el realismo impresionista de sus narraciones y la técnica ajustada y vivaz de sus diálogos constructivos. Ha sabido disciplinar su elección literaria con un pensamiento de patriotismo civil y de profesión estética, pensando con razón que la originalidad de algunos sentimientos artísticos está en revelar las bellezas y leyendas de la propia tierra.

El valor cualitativo de su obra es lisonjero y honroso. Pocas veces efectivamente se leen cuentos realistas cuya fuerza dramática y emotiva asombren e impresionen tanto. La aguda verdad de los relatos, la descripción escénica y la terrible psicología de los protagonistas nos recuerdan las creaciones trágicas de Guy de Maupassant, aquel atormentado discípulo de la famosa Escuela de Medán. El crimen, el dolor, la ambición, la maldad, la farsa y el desenlace cruel de los seres tienen una expresión cinematográfica. La fatalidad o mejor dicho el fatum de las pasiones devora implacablemente la existencia de sus débiles espíritus. Allí están “El gracioso arrepentido”, “Choo! Pan!”, “Pollice verso”, “El árbol matador”, “Boca-tuerta”, “El suplicio moderno” y “El estigma” que atestiguan sólidamente el ingenio de Monteiro Lobato.³⁰²

A resenha, em tom elogioso, destaca o realismo da narrativa e a afirmação de que o autor “*pensando con razón que la originalidad de algunos sentimientos artísticos está en revelar las bellezas y leyendas de la propia tierra*” nos permite afirmar que *Nosotros* pensa a literatura do mesmo lugar que Lobato, ou seja, a partir de um nacionalismo cultural.

Em maio de 1922, a seção “Escritores argentinos juzgados en el extranjero” reproduziu trechos da resenha de Lobato publicada na *Revista do Brasil*, sobre *La evolución de las ideas argentinas*, de José Ingenieros:

En la *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato ha consagrado un artículo a la última obra de Ingenieros.

³⁰² in *Nosotros*, junho/1921, n°145, p.274.

“Ningún hombre en las letras argentinas se ha difundido tanto entre nosotros como el de Ingenieros. Sus obras andan por todas partes y se venden cada vez más. Crece en prestigio y su opinión es citada siempre como argumento de valor.

(...)”.

Monteiro Lobato reseña a continuación, el contenido de los dos volúmenes aparecidos hasta ahora de *La evolución de las ideas argentinas*, especialmente del segundo, que trata de la Restauración. Refiriéndose a Rosas y al sistema de terror que implementara, dice Lobato: “Sin este invento los pronunciamientos se hubieron sucedido con frecuencia y la industria ganadera no hubiera logrado hechar los cimientos sobre los cuales se yergue la gran Argentina actual.

Parécenos que Ingenieros, dominado de noble indignación contra la tiranía teocrática de Rosas, no confiere el verdadero mérito a este aspecto del fenómeno; como también nos parece que el futuro sociólogo perdonará a Rosas sus crímenes en mérito de la innegable utilidad que de ellos obtuviera el país.³⁰³

A seção reproduz todo o último parágrafo do artigo, no qual Lobato afirma que as atrocidades implementadas por Rosas foram necessárias para o desenvolvimento do país e que depois da queda do ditador os exilados puderam voltar e “*continuaron la obra de la revolución en un país ya muy diferente del primitivo, porque había sido enriquecido, dominado por la fuerza y domado por el freno terrible del formidable domador de hombres*”.³⁰⁴

Em fevereiro de 1923, *Nosotros* fez referência, na seção “Notas y comentarios” à comemoração dos oito anos da *Revista do Brasil* e discorreu um pouco sobre Lobato e o novo corpo editorial da revista brasileira:

“*Revista do Brasil*” – La notable *Revista do Brasil* fundada por Monteiro Lobato, ha entrado, con su número de enero, en el ochavo año de existencia.

En el Brasil como en la Argentina, como en todos los países latinos de nuestra América, la vida de las revistas literarias es, cuando no imposible, harto precaria. ¡Si lo sabremos nosotros! Monteiro Lobato ha logrado, sin embargo, dar vitalidad a la suya, creando, al mismo

³⁰³ in *Nosotros*, maio/1922, nº156, p.132.

³⁰⁴ Idem, ibidem.

tiempo, público para el libro brasileño. Ocho años no son muchos, pero sobran para dejar asegurada una empresa de esta índole.

Nuevo colaborador tiene Monteiro Lobato en la dirección de su revista.

Brenno Ferraz y Ronald de Carvalho que hasta ahora lo habían acompañado, han sido sustituidos por Paulo da Silva Prado.

No solamente de dirección ha cambiado la dirección de la Revista do Brasil: también de aspecto. Y por cierto que nos gusta más como ahora está, sin pesados dibujos en la carátula, simple y digna como la elegancia misma.

Desde hace tiempo mantenemos con la Revista do Brasil relaciones cordialísimas. Al hacerle llegar nuestra enhorabuena por el nuevo aniversario, le expresamos los votos de que estas relaciones sean cada vez más estrechas y cálidas.³⁰⁵

A revista também publicou pequenas notas, em sua seção “Bibliografia” sobre o recebimento de livros editados por Lobato, como *Criminologia*, de José Ingenieros, da Monteiro Lobato & Cia, bem como na seção “Libros y folletos recibidos” –como na *Revista do Brasil*– que chegou a anunciar um exemplar da *Revista do Brasil*.³⁰⁶

Criminologia, de Ingenieros. Tradução de Haeckel de Lemos. Monteiro Lobato & Cia Editores. São Paulo, 1924.

La *Criminología*, del doctor Ingenieros a cuyas obras les son familiares las traducciones a los idiomas extranjeros, acaba de ser vertido al portugués por un joven e ilustre abogado brasileño, el doctor Haeckel.³⁰⁷

Além de Lobato, outros escritores brasileiros, chegaram a ter artigos publicados e livros divulgados em *Nosotros*. A maioria deles estava vinculada à *Revista do Brasil*, o que confirma, mais uma vez, a reciprocidade entre as

³⁰⁵ In *Nosotros*, fev/1923, nº165, vol.43, pp.285-286.

³⁰⁶ Em 1923, *Nosotros* anuncia o recebimento da *Revista do Brasil*: “Libros y folletos recibidos. Revista do Brasil. nº95, año VIII, vol.XXV, nov/1923 –Sao Paulo-Brasil”. Buenos Aires, novembro/1923, vol.43, p.499. E, em 1927, na mesma seção “Libros y folletos recibidos”, *Nosotros* anuncia uma obra publicada pela editora de Lobato: “. M. F. Pinto Pereira: *Casamento e divorcio no direito Civil Internacional*. Editora: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato. Pça da Sé, nº34. SP, 1 vol de 202 págs”. Buenos Aires, mayo/1927, vol.55, p.281.

³⁰⁷ In *Nosotros*, junho/1924, nº181, pp.249-250.

duas publicações. Do crítico Múcio Leão foi publicado um ensaio sobre o romance de Enrique Larreta, *La Gloria de don Ramiro*.³⁰⁸ Ao pé do artigo a revista informava tratar-se de um fragmento “*de un libro sobre la moderna literatura argentina próximo a aparecer*”; na realidade, este romance de Larreta é anacrônico para a época, na medida em que utiliza um espanhol castiço, enquanto Roberto Arlt (1900-1942), por exemplo, introduz na literatura a voz do imigrante, as gírias e expressões populares. Naquele mesmo ano, Múcio escrevera na *Revista do Brasil* um longo artigo sobre o romance *Nacha Regules*, de Manuel Gálvez. No mesmo exemplar de *Nosotros* em que saíra o ensaio de Múcio apareceu o artigo “Un libro brasileño”,³⁰⁹ sobre *A senhora de engenho*, de Mário Sette.³¹⁰ Poucos meses depois, ao resenhar o mesmo livro, a *Revista do Brasil* não perdeu a oportunidade de comentar o artigo da revista portenha: “Na revista de letras e artes Argentina ‘Nosotros’, a melhor publicação no gênero no país vizinho, d. Luis Pascarella, reputado crítico, escreve com o título acima, um artigo sobre ‘Senhora de Engenho’ do nosso colaborador Mário Satte. Transcrevemo-lo, em vernáculo, abaixo”.³¹¹ Também de sua autoria foi anunciado *A filha de dona Sinhá*, na seção “Libros varios”.³¹² Em janeiro de 1921 foi publicado um artigo de Cláudio de Souza sobre *El mal metafísico*, de Gálvez; na realidade, trata-se do prólogo à edição brasileira. Em consonância com a crítica de Lobato ao francesismo vigente, a tônica desse artigo é a crítica à valorização da cultura européia, tanto por parte do Brasil quanto da Argentina, em detrimento do conhecimento da própria cultura e da dos países vizinhos. Em contrapartida, saúda a edição brasileira de *El mal metafísico* como uma oportunidade de o

³⁰⁸ “Enrique Larreta: un juicio de Mucio Leao”, in *Nosotros*, nov/1921, pp.414-417.

³⁰⁹ *Nosotros*, nov/1921, p.

³¹⁰ Mário Sette era diretor da *Revista do Brasil* no Recife, Pernambuco.

³¹¹ *Revista do Brasil*, nº74, fev/1922, pp.180-181. Coleção IEB.

³¹² *Nosotros*, nov/1921.

leitor brasileiro conhecer e travar relações com “*un bello espíritu sudamericano*”.³¹³

Por ocasião do centenário da independência brasileira, *Nosotros* dedicou boa parte do número de setembro de 1922 ao Brasil. Assim, foram publicados: um artigo de David Peña sobre as relações Brasil-Argentina; sonetos de Rosalina Coelho Lisboa; o artigo “La novela brasileña”, de Ronald de Carvalho³¹⁴; artigo de Roberto F. Giusti: “Antonio Gonçalves Dias”; “Suernacionalismo sudamericano”, de J. A. Nogueira sobre o sentimento de brasilidade e de argentinidade, no sentido de “Construir una harmoniosa confederación(...)”.

Monteiro Lobato em *Atlántida* [1918-?]

Revista semanal ilustrada, *Atlántida* [1918-?], foi fundada e dirigida por Constancio C. Vigil (1876-1954), popular autor de livros infantis e fundador da importante revista infantil *Billiken*, além do periódico *Mundo Argentino*. *Atlántida* foi a base para a futura editora de mesmo nome; a revista publicava contos (não só de escritores hispano-americanos; Jack London e Kipling também freqüentaram suas páginas), charges, piadas, fotos da sociedade, resenhas e notícias sobre livros. Revista de variedades, *Atlántida* não tinha um perfil vanguardista e muitos de seus colaboradores também escreviam para

³¹³ “*Argentinos o brasileños deshabitamos, a poco, nuestra casa, nuestra tierra, nuestra historia, nuestro continente, pasamos el día en Europa, en la más frívola y más perniciosa de las Europas; pasamos las noches de París, y en el más fútil y más viciado París, aquel que Heine comparaba al queso: cuanto más estragado más sabroso...*

(...)

El mal metafísico, que cuenta con varias ediciones en Argentina, acaba de ser traducido a nuestro idioma, y ha sido puesto a venta por los editores Braz Lauria que, con la mejor voluntad, se ha puesto al servicio de la aproximación literaria de ambos pueblos. Por él tendrá nuestro público una excelente oportunidad de trabar relaciones con un bello espíritu sudamericano”. In *Nosotros* nov/1921, pp.119 e 128.

³¹⁴ Neste artigo, Ronald de Carvalho discorre sobre vários autores, como Joaquim M. Macedo (*A moreninha*), Machado de Assis, Alencar (*Guarani, Iracema*), Gonçalves Dias, Manuel Antonio de Almeida (*Memórias de um sargento de milícias*), Bernardo Guimarães, Taunay, Aluísio de Azevedo, Coelho Neto, Afrânio Peixoto. Entre os romancistas contemporâneos seus, cita Julia Lopes de Almeida, Xavier Marques e, dos novos cita Rangel, mas não Lobato.

Nosotros. Entre seus colaboradores encontravam-se: Arturo Capdevilla, Leopoldo Lugones, Enrique Banchs, Manuel Gálvez, Horacio Quiroga, Alfonsina Storni, Torrendel, Soiza Reilly. O ilustrador de muitos dos contos era Centurión, mencionado algumas vezes na correspondência entre Quiroga e Lobato.

Por se tratar de uma revista de variedades, Lobato enviou apenas contos –nenhum deles inédito– para a publicação; os artigos críticos, como vimos, reservou para *Nosotros*. Sua primeira inserção se deu em 23 de outubro de 1923, com a publicação do conto “El rapto” (um dos contos de *Negrinha*), ilustrado por Bonomi. Como era costume da revista, o conto havia sido anunciado no número anterior. A intermediação com o periódico fora feita por Horacio Quiroga, que aproveitou para comunicar a Lobato, em carta manuscrita de 10/setembro, provavelmente de 1923 (boa parte da carta está ilegível) que a tradução havia sido feita por Garay, com alguns retoques seus. Na mesma carta ficamos sabendo que Lobato havia autorizado Garay a encaminhar alguns contos seus para publicação.³¹⁵

Um mês depois, o número de 8 de novembro de 1923 publicou um texto de Lobato, sem título, apenas “De Monteiro Lobato”. Trata-se, na verdade, de fragmentos de *Mundo da lua*, livro publicado no Brasil naquele mesmo ano e que reunia reflexões e impressões recolhidas de um diário da mocidade do autor. Embora a revista não tenha publicado os títulos dos fragmentos, são eles “A crueldade da natureza” e “Filosofias”, respectivamente:

³¹⁵ “Querido Lobato: Hace rato que no le escribo. Sin embargo, me enteré de su vida y [ilegível] por Garay, quien [ilegível] hace días.

Debo advertirle que Garay me aseguró que tenía poder de Ud. para poner en plaza algunos cuentos suyos. Por mi intermedio “Atlántida” le pagó \$50 por “El rapto”, traducción de Garay y que yo retoqué un tanto, a los fines de su publicación. Aunque Garay me dijo que le comunicaría a Ud. este asunto, se lo cuento a mi vez, por las dudas”. Fonte: Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE/IEL-Unicamp.

La naturaleza sólo tiene un fin: la vida. Crea el hombre y la mujer, les da fuerza, belleza, ilusiones, salud, amor, únicamente para que, congregados, produzcan la mayor suma de vida de que son capaces. Hecho esto, les da todavía la energía –instintos paternos y maternos- necesaria para la asistencia de la prole. Después abandona el casal a las enfermedades y a la muerte.

¡Cuánto amor a la vida, cómo la vida es bella y fuerte, cuando la naturaleza necesita de la criatura para la creación de la vida! ¡Y cómo la hace mala, difícil, dura, inútil, una vez que alcanza su fin!

Idea que me persigue: el hombre, ante la ley animal, es un producto teratológico, tara de enfermedad que lo arrastra, irresistiblemente a alejarse de la naturaleza. En su apariencia paradójica, la palabra naturofobia encierra un concepto digno de meditación. El hombre es naturófobo. Esto explica lo que llamamos progreso. Mientras en la vida orgánica la evolución de los seres se opera en completa armonía con las leyes naturales, en el *homo* esa evolución garrea, desviándose de ella, arrastrándola por extraños caminos. A tal punto llega el desvío que se torna posible la deducción de *leyes humanas*, como leyes de excepción a la ley natural.

Este malestar en estado febril, crea el delirio, a que llamamos ilusión –fuego fatuo que busca como norte el enfermo. – una de sus consecuencias es la convicción de que el progreso es movimiento con rumbo a la perfección (idea platónica, sin correspondencia en el mundo de las realidades), cuando progreso (Spencer) significa apenas complicación.

La enfermedad que determinó el desvío del hombre de la serie zoológica y lo hizo el rey, el propietario, el operario, el sabio, el artista, trajo consigo la nostalgia –nostalgia de la salud, inconsciente nostalgia de la vida natural, - y creyó como terapéutica el inestudiado sentimiento de la esperanza.

De esos dos sentimientos, nostalgia y esperanza, hijos ambos del desvío evolutivo, nacieron las ideas del bien y del mal, porque nostalgia es dolor, miseria, malestar; y esperanza es el bien, el coraje, la justificación de la vida.³¹⁶

Apesar de não se fazer referência ao tradutor, muito provavelmente o texto foi vertido por Quiroga, pois em carta a Lobato, de 7/nov/1923, o escritor uruguaio comentou que “*Dí a Atlántida dos o tres reflexiones de*

³¹⁶ *Atlántida*, 8/nov/1923, p.23.

“Mundo da Lua”: paginas 57-59-72-76-107. Cuando aparezcan no me olvidaré de mandarle los números”³¹⁷. Ao que tudo indica, o próprio Quiroga fez a tradução, pois a seguir escreveu: “En cuanto a la traducción, debo recurrir a veces a giros, no tanto por dificultad mía para hallar el equivalente, como por las cosquillas académicas de los directores de revistas. En fin, amigazo, poco a poco iremos domando a la gente”.³¹⁸

Ainda em novembro de 1923, a coluna literária “Libro de la semana”, a cargo de J. Torrendel³¹⁹ publicou a resenha “Cuentos de Monteiro Lobato”, que discorre sobre *Urupés*, *Cidades mortas* e *Negrinha*. O mesmo Torrendel já havia publicado um artigo sobre *Urupés* no jornal “El día”, de Palma de Mallorca, devidamente reproduzido na *Revista do Brasil*, na seção “As letras brasileiras no exterior”³²⁰, e no qual informava ter conhecido Lobato através do conto “O comprador de fazendas”, publicado no jornal *La Nación*.

O texto da revista *Atlántida* abre com o relato sobre o recebimento das terceiras edições de *Cidades Mortas* e *Negrinha* e comenta brevemente a popularidade de Lobato no Brasil:

Terceras ediciones de *Cidades Mortas* y de *Negrinha* han llegado a mi mesa, en correspondencia amable a cierto detenido examen acerca de *Urupés*, primer libro del cuentista brasileño traducido al castellano. Ignoro la importancia del éxito obtenido con la excelente versión de Benjamín de Garay en estas tierras riopletenses; sé, en cambio, que en el país natal goza el autor de una popularidad auténtica y, por tanto, que su obra ha conquistado enorme suma de lectores en urbes y poblachos.³²¹

³¹⁷ Fonte: Fundo Monteiro Lobato, localizado no CEDAE/IEL, Unicamp.

³¹⁸ Idem, idibem.

³¹⁹ Espanhol, o escritor Juan Torrendell se estabeleceu em Buenos Aires, onde fundou a editora Tor, que levou autores clássicos e modernos a milhares de leitores, em volumes que custavam vinte ou trinta centavos. De Lobato, publicou *Los ojos que sangran*, em 1924.

³²⁰ *Revista do Brasil*, nº81, set/1922, seção “As letras brasileiras no exterior”, pp.84-86.

³²¹ *Atlántida*, 22/nov/1923, p.48.

A seguir, o resenhista informa que tentará “*explicar entonces la razón literaria que hacía interesante a Urupés*” que, em sua visão, residia na não-idealização do personagem, “*tan bonito en la novela y tan feo en la realidad*”. E é justamente esta reprodução da realidade o que, a seu ver, acaba por agradar o público leitor que “*apesar de los autorizados razonamientos de la vieja crítica (...) no rechazaba la verdad, (...) sino que, al contrario, prefería la reproducción sincera de los hechos y personas que conocía de antemano; gustaba, en suma, de verse reflejado en el espejo de la literatura*”.³²²

Ao discorrer sobre *Cidades mortas*, Torrendel conjectura que o triunfo desta obra se deve à “*sentimentalidad que va envuelta siempre en el recuerdo del pasado; pasado que todavía vive, pero que ya no se juzga característico de lo venidero*” e destaca a idéia de progresso, de modernização que dá às costas às cidades que já não produzem mais riqueza; note-se também que o resenhista faz uma leitura de viés realista, na medida em que valoriza o fato de que nos textos a descrição “*es exacta, es material*” e reproduz o que é vivido:

(...)

Monteiro Lobato rememora las cosas que han sido; habla de lo sucedido en diversas poblaciones de una comarca que existió o que vegeta de espaldas a los progresos de la nación. Itaóca vive de lo transcurrido, de rememorarlo con saudade, sin esperanza de futuro; regiones apartadas que el ímpetu moderno ha abandonado definitivamente. La descripción obtenida es exacta, es material y moralmente revivida.

Esto quiere decir que Monteiro Lobato no sólo ha sabido ver la zona de su país rezagada en la soledad y el silencio, sino que ha puesto en ella estimación ya por piedad a la grandeza ya por gusto de lo vario, de lo pintoresco, de lo peculiar, al fin artístico. Es natural pues que su pluma animadora haya concedido fuertísimo relieve a figuras, lugares, costumbres, dichos y leyendas. La propia calma toma aspectos de existencia, y participa en el deslizamiento de la ciudad que se consume y del campo que se consumió, víctimas del bravo y arrollador ímpetu del Café-Átila e del ambicioso dinero lanzado ahora al Oeste, con la avidez de nuevos

³²² Idem, ibidem.

asaltos a la virginidad de la tierra y transformado en palacetes ahora derruidos, o filtrado en la circulación europea por manos de hijos-de-familia disipadores. Han permanecido los de siempre: linojudos descendientes de antigua nobleza lusitana; rentistas placidos que aman la tranquilidad y viven de la lejana estación. Viejos mestizos de miserable descendencia, roída de opilación y alcohol; matrimonios empobrecidos que viven misteriosamente exiliados por el audaz hijo que sueña emigrar; el grupo clásico del Coronel, el Vicario, el juez, el recaudador, el delegado; los [ilegível] *piernas* del truco que no acaba nunca. En torno a tales curiosos personajes, una vida estacada, pero que no porque el movimiento sea casi nulo de apasionamiento, cómico o dramático de vivo interés sin duda para el espectador inteligentemente curioso. Monteiro Lobato lo ha sido en grado superior: curioso y amante, aunque las más de las veces una sonrisa y hasta una risotada escapan de sus labios naturalmente [ilegível].

Dos três livros analisados o que mais agradou ao crítico foi *Negrinha*, por conter “*Más seriedad y en todo una actitud de mayor compostura (...) el nuevo volumen de cuentos aparécenos un tanto más artístico en la combinación de los elementos estructurales*”. Entretanto, Torrendell considera que em alguns momentos há um excesso de pormenores, digressões e notas de rodapé; nada, porém, que impeça o autor de obter “*una narración de verosimilitud, un cuadro de perspectiva humana. Indudablemente, (...) la fuerza finca que los naturalistas denominaron el sentido de lo real*”.³²³ E o artigo termina comentando ser impossível ler Monteiro Lobato sem vinculá-lo ao naturalismo, na medida em que seus textos refletem “*directamente el mundo exterior, lo cual es, sin depreciar, naturalmente, las interioridades psíquicas*”.³²⁴

O segundo conto de Lobato publicado em *Atlántida* foi “El buen marido”,³²⁵ em 22/julho/1926, com algumas notas de tradução; duas delas de caráter histórico, a fim a de situar o leitor argentino em relação a fatos

³²³ Idem, ibidem.

³²⁴ Idem, ibidem.

³²⁵ *Atlántida*, 22/julho/1926, p.31.

políticos brasileiros como o “hermismo” (“*Alusión a la política del ex presidente brasileño mariscal Hermes da Fonseca*”³²⁶) e o “civilismo” (“*Agrupación opositora que reconocía por jefe al consejero Ruy Barbosa, llamado ‘el Águila de La Haya’, por su brillante actuación en aquella conferencia internacional*”³²⁷) e outra apenas para fazer a conversão monetária da moeda brasileira da época, o réis, para o peso argentino. Este texto faz parte de *Negrinha* e, no Brasil foi publicado, originalmente, na *Revista do Brasil* nº 84, em dezembro de 1922.

Somente em 1946 Lobato voltou a figurar nas páginas de *Atlántida*, já no período em que passou a residir em Buenos Aires. Após o longo hiato, a revista publicou a entrevista “Monteiro Lobato visto y oído”, realizada por Juan Carlos Gondra:

Ahora en Buenos Aires, es el caso de preguntarle:

—¿Qué proyectos trae?

—Primero, ambientarme físicamente. —responde; luego, intelectualmente, en el sentido de conocer las letras y las artes de este país. Estoy leyendo los libros argentinos fundamentales, como *Martín Fierro*, *Don Segundo Sombra* y también la producción de los grandes autores de la hora cuyas obras me habrán de explicar la realidad argentina. En Brasil ya había leído *Facundo*, hace años; de modo que no piso en terreno nuevo para mí y para mi emoción de escritor y de hombre sensible.

—¿Y proyectos... literarios?

—Escuchen; ya les dije que quiero ver primero. ¿Cómo puedo decir ya que es lo que voy hacer? Posiblemente escriba libros infantiles basados en asuntos de ese país. Pero no sé, no sé todavía...

—A usted, que ha luchado y vivido tanto, queremos preguntarle cuál es, en ese momento, su mayor preocupación, como hombre.

—Una persona, a mi edad, —Monteiro Lobato tiene sesenta y cuatro años— pasa a ver el mundo como un paisaje. Se hace contemplativo, más que activo, y comprende la inutilidad del esfuerzo. Yo creo que esto es lo normal, la regla; que todo joven sienta la necesidad de la acción y todo viejo la de la contemplación. Las obras de uno y otro

³²⁶ Idem, ibidem.

³²⁷ Idem, ibidem.

serán, así, una aplicación de la filosofía personal que no obliga a ver las cosas con cierta perspectiva.

—¿Y la suya es...?

—¿Ahora? Tal vez mirar la vida y sonreír... antes que ella me obligue a ponerme serio.

—Otra pregunta; ¿cuál cree usted que podrá ser o es el libro más útil en estos momentos?

—La humanidad está sufriendo un gran cambio cuyo origen no resulta, creo, difícil de puntualizar. Y el libro más útil es o está llamado a ser el que convenza a la humanidad que los conflictos bélicos no resuelven nada y es porque ellos no son otra cosa que la aplicación científica de la violencia y la violencia no engendra sino más violencia.³²⁸

Chama a atenção que apenas em 1946 Lobato estivesse lendo *Don Segundo Sombra* (1926), de Ricardo Güiraldes (1886-1927), uma vez que esta obra apresenta alguns pontos em comum com a de Lobato: uma narrativa de inspiração regionalista, que elabora a língua viva do interior, a fim de expressar os valores essenciais de seu país. Quanto aos autores contemporâneos que estava lendo, infelizmente não foi possível determinar quais seriam. Sobre a possibilidade de escrever livros infantis com temas argentinos, o projeto concretizou-se: em 1947 Lobato escreveu vinte livrinhos de armar –na época uma novidade– lançados pela editora Códex.³²⁹ A parte final da entrevista revela o pessimismo de Lobato em relação ao progresso, uma vez que este pode, além de avanço material, gerar conflitos bélicos.

Lobato em *Plus Ultra* [1916-?] e *La novela Semanal* [1917-1922]

Publicação mensal, ilustrada, *Plus Ultra* era, conforme indicam os créditos inseridos ao final de cada número, um suplemento da revista *Caras y Caretas* [1898-1939]. Como revista de variedades, publicava contos, poemas,

³²⁸ *Atlántida*, outubro/1946, p.58 e 94. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Argentina.

³²⁹ Em carta à sua sobrinha Gulnara, Lobato deu alguns: “Escrevi este mês 20 livrinhos novos para um editor argentino, livrinhos de poucos textos e muito desenho colorido. Quer dizer que a galinha ainda põe ovos –mas ovos pequenos- como acontece com as galinhas de penas quando vão ficando caducas”. In *Cartas Escolhidas*, op.cit. vol.2, p.227.

notas sociais, reprodução de aquarelas, muita publicidade (que ia de móveis, roupas masculinas e femininas, alimentos a serviços em geral) e custava \$ 0,50. Entre os autores publicados encontravam-se: Benito Lynch, Ricardo Rojas, Miguel de Unamuno, Ricardo Güiraldes, Leopoldo Lugones, Julio Herrera y Reising, Manuel Gálvez. Também foi possível encontrar um artigo de Benjamín de Garay sobre Ouro Preto, no exemplar de julho de 1922 e outro de B. Sánchez Sáez, também sobre o Brasil: “Playas del Brasil. Rio de Janeiro y Santos” (outubro/1924). Como se pode apreender por esta listagem, são sempre os mesmos autores que passaram a fazer parte do circuito de Monteiro Lobato em Buenos Aires.

A participação de Lobato em *Plus Ultra* se deu em três momentos: o primeiro em 1920, com a publicação do conto “Os faroleiros”, segundo comentário do próprio autor em carta a Manuel Gálvez.³³⁰ Em setembro 1922 a revista publicou o conto “El drama de la helada”, extraído de *Negrinha*; o texto ocupava uma página e meia, com ilustração de Delucchi. O terceiro momento foi em novembro de 1922, com a publicação do artigo “Una precursora de una humanidad superior”, sobre a poeta e romancista carioca Rosalina Coelho Lisboa.

Por volta de 1915, segundo Jorge B. Rivera,³³¹ começaram a ser lançadas na Argentina as “*publicaciones de quiosco*”. Tratava-se de folhetos de 10 a 15 páginas, distribuídos fundamentalmente em bancas de jornal. Graças às altas tiragens, o preço do exemplar era baixíssimo. *La Novela Semanal* (1917-1922), dirigida por Miguel Sans, custava apenas \$ 0,10. Sua capa trazia, na parte superior, o nome do texto publicado, seguido de foto do

³³⁰ “Garay apareceu por aqui. (...) O conto da Plus Ultra está muito bom. Soube por ele que foi aí publicado Os faroleiros. Poderá comentar isso? Breve escreverei mais longamente. (...) adeus. Lobato”. Fonte: A. M. G. Infelizmente não foi possível ter acesso a este exemplar de *Plus Ultra*.

³³¹ Op.cit., p.39.

autor e, na parte inferior, os seguintes dizeres: “*Primera y única publicación en su género. Precio: 10 centavos. Más de 250.000 personas la leen*”.³³² Na esteira do sucesso de *La novela semanal* outras publicações do gênero surgiram, como *La novela del día*, *La novela de hoy*, *El cuento ilustrado*, *Novela nacional*, *La novela para todos*, *La novela porteña*, *La novela Universitaria*.³³³ O preço destas revistas manteve-se estável ao longo dos anos, sempre em torno de 10 a 20 centavos. Para se ter uma idéia de quão baratas eram essas publicações, basta mencionar que um pacote de cigarros custava, na mesma época, 0,60 centavos e um livro, comenta Beatriz Sarlo, “*costaba entonces no menos de diez veces más que una de las publicaciones semanales de ficción y, por el precio de dos o tres libros, podía un lector suscribirse por un año a La Novela Semanal (\$5)*”.³³⁴

Tais publicações tiveram sua importância, segundo Sarlo, na medida em que “*colaboraron en la implantación del hábito de la lectura*”³³⁵ que, por sua vez, foi possibilitado graças ao processo de alfabetização implementado pelo governo argentino nas últimas décadas do século XIX.

Do ponto de vista estético, essas “*publicaciones de quiosco*” não trouxeram nenhuma renovação. Ao contrário; elas faziam o caminho inverso ao das vanguardas e recuperavam “*formas estéticas anteriores a las del momento de su publicación*”³³⁶ como o modernismo (hispano-americano) e do romantismo tardio. Ainda segundo Sarlo, justamente por serem textos “*con un nivel muy reducido de incertidumbre*”³³⁷ é que atraíam os leitores naquele momento, possibilitando então o hábito da leitura. Assim, quando os textos de

³³² Extraído do exemplar com a publicação de Monteiro Lobato. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la Republica Argentina.

³³³ Merbilháa, Margarita, op. cit, p.55.

³³⁴ Sarlo, Beatriz. *El império de los sentimientos*. Buenos Aires, Norma, 2000, p.69.

³³⁵ Idem, ibidem., p.28.

³³⁶ Idem, ibidem., p.29.

³³⁷ Idem, ibidem..

Lobato começaram a circular na Argentina, o país já contava com um sólido público leitor, preparado para essa estratégica didática de leitura.

No mesmo ano da publicação argentina de *Urupés*, 1921, *La novela semanal* publicou, em maio, “Alma Negra”,³³⁸ versão de “Negrinha”. Como de praxe, a capa trazia a foto do jovem autor e, ao final do texto, sua assinatura.

Outra publicação do mesmo gênero, *Lecturas*, em abril de 1924 publicou mais um conto de Negrinha: “Barba azul”, com tradução de B. Sanchez-Sáez, ao qual, infelizmente, não tive acesso.

Lobato em *Martín Fierro* [1924-1927]

Quando a revista surgiu, em 1924, seu nome não soava estranho aos argentinos, pelas seguintes razões: era o título do famoso poema de José Hernández (1834-1886), escrito em 1872; de março de 1904 a fevereiro de 1905, Alberto Ghirardo dirigira uma revista com este nome. Essa primeira revista tinha entre seus colaboradores nomes ligados ao modernismo, ao realismo-naturalismo e muitos dos ensaístas eram de tendências anarquistas ou socialistas. Em março de 1919 funda-se a segunda *Martín Fierro*, fundada por Leónidas Campbell e dirigida por Evar Méndez que teve curta duração: apenas três números, de 1º de março de 1919 a 23 de abril do mesmo ano. Tratava-se de um periódico predominantemente político e fortemente antiyrigoyenista.

Por fim, em 1924 surge a terceira *Martín Fierro*. Desde o primeiro número as capas deixavam muito claro tratar-se de uma Segunda Época. A revista circulou de fevereiro de 1924 a novembro de 1927, num total de 45

³³⁸ in *La novela semanal*. Buenos Aires, 16/maio/1921, nº188, ano V. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la Republica Argentina.

números. Dirigida por Evar Méndez, entre seus colaboradores figuravam Horacio Rega Molina, Jorge Luis Borges, Nicolás Olivari, Raúl González Tuñón, Norah Lange, Oliverio Girondo, entre outros.

Uma das revistas de maior destaque das vanguardas argentinas (circulavam também as revistas *Proa* [1922-1926], *Los Pensadores* [1922-1926], *La campana de Palo* [1925-1927] só para citar alguns exemplos), a orientação do periódico estava fundamentalmente voltada para os campos da estética e da literatura, com destaque para a poesia e a pintura, embora houvesse também inúmeros artigos sobre cinema, música, arquitetura e escultura. De acordo com Jorge Schwartz, “o impacto das informações a respeito das novas tendências e o caráter polêmico das questões apresentadas fazem de *Martín Fierro* um divisor de águas na cultura Argentina”.³³⁹

Para consolidar-se no campo intelectual argentino, *Martín Fierro* se enfrentaria com *Nosotros*, até então o órgão de consagração e difusão cultural chegando mesmo, segundo Beatriz Sarlo, a conclamar “*el cierre de la revista Nosotros, invocando una disposición municipal que prohíbe tener cadáveres en exhibición*”.³⁴⁰

Na capa do quarto número da revista foi publicado o “Manifesto Martín Fierro”, escrito por Oliverio Girondo. O manifesto, forma discursiva típica das vanguardas, é um gesto de ruptura e uma declaração de princípios e de estabelecimento de determinados valores estéticos defendidos por um grupo ou individualmente, mas, mais do que isso, constitui-se, nas palavras de Viviana Gelado, “em obra de vanguarda por excelência na medida em que articula uma proposta estética crítica (a antiarte) e, ao mesmo tempo, é sua

³³⁹ Schwartz, Jorge. Vanguardas latino-americanas, op.cit, p.105.

³⁴⁰ Sarlo, Beatriz. “Vanguardia y criollismo”, op.cit, p.218.

práxis (gesto polêmico e contestatário)”.³⁴¹ Assim, no “Manifiesto Martín Fierro” os martinfierristas rechaçavam o dogmatismo espanhol, o que levou, em contrapartida, a uma afirmação da nacionalidade cultural e também de uma identidade sul-americana. A revista foi a primeira a questionar, diz Jorge Schwartz “a pretensão de Madri a ser o eixo cultural –‘o meridiano intelectual’- da produção hispano-americana”.³⁴² Poderíamos arriscar a afirmar que sob este aspecto haveria um ponto em comum com o projeto lobatiano de uma identidade latino-americana, ao rechaçar a hegemonia da influência da cultura europeia entre nós. Entretanto, do ponto de vista estético, as distâncias eram enormes, uma vez que os vanguardistas condenavam a mercantilização artística –os verdadeiros artistas estariam alheios ao afã do lucro– e Lobato, por sua vez, encarava a literatura como mercadoria que deveria ser divulgada e consumida; no campo lingüístico, valorizavam as metáforas. O rechaço a mercantilização artística está presente em *Martín Fierro* desde o seu lançamento, numa crítica às revistas de grande circulação: “*Si usted juzga que el colaborar en los grande diarios supone talento, no lea Martín Fierro*”. Lobato, por sua vez, considera importante escrever para veículos de grande circulação justamente como forma de divulgar a obra de um escritor e legitimar sua posição no campo cultural.

Assim, significativamente, a única aparição de Monteiro Lobato em *Martín Fierro* se deu de maneira indireta, num comentário de Nicolás Olivari no artigo “La moderna literatura brasileira”, publicado em 10 de setembro de 1925 e sua continuação no número seguinte, em 25/set/1925. O artigo é resultado de uma visita de Olivari a Menotti del Pichia e, na verdade, é o relato, via Olivari, dos comentários de Menotti sobre a literatura brasileira:

³⁴¹ Gelado, Viviana. *Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura nos anos 20 na América Latina*. Rio de Janeiro: 7 Letras; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2006, p.39.

³⁴² Idem, *ibidem.*, p.106.

Cuando llegué a San Pablo me deslicé de mi hermoso ómnibus de doble piso, color cándida tórtola, estreché mis brazos a la “nurse” de Ruy Barbosa que me enseñó su lengua y sus encantos durante el viaje, gasté el último resto de la quinta edición de “Crítica” para liar un cigarrillo con las sobras de tabaco que mis uñas araron en el forro de mi descocido chaleco, me puse un enorme sombrero de jipi-japa, y fui ‘chez’ Menotti del Picchia.

Lo encontré en la redacción del diario oficial de San Pablo.

Con un profundo tic de asco y de desesperación me inclinó sobre las enormes columnas del rinoceronte editorialista, marcándome con la punta del cigarrillo, eterno en sus finos labios de latino sagaz y sensual, las fantásticas cotizaciones del café y de la goma de mascar.

Sin que yo le preguntara nada, sin mirarme casi, empezó a gritar:

—“San Pablo es el Brasil. Su prodigioso desenvolvimiento económico le da la supremacía capital sobre todos los demás Estados. Para que tenga Ud. una idea exacta de su formidable progreso, bástele saber que una sola de las grandes compañías industriales paulistas, paga más impuestos a la Nación que todo un estado del tamaño e importancia de Minas Geraes por ejemplo.

Y no me discuta!... El cielo natural de un pueblo en vías de organización pasa por tres etapas. La de su fijación territorial, la de su independencia económica y finalmente la de su emancipación cultural y artística. Nosotros estamos en las postrimerías del período plutocrático y en la aurora de nuestra independencia artística. San Pablo crea, por la actuación gallarda de sus artistas nuevos, su autonomía mental. Toda la atención de las clases cultas del país se dirige hacia los “Independientes de Piratininga”. El terremoto literario sacudió la vieja costra formada por una cultura de mimetismo secular, estremeciendo todas las conciencias. San Pablo es la Meca del Arte nuevo y al lado de los elogios más calurosos no nos ha faltado por fortuna la lluvia de fuego de las diatribas y los insultos.

Nuestro pensamiento no pasaba de la adaptación, del calco del pensamiento europeo. Nuestro patrimonio pasado no era más que un verdadero museo de Paleontología, lleno de creaciones literarias importadas de Francia. Una cultura de cosmético nos afelpaba la imaginación, no pasando más allá del último modelo para vestidos.

El iniciador de la revolución fue Monteiro Lobato. Su libro “Urupes” era el grito del Ipiranga de la literatura brasileña. Creó con sus procesos verbales —híspidos, cáusticos, chocantes— en violenta contradicción con la meliflua dulzura de la vieja prosa francesa, el nuevo credo artístico que en el fondo, inconscientemente, es el regionalismo.

Fue una clava indígena fustigando la artificialidad del arte de importación. Esta actitud deliciosamente salvaje, pero tan sincera, del creador del JECA TATU, plasmó la conciencia literaria fuera de toda obediencia forastera.

A los cien años justos de su independencia política, el Brasil inauguraba su independencia mental.

La llamada de Lobato —el nuevo girondino— reunió junto a su roja bandera a todos los audaces y a todos los inquietos que esperaban el caudillo.

Su escuela ganó discípulos y el regionalismo hizo carrera.

Era pues, eso: la iniciación de la gran batalla que diríamos luego nosotros: los modernistas!...

El arte regional que prestó ese inestimable servicio de nacionalizar nuestro pensamiento, mostró la posibilidad de derivarlo hacia la universalidad del Arte, dislocándolo del estrecho marco de un regionalismo ocasional, pero para ser siempre enteramente brasileño.

Fue entonces, en 1922, que apareció, con espetacular ruido de truenos e centellas, la “Semana de Arte Moderno”, llevada a cabo en el Teatro Municipal de la capital paulista, cumpliendo el programa de los “Independientes de Ipiratinga”.

Fenómeno literario de alta significación, reunió él, en la inmensa sala de nuestro coliseo máximo, bajo la dura y acerada capitanía de Graca Aranha, la más bella floración espiritual del Brasil contemporáneo.

Fueron los héroes de esas noches inolvidables, donde los aplausos más frenéticos se mezclaban a los pataleos más ensordecedores, los poetas, novelistas y críticos de la nueva generación cuyos nombres le cito con respeto: (...)”.³⁴³

(...)

La nacionalización de nuestro pensamiento, iniciada con la rebelión aislada del audaz Monteiro Lobato, ganó camino e instintivamente se hizo de la adhesión de la juventud y ese es su mayor triunfo y su actual manifestación de fuerza indomable: el apoyo de la juventud.

Nicolás OLIVARI.³⁴⁴

Como se pode observar, Olivari/Menotti, descrevem São Paulo como o centro do Brasil, ou melhor, como sendo o próprio Brasil e que aqui é que se iniciou a nossa independência artística em relação à Europa. Olivari afirma que Lobato foi o iniciador dessa “revolução” e que “*su libro Urupês era el grito del Ipiranga de la literatura brasileña*” na medida em que sua linguagem, cáustica, chocante, entrava em contradição com a velha prosa francesa. Afirma ainda que a atitude de Lobato “*ganó discípulos y el regionalismo hizo carrera*”. Nessa ficcionalização de um diálogo com Menotti, Olivari traça um processo evolutivo das artes no Brasil ao afirmar

³⁴³ *Martín Fierro. 1924-1927. Edición facsimilar.* Estudio preliminar de Horacio Salas. Buenos Aires, Fondo Nacional de las Artes, 1995, p.161.

³⁴⁴ Idem, ibidem., p.169.

que o regionalismo teve sua importância no sentido de “*nacionalizar nuestro pensamiento*” o que então teria pavimentado o caminho para o surgimento do modernistas. Assim, dentro dessa análise, Olivari reconhece a importância de Lobato, mas o coloca no passado, ou seja, como um antecedente dos modernistas, o que fica claro na afirmação de que “*Era eso, pues: la iniciación de la gran batalla que diríamos luego nosotros: ¡los modernistas!*”. E certamente não era assim que Lobato se enxergava. A respeito do lugar de Lobato na literatura brasileira, vale lembrar o comentário do crítico Antonio Candido:

(...) homem complexo e instável, muito moderno para ser passadista, muito ligado à tradição literária para ser modernista, ponto de encontro entre duas épocas e duas mentalidades, símbolo de transição da nossa literatura, exemplo de labor intelectual e consciência literária.³⁴⁵

Os jornais *La Nación*, *La Prensa* e *El Mundo*

A presença de Monteiro Lobato nos jornais argentinos se deu sob várias formas: matérias sobre o escritor, notas sobre seus livros em seções do tipo “Livros recebidos” e publicações de contos e artigos de sua autoria.

O *La Nación* [1870-] publicou, em 22/out/1922, o artigo “El caso de Monteiro Lobato”, escrito por seu tradutor, Benjamin de Garay. Enviado de São Paulo, o artigo procura desvendar o processo sobre como Lobato passou de um escritor de sucesso a um editor de igual êxito ou, em suas palavras, “*cómo este caso literario pasó a ser caso editorial*”.³⁴⁶ A seu ver, este era um fato digno de nota, na medida em que “*viene a demostrar que ninguna incompatibilidad existe entre el sentido estético y el sentido de las*

³⁴⁵ Apud Bedê, Ana Luiza Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2007, p.31.

³⁴⁶ *La Nación*. Buenos Aires, 22/outubro/1922. Fonte: Biblioteca do Banco Central de la República Argentina.

realidades".³⁴⁷ Inicia sua análise comentando sobre *Urupês*, livro de grande vendagem e com o qual "*abrénsele todas las puertas*", chegando a ser publicado na Argentina, França, Espanha e Estados Unidos. A seguir, enumera outros livros de Lobato, como *Cidades mortas*, *Idéias de Jeca Tatu*, *Negrinha* e *Narizinho arrebitado*. Sobre este último, afirma:

Un libro para niños absolutamente revolucionario, diferente de todo cuanto existía en la literatura didáctica del Brasil: "Narizinho Arrebitado". Lobato rehabilita en esa obra la imaginación y hace obra a lo Grimm, a lo Perrault, con grande escándalo de los viejos pedagogos. A pesar de la guerra que le movieron, el libro revolucionario entró en las escuelas, habiendo alcanzado la salida colosal de cincuenta mil ejemplares el primer año. Es una obra encantadora que merece ser divulgada en otros idiomas.³⁴⁸

Garay menciona então a compra da *Revista do Brasil*, fato que deu início às atividades editoriais de Lobato. Em suas palavras, tratava-se de uma "*revista de estudios serios, género al que el público era adverso, fué un problema árduo desenvolverla y hacer de ella la publicación que hoy es el órgano más caracterizado del pensamiento brasileño*". Sem deixar de fazer referência às partidas de xadrez realizadas na parte da tarde, entre editores, escritores e quem aparecesse pela redação, caracteriza a revista como ponto de encontro "*de los más finos representantes de la intelectualidad paulistana*". As publicações se sucediam e a imprensa não parava de "*publicar artículos sobre las revelaciones literarias salidas de allí, de aquel modesto ...club de ajedrez*". O segredo para tal sucesso fora o sistema de distribuição implementado por Lobato:

El secreto era bien simple. El original editor, como no tuviese espacio para almacenar las ediciones que realizaba, resolvió depositarlas

³⁴⁷ Idem, ibidem.

³⁴⁸ Idem, ibidem.

en...el Brasil. (...) Lobato comenzó a reclutar agentes en todo el país, y reunió tal número que sus ediciones salían directamente de las imprentas al Correo, empaquetadas, diseminándose por innumerables localidades.

(...)

Las maquinas trepidan sin cesar. Las ediciones se suceden de una manera vertiginosa, habiendo meses en que lanza un libro por día. Los libros de la casa se infiltran por el país entero, por intermedio de sus seiscientos agentes que serán mil mañana, y ya comienzan a penetrar en la Argentina, en los Estados Unidos y otros países de América.³⁴⁹

Garay afirma que com tal sistema de distribuição, inundando o país de livros, “*el beneficio que Monteiro Lobato está prestando a las letras de su país es enorme*”. O articulista ressalta também o incentivo que dá aos autores, principalmente os novos, ao tornarem-se conhecidos “*de norte a sur; no muere en una zona dada, como acontecia otrora.*”

De autoria de Lobato o jornal publicou a tradução do conto “O comprador de fazendas”. Infelizmente não foi possível localizá-lo, mas é muito provável que tenha saído em 1922, próximo à publicação desse artigo de Garay. O comentário de J.Torrendell, em 1922, publicado na *Revista do Brasil* de que “com displicência comecei um dia a leitura de um conto que o diário oferecia como tradução da literatura brasileira. Intitulava-se ‘O comprador de fazendas’ e firmava-o Monteiro Lobato”,³⁵⁰ reforça a hipótese.

No mesmo ano, o jornal dedicou um número ao centenário da independência brasileira, em artigos que abordavam os mais variados assuntos: abolição da escravidão, a independência, economia, medicina, artigos sobre cada um dos estados brasileiros, sobre o café, a pecuária, a exposição do Centenário. O sumário com todos eles foi reproduzido na *Revista do Brasil* em outubro de 1922. No mesmo número, a revista inaugurou

³⁴⁹ Idem, ibidem.

³⁵⁰ “Literatura brasileira”, In *Revista do Brasil*, nº 81, set/1922, p.84. O texto está em português, mas não há referência ao tradutor.

a seção “A literatura nacional no estrangeiro”, na qual aproveitou para reproduzir algumas resenhas publicadas no *La Nación* sobre literatura brasileira.³⁵¹ Na nota de abertura da nova seção, a *Revista do Brasil* declara que via o *La Nación* como o jornal de maior tiragem da América espanhola e o que maior importância dava à produção cultural do continente.³⁵²

Já no jornal *El Mundo* [1928-1969] a presença de Lobato, ao que tudo indica, só se deu a partir de 1945. De maneira indireta, em duas oportunidades: uma em comentários sobre a sua obra voltada para o público infantil e outra sobre sua chegada em Buenos Aires. O único texto do próprio Lobato –ao menos o único que consegui localizar– foi um artigo, em que o escritor tece violentas críticas aos modernistas e vanguardistas, como veremos mais adiante.

O artigo “Mundos para los niños”, de Santiago Bernardini, foi publicado em 22 de novembro de 1945 e abordou a literatura lobatiana voltada para o público infantil tomando como gancho o livro *Las doce hazañas de Hércules*, que acabara de ser publicado na Argentina. O articulista considerou Monteiro Lobato como “*el más grande y genial de los cultores americanos de la literatura infantil*”. Segundo o articulista, os livros para crianças que circulavam em Buenos Aires careciam de sentido da atualidade, abordando um universo sem qualquer identificação para as crianças do XX. Já os

³⁵¹ Os livros resenhados pelo *La Nación* foram: *Bugrinha*, de Afrânio Peixoto; *O outro lado da vida*, de Álvaro Moreyra; *A ilusão do direito de guerra*, de Barbosa Lima Sobrinho; *Jardim das confidências*, de Ribeiro Couto; *Arte de amar*, de Julio César da Silva e *Physionomias de novos*, de João Pinto da Silva. In *Revista do Brasil*, nº82, pp.152-155.

³⁵² “Abrimos hoje uma seção nova, onde transcreveremos as notícias críticas que forem aparecendo em jornais e revistas estrangeiras, relativas a obras nacionais. E inauguramo-la com as palavras com que *La Nación* aprecia alguns dos últimos livros aparecidos. Como sabem os leitores, *La Nación* é o grande jornal sul-americano, o de maior tiragem, o de maior peso em toda a América espanhola e o que mais atenção dá ao movimento mental do continente. Suas edições dos domingos são um repertório de coisas preciosas, que não só a argentinos, mas a todos das Américas, muito de perto interessa. Servida por um grupo de colaboradores do mais alto mérito, e por críticos do valor mental de J. P. Echague, Arthur Cancela, Alberto Gerchunoff e outros, as análises de livros que faz e as opiniões que às merecem toda a atenção de nossa parte”. In *Revista do Brasil*, outubro/1922, nº82, p.152.

personagens de Lobato, afirma Santiago Bernardini, “*viven en la sociedad brasileña una vida real.*” E, desta forma, as crianças se reconhecem nos textos. (...) *El punto de partida de la literatura de Monteiro Lobato es la ausencia de distinción entre lo real y lo irreal. De esa manera, él no escribe ‘un libro’, sino que plasma ‘un mundo’*”. De fato, como bem analisou Gabriela Pellegrino, os livros infantis argentinos no início do século XX ou “carregavam nos tons cívicos característicos do discurso escolar, ou assumiam uma perspectiva indiferente a questões nacionais ou políticas”,³⁵³ enfatizando a imagem das crianças e seu mundo como puros e ingênuos. Ainda segundo Pellegrino, “os escritores argentinos ‘mais expressivos’ via de regra não escreveram para crianças”,³⁵⁴ na medida em que o país contava com um Estado que promovia a educação e a difusão cultural. Justifica-se então a ênfase dada ao resenhista ao ressaltar que ao começar a escrever para crianças Lobato “*era ya un escritor famoso. (...) Había conquistado fama, renunciado a ingresar en la Academia de Letras de su patria e iniciando la serie de su fértil y nueva literatura infantil*”.

Por ocasião de sua chegada a Buenos Aires, em junho de 1946, o *El Mundo* publicou, em 7/junho/1946, uma pequena matéria sob o título “Se radica en Buenos Aires el escritor Monteiro Lobato”. Nela, traçou um pequeno perfil do escritor, relatando suas atividades como editor e colaborador em diversas publicações sem deixar de mencionar a influência continental de Lobato, na medida em que já havia alguns anos suas obras eram conhecidas dos leitores argentinos:

Ha llegado a nuestra capital, por vía aérea, con e propósito de radicarse definitivamente entre nosotros, el destacado escritor Monteiro Lobato,

³⁵³ op.cit., p.78.

³⁵⁴ Idem, ibidem., p.82.

cuya personalidad sobrepasara ya hace muchos años los límites de su patria para influir continentalmente.

Trabajador infatigable, la multiplicidad de su obra no ha desmerecido en ningún momento su calidad de novelista y de cuentista. Setenta años cuenta en la actualidad, setenta años recorridos febrilmente por quien hizo de su vida una expresión siempre apasionada. El periodismo lo contó entre sus filas en su ciudad de San Pablo, urbe agitada y moderna, cuya vida conoce tan bien el escritor paulistano. Redactor de “O Estado de Sao Paulo”, director de “A Revista do Brasil”, colaborador de numerosas publicaciones, sus ideas claras y exactas sobre los más diversos problemas encontraron en su prosa exacta y clara expresión. Ese realismo con tendencia a los matices de color que caracteriza a la naciente novelística de nuestro continente tiene en él a uno de sus maestros. Así lo demuestran “Negrita”, “Ola Verde”, “Ideas de Jeca Tatu” y tantos otros. Su fina sensibilidad, que se mostró sutil en tantos géneros, abordó también la literatura infantil, dejando inolvidables páginas para los niños, en las que se pone a la par de sus mejores cultores.

Viene Monteiro Lobato a un país donde no sólo se le conoce bien, sino que, además, se le quiere y se le respeta, sabiéndose asimismo todo lo que nuestra ciudad gana con su presencia y con su labor entre nosotros.³⁵⁵

Ainda em 1946, Lobato escreveu um artigo sobre o pintor argentino Bernaldo de Quirós: “Un nuevo Stalingrado: Quirós” (1/nov/1946) a respeito da exposição do pintor, realizada na galeria Witcomb. O artigo merece atenção na medida em que reforça as idéias estéticas lobatianas dos anos 20 e seu “embate” com os modernistas brasileiros. Antecedendo o artigo, o jornal fez uma breve apresentação de Monteiro Lobato na qual o circunscreveu não à literatura brasileira, mas sim, à literatura latino-americana, dando-lhe uma dimensão continental:

Monteiro Lobato, autor de este artículo sobre el pintor Cesáreo Bernaldo de Quirós es una de las figuras más interesantes de la literatura latinoamericana. Maestro de su generación como novelista y

³⁵⁵ In *El Mundo*. Buenos Aires, 7/junho/1946. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina. Fotografia tirada pela pesquisadora María Amalia García.

cuentista, ha vivido una vida agitada, intensa, en la que participó de numerosas actividades. Escritor por encima de todo, sus libros son señeros en la literatura del país hermano, contando entre sus más difundidos títulos “Negrita”, “Ola verde”, “Ideas de Jeca-Tatú” y “Narizita ñata”, este último libro para niños.

Al pasar los setenta años de edad, José Antonio Monteiro Lobato es una de las mentalidades más frescas y jóvenes de América, y su nombre ha traspasado ya todas las fronteras, continúa siendo valorado y respetado en los círculos intelectuales mundiales.³⁵⁶

O teor do artigo sobre Bernaldo Quirós é semelhante ao do repúdio de Lobato, no mesmo ano, à idéia da criação de um Museu de Arte Moderna em São Paulo, ao afirmar que a crítica de arte dos jornais estava tomada pelos modernistas e que, portanto, silenciava sobre qualquer arte que não seguisse os mesmos critérios e que usavam as redações para “*asentar las nuevas directrizes estéticas*”. Entretanto, o artigo publicado no *El Mundo* é bem mais violento, na medida em que compara a atitude dos modernistas, às do nazismo:

La exposición de Bernaldo de Quirós en la Galería Witcomb tiene una alta significación en la historia de la pintura. Significa la primera gran derrota del modernismo –y tal vez su Stalingrado–. Esta palabra no está aquí al azar, ya que el fenómeno artístico denominado “modernismo” consistente en el repudio de *todas* las normas estéticas del pasado, parece ser un simple reflejo, o trasplante en otro plano del fenómeno político nazismo, consistente en el repudio de *todas* las normas morales.

El nazismo disponía de la Gestapo para imponer sus dogmas por la violencia y el modernismo se enseñoreó de la crítica de arte del mundo entero para imponer sus teorías. Y la situación de la conciencia artística en los países dominados por esta crítica sectaria se aproximó mucho a la situación de la conciencia moral de los pueblos dominados por la Gestapo. Quien se curvaba a la Gestapo lo tenía todo; quien reaccionaba contra ella era eliminado. Quien se sometía a las imposiciones de la “Crítica Moderna” gozaba de todos los favores de la notoriedad; pero un silencio de sepulcro recaía sobre los pintores

³⁵⁶ In *El Mundo*, 1/nov/1946. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.

que osaban respetar la naturaleza y los cánones de proporciones venidos desde las cavernas de Altamira.³⁵⁷

Segundo Lobato, diante da exaltação em torno das exposições de pintores modernistas e do silêncio absoluto em relação às dos “*pintores sinceros, normales, clásicos o no*”, o público ficou “*totalmente desorientado*” e os artistas se viram perturbados, “*no sabían qué hacer. Los más tímidos se sometieron y pasaron a gozar del régimen de las apoteosis para cualquier monstruosidad que produjeran; los más enérgicos se retrayeron; o abandonaron el arte o dejaron de lado, temporariamente, los pinceles*”. Dentro desse último grupo é que Lobato situa Quirós, que ficou um intervalo de cinco anos sem pintar, pois, nas palavras de Lobato “*¿Para qué si lo que sentía como buena pintura no lo era ya? ¿Para qué pintar los surubies del río Paraná si cada cual de aquellas corrientes modernistas querían que el surubí fuera una cosa: los cubistas un cubo, los surrealistas un gato?*” Assim, após esse intervalo de cinco anos, Quirós expôs 67 quadros na galeria Witcomb com grande sucesso de público, o que Lobato atribui ao fato de que “*Todos quieren certificar con sus propios ojos lo que todo Buenos Aires sabe ya: que Quirós no se traicionó a sí mismo, ni traicionó los eternos cánones de la belleza*”. Por isso Lobato considera essa exposição como “um nuevo Stalingrado” e que ela “*posiblemente marque la primera gran derrota del vendaval modernista: la primera derrota publica e espectacular*”.

Apesar das publicações nos jornais *La Nación* e *El Mundo*, foi no *La Prensa* [1869-] que a presença de Lobato foi mais constante, principalmente em 1938, 1939 e 1940. Aos domingos, o jornal trazia um encarte cultural, “La Sección Ilustrada” e, dentro deste, a “Sección segunda”; nesta última é que os

³⁵⁷ Idem, idibem.

contos e artigos de Lobato foram publicados, sempre com a indicação “especial para La Prensa”. Na edição de sábado eram anunciados os destaques da seção cultural da edição dominical. Sobre o jornal, diria Lobato em 1946: “Não há no mundo jornal mais circunspecto e rigorista. Não ri nem sorri. É mais que gravidade, chega a ser gravidez”.³⁵⁸ Apesar dessa sisudez, o *La Prensa* era um jornal de grande circulação e prestígio, fatos que por si só justificam a decisão de Lobato de publicar neste veículo tanto contos quanto artigos críticos.

Em 1938 vieram a público: “Je prends del soleil” (6/nov) e “Un hombre de conciencia” (11/dez) –este, um conto de *Negrinha*.

O título “Je prends del soleil” remete à uma frase dita por um personagem de um livro que estava sendo traduzido por Lobato, *Madame Curie*. Escrito por Eve de Curie, traça a biografia da mãe, ganhadora de dois prêmios Nobel pela descoberta dos elementos químicos rádio e polônio. Segundo informa Edgard Cavalheiro,³⁵⁹ este artigo –sob o título de “Eu prendo o sol”– foi publicado em *Cultura*, em São Paulo, em novembro de 1938, ou seja, simultaneamente à sua publicação na Argentina. Quanto ao livro, foi editado pela Editora Companhia Nacional.

O artigo é, segundo o próprio Lobato, um pretexto para falar sobre a arte de traduzir, como sendo a mais profunda forma de se ler uma obra e também como uma maneira de expandir a literatura para além das fronteiras de uma certa língua e estabelecer um contato entre culturas diferentes:

Hay muchas maneras de leer. Tal vez la más profunda sea la de quien vierte un libro para otro idioma. El traductor es un buzo. Se sumerge en la obra como en un mar, se impregna del pensamiento, concretado de un modo particular –el estilo del autor– y, lentamente, lo va

³⁵⁸ Em carta a Rangel, escrita de Buenos Aires, em 13/7/1946. in *A Braca de Gleyre*, op. cit., vol II, p.380.

³⁵⁹ Cavalheiro, Edgar. *Monteiro Lobato. Vida e obra*. Vol II, p.273.

moldeando en el barro de otro idioma, para que la obra no tenga fronteras. Sin esos abnegados trabajadores, la literatura quedaría restringida a sus patrias, condenada a límites mucho más estrechos que los permitidos por su potencialidad.³⁶⁰

Naquele momento Benjamín de Garay acabara de traduzir *Os sertões*, de Euclides da Cunha e Lobato aproveita elogiar a iniciativa e mais uma vez cita *Facundo*, como a grande obra da literatura Argentina:

La América Latina acaba de recibir un altísimo presente elaborado por una de esas tenaces abejas de la internacionalización, Benjamín de Garay, con su transfusión para el castellano de “Os sertões”, de Euclides da Cunha. Gracias a él, el formidable tríptico brasileño la Tierra, El Hombre y la Lucha se ha vuelto accesible al mundo de habla española.

(...) Hay en Argentina un gran libro de otro hombre genial: ‘Facundo’, de Sarmiento. Hay en Colombia el encantador idilio de Isaacs: ‘María’. En cada una de nuestras repúblicas latinas hay obras que constituyen verdaderas gemas literarias. Pero ninguna tan panorámica, tan grandiosa, tan brutal y dolorosa como el gigantesco tríptico euclidiano.³⁶¹

Em 1939, foram cinco contos e dois artigos: “Conejito de lana” (1/jan) que, na realidade, já havia sido publicado em *Negrinha* (1920), sob o título de “Duas cavalgadas”; “Herederero de si mismo” (12/fev), também presente em *Negrinha*; “La remolacha Maricota” (2/abril) cujo título em *Negrinha* é “Sorte grande”; “Sueño de una mañana tropical” (21/maio); “Machado de Assis” (18/junho); “El ñandú y las ‘saúvas’” (8/out); “El Brasil visto verticalmente” (31/dez).³⁶² Este último, um artigo, foi publicado num caderno dedicado às “Naciones Americanas” para o qual escreveram, além de Lobato, escritores do Paraguai, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Estados Unidos, México, Cuba,

³⁶⁰ in *La Prensa*, 6/nov/1938. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.

³⁶¹ Idem, ibidem.

³⁶² Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la Republica Argentina e Fundación Espigas.

Equador.³⁶³ O suplemento era ilustrado por fotos dos próceres americanos. Em cada um dos artigos havia uma foto do autor, e uma breve apresentação feita pelo jornal.³⁶⁴

Em “El Brasil visto verticalmente” Lobato aborda a questão do ferro, tema que juntamente com o petróleo eram suas preocupações desde que estivera nos Estados Unidos como adido comercial do governo brasileiro, de 1927 a 1931. A seu ver, o ferro seria fundamental para a criação de máquinas que, conseqüentemente, impulsionariam o desenvolvimento e transformariam o Brasil numa nação produtiva e rica. Ao tomar conhecimento de novas técnicas de beneficiamento de minério de ferro e visitar as indústrias Ford, Lobato chegou a planejar a criação de companhias brasileiras, de iniciativa privada, que beneficiassem o minério de ferro; chegou, inclusive, a tentar atrair Vargas para o projeto. No entanto, os entraves burocráticos somados às pressões de trustes estrangeiros impediram a continuação da empreitada. No artigo em questão, Lobato afirma que a América do Norte havia se tornado uma potência graças ao ferro; e a explicação para tal fato estaria nas diferenças entre a colonização ibérica e a inglesa: Portugal e Espanha haviam retirado o máximo de ouro de suas colônias e ao passo que a Inglaterra dedicou-se à exploração do ferro, desenvolvendo metalurgias para somente posteriormente buscar o ouro:

³⁶³ Os demais artigos publicados foram: “Una rápida visión del Paraguay actual”, por Justo Pastor Benítez; “La evolución progresiva del Uruguay”, por Pedro Cosio; “Síntesis de Chile”, por Guillermo Eduardo Feliú; “Bolívia, tierra de contrastes y centro de convergencia internacional”, por Fabián Vaca Chávez; “Peru”; “Estados Unidos y la situación mundial”, por Walter Lippmann; “México”; “Cuba”; “Los progresos de la República de Venezuela”; “Visión Actual de Colombia con el siglo XIX al fondo”, por Germán Arciniegas; “El Ecuador intelectual”, por Ismael Pérez Pazmiño.

³⁶⁴ Sobre Lobato, dizia: “Monteiro Lobato nació en Taubaté, Estado de San Pablo, Brasil, en 1883. Cursó sus estudios en la Facultad de Derecho de San Pablo. Comparte su tiempo entre la industria y la pluma. Sus cuentos han sido reunidos últimamente en dos volúmenes: “Cuentos Pesados” y “Cuentos cortos”. Ha escrito varios ensayos y críticas y una novela publicada en la Argentina con el título “El presidente negro”. Es considerado como el creador de la literatura infantil en el Brasil. Es autor de 39 volúmenes de cuentos para niños. Su obra “El Quijote de los niños” fue publicada en la Prensa en 1937”.

A raíz del descubrimiento de Colón, las tierras nuevas fueron invadidas por los europeos. En la parte ocupada por los latinos, se produjo en seguida el descubrimiento del oro; en la parte ocupada por los ingleses el descubrimiento del oro vino dos siglos después. Ese simple hecho determinó los destinos de la América inglesa y de la América latina. Españoles y portugueses se lanzaron con la máxima intensidad al cateo del oro superficial y realizaron en las nuevas tierras una limpieza completa. Pero esas tierras nuevas aun no se hallaban *ferradas*, todo eso oro emigró; pasó en tránsito por España y Portugal para ir a acumularse en el país que en aquel momento histórico poseía más hierro: Inglaterra. (...)

En la América inglesa se dio el caso contrario. La colonización se hizo de este a oeste, y como no hubiese oro en el este, los norte-americanos se lanzaron inicialmente sobre el hierro de Pensilvania, desarrollaron una gran metalurgia y *ferraron* intensamente el país. Cuando más tarde fue descubierto el oro de California y de Alaska, ya el país estaba intensamente *ferrado*, circunstancia que impidió que el oro emigrase para Inglaterra. Tenían en casa el elemento fijador del oro.³⁶⁵

A produção de ferro explicaria, para Lobato, a enorme disparidade de desenvolvimento entre os Estados Unidos e o Brasil, “*dos países de la misma extensión territorial, situados en el mismo continente, descubiertos en la misma época, poblados con los mismos elementos humanos (europeo, indio y negro)*”. O alto grau de desenvolvimento a que os Estados Unidos chegaram deveu-se, em sua análise, ao fato de o capital ouro haver sido incorporado à sua economia e, no caso do Brasil, ter emigrado integralmente.

Apesar de o Brasil ser riquíssimo em recursos minerais, seu desenvolvimento continuava praticamente nulo, na medida em que “*el país no dispone del capital necesario para su utilización intensa*”, uma vez que o ouro não ficou no país e “*Sin capital no hay nada, sin nada no se domina la naturaleza, y sin el dominio de la naturaleza no existe desenvolvimiento nacional. De ahí la lentitud con que el Brasil se desenvuelve*”. Essas reflexões

³⁶⁵ *La Prensa*, 31/dez/1939: “El Brasil visto verticalmente”, de Monteiro Lobato. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.

surgiram, afirma Lobato, graças às suas viagens de avião e, com muita ironia, chega a recomendar que os políticos somente legislassem em aviões, a fim de ter a visão vertical de seu país:

Tuve la visión de eso gracias al avión. En sucesivas viajes sobre el inmenso territorio del Brasil pude ver mi tierra en una dilatación de perspectivas verticales extremadamente esclarecedoras.

¡Ah, la visión de lo alto! ¡La percepción de las partes fundidas en el todo! ¡Cómo los horizontes se dilatan!... El mundo político ganaría inmensamente si los congresos funcionasen en aviones. El legislador que influido por su visión horizontal de las cosas, vota de *coeur leger* una ley absurda, antieconómica, desastrosa para la comunidad, nunca lo haría si al dar su voto tuviese desde cinco mil metros la visión de su país.

(...)

La visión de lo alto nos permitió ver el Brasil como realmente es: una gran porción de costra terrestre todavía mal dominada por el hombre. Apenas junto a la costa atlántica aparecen los líquenes, las pecas de la civilización; pero esa faja es extremadamente estrecha en comparación con la masa del país.

Além da evasão do ouro, outro problema apontado é o do fisco imposto pelos colonizadores, que tratavam suas colônias como “*esponja que se ha de exprimir hasta el fin*” e seus reflexos nos processos de independência política: enquanto na América inglesa o fisco fora rechaçado pelos norte-americanos “*que se rebelaron y se desembarazaron a mano armada del fisco britânico*”, no Brasil não houve levantamento popular algum e “*la independência política se operó por acto voluntário de um príncipe lusitano, de modo que la organización fiscal portuguesa pasó incólume de la colonia a la monarquía y de esta a la república*”. Nos Estados Unidos, ao contrário, o governo é “*una emanación del pueblo*”. Do ponto de vista de Lobato, a democracia tem uma relação estreita com o desenvolvimento do país, desde que possibilite acesso aos bens e ao progresso cultural e material. A seu ver, o

segredo da riqueza e desenvolvimento dos países está no subsolo, daí a necessidade se explorá-las:

¿Qué riquezas adormecidas hay en esa inmensa masa del subsuelo? Justamente las que permiten al hombre de la superficie el dominio de la naturaleza: los metales y los combustibles fósiles; la materia prima de la energía que mueve a la máquina.

El Brasil vive con los millones de máquinas que necesita para dominar la naturaleza, potencialmente enterradas en su subsuelo. Las posee a su modo pero para el futuro. Llegará un día en que las movilice, como hicieron los Estados Unidos, y entonces le llegará su turno.

Entretanto llegue eso, monta guardia sobre el territorio y se divierte con mágicas esperanzas de reformas políticas. Olvida que las reformas políticas cambian hombres y traspasan las riquezas ya creadas de las manos de A a las de B. No crean riqueza nueva y el problema consiste en eso.

(...)

Por consiguiente, en realidad, el Brasil tiene un solo problema: el del hierro y el de la energía. Una vez resueltos, comenzará a elevarse a la manera norteamericana. Pero antes de llegar a eso sufrirá un doloroso crecimiento mórbido que la ciencia denomina gigantismo, apenas consolado por la esperanza de que algún día le ha de llegar su turno.

Ideas bien verticales son éstas, y tal vez no muy agradables a los que sólo piensan horizontalmente.

Em 1940, apenas um artigo foi publicado: “La primera novela americana” (25/fev), sobre o livro *Viagens e aventuras no Brasil* (1557), de Hans Staden, em que o autor alemão narra sua prisão pelos tupinambás, no litoral fluminense. Lobato pensa sobre a identidade latino-americana e ressalta a importância desse livro para os habitantes da América na medida em que, segundo ele, este foi o primeiro livro a tratar de temas americanos e a traçar um perfil de seus habitantes; fiel à sua concepção de que a arte deveria refletir a realidade, enfatiza o fato de a narrativa retratar tudo com muito realismo:

Y su libro exudaba realismo. Todo en él era cosa vista y vivida.

(...) Para nosotros, los de América, la importancia del libro aumenta por tratarse de la primera novela de tema y panorama americanos, la

primera colección de instantáneas fotográficas de la vida, la mortalidad y los sentimientos de los aborígenes, y sobre todo, de los encantos que éstos encontraban en la antropofagia.³⁶⁶

Em dezembro do mesmo ano, dois livros seus foram anunciados na seção “Libros recibidos”: *Las doce hazañas de Hércules*, ed. Acteon e *La reforma de la naturaleza y cuentos de la tía Anastasia*. (22/dez/1940)

De forma bem mais econômica do que o jornal *El Mundo*, em 1946 o *La Prensa* anunciou, em pequena nota, a chegada de Lobato à capital argentina:

NOTICIAS VARIAS

“Llegada de escritor brasileño”

Procedente de Río de Janeiro llegó a esta capital a bordo del avión ‘Haití Clipper’, el escritor brasileño señor José Bento Lobato, quien se propone permanecer una temporada en Buenos Aires”.³⁶⁷

Três meses antes de embarcar para Buenos Aires, Lobato escreveu ao amigo Rangel:

Creio que me tornei comum de dois países, pois vivo de livros e os que tenho aqui em exploração os terei também lá, todos este anos. Cada livro considero uma vaca holandesa que me dá o leite de subsistência. O meu estábulo no Brasil conta com 23 cabeças no Otales, mais 12 na Brasiliense e mais as 30 das Obras Completas. Total de 65 vacas de 40 litros. E o meu estábulo na Argentina conta 37 cabeças. O produto do leite vendido na Argentina (e mais países hispânicos) fica depositado lá mesmo, de modo que para mim uma temporada lá não tenho que recorrer ao leite daqui. E como tenho de cuidar de dois estábulos, o remédio é tornar-me comum de dois: parte do ano aqui, parte lá. E tudo está tremendamente facilitado com o caminho aéreo. Vai-se daqui lá hoje em 8 horas, creio.³⁶⁸

³⁶⁶ *La Prensa*, 25/fev/1940. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.

³⁶⁷ *La Prensa*, 8/junho/1946, p.9. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Argentina.

³⁶⁸ Lobato, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2ºtomo. Obras completas, p.374.

Em sua estadia de quase um ano na capital portenha, Monteiro Lobato não parou: escreveu novas histórias –lançadas tanto pela Acteon quanto pela Códex–, visitou escolas, foi procurado pelas crianças argentinas, que lhe escreviam cartas. A casa de departamentos Harrod’s promoveu em seus salões a “Semana Monteiro Lobato”, e a embaixada do Brasil em Buenos Aires montou a Exposição do Livro Brasileiro, cujo destaque eram as suas obras, em edições originais, argentinas e italianas. Os eventos que contaram com grande afluência do público argentino, tendo a “Semana” ganho uma segunda edição no Natal. Nestes anos também a editora Americalee publicou toda a obra lobatiana dirigida ao público infantil.

Além de publicar obras novas, Lobato continuou procurando editar obras brasileiras que considerava interessantes de serem lançadas na Argentina. Sobre a editora Acteon, que fundou com Ramón Prieto e estava prestes a lançar *Hércules* e uma nova edição de *Urupês*, diria:

Buenos, 14/9/1946

Meu caro Cavalheiro [Edgar]:

(...)

Chegou-me o “Lorca” que li e passei ao Prieto [Ramón Prieto] para ver as possibilidades. O livrinho é absolutamente ótimo, dos que se devora. Prieto está agora abarbadíssimo comigo (sou uma peste!) a rematar a tradução dos “Urupês” ônibus, e de cuidar do “Hércules”, que vai sair num só volume, *mejorado*, em edição de luxo, a 30 pesos, com dispêndio de 10 mil pesos de avisos nos jornais. Coisa louca — experiência da ACTEON. Cinco mil iniciais e esperanças de tiragem maior. Fiz como aqueles bichinhos de Hollywood, que se associam ao produtor, entrei com a metade das despesas, fazendo jus à metade dos lucros —com os direitos autorais espero ganhar nessa edição 35 mil pesos. Vai ser lançado como o livro de presentes deste Natal. Uma barbaridade! Logo que o Prieto folgar, vai ver se coloca teu “Lorca”. Creio que deve estar se vendendo muito bem aí. Merece.

(...) Ando aqui mais feliz que um peru assado.

LOBATO.³⁶⁹

³⁶⁹ Lobato, Monteiro. *Cartas Escolhidas*, 2º tomo, p.197. in *Obras Completas*, op.cit.

Ainda durante sua estadia em Buenos Aires, Lobato chegou a pensar em morar uns tempos no Chile “e ir subindo pela costa do Pacífico”.³⁷⁰ Também planejou uma viagem de dois ou três meses ao Peru que, em suas palavras, “está para a América do Sul como a Bahia está para o Brasil. Quero conhecer a Bahia da América do sul, e contemplar a llama e o indígena inca – que deve ser llama humana”.³⁷¹ Em carta a Arthur Neves, Lobato explica seu interesse pelo Peru pelo fato de que, ao contrário do Brasil e da Argentina, o país possuir uma civilização anterior a da chegada dos europeus:

Vou-me para o Peru. Aqui, da mesma forma que aí, não tem profundidade. São dois países que começaram com a vinda do europeu. Mas o Peru já tinha mil metros de profundidade quando o europeu chegou. De modo que há lá uma superposição de civilizações e de raças –coisa muito mais interessante que este imigracionismo daqui e daí.³⁷²

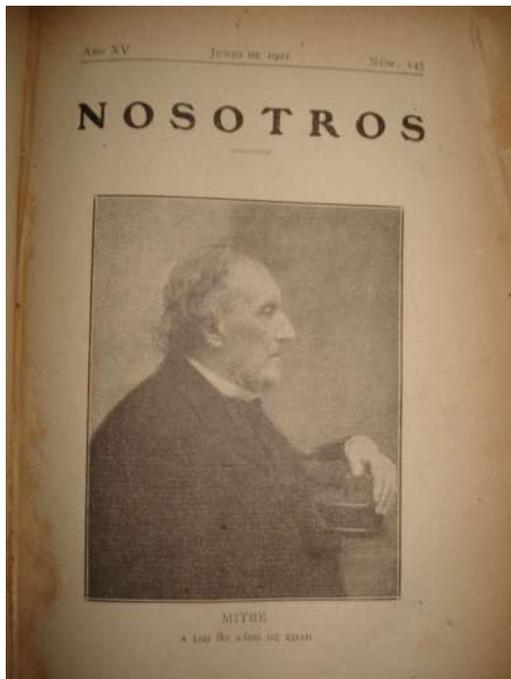
Como resultado desta viagem o escritor planejava escrever um livro sobre a história completa da América, contada pelo Aconcágua aos habitantes do Sitio do Picapau Amarelo. No entanto, o projeto não foi adiante.

Seguramente Lobato teria ainda muito a produzir na Argentina e nos demais países latino-americanos, ou, para utilizar sua terminologia, poderia aumentar ainda mais as *crias* do seu *estábulo*, numa alegoria constante ao mundo da pecuária quando se referia à sua produção literária. Entretanto, as saudades do Brasil foram o argumento utilizado para o seu retorno ao país, em maio de 1947. Faleceu um ano depois.

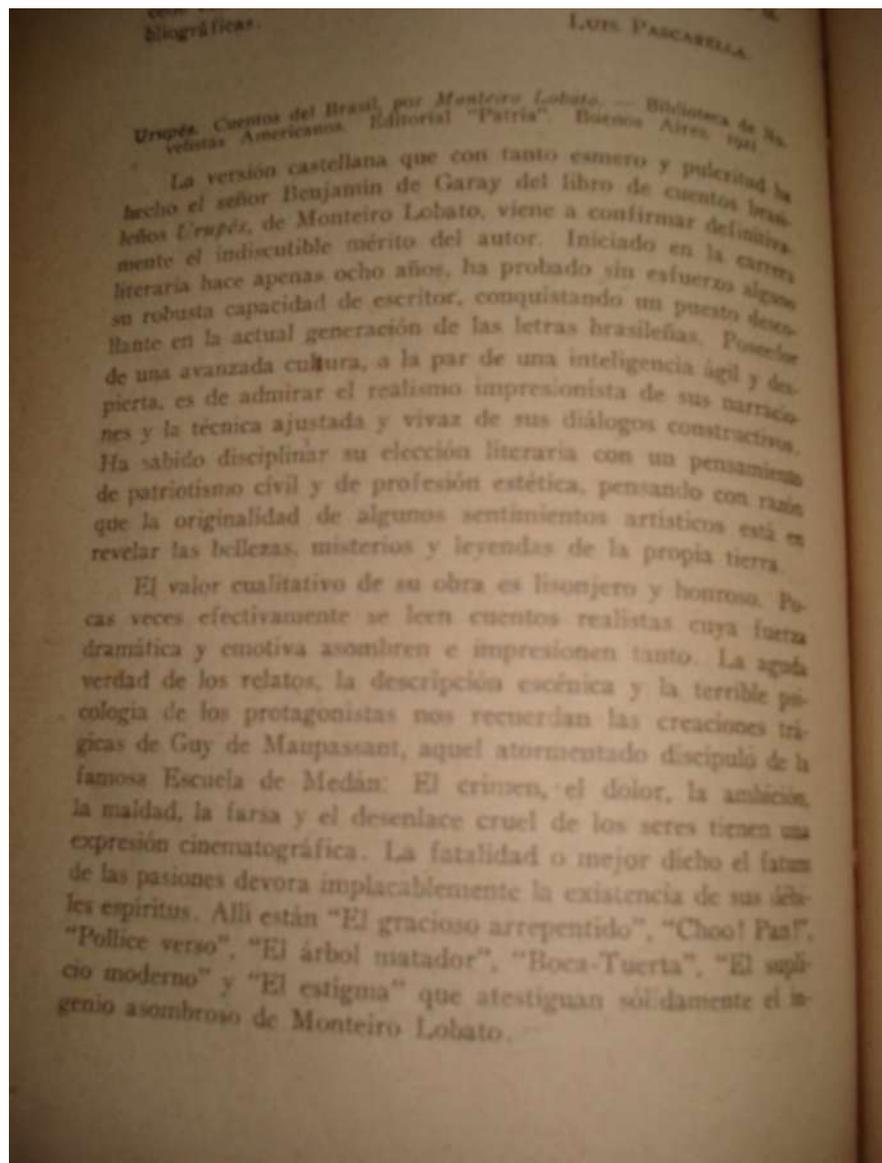
³⁷⁰ Idem, *ibidem.*, p.193.

³⁷¹ Idem, *ibidem.*, p.203

³⁷² in Cavalheiro, Edgard, *op.cit.*,p.233.



Resenha sobre a edição Argentina de *Urupês*. Publicada na revista *Nosotros*, em junho/1921. Fonte: Biblioteca "Ricardo Rojas" da Universidade de Buenos Aires (UBA)



los que hoy considera más atractivos. Y son los que más pueden cautivarlos."

Termina el artículo diciendo:

"La República Argentina ha vivido en estos últimos diez años una etapa intelectual sin igual, con fuerzas aun suficientemente fecundas para obtener resultados todavía mayores de su juventud creadora."

La evolución de las ideas argentinas, por *José Ingenieros*.

EN la *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato ha consagrado un artículo a la última obra de Ingenieros.

"Ningún nombre en las letras argentinas se ha difundido tanto entre nosotros como el de Ingenieros. Sus obras andan por todas partes y se venden cada vez más. Crece su prestigio y su opinión es citada siempre como argumento de valor.

"Y con toda justicia. Ingenieros, además de ser un científico de gran envergadura capaz de amplias visiones de síntesis, tiene un estilo seductor, claro y ameno, sin el defecto de la elocuencia pomposa tan frecuente en los sudamericanos de origen español. Ideas claras en estilo claro: el eterno secreto.

"Y por serlo así, ningún espíritu culto, aquí por América, deja de incluirlo en su biblioteca, en los estantes donde hasta hace poco sólo figuraban nombres europeos. Eso obliga a nuestra crítica informativa el deber de dar noticia de sus libros con menos apresuramiento del que es común para la producción mental sudamericana."

Monteiro Lobato reseña a continuación el contenido de los dos volúmenes aparecidos hasta ahora de *La evolución de las ideas argentinas*, especialmente del segundo que trata de la Restauración. Refiriéndose a Rosas y al sistema de terror que implantara, dice Monteiro Lobato: "Sin este invento los pronunciamientos se hubieran sucedido con frecuencia y la industria ganadera no hubiera logrado echar los cimientos sobre los cuales se yergue la gran Argentina actual.

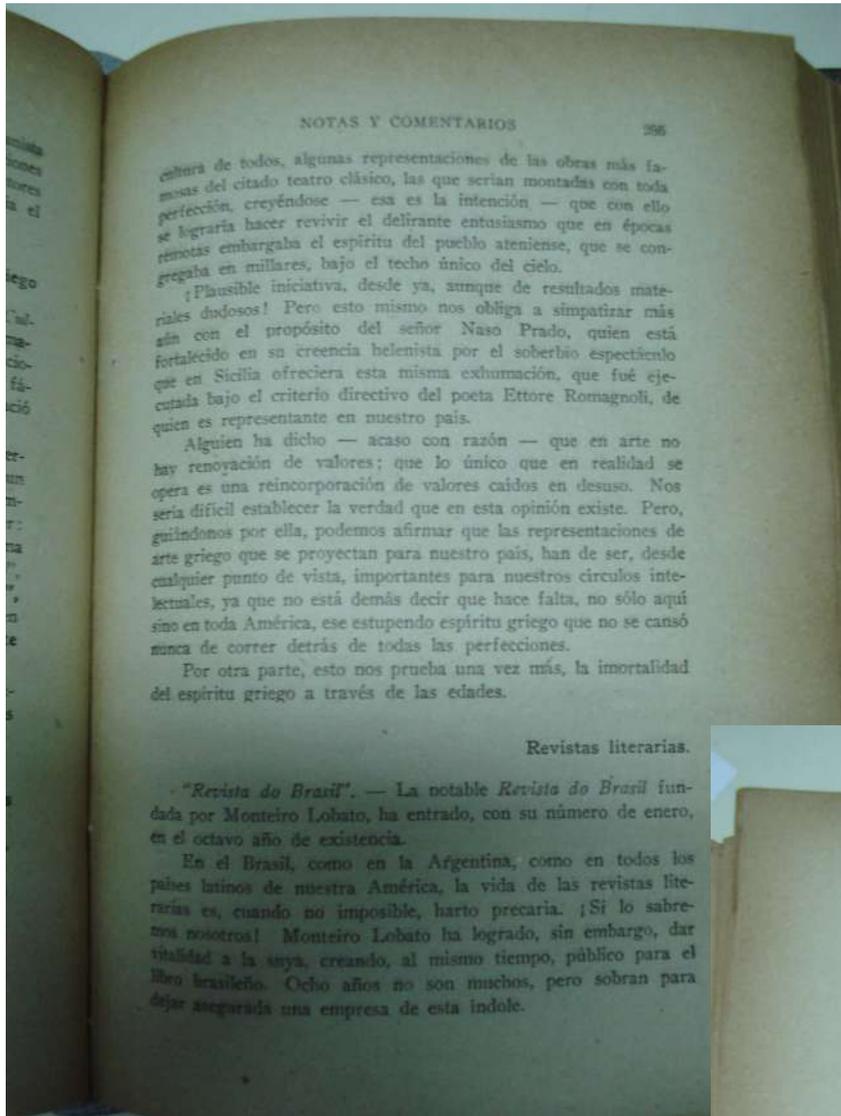
"Parecenos que Ingenieros, dominado por noble indignación contra la tiranía teocrática de Rosas, no confiere el verdadero mérito a este aspecto del fenómeno; como también nos parece que el futuro sociólogo perdonará a Rosas sus crímenes en mérito de la innegable utilidad que de ellos obtuviera el país. Si en el terreno material la paz despótica apresuró el advenimiento de la nación moderna, bastante contribuyó en lo moral a domar el carácter argentino. La atroz persecución del liberalismo llevó al destierro a sus más nobles representantes, y en él templáronse felizmente, de modo que, después de caído el tirano, continuaron la obra de la revolución en un país ya muy diferente del primitivo, porque había sido enriquecido y dominado por la fuerza y domado por el freno terrible del formidable domador de hombres. De ahí la facilidad con la que, después de pequeñas oscilaciones, entró la nación argentina en la magnífica estabilidad actual."

Nuevos poemas, por *Fernández Moreno*.

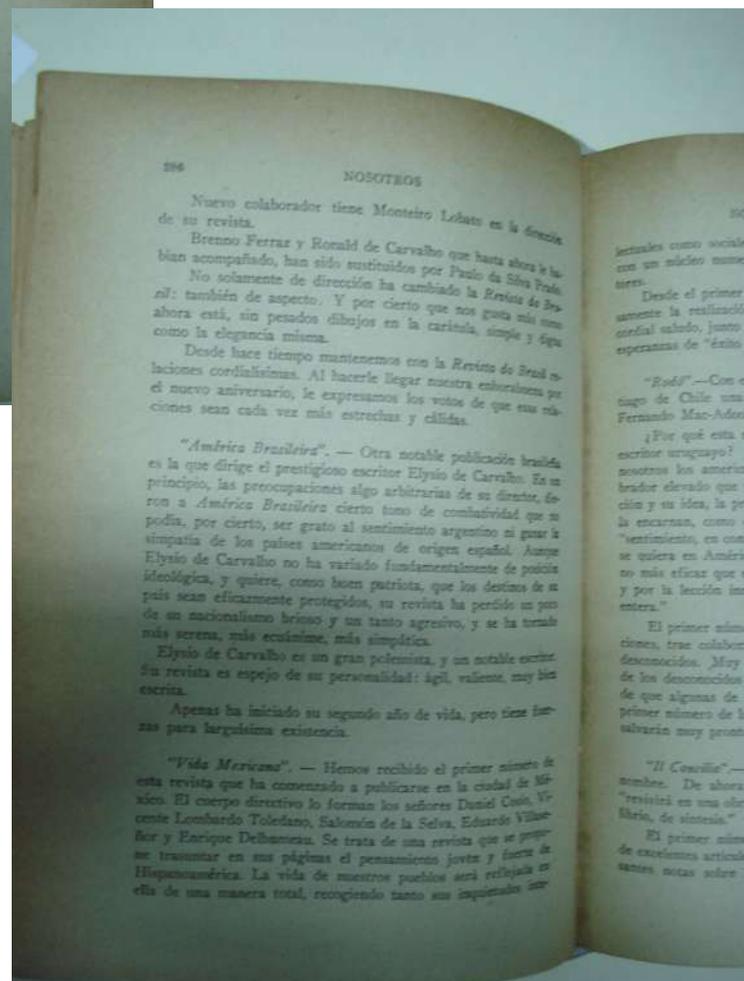
EN los días que corremos parece que la poesía tiende a desenvolverse de toda percalina para manifestarse en una suprema desnudez silológica.

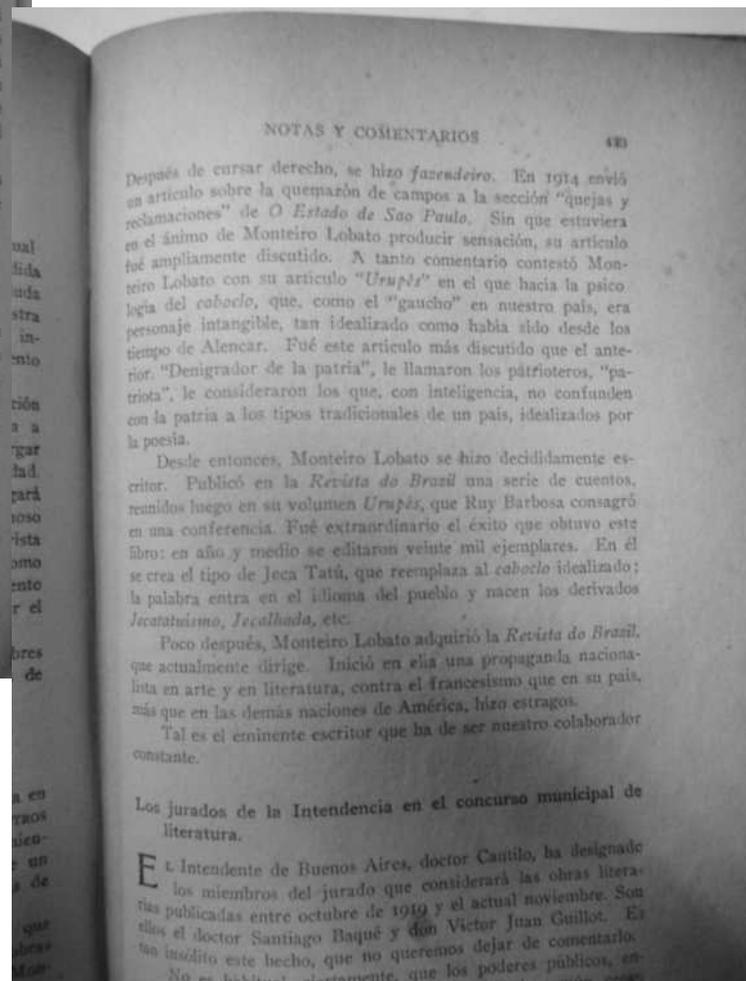
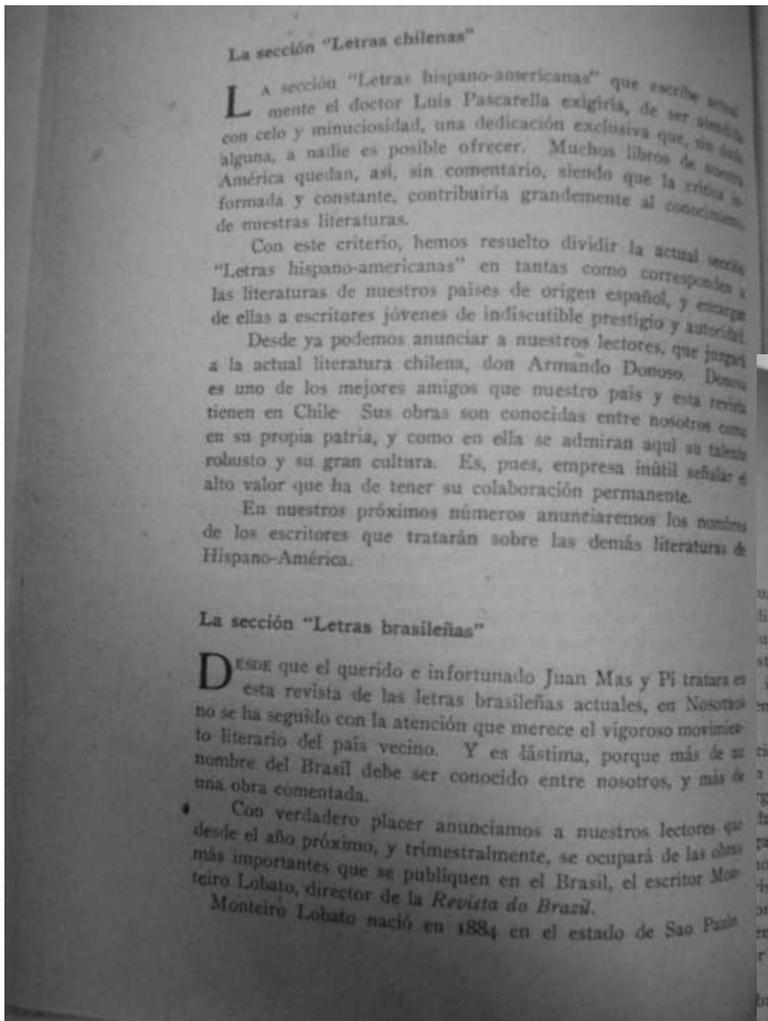
Fernández Moreno — cuyos libros anteriores le han conquistado el merecido puesto que hoy ocupa en la literatura americana — se nos presenta ya seguro, sin vacilaciones, caminando por este sendero de la poesía

Artigo "La evolución de las ideas argentinas", de Lobato sobre livro de José Ingenieros. Publicado em *Nosotros*, em maio de 1922. Fonte: Biblioteca "Ricardo Rojas", do Instituto de Literatura Argentina da Universidade de Buenos Aires.

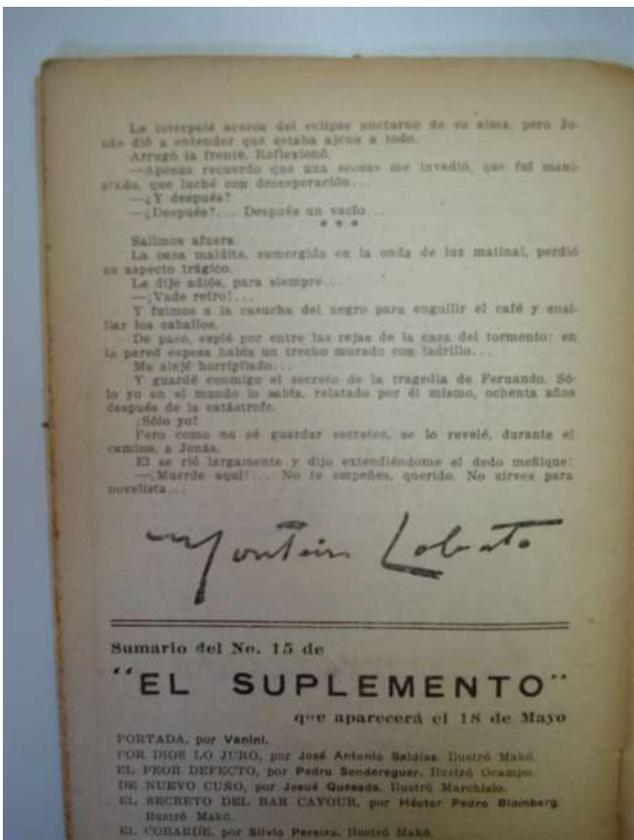
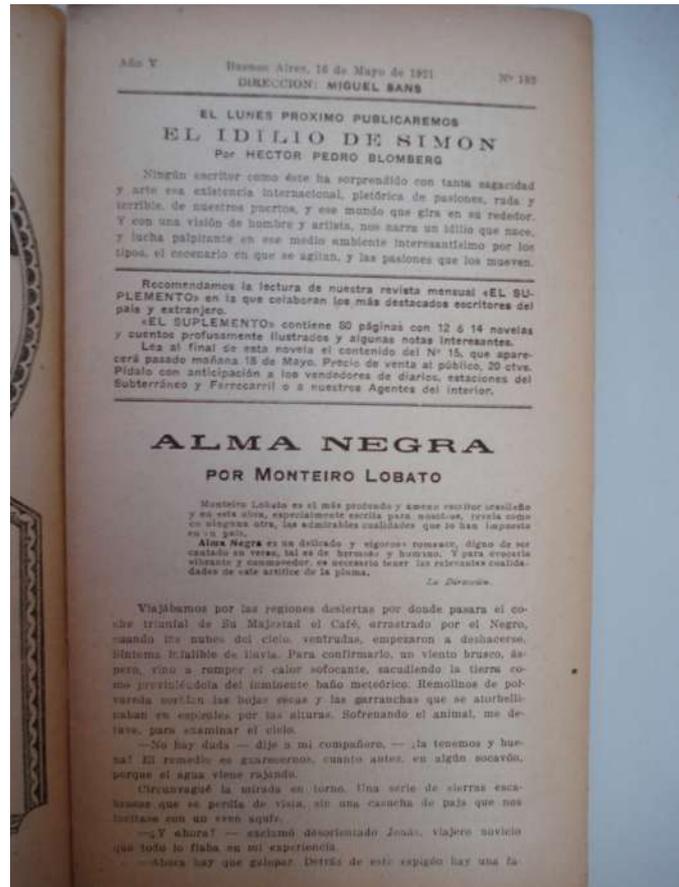


Matéria publicada em *Nosotros* (fev/1923) sobre a *Revista do Brasil*, que então entrava em seu oitavo ano. Fonte: Biblioteca Ricardo Rojas, do Instituto de Literatura Argentina da Universidade de Buenos Aires.





Revista *Nosotros*, vol.35, nov/1920. A nota comenta a criação da seção "Letras brasileñas", a ser dirigida por Lobato. Fonte: Biblioteca "Ricardo Rojas", do Instituto de Literatura Argentina da Universidade de Buenos Aires.



Alma negra, publicado em La novela semanal em 16/maio/1921. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.



"El drama de la helada",
 conto publicado em *Plus Ultra* em set/1922. Fonte:
 Hemeroteca da Biblioteca
 Nacional da República
 Argentina.



Artigo de Benjamín de
 Garay sobre Lobato,
 publicado no jornal *La Nación*
 em 22/out/1922. Fonte: Biblioteca do Banco
 Central Argentino.





Artigo de Lobato sobre a poeta e romancista carioca Rosalina Coelho Lisboa, publicado na revista Plus Ultra em novembro/1922. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina.





El rapto, por Monteiro Lobato Dib. de Bonomi.



curidad, al verso, de súbito, restituido a la luz.

El oculista, lejos de los grandes centros, es un animal andariego. No puede estacionarse permanentemente en el mismo punto, a la manera de sus colegas que curan todas las enfermedades conocidas y equivan aún más. Pasa en cada zona un reducido grupo de clientes, curados los cuales — o desengañados — fuertemente andariego.

Torcedora andariego. Anduve al azar, de la Ceca a la Meca, desahogado, vale por un tesoro el libro de un carrera clínica; tan lleno de impresiones siltas de psicología, o de curiosidad. No es un caso cómico y no será trágico tampoco. Dado, sin embargo, de que me presenten otro más humano y de tan gran tipo de lógica.

Río Manso es un vilorio que los hados plantaron a seis leguas más allá de Itaguaçu, poblado en donde permanecí tres miserables minutos de almorzar, hasta evidente de Rocinante. Sañudo era Geremario, excelente mozo de los mancharos, catarras y que, desde entonces, se volvió mi fielísimo vicario. Mi yo ni el conocí antes, se volvió mi fielísimo vicario, de la organización al cambio. Sin embargo, función trágica de la vida al aire libre. La tierra es para ellos un mapa verde, y el terreno de los caminos, un derrotero humano.

Conocí el detalle al lenguaje de los señales impressos en el suelo rojo — huellas de carreta, ruedas de animales, zonas ro-

tas, restos de fuego, — y lo leen como nosotros de imprenta.

Así fué como el sagaz Geremario, a cierta al murmuró convencido, con los ojos puestos en el — ¡Vamos llegando!

— ¡Miré alrededor. La misma serranía desnuda, la mambajas, y nada que denunciara el poblado cercano.

— ¡Cómo lo sabes, si nunca has viajado por estas partes? —

— El mulato sonrió con malicia, y explicó: — El camino se está arruinando. Camino ruin, cerca...

En efecto; el camino, bueno hasta entonces, poblarse de hachas. Me puse a observar el cambio, sición a lo peor, hasta que, volviendo un recordo. — ¡No lo dije! — exclamó jubiloso el peón. — que no falla...

— ¡No lo dije! — exclamó jubiloso el peón. — que no falla...

— ¡No lo dije! — exclamó jubiloso el peón. — que no falla...

— ¡No lo dije! — exclamó jubiloso el peón. — que no falla...

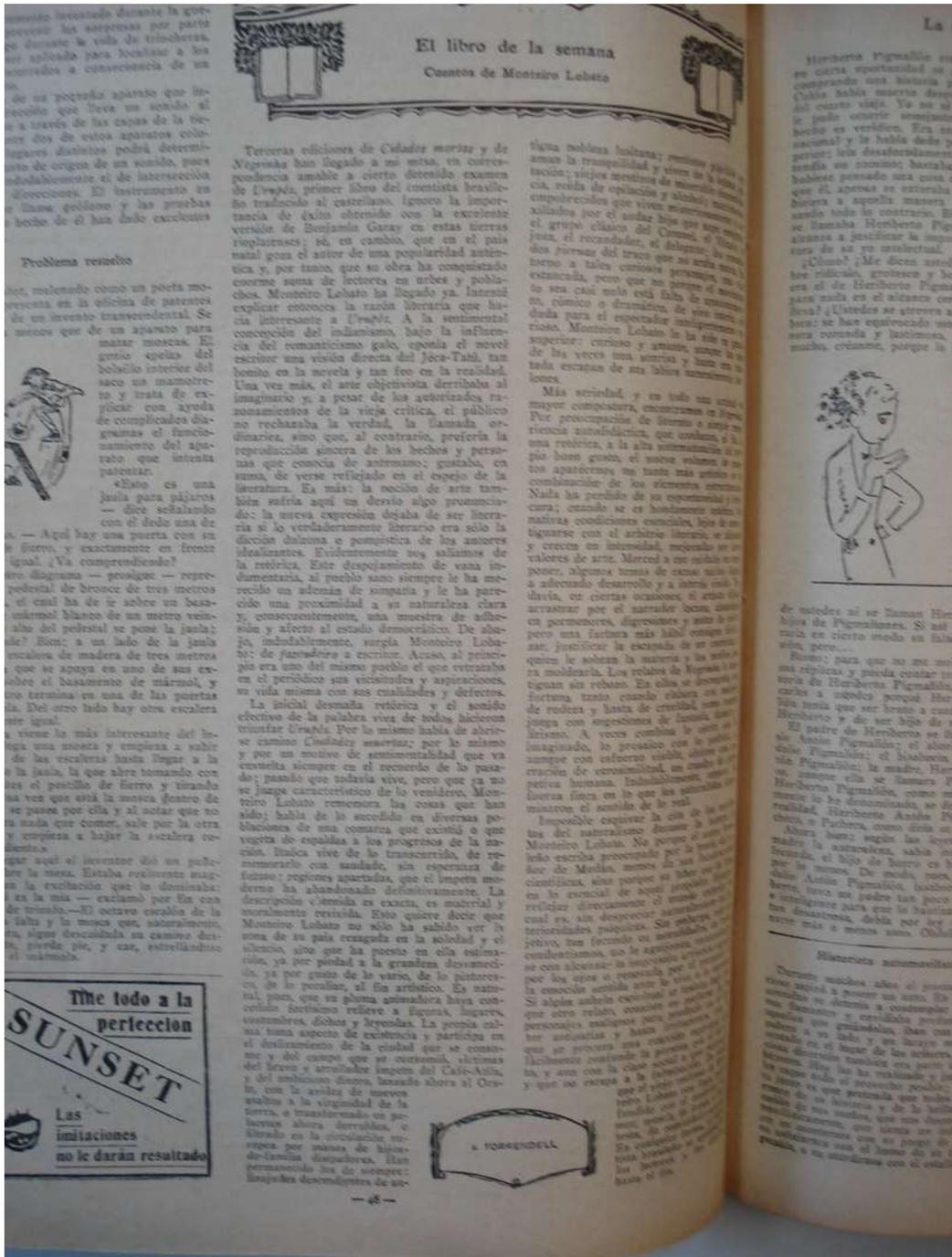
— ¡No lo dije! — exclamó jubiloso el peón. — que no falla...

— ¡No lo dije! — exclamó jubiloso el peón. — que no falla...



Conto "El rapto", publicado en Atlántida em 23/out/1923. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.

...y cuando se abrió la puerta, se guio se pro-
... (The text continues with a dialogue and narrative, including the title 'El rapto' and the author 'Monteiro Lobato'. It describes a scene in a rural setting, involving characters like Geremario and a woman, and discusses themes of social hierarchy and rural life. The text is partially obscured and difficult to read in many places due to the image quality.)



Resenha na revista *Atlántida*, em 15/nov/1923, a respeito de *Urupés*, *Cidades Mortas* e *Negrinha*, de Lobato. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.

ATLÁNTIDA

MIENTRAS su mujer se mata-
ba trabajando, con ocho
hijos a la cola, y con
más el seno, al pe-
cho, Teofrasto bus-
caba empleo.

Teofrasto Pereira
da Silva Bermu-
des. Flaco, alto, car-
gado de espaldas,
feo.

Doña Belina se ha-
bía casado contra la
voluntad de los su-
yos, movida ¡quién
sabe! me n es por
amor que por lásti-
ma. Apañada la hu-
mildad romántica
de Teo, cuyo pala-
brear de enamorado
habría una teca tan
solo: la pobreza.

—¿De qué vale que
haya dentro de mí
un corazón de oro,
nicho que habitarás
la vida entera? ¿De
qué vale esto mi
amor purísimo, fuer-
te como la muerte,
hecho de todas las
¡negaciones, renun-
cias, delicadezas, si
soy pobre? ¡Qué cri-
men horrible ser
"pobre"!...

El noviazgo ente-
ro fué herir la nota
exacta. Teofrasto
adivinó por instin-
to que la cuerda
sensible de la joven
era la de la piedad,
y de mil maneras la
hizo vibrar. Leído
como era de las
"Tristezas a beira-
mar", de "Gracie-
la", de Pérez Escrich,
y de cuantos jere-
mías del ultra-
sentimentalismo, su cerebro se tornó en un
arsenal de glándulas peritas en verter lá-
grimas de 1840, sobre el corazón de las mu-
jeres.

Venció así a aquélla y la hizo romper
con la familia, burgueses acomodados, de
limpia visión práctica. Inútilmente inten-
taron los padres abrir los ojos a la joven.

—¡Es un haragán, Belina. Sin pizca de
nada, incapaz de ganarse la vida! Peroso-
so completo. Estuvo en el almacén de Sou-
za, pero le mastican en la calle por exceso
de pereza. También estuvo en la escriba-
nía, un mes, y perdió el puesto por las
mismas razones. Además de eso, es hijo de
Pancho Manteca, el mayor parásito que
vejetó por estas bandas. Salió al padre.

—¡Falta de muerte! — exclamaba Beli-
na. — ¡Teo no se ha encarrilado porque no
ha sido comprendido aún!

—¡Suerte!... — Incapacidad, es lo que
es. Teofrasto no sirve. Quien llega a los
treinta y dos años sin hallar qué hacer en
la vida, está jugando; no sirve. Inventó este
casamiento contigo por un solo motivo:
vivir a tu costa.

—¡Eso, no! Teo me ha jurado que tra-
bajará como un moro, para que yo dis-
frute de la mejor de las vidas. Soy maestra,
pero él no admite que yo ejerza el magisterio.

—Eso dice ahora. Cástate, y verás como
cambia todo. Nació para morar, y escogió
tu nido.

La joven, sin embargo, temió. Prefirió
romper con la familia a soñar el romántico
pretendiente. Los juramentos de Teo, sus
cartas de arrancar lágrimas a las piedras,
recibidas todos los días, y aquel su modo

EL BUEN MARIDO

Po^a MONTEIRO LOBATO



dra, asimismo con-
tra su voluntad, y
daría lecciones. Tre-
cientos mil reis (1)
al mes! Ya era al-
go...

Cuando el marido
supo de estos pro-
yectos se indignó.

—¡No lo consien-
to! Para trabajar,
aquí estoy yo: hom-
bre y fuerte. Ten-
dría gracia el verte
desanar niños y
costear los gastos
de la casa...

—¡Pero Teo! Tú
te vives matando
sin conseguir na-
da...

—Pero, lo conse-
guiré. Insistiré has-
ta el fin. ¡Me cie-
rran las puertas!
¡Las echare abajo!
Condiciones no me
faltan, bien lo sa-
bes. Me falta suer-
te, tan solo.

—Lo sé. Nadie
mejor que yo lo re-
conoce. ¡Pero he-
mos de quedarnos
así toda la vida, es-
perando, esperando?...

—Dame un mes
de plazo. Te juro
que dentro de un
mes te lo estará
arreglado. Lo que
no quiero, lo que de
ninguna manera
consiento, es que di-
gan por ahí: "Mi-
ren a Teo, un hom-
bre, viviendo del
trabajo de su pobre
mujer!" ¡Eso, nun-
ca!

Transcurrió el
mes concedido, y
otro más, y el ter-
cer, a ocultar de un
esposo. Hizolo, y
fué feliz, viéndose a
poco nombrada.

Aquel día Teofrasto estuvo en la farma-
cia, como de costumbre. Allí se reunían,
todas las tardes, varios amigos, para el
comentario de los acontecimientos locales
y enjuagues de la alta política. Nadie dis-
sertaba tan bien como él para dejarse caer
sobre aquel "enredo de hermisismo (2) y ci-
vilismo (3) que dividía al país".

Era hermisista. Adoraba al mariscal, a
Pinheiro Machado, a Palmarino y *tutti*
cumuli.

—Necesitamos enderezar este país, cues-
te lo que cueste. ¡Basta de consejeros!
¡Venga la espada! Venga el puño fuerte
que dice: quiero, puedo y mando. ¡Es de-
spotismo, un sabio y amplio despotismo, lo
que el país precisa!

Los civilistas bromaban.

—Espada hercúlica, ¿de qué sirve? An-
tes la pluma luminosa del "Águila de La
Haya".

Teo saltaba de la silla, furioso.

—¿Águila de La Haya? ¿Saben quién
fué el Águila de La Haya? ¡Elo Branco!
Ruy Barbosa no pasó de fonógrafo. Los
discos iban de aquí, por telégrafo.

Tomó alimento, gozándose de la chunga,
y prosiguió:

—¡Nombramiento!
¡No pronuncies se-
mejante palabra, Isa-
bel, que me ofendes
sin quererlo!

de mirar con infinitos de ternura, dieron
a la niña fuerzas para resistir a la sen-
satez de los consejos.

—Nadie te conoce, Teo. Te desprecian
porque eres pobre, pero a mí la riqueza
que más vale es la que me ofreces: ese te-
soro de amor y cariño que siento en tu
pecho.

Teo respondía dando cuerda a las glán-
dulas lacrimales y destilando grandes gotas.

—¡Ángel de bondad, tú eres el rocío que
resanima la planta tostada por el sol; eres
la lluvia que mitiga el fuego del desierto;
eres el pan que mata el hambre al ham-
briento; eres Dios; eres Todo!

Y la abrazaba sollozante.

—Isabel, mi ángel de la guarda, mi pa-
raíso, mi salvación... Bendito sea el mo-
mento en que te encontré en la vida...

Descansaba la cabeza en el pecho de la
joven y permanecía sollozando, quedo, mien-
tras Isabel le alisaba maternalmente las
mechas desgraciadas.

Realizado el casamiento, Teofrasto co-
menzó a buscar empleo, presa de súbito en-
tusiasmo. Se pasaba los días fuera de casa,
en la "faena", y sólo regresaba para las
colaciones, cansado.

—¡UFF! No puedo más...

—¡Conseguiste algo?

—Promesas, por el momento.

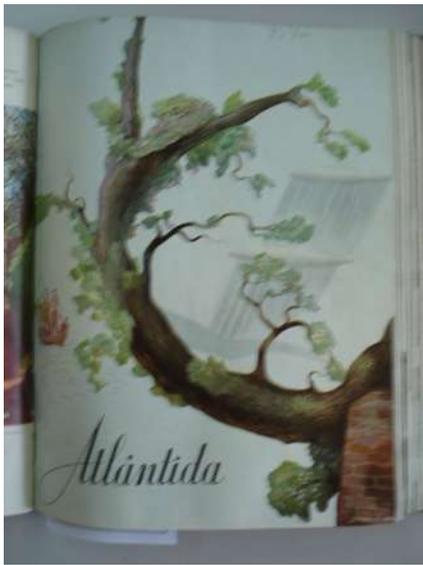
Isabel se indignaba contra la dureza de
los hombres. ¿Por qué motivo rechazaban
así a una criatura tan buena, tan honesta,
tan esforzada de tanta capacidad? Todos
se acomodaban, aquí, allí, bien o mal; sólo
Teofrasto se debatía en vano... ¿Por qué?
Tres meses ya de caza al empleo, y nada.
Resolvió ayudarle. Obtendría una cáte-

(1) Aproximadamente unos ochenta pesos
argentinos.

(2) Alusión a la política del ex presidente
brasileño mariscal Hermes da Fonseca.

(3) Atracción opositora que reconocía por
jefe al conde Ruy Barbosa, llamado "el
Águila de La Haya", por su brillante actuación
en aquella conferencia internacional.

Conto de Lobato publicado em *Atlántida*, em 22/julho/1926. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.



Entrevista com Lobato, publicada em outubro de 1946, durante o ano em que o escritor viveu em Buenos Aires. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca de la República Argentina.

Monteiro Lobato visto y oído

Por JUAN CARLOS GONDRA

Pequeño, delgado, espinoso, todo el mundo, más el nuevo y mejor como un libro dedicado a buscar bien y pronto, cuando carece las favores oficiales.

Y, por si todo esto fuera poco, lo que se dirige repentinamente, no un desahogado, como filósofo, la poesía a su campo serio e inexplorado para él. La pintura. Dice que esto es la responsabilidad que mal fazenda, mal abito, tan hizo como escribir...

Ahora en Buenos Aires, es el caso de preguntarle:

—¿Qué proyectos trae?

—Primero, ambientarme finalmente, responder — luego, intelectualmente, en el sentido de conocer las letras y las artes de este país. Estoy leyendo los libros argentinos, los literales, como Martín Fierro, Don Segundo Sombra y también la producción de los grandes autores de la hora cuyas obras me ayudan a explicar la realidad argentina. En Brasil ya he leído Facundo, hace años; de modo que no pido en terreno nuevo para mí y para mi emoción de escritor y de hombre sensible.

—¿Y proyectos... literarios?

—Escuchen: ya les dije que quiero ser primero. ¿Cómo puedo decir ya que es lo que soy o hacer? Posiblemente escriba libros infantiles basados en asuntos de este país. Pero no sé, no sé todavía...

—A usted, que ha luchado y vivido tanto, queremos preguntarle cuál es, en este momento, su mayor preocupación como hombre.

—Una persona, a mi edad, — Monteiro Lobato tiene sesenta y cuatro años, — que ve el mundo como un paisaje. Se hace más contemplativo, más que activo, y comprende la inutilidad del esfuerzo. Yo creo que esto es la normal, la regla; que todo joven tiene la necesidad de la acción y todo viejo la de la contemplación. Las obras de uno y otro sirven, son una aplicación de la filosofía personal que se basa en vivir y aprender, filosofía que se transmite por fuerza en lo que escribo. Fuerte, consciente o inconscientemente, todos nosotros una filosofía personal que nos obliga a vivir las cosas con cierta perspectiva.

—¿Y la suya es...?

—¿Ahora? Tal vez misa la vida y sentir... antes que ella me obligue a poseerla.

—Otra pregunta: ¿cuál cree usted que podría ser o es el libro más útil en este momento?

—La humanidad está sufriendo un gran cambio cuyo origen no resulta, creo, difícil de puntualizar. Y el libro más útil es el que ayuda a ser el que convenga a la humanidad que los conflictos bélicos no revivieran nada, y sólo porque ellos no son otra cosa que la aplicación científica de la violencia y la violencia no engendra sino más violencia. Por tanto, el mundo necesita paz y amor, necesita comprender la profundidad de la palabra de Cristo, y sólo cuando esta comprensión sea adecuada se todo su valor la humanidad podrá cerrar su ciclo de rencores y ponerse en condiciones de emprender una era de benevolencia y tranquilidad. Creo, pues, que todos los libros que se escriban en ese sentido serán grandes libros.

—¿Qué piensa usted de la literatura argentina?

—Que es la consecuencia de un fenómeno moderno: la educación de la mujer. Las mujeres hallábanse antes confinadas al estrecho círculo de la vida hogareña y sus actividades se apreciaban sólo en lo que se refería a los trabajos caseros. De ahí surgió el pensamiento equivocado de la superioridad de la cultura masculina. Pero con la extensión de la escuela y la equiparación de ambas sexos en lo social y en lo intelectual, aquellas concepciones demuestran que no existía a su respecto inferioridad orgánica alguna, sino inferioridad de oportunidades para su desenvolvimiento que, durante siglos, negativas. Hoy, en los países civilizados, la idea de que la mujer debe hallarse al margen del movimiento social o sentirse inferior con desprecio. Aun más: los superiores miran con desprecio. Aun más: los superiores miran con desprecio. Aun más: los superiores miran con desprecio.

(Continúa en la página 217)



À esquerda, artigo publicado no *La Prensa*, em 6/nov/1938; à direita, conto, também publicado no *La Prensa*, em 11/dez/1938. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.



Conto de Lobato publicado no *La Prensa*, 1/jan/1939. Fonte: Fundación Espigas.



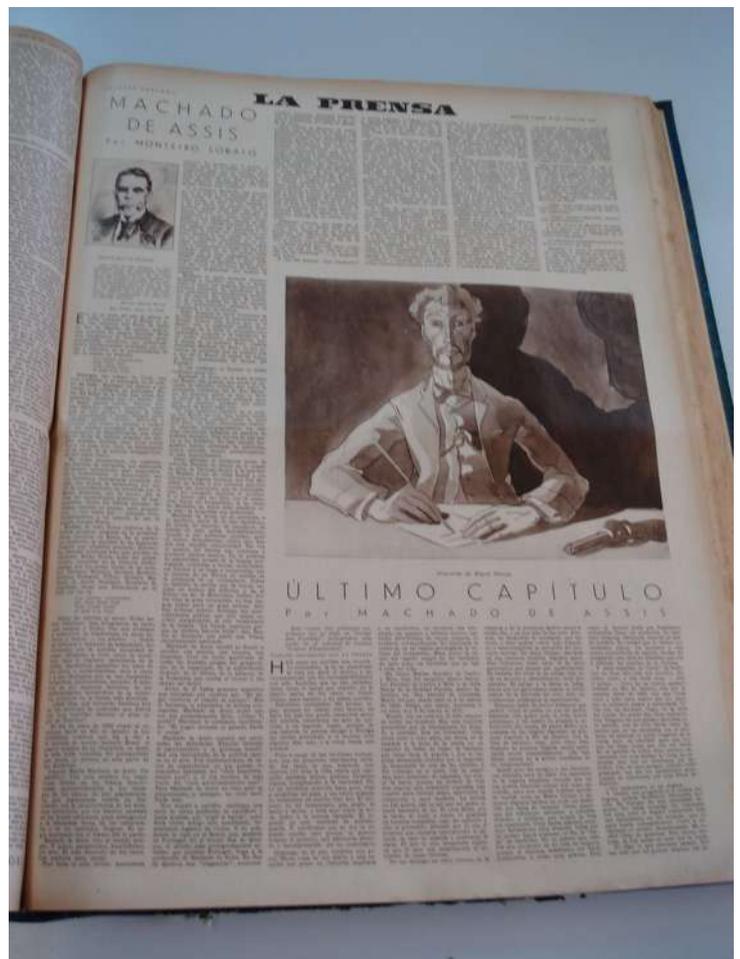
La Prensa, 12/feb/1939. Fuente: Fundación Espigas.



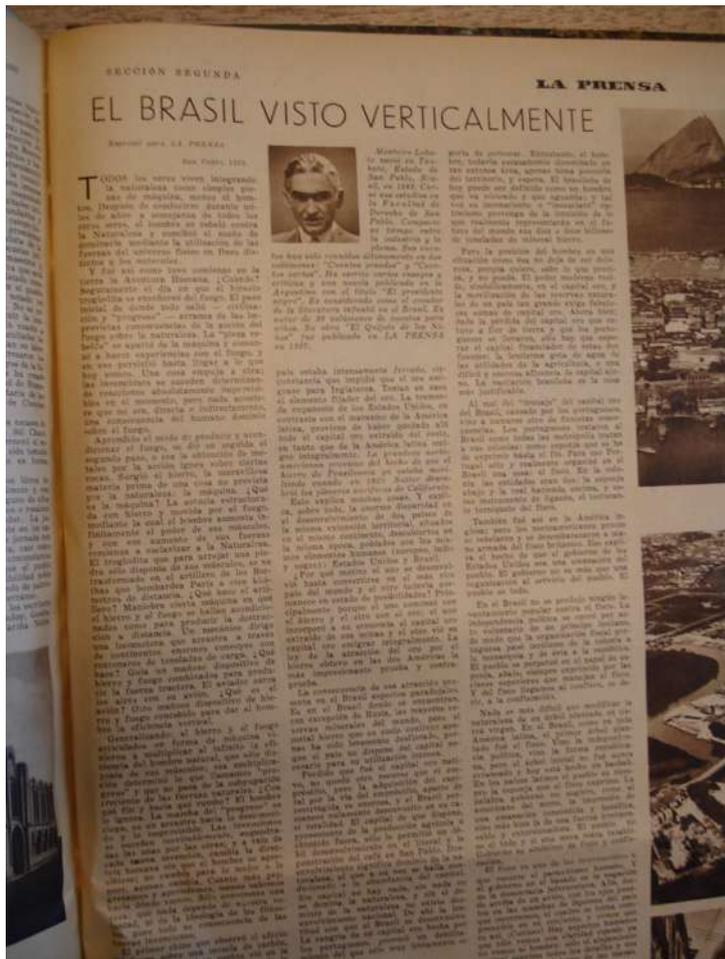
La Prensa, 2/abril/1939. Fuente: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.



La Prensa, 21/maio/1939.
 Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.



La Prensa, 18/junho/1939. Fonte: Fundación Espigas.



La Prensa, 31/dez/1939.
Fonte: Fundación Espigas.



La Prensa, 25/fev/1940. Ao lado, chamada no dia anterior. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca de la República Argentina.

La Edición Ilustrada de Mañana

TENDRÁ TRES SECCIONES IMPRESAS EN ROTOGRAFADO

<p>MONTEIRO LORATO. La primera novela americana.</p> <p>En 1939 aparecerá en Frankfurt un libro que será leído por millones de personas en el Brasil, el primero de tema y patrimonio americanos.</p> <p>JAIME TORRES BODÉT. A trececientos años de Rubens.</p> <p>El nombre de hoy vuelve por sí solo hacia el genial pintor y el apogeo de la técnica de confianza y de inspiración.</p> <p>AZORIN. El vino blanco.</p> <p>BENGO BIANCHI. Un condottiero del cuatrocientos: Bartolomeo Colleoni.</p> <p>Este capítulo de aventuras en el siglo catorce hasta las estrellas por el signo de sus biografías y tratado con elegancia por otros, pero no hay duda de que tiene una gran personalidad.</p> <p>FELIX CERNUSCHI. Indeterminismo y ciencia.</p> <p>El concepto de probabilidad en ciencia organiza el conocimiento del ser humano, haciendo que diferentes disciplinas científicas, de apariencia independiente y distintas, utilicen así el mismo método y lleguen a través de él.</p> <p>MAX DARRÉAUX. Apéndice a la leyenda del prisionero de la máscara de hierro.</p> <p>Éste es una obra de Voltaire, directamente tomada de su obra "Éloge de Louis XIV", pero que muestra una leyenda, una de las más famosas de la historia.</p>	<p>ALBERTO INCHAUSTI. Apólogo de las tres monedas.</p> <p>ALFREDO R. BUFANO. Sonetos.</p> <p>LUIS FRANCO. Los cantores del desierto.</p> <p>Toda gancho es música, pero en la capital del desierto bailaron el lenguaje herético de la guerra.</p> <p>CYRUS TOWNSEND BRADY (h.). La imprenta y los gráficos.</p> <p>FEDRO MASSA. Isabel II en el palacio de Casilla.</p> <p>Durante su destierro en París, mandaba la reina ordenes sencillas de los hijos del desierto bailaron el lenguaje herético de la guerra.</p> <p>MARIA DE MARITTO. Visión e interpretación de España: Vida y romance. Don Miguel de Unamuno; el hombre.</p> <p>ANA SAMPOL DE HERRERO. La fuerza del recuerdo.</p> <p>Cuento.</p> <p>JOSÉ FEDERICO FINO. Los veinte siglos del Tornado.</p> <p>FAUSTO BERGOS. Los Güines.</p> <p>Para los niños aficionados a las películas.</p>
---	--

NOTAS GRÁFICAS EN ROTOGRAFADO

La trilla del trigo - Caminos de turismo de la capital federal a los parques nacionales de Nahuel Huapi, Lema y Reserva Termales Copahue - Los boliches de los viejos montes - Reuniones en la casa de campo del Jockey Club de Rosario, en Fitzhagen - Una colonia de vocaciones para estudiantes de música - Grupos decorativos sobre cristal - Conjuntos teatrales que actúan en este momento - Balleo ofrecido recientemente por el Cuadro Militar en Olivos - Variedades extranjeras.

OTRAS SECCIONES ESPECIALES

Bibliografía - Cine - Teatro



Matéria do jornal *El Mundo* (7/jun/1946) sobre a chegada de Monteiro Lobato a Buenos Aires. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.

Nota do jornal *La Prensa* (8/6/1945), sobre a chegada de Lobato à Argentina. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina.



deberá tomar su lugar en la historia política de la República. Como Ganes, pesaba que no hay tantas sociedades distintas, pero admita a la vez las modalidades particulares que se imprimen en cada pueblo según su idiosincrasia. Con esa fe que caracteriza a la Generación del

debe apoyarse en el pasado. Se ilustra con las figuras de Binitchilli, para lo político, y con las enseñanzas de Alberdi, padre de nuestra economía política. De este último recordaba de memoria según sus alumnos y reprodujo en sus cuadros la frase que parece constituir el "leit-motiv" de su filosofía financiera.

frase toda en pensamiento. Era la clave de la situación financiera y económica. Estaba el de eficiencia y sobria sabiduría; y como ministro de Hacienda luchó por transformarla en hechos de una efectiva eficiencia. Tal era su credo.

Un Nuevo Stalingrado: Quirós

Por JOSE A. MONTEIRO LOBATO

(Especial para EL MUNDO)

La exposición de Bernaldo de Quirós en la Galería Witcomb tiene una alta significación en la historia de la pintura. Significa la primera gran derrota del modernismo — y tal vez su Stalingrado —. Esta palabra no está aquí al azar, ya que el fenómeno artístico denominado "modernismo", consistente en el repudio de todas las normas estéticas del pasado, parece ser un simple reflejo, o trasplante en otro plano, del fenómeno político nazismo, consistente en el repudio de todas las normas morales.

A de Monteiro Lobato, autor de este artículo sobre el pintor Bernaldo de Quirós, es una de las figuras más interesantes de la literatura latinoamericana. Maestro de su generación como novelista y cuentista, ha vivido una vida agitada, intensa, en la que participó de numerosas actividades. Escritor por encima de todo, sus libros son serenos en la literatura del país hermano, contando entre sus más difundidos títulos "Negrita", "Ola verde", "Ideas de Jecatari" y "Narziza fatal", este último libro para niños.

aquí los 38 cuadros de temas galeses ahora escondidos en el museo provincial de Santa Fe. Durante ese viaje de Ulises, Quirós tuvo oportunidad de observar en los principales centros el proceso de la viciosa, y de ver cómo, siguiendo las tácticas de su correlato político, lo hacía todas las redacciones, y sin que nadie lo percibiera, hacía de la sección de la crítica de arte su base de operaciones. Y mientras Rosenberg estaba en Berlín los principios filosóficos del nazismo, los modernistas, desde los diarios, asentaban las nuevas directrices estéticas. En los dos campos la misma arma contra los independientes: la persecución y el silencio. El gran método de perseguir a un artista es mantener a su alrededor una impenetrable muralla de silencio.

El matismo normal de la Gestapo para imponer sus dogmas por la violencia, y el modernismo se ensañó de la crítica de arte del mundo entero para imponer sus teorías. Y la situación de la conciencia artística en los países dominados por esta crítica se acerca a la situación de la conciencia moral de los países dominados por la Gestapo. Quien se curvaba a la Gestapo lo tenía todo; quien reaccionaba contra ella era eliminado. Quien se curvaba a las imposiciones de la "Crítica Moderna" gozaba de todos los favores de la notoriedad; pero un silencio de sepulcro recaía sobre los pintores que osaban respetar la naturaleza y los cánones de proporciones venidos desde las cavernas de Altamira.

Al pasar los setenta años de edad, José Antonio Monteiro Lobato es una de las mentalidades más frescas y jóvenes de América, y su nombre ha traspasado ya todas las fronteras, continúa siendo valorado y respetado en los círculos intelectuales mundiales.

Las exposiciones de cuadros modernistas, fueran lo que fueran, pasaron a ser recibidas con delicias apoteósicas, exaltaciones inconcebibles, y jamás vistas, que dejaban aliento al público. Y las exposiciones de los pintores sinceros, los clásicos o no, pasaban en el silencio absoluto.

Entre los dos fenómenos, y si uno, por ser más concreto, pudo ser aplastado a fuerza de bombas, el otro, por más abstracto, consiguió prolongar su resistencia.

El público resultó totalmente desorientado, y los artistas se vieron poseídos por la mayor perturbación. No sabían qué hacer. Los más tímidos se sometieron y pasaron a gozar del régimen de las apoteosis para cualquier monstruosidad que produjeran. Los más entropes se retrajeron; o abandonaron el arte, o dejaron de lado, temporalmente, los pinceles.

El movimiento modernista no fue pictórico, fue crítico: de la crítica que bajó a la pintura. Los críticos se filosofaban y malhablaban las tácticas, como en Alemania Rosenberg estatua los principios del nazismo. Y de la misma manera que el mudo Néve a millones de alemanes a que adhirieran a la ideología de Rosenberg, así también numerosos pintores de alma débil se sometieron al nuevo régimen y entraron a hacer pinturas modernas.

Pero acaba de tener su Stalingrado. El caso de Bernaldo de Quirós es el Stalingrado del matismo pictórico modernista.

Quirós entró en la categoría de caridades después de su "tournee" de diez años por el mundo, durante la cual exhibió en Madrid, en París, en Londres, en Berlín, en Viena, en Nueva York, en San Francisco y

Tegui. A la familia de los grandes árboles de la floresta, cuyas copas se entrelazan en lo alto y sostienen la gloria y el honor de la gran pintura. Bajo esos árboles crece la vegetación de los común de los pintores — los excelentes, los buenos, los tolerables, los defestables — y crecen también las enredaderas del conformismo — cubismo, surrealismo, estratofierismo, imbecilismo, etc. — la malicia de todas las florestas. Pero todos saben que con el decorrer del tiempo, en la perspectiva histórica, sólo queda el paisaje de las cosas sostenedoras del honor y de la gloria de la gran pintura. Todo lo demás desaparece.

Para que penetremos hondo en el sentido de esta afirmación tenemos que insistir sobre el significado de ese gran artista en el mundo de la pintura. No se trata tan sólo de un pintor excelente, como hay muchos. Se trata de un pintor perteneciente a la familia de las caridades, como tan bien dijo Lascazo

Un Nuevo Stalingrado: Quirós

(Viene de la Página 4)

Después de su viaje de Ulises, viaje de diez años, que fueron diez años de contacto con el mismo fenómeno, puesto que el modernismo se universalizó, Quirós reaparece en la Argentina y se zambulló en su estancia de Entre Ríos, en las barrancas del Paraná. Todo es silencio y soledad en aquella tierra levemente ondulada, que el lino y la alfalfa recubren con alfombras de terciopelo verde. Y durante cinco años, Quirós, sin tomar los pinceles, meditó. Habían muerto entonces las viejas formas de belleza que parecían eternas y que venían del fondo de las edades. La grandeza ya no era entonces la de los titanes de la pintura, sino la de Picasso y otros productos de la mistificación dominante. ¿Qué hacer? ¿Abrir al movimiento victorioso y tener todas las apoteosis, o mantenerse fiel a sí mismo y pasarse el resto de la vida enterrado por el hielo del silencio?

ren certificar con sus propios ojos lo que todo Buenos Aires sabe: que Quirós no se trajo a sí mismo, ni tradición, los esteros canchales de la belleza. Y van allí, y con euforia se certifica que el gran pintor es el mismo de siempre — y siempre mayor. El más moderno de todos los pintores, el más libre — pero aún el mínimo resquicio de concesión a cualquier conformismo sectario.

La fuerza insuperable de la pintura de Quirós está en la absoluta seguridad de su dibujo, en la solidez de la construcción de sus cuadros y en la realización de milagros de luz. Se operan en ellos el extraño prodigio de la transformación de tintas oscuras, amarillos y blancos, en esa maravilla de vibración llamada luz del sol. Y sobre esas cualidades, ya por sí suficientes para hacer de un pintor un gran pintor, hay en todos sus cuadros un "no sé qué" indefinible, que es el toque mágico de su poderosa individualidad, o lo que muchos llaman "genialidad". Ese "qué" hace los cuadros de Quirós diferentes de todos los otros. Es la garra de la caridad.

En el hecho que, alcanzado por la mara creciente del modernismo e impresionado hasta el punto de pasar cinco años sin pintar, debatiéndose en el terrible "to be or not to be" de los años del nazismo victorioso y de reaparecer ahora, en su exposición — más Quirós que nunca —, sin revelar en aquellos 37 cuadros ni el más leve resquicio de transigencia, es un hecho de característico relieve en la historia de la pintura. Y positivamente marca la primera gran derrota del vendaval modernista: la primera derrota pública y espectacular.

¿Fui a su estancia y pude figurarme el cuadro de aquel caritativo debatiéndose en la larga crisis de cinco años, en los que no se atrevía a querer a coger un pincel. ¿Para qué si lo que sentía como buena pintura no lo era ya? ¿Para qué pintar los surubios del río Paraná si cada cual de aquellas corrientes modernistas querían que el surubi fuera una cosa? ¿Los cubistas un cubo, los surrealistas un gato? Pero Quirós, hombre fuerte y de inalterable equilibrio, contemplaba los surubios equívocos, a pesar de todas las sugestiones, sólo vela en él a un pez, cierto pez, un surubi.

El hecho que, alcanzado por la mara creciente del modernismo e impresionado hasta el punto de pasar cinco años sin pintar, debatiéndose en el terrible "to be or not to be" de los años del nazismo victorioso y de reaparecer ahora, en su exposición — más Quirós que nunca —, sin revelar en aquellos 37 cuadros ni el más leve resquicio de transigencia, es un hecho de característico relieve en la historia de la pintura. Y positivamente marca la primera gran derrota del vendaval modernista: la primera derrota pública y espectacular.

Cinco años duró la crisis y el consecuente eclipse de Quirós — siempre solitario en aquel desierto — y la quietud de sus amigos era grande. ¿Cómo reaccionaría el gran pintor el Gran Señor de la pintura argentina? ¿Daría su apoyo, de tremendo valor, a la corriente modernista, o resistiría como una roca? Pero sólo se inquietó quien no lo notaba a fondo. Porque Quirós es una personalidad monolítica, intrapso de transigencia en materia de arte. Sentencias en él la encarnación viva de aquellos versos de Shakespeare: "Y esto por encima de todo, era fiel a sí mismo".

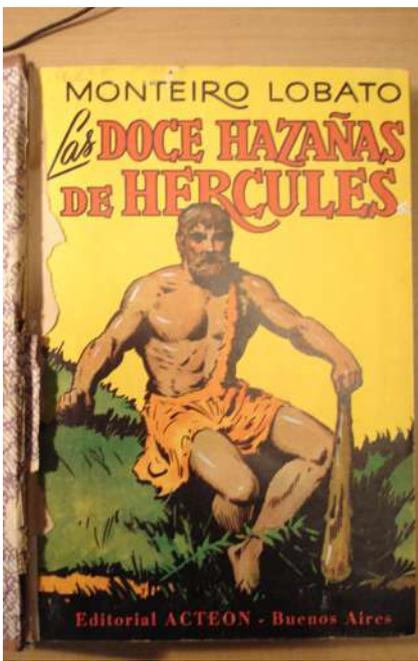
Llegó, finalmente, el anuncio que iba a exponer en Witcomb, y la expectativa fue inmensa. Cuando se abrieron los tres salones, los visitantes los llenaron, o se inmediatamente y hasta ahora no decayó el índice excepcional de visitantes. Se nota en la ciudad vendadora ansia por ver los cuadros de Quirós. Todos quieren

Ya no hay razón para temores. Muchos artistas jóvenes y de talento, pero débiles de carácter, que se aliaron entre los modernistas del mismo modo que, llevados por el terror, tantos jóvenes alemanes se aliaron en las huestes de Hitler, pueden levantar la cabeza y reaccionar. Y pueden lanzarse en pos del gran arte verdadero y eterno, con la seguridad de obtener, si tienen valor, las mismas exaltaciones que obtiene Quirós y sus mismas excepcionales recompensas. Ya saben que la crítica "estilística" perdió su omnipotencia. Intentó conquistar el Stalingrado entreterriano y tuvo que retroceder. Después de un asedio de cinco años, Osarzo Bernaldo de Quirós se presentó más Quirós que nunca, más caritativo que nunca, y va a cerrar su exposición entre los aplausos entusiastas de todos los verdaderos amigos del arte de los Viejaques, de los Goya, de los Zúloaga, de los Da Vinci, de toda la familia de caridades bajo las raras raíces de los conformismos mundos.



PARTIO por vía aérea de dicho país, la que

Artículo de Lobato sobre el pintor argentino Bernaldo de Quirós, publicado no jornal portenho *El Mundo*, em 1/nov/1946. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la República Argentina. Fotos: Maria Amália García.



Las doce hazañas de Hércules, de Monteiro Lobato, publicado pela editora Acteon, de Buenos Aires, em 1946. Acervo pessoal.

Considerações finais

Ao estudar o desempenho de Monteiro Lobato como mediador cultural, colocando em contato as produções literárias do Brasil e da Argentina no início do século XX, considerei importante fazer uma breve reflexão inicial sobre a modernidade na América Latina e o papel da imprensa como instância de legitimação dos escritores no campo intelectual a fim de compreender a atuação de Lobato nas várias instâncias desse campo –seja como escritor, editor ou tradutor. Ao longo do primeiro capítulo foi possível analisar sua inserção no âmbito cultural brasileiro e evidenciar que, ao iniciar o estabelecimento do intercâmbio com os argentinos Lobato já era um escritor e editor de renome e controlava duas importantes instâncias de legitimação e consagração cultural: a *Revista do Brasil* e a Monteiro Lobato & Cia Editores.

Os capítulos seguintes foram dedicados ao intercâmbio propriamente dito. Ao longo da análise, procurei mostrar a rede de relações estabelecidas por Lobato –basicamente escritores ligados às estéticas do final do século XIX e que, como ele, veiculavam sua produção em revistas e jornais de grande circulação– e seu deslocamento nas várias instâncias do campo intelectual chegando mesmo, em dado momento, a orientar a divulgação de seus livros no mercado argentino, no sentido de sugerir a inserção de contos em determinados periódicos para servirem de “gancho” e marcarem o nome do autor entre os leitores argentinos. Atitudes como esta evidenciam uma consciência profissional no desempenho dos escritores que não deixava de ser inovadora na época.

Nos vários artigos e resenhas de autores rio-platenses publicados na *Revista do Brasil* nos anos da gestão de Lobato, foi possível constatar o

entusiasmo e o desejo destes em desenvolver projetos que possibilitassem o diálogo cultural entre os países vizinhos. Além dos artigos e resenhas, a correspondência trocada entre Monteiro Lobato e os escritores, editores e tradutores rio-platenses reforça o interesse desses intelectuais em estabelecer o diálogo e conhecer a produção cultural dos respectivos países; ao mesmo tempo, revela o entusiasmo com a possibilidade de ver sua produção individual ser divulgada em outro mercado.

A análise das publicações de Lobato em jornais e revistas portenhas revela o cuidado do escritor ao administrar seus textos, reservando os artigos críticos para veículos de prestígio, como a revista *Nosotros* e jornais de grande circulação, como *La Prensa* e *El Mundo*, deixando a maioria dos contos para as revistas de variedades. De toda forma, Lobato escolheu publicar em veículos estáveis, legitimados e que não entravam em polêmicas.

A partir da análise dos artigos, resenhas e livros publicados em ambos os países, busquei mostrar que a mediação cultural promovida por Monteiro Lobato ao mesmo tempo em que proporcionou o intercâmbio intelectual entre os dois países possibilitou a inserção de sua obra no mercado editorial argentino, tendo sido lido por algumas gerações de argentinos.

Com relação ao latino-americanismo declarado em reiteradas oportunidades por Monteiro Lobato e pelos escritores argentinos, caberia perguntar sobre qual seria sua real incidência no campo cultural. Levando-se em consideração que no início do século XX o discurso latino-americanista perdeu algo de sua força frente às preocupações de definição de identidades nacionais, é possível pensar que a intenção latino-americanista nos anos de 1920/30 era uma retórica funcional ao desempenho profissional do escritor e de seu desejo de se firmar no campo cultural, entendendo por campo cultural um espaço que está também atravessado pela lógica do mercado.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

Literatura Geral

- Urupês*. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.1 [1ª ed. 1918]
- Cidades Mortas*. São Paulo, Brasiliense, 1965. *Obras Completas*, vol.2 ; [1ª ed. 1919]
- Negrinha*. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.3 [1ª ed. 1920]
- Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967. *Obras Completas*, vol.4 [1ª ed. 1919]
- A onda verde e O Presidente negro*. São Paulo, Brasiliense, 1967. *Obras Completas*, vol. 5 [1ª edição: 1921 e 1926, respectivamente]
- Na antevéspera*. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.6 [1ª edição: 1933]
- O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol. 6 [1ª edição: 1936]
- Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.7 [1ª edição: 1927 e 1918, respectivamente]
- América*. São Paulo, Brasiliense, 1964. *Obras Completas*, vol.8 [1ª edição: 1932]
- Mundo da lua e Miscelânea*. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.9 [1ª edição: 1923]
- A barca de Gleyre*. 1º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras completas*, vol.10 [1ª edição: 1944]
- A barca de Gleyre*. 2º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.11
- Prefácios e entrevistas*. São Paulo, Brasiliense, 1969. *Obras completas*, vol.12 [1ª edição: 1946]
- Literatura do Minarete*. São Paulo, Brasiliense, 1969. *Obras completas*, vol.13 [edição póstuma]
- Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.14 [edição póstuma]

Cartas escolhidas. 1º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1969. *Obras completas*, vol.15
[edição póstuma]

Cartas escolhidas. 2º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1969. *Obras Completas*, vol.16
[edição póstuma]

Críticas e outras notas. São Paulo, Brasiliense, 1968. *Obras Completas*, vol.17
[edição póstuma]

La nueva Argentina. Sob o pseudônimo de Miguel P. Garcia. Buenos Aires, Acteon, 1947.

Literatura infantil

Reinações de Narizinho. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1921]

Viagem ao céu/ O saci. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1932 e 1921, respectivamente]

Caçadas de Pedrinho/Hans Staden. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1933 e 1927, respectivamente]

História do mundo para as crianças. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1933]

Memórias da Emília/Peter Pan. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1936 e 1930, respectivamente]

Emília no país da gramática/Aritmética da Emília. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1934 e 1935, respectivamente]

Geografia de Dona Benta. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1935]

Serões de Dona Benta. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1937]

História das invenções/Don Quixote das crianças. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1935 e 1936, respectivamente]

O poço do Visconde. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1937]

Histórias de tia Nastácia/ O Pica-pau Amarelo. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1937 e 1939, respectivamente]

A reforma da natureza/O minotauro. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1941 e 1939, respectivamente]

A chave do tamanho/Fábulas. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1ª edição: 1942]
Os doze trabalhos de Hércules. Vol.I e II. São Paulo, Círculo do livro. S/data [1944]

TRADUÇÕES DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO NA ARGENTINA

Literatura geral

Urupés. Trad. Benjamin de Garay. Buenos Aires, Ed. Patria, 1921.

_____. Trad. Juan Ramon Pietro. Buenos Aires, Editorial el Ateneo, 1947.

El macaco que se hizo hombre. Trad. Benjamin de Garay. Buenos Aires, Editorial Tor, s/data.

El presidente negro. Trad. Benjamin de Garay. Buenos Aires, Claridad, 1935.

Los ojos que sangran. Trad. B. Sanchez-Saez. Buenos Aires, Tor, 1924. Coletânea de contos.

Literatura infantil

(ALGUMAS EDIÇÕES NÃO TRAZEM O NOME DO TRADUTOR)

Don Quijote de los niños. Buenos Aires, Claridad, 1938. Trad. Benjamín de Garay.

Las 12 hazañas de Hércules. Buenos Aires, Editorial Acteon, 1946.

Una hada moderna. Buenos Aires, Codex, 1947. Ilustrações de Eugênio Hirsch.

A lampreia. Buenos Aires, Codex, 1947. Ilustrações de Maria del Carmen Hidalgo.

No tempo de Nero. Buenos Aires, Codex, 1947. Ilustrações de Eugênio Hirsch.

A casa da Emilia. Buenos Aires, Codex, 1947. Ilustrações de Carmen Hidalgo.

O centaurinho. Buenos Aires, Codex, 1947. Ilustrações de Eugênio Hirsch.

A contagem dos sacis. Buenos Aires, Codex, 1947 16 pp., ilustrações de Carmen Hidalgo.

Série publicada pela Editorial Americalee:

Travesuras de Naricita. Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL, 1947.

- Nuevas travesuras de Naricita.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL, 1947.
- Viaje al cielo.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL.
- El genio del bosque.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL.
- Las cacerías de Perucho.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL.
- Aventuras de Hans Staden.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL.
- Historia del mundo para los niños.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- Peter Pan, el niño que no quiso crecer.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- El país de la gramática.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- La aritmética de Emilia.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- Geografía para los niños.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- Historia de las invenciones.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- El Quijote de los niños.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL.
- El Benteveo Amarillo.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- El Minotauro.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- La llave del tamaño.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- La reforma de la naturaleza y El espanto de las gentes.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- Las viejas fábulas.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- Memorias de Emilia.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL
- El pozo del Visconde.* Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL

Las lecciones de doña Benita. Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL

Cuentos de Tia Anastacia. Trad. Ramón Prieto. Buenos Aires, Editorial Americalee SRL.

SOBRE MONTEIRO LOBATO

AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato. Furacão na Botocúndia.* São Paulo, Senac, 1997.

BARBOSA, Alaor. *Um cenáculo na páulicéia. Um estudo sobre Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo.* Brasília, Projecto Editorial, 2002.

BARROSO, Haydee M. Jofre. *Monteiro Lobato. Un escritor, un país.* Buenos Aires, Galerna, 2000.

_____. *Monteiro Lobato. Trajectory de una fidelidad.* Buenos Aires, Futuro, 1959.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre.* São Paulo, Annablume, 2007.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Pica-pau Amarelo. Uma leitura de Monteiro Lobato.* São Paulo, Martins Fontes, 1986.

CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos. Quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel.* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CAVALHEIRO, Edgar. "Monteiro Lobato e a Revista do Brasil" in *Revista Brasiliense.* São Paulo, 1:5-14, set/out 1955.

_____. *Monteiro Lobato. Vida e obra.* São Paulo, Brasiliense, 1962.

_____(org). *Testamento de uma geração.* Porto Alegre, Livraria do Globo, 1944.

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages.* São Paulo, Edusp, 1995.

DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato.* S. I., Traço, 1982.

_____. *Presença de Lobato.* São Paulo, Editora do Escritor, s/d.

- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2006.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1985. Encanto Radical, nº72.
- _____. *Monteiro Lobato. Um brasileiro sob medida*. São Paulo, Moderna, 2002.
- LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma. Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- LIFSCHITZ, Laura. “Inserción nacionalista de Monteiro Lobato en el campo intelectual de entreguerras”. Buenos Aires, *El Matadero*, segunda época, nº5, 2007, pp.50-62.
- LOPES, Eliane Maria Teixeira, GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato. O editor do Brasil*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000.
- _____. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília, Thesaurus, 1984.
- _____. (coord.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro, MPM Propaganda: Record, 1986.
- _____. *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo, sem indicação de editora, 1982.
- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca. Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, Edusc, 2003.
- PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato. O imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro, Dunya, 1997.
- RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. “Sobre diálogos literários: Monteiro Lobato, Manuel Gálvez e Horacio Quiroga”. São Paulo, *Revista USP*, nº64, dez/jan/fev 2004-2005, pp.181-189.
- _____. “Quiroga y Monteiro Lobato: encuentros americanos”. Trad. Pablo Rocca. Montevideu, in “El País cultural”, ano XVI, nº803, 24/3/2005, pp.6-7. Ilustração; Mingo Ferreira.

_____. “Sobre dialogos literarios: Monteiro Lobato, Manuel Gálvez y Horacio Quiroga”. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro, Pablo Rocca e María Amalia Garcia. Buenos Aires, *El Matadero*, segunda época, nº5, 2007, pp.35-47.

STAROBINAS, Lilian. “O caleidoscópio da modernização: discutindo a atuação de Monteiro Lobato”. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1992.

YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro, Divulgação e Pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato. Uma revisão crítica*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

_____. “No ventre da história”. São Paulo, Folhetim, 18/4/1982.

AIRA, César. *Diccionario de autores latinoamericanos*. Buenos Aires, Emecé, 2001.

ALTAMIRANO, Carlos, SARLO, Beatriz – *Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires, Ariel, 1997.

ALVES-BEZERRA, Wilson. “As nacionalidades latino-americanas: a Argentina vista à luz dos olhos de Mário de Andrade e pelas sombras de Horacio Quiroga”. São Paulo, *Revista USP* nº64 dez/jan/fev 2004/2005, pp.175-180.

_____. “Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga”. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2005.

ANDRADE, Mario. “O Aleijadinho” in *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984, pp.11-42.

_____. “Prefácio interessantíssimo” in Schwartz, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Iluminuras, 1995, pp.122-126.

- _____. “A escrava que não é Isaura” in Schwartz, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Iluminuras, 1995, pp. 126-134.
- ANDRADE, Oswald de. *Ponta de lança*. São Paulo, Globo, 2004.
- ANTELO, Raúl. *Na ilha de Marapatá. Mário de Andrade lê os hispano-americanos*. São Paulo, Hucitec, 1986.
- ARTUNDO, Patricia. *Mário de Andrade e a Argentina. Um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. Trad. Gênese Andrade. São Paulo, Edusp, 2004.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- BARTHES, Roland. “O efeito do real” in *Literatura e realidade (que é o realismo?)*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984.
- BASTOS, María Luisa. “Auge de las revistas literarias en Buenos Aires (1923-1929)” in *Borges ante la critica argentina. 1923-1960*. Buenos Aires, Hispamerica, 1974, pp.17-74.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (Org). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo, Memorial/Unesp, 1990.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix,
- BOURDIEU, Pierre. “Projeto criador e campo intelectual”, in *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, pp.106-145.
- _____. *As regras da arte*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil –1900*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- _____. *Americanos*. Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- _____. *O repórter impenitente*. Campinas, Editora da Unicamp, 1994.
- CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial. Crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo, Senac, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira (1882/1982)*. São Paulo, Quíron, 1983.

- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural. Cultura e imaginário*. São Paulo, Iluminuras/FAPESP, 1997.
- CONTRERAS, Sandra. “El campo de Benito Lynch: del realismo a la novela sentimental”, in Jitrik, Noé, (org.) *Historia crítica de la literatura argentina.. El imperio realista*. Buenos Aires, Emecé, 2002. Vol. 6.
- COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo, Globo/Fundação Biblioteca Nacional-DNL/Academia Brasileira de Letras, 2001, vol. I e II.
- CRESPO, Regina Aída. “Produção literária e projetos político-culturais em revistas de São Paulo e da Cidade do México, nos anos 1910 e 1920”, in *Revista Iberoamericana*, vol LXX, núms 208-209, Julio-diciembre 2004, pp. 677-695. Patrocinada por la Universidad de Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2004.
- CRUZ, Heloísa de Faria (org.). *São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870-1930)*. São Paulo, Arquivo do Estado, 1997.
- DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo, Unesp, 1999.
- DELGADO, José M., BRIGNOLE, Alberto J. . *Vida y obra de Horacio Quiroga*. Montevideu, Claudio García y Cia Editores, 1939.
- DIEGO, José Luis de (org.). *Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880-2000*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2006.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- GÁLVEZ, Manuel. *Nacha Regules*. Buenos Aires, Centro Editor de America Latina, 1968.
- GELADO, Viviana. *Poéticas da transgressão. Vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina*. Rio de Janeiro: 7 Letras; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2006.

- GRAMUGLIO, María Teresa. “El realismo y sus destiempos en la narrativa argentina” in JITRIK, Noé (org.) *Historia crítica de la literatura argentina. El imperio realista*. Buenos Aires, Emecé, 2002. Vol. 6, pp.15-38.
- GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: estética e ideologia na década de vinte*. São Paulo, IEL-USP, 1987.
- GUTIERREZ GIRARDOT, Rafael. “Secularización, vida urbana, sustitutos de religión” in *Modernismo. Supuestos históricos y culturales*. México, Fondo de Cultura Económica, 1988.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Iólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, T. A Queiroz/EDUSP, 1985.
- LAFLEUR, Héctor René, PROVENZANO, Sergio D., ALONSO, Fernando P. *Las revistas literarias argentinas. 1893-1967*. Buenos Aires, El 8vo.loco, 2006.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo, Pioneira, 1983.
- MACIEL, Maria Esther, ÁVILA, Myriam, OLIVEIRA, Paulo Motta (org.). *América em movimento. Ensaio sobre literatura latino-americana do século XX*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo, (1890-1922)*. São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo, T. A Queiroz, 2001, v. VI
- _____. *A idéia modernista*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2002.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. “Vanguarda e nacionalismo na década de vinte”, em *Exercícios de leitura*. São Paulo, Duas Cidades, 1980, pp.249-277.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro, Difel, 1979.
- MONTALDO, Graciela. “Nacha Regules”, in *Diccionario Enciclopédico de las Letras de América Latina*. Caracas, Biblioteca Ayacucho/Monte Ávila Editores, 1999, vol.1.

- OLMOS, Cecília Arias, MINELLI, Maria Alejandra. “El ensayo de proyección continental: los intelectuales y el discurso antiimperialista” in VI congreso Nacional de Literatura Argentina Actas –separata. Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, 2 a 5 de outubro de 1991.
- ORLOV, Martha Livia Volpe. *A Revista do Brasil e a formação de uma consciência nacional*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1980.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____. *Cultura e modernidade*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- PELLEGRINO, Gabriela Soares. *Semear horizontes. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil (1915-1954)*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.
- RAMA, Ángel. “A cidade modernizada” in *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- RIVERA, Jorge B. *El escritor y la industria cultural*. Buenos Aires, Atuel, 1998.
- RODÓ, José Enrique. “Rubén Darío (1899)” in Rufinelli, Jorge (ed.). *José Enrique Rodó: crítico literario*. Valencia, Alicante, 1995, pp.49-72.
- ROMERO, José Luis. “Las ciudades burguesas” in *Latinoamerica: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1976.
- SANGUINETI, Edoardo. *Ideología e linguagem*. Porto, Portucalense Editora, 1972.
- SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1988.
- _____. “Vanguardia y criollismo: la aventura de *Martín Fierro*” in ALTAMIRANO, Carlos, SARLO, Beatriz – *Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires, Ariel, 1997.
- _____. *El imperio de los sentimientos. Narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*. Buenos Aires, Norma, 2000.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polémicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Iluminuras/Edusp/FAPESP, 1995.
- _____. *Vanguardia e cosmopolitismo*. São Paulo, Perspectiva, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Graphia, 2002.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil. Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Prólogo de Afrânio Garcia. Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003.

SOSNOWSKI, Saúl (org.). *América Latina en sus revistas*. Buenos Aires, Alianza Editorial, 1999.

VAZ, Leo. *Páginas vadias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

ZOLA, Emile. “O senso do real”, in *Do romance*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo, Edusp, 1995.

REVISTAS

A) Brasileiras:

Revista do Brasil. 1ª fase (1916-1925). Coleção IEB

B) Argentinas:

. *Atlántida*. Período consultado: 1923-1946. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina.

_____. “El rapto”, de Monteiro Lobato. 23/outubro/1923, pp.8-9.

_____. “De Monteiro Lobato”. 8/nov/1923, pp.23-24.

_____. “Cuentos de Monteiro Lobato”, por J. Torrendel. 22/nov/1923, p.48.

_____. “El grito do Ipiranga (7/sept/1822)”, de A.D. R. 4/setembro/1924, p.12.

_____. “El buen marido”, de Monteiro Lobato. 22/julho/1926, pp.31-33.

_____. “Monteiro Lobato visto y oído”, por Juan Carlos Gondra. Out/1946, pp.58 e 94.

. **Fray Mocho**. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina.

_____. “Una entrevista con Monteiro Lobato”, por Lorenzo Stanchina. Buenos Aires, 18/março/1924.

. **La novela Semanal**. Fonte: Hemeroteca de la Biblioteca Nacional de la Republica Argentina.

_____. Alma negra, de Monteiro Lobato. Buenos Aires, 16/maio/1921, Ano V, n°188.

. **Martín Fierro**. Buenos Aires.

. **Mundo Argentino**. Buenos Aires.

. **Nosotros**. 1917-1942. Fonte: Biblioteca Ricardo Rojas, do Instituto de Literatura Argentina de la Universidad de Buenos Aires (UBA).

. **Plus Ultra**. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina
_____. “Una precursora de una humanidad superior”, de Monteiro Lobato. Nov/1922.

JORNAIS

. **El Mundo**. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina
_____. “Mundos para los niños”, por Santiago Bernardi. Buenos Aires, 22/nov/1945.

_____. “Se radica en Buenos Aires el escritor Monteiro Lobato”. 7/jun/1946, p.14.

_____. “Un nuevo Stalingrado: Quirós”. Buenos Aires, 1/nov/1946, pp.4 e 14.

. **La Nación**. Fonte: Biblioteca do Banco Central Argentino

_____. “El caso de Monteiro Lobato”, por Benjamín de Garay. Buenos Aires, 18/10/1922.

_____. “El visconde de Sabugosa y Guerra Junqueiro”, por Eugenio de Castro. 14/out/1923.

. *La Prensa*. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina e Fundación Espigas.

Contos e artigos de Monteiro Lobato:

- _____ . “Je prends del soleil”. 6/nov/1938.
- _____ . “Un hombre de conciencia”. 11/dez/1938.
- _____ . “Conejito de lana”. 1/jan/1939. [fonte: Fundación Espigas]
- _____ . “Herederero de si mismo”. 12/fev/1939. [Fundación Espigas]
- _____ . “La remolacha Maricota”. 2/abril/1939.
- _____ . “Sueño de una mañana tropical”. 21/maio/1939.
- _____ . “Machado de Assis”. 18/junho/1939.
- _____ . “El ñandu y las saúvas”. 8/out/1939.
- _____ . “El Brasil visto verticalmente”. 31/dez/1939.
- _____ . “La primera novela americana”. 25/fev/1940.

ARQUIVOS:

- . Fundo Monteiro Lobato: CEDAE (“Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”), vinculado ao IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), na Unicamp.
- . Archivo Manuel Gálvez: Biblioteca da Academia Argentina de Letras, em Buenos Aires.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)